ELIZABETH BAILEY



# O PRESSÁGIO DA MORTE

MISTÉRIOS DE LADY FAN 2

Teabhar

# O Presságio da Morte




Mistérios de Lady Fan 2

1ª Edição

Leabhar

Ribeirão Preto/SP

2022

# Direitos Autorais

Título original: The Deadhly Portent
Lady Fan Mysteries 2
Copyright © Elizabeth Bailey, 2018
Copyright da tradução©2022 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Marcos AD Barros
Revisão: D. Marquezi
Revisão: Emanuelle Rodrigues
Diagramação Regiane Moreira
Capa: Labellalluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

**B155lbe**

Bailey, Elizabeth

Título: O Presságio da Morte (recurso eletrônico) © Leabhar Books Editora Ltda. 2022 - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: The Deadhly Portent © 2018 Elizabeth Bailey

Formato: ePub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-80754-55-7

1. Romance de época. 2. Série I. Barros, Marcos AD. II. Título

**88382** **CDD 82-32**
**CDU 134-3**

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora Ltda.
14025-200 — Rua Sete de Setembro, 1851 conj 1 — RP/SP — Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com
www.leabharbooks.com

# Dedicatória

À minha mãe, Shula Bailey, por seu apoio e inspiração infalíveis.



# Capítulo 1

**Noite ruim para** se estar do lado de fora. Os gritos dos homens, uns para com os outros, ecoaram na escuridão, junto com o som de pés pesados sobre o solo encharcado pela chuva monótona. Aqui e ali, um lampejo remanescente do fogo agonizante e o brilho de uma lanterna fechada perfuravam uma escuridão implacável, e um estrondo distante prometia que o pior ainda estaria por vir.

Das vozes perturbadas, ergueu-se um coro de zombarias juvenis, que se aproximavam correndo, afastando-se da comoção. Encolhida em sua capa, com o braço forte de Tábata sobre os ombros, incitando-a, a jovem correu para se abrigar. Não da tempestade, embora seu advento cruel tivesse ocasionado exatamente o resultado que temia. Em vez disso, havia as vozes familiares queimando em seus ouvidos e o aguilhão das pedras, atiradas pelos meninos da aldeia.

Não sabia para onde iam, exceto que ficava na direção oposta da pequeno chalé que, agora, chamava de lar. Com a escuridão e o vento forte, a umidade em seu rosto, achatando seu cabelo na cabeça, os gritos ecoando

em seu cérebro, mal conseguia enxergar onde colocar um pé diante do outro. Não que isso importasse. Não se o decreto do destino houvesse colocado a vida de um homem em suas mãos.

De repente, visualizava o mundo ao seu redor, na medida em que o céu se entrecortava em pedaços. No lençol branco, iluminado por um breve instante, ao cair de um raio, viu a torre, acima dos telhados.



O *CLARÃO* ILUMINOU o interior sombrio da sala, deixando em alto relevo as caixas no centro, meio desempacotadas, e o contorno nítido do assento de madeira, sem almofadas.

O reverendo Aidan Kinnerton, de joelhos, ao lado da pilha crescente de livros, olhou para a janela, ainda sem cortinas, no momento em que trovejava. Piscou nas sombras escuras deixadas pelo tremeluzir das velas, visando cumprir seu dever. A chuva ganhou ímpeto e por um instante, Aidan se imaginou de volta à África, com uma de suas tempestades rápidas e violentas se abatendo sobre a cabana de palha, onde se havia deitado, indefeso e fraco pela febre, enquanto seu patético pequeno rebanho de convertidos voltava a seus deuses pagãos e aos murmúrios insanos do feiticeiro.

Um segundo estalo de luz o tirou da lembrança e o estrondo instantâneo que se seguiu, reverberou em sua cabeça. Suspirando, voltou para sua tarefa de separar os livros, lutando para ler suas lombadas, à luz de um candelabro que colocara no chão. Sem dúvida, seria melhor deixar a tarefa para realizar durante a manhã e, em vez disso, ir para a cama, porém sabia que não dormiria com os trovões intermitentes e a chuva persistente. E se, por acaso, adormecesse, os céus furiosos inevitavelmente trariam seus

terríveis pesadelos. Aqueles sonhos lúgubres de guerreiros negros dançando, armados com lanças e o chamado dos tambores batendo na noite.

Os sons da tempestade foram bruscamente suplantados por uma batida violenta que parecia sair de seus pensamentos. Por um instante perdeu de vista sua situação atual, e levou um momento para perceber que o barulho estava entrando pelo corredor a partir da porta da frente.

Aidan saltou de pé, obedecendo ao impulso do estado de choque. Seus passos ecoaram sobre as tábuas nuas enquanto atravessava apressadamente a escuridão do grande salão quadrado. Além da porta da frente, ouvia gritos, e em rápida sucessão vieram dois estrondos contra a barreira de madeira no momento em que a alcançou. O instinto lhe disse que não foram feitos por punhos batendo na porta. Alguém estava atirando pedras.

Seus dedos estavam dormentes de frio, percebeu, enquanto se atrapalhava em seu esforço apressado para girar a chave grande, e o pensamento fugaz passou por sua mente de que deveria ter mantido o fogo aceso na sala de estar. Tirando os ferrolhos, Aidan abriu a porta com força.

Duas figuras enlameadas estavam do lado de fora, uma aninhada nos braços protetores da outra, que parecia um pouco mais robusta. Ambas estavam encharcadas. A maior das duas deixou escapar um suspiro de agradecimento, ao avistar Aidan.

— Santuário de proteção para minha senhora, bom senhor, senão os garotos, como selvagens, vão apedrejá-la até a morte.

O olhar de Aidan se voltou automaticamente para a mulher amparada, cuja cabeça se erguia, no momento em que outro raio iluminava o céu, revelando uma breve imagem de um rosto devastado, úmido e manchado de sujeira, com bochechas fundas e olhos feridos, e cabelos longos, presos à cabeça.

— Entrem, entrem — disse Aidan, enquanto a escuridão os envolvia novamente e o trovão estrondeava acima.

Rapidamente, puxou as duas mulheres pela porta, em seguida, saiu cobrindo seus olhos com a mão para manter a umidade afastada, enquanto procurava pelos autores de tal ataque perverso.

— Quem são? Mostrem-se!

Podia apenas distinguir um círculo de figuras dentro do portão. Por sua estatura, Aidan os considerou meninos. Disse em voz alta:

— Os estou vendo. Quem são? Certificarei para que isso não fique impune! — Uma risada rouca emanou de um do grupo.

— Ela é quem vai ser punida. — Foi a resposta.

— Tome cuidado, reverendo! — Gritou outro.

— O senhor não vai querer ter nada a ver com essa mulher. É uma bruxa.

Antes que Aidan pudesse responder, um coro de risadas zombeteiras ecoou na escuridão. Em seguida, os rapazinhos foram embora, correndo em direção do gramado da aldeia.

Aidan observou-os desaparecer na escuridão, até que o desconforto o lembrou de que estava parado sob a chuva torrencial. Apressando-se de volta para a casa, fechou a porta e passou-lhe os ferrolhos, sacudindo a umidade. Então,  virou— se para encontrar a fugitiva encostada na parede, cuja respiração ficara curta e rápida.

— Acalme-se, madame. Está segura agora.

Aidan falara sem pensar, e o contorno vagamente visto da mulher se virou em sua direção. Entretanto, se iria dizer, foi impedida pela criada que

a acompanhava.

— Segura, não é? Não estará segura, Reverendo, se voltar para o chalé. Irão atrás dela lá, sem dúvida, se aquele sujeito estiver morto..

Em voz baixa, por fim, a outra falou.

— Eu não deveria ter lhe contado.

— Fique calada agora, Srta. Cassie. Não adianta afligir-se.

Na escuridão, Aidan viu a mulher balançar. A criada a agarrou, antes que o reverendo pudesse dar um passo à frente para ampará-la.

— Me desculpe reverendo, a milady vai cair, se sentar rapidamente.

— Sim, claro. Perdoe-me, senhora. Entrem na sala.

Apressando-se à frente, Aidan segurou-lhes a porta aberta, grato por seus dois candelabros derramarem um pouco de luz no corredor mostrando-lhes o caminho.

— Tomem cuidado ao entrar. Ainda estou em meio ao desempacotamento e o chão está coberto de objetos.

— Não se preocupe senhor, vou cuidar dela — disse a criada.

Aidan pegou o candelabro do chão e observou a criada conduzir a patroa em direção ao assento de madeira.

— Sente-se, Srta. Cassie.

Obediente, a mulher sentou-se e ergueu os olhos, diretamente para o rosto do reverendo. A luz das velas suavizou os planos ásperos de suas feições umedecidas em um brilho mais suave, e Aidan percebeu que era uma mulher ainda bem jovem. Uma menina, envelhecida pelo sofrimento?

— Faça amizade comigo, por sua conta e risco.

Atingido pela nota vibrante de sua voz rouca, Aidan sustentou seu olhar, falando com gentileza.

— Como homem de Deus, é meu dever ser amigo de qualquer pessoa que invoque minha caridade. Onde está o perigo nisso, milady?

Aidan observou os dedos dela se curvarem em garras.

— Irão lhe insultar. Dirão que estou aliada ao diabo e que por isso deve me evitar.

— Então se encontrarão severamente em pecado.

A jovem o encarou, seus olhos escuros com uma espécie de dor, que cortou o coração do reverendo.

— Não devia ter lhe contado.

A criada estalou a língua repetidas vezes e Aidan observou.

— Por favor, sente-se ao lado de sua senhora e cuide dela, enquanto procuro minha governanta, que encontrará toalhas e preparará um quarto para que possam dormir.

— Um quarto para dormir?

Aidan sorriu com o choque na voz da criada. — Pediu santuário, não foi? Não posso pensar que seja sábio sua senhora se aventurar novamente esta noite.

A garota estremeceu, puxando a capa com mais força. Aidan aproximou-se e colocou a palma da mão para cima. A jovem olhou para sua mão e depois para seu rosto.

— O senhor é um homem gentil. — Disse a serva.

Então, o reverendo a viu erguer a mão, como uma criança, os dedos estendidos e trêmulos, e colocou-a sobre as dele. A mão dela era fina e fria,

mais fria do que a dele, e Aidan a segurou com força.

— Deixe-me organizar tudo, e então poderá me contar a sua história.



A TEMPESTADE NOTURNA deu lugar a um novo dia de verão, com uma temperatura que aumentava rapidamente. As estradas se tornaram atoleiros.

Lorde Francis Fanshawe era quente, pegajoso e decididamente mal-humorado. Dobrou-se na contemplação inútil do eixo da carroça, na vã esperança de que Ryde estivesse errado, ao dizer que estava quebrada. Mudou de posição, para flexionar a dor nas costas, após curvar-se por muito tempo e encarou a estrada lamacenta, com severo desagrado. As rodas da carruagem estavam presas e suas botas, endurecidas. Provavelmente estavam arruinadas para sempre — ou estariam, assim que as colocasse nas mãos de alguém, numa estalagem, à beira da estrada. Por que, diabos, viera sem seu valete?

Como se por simpatia, seu estômago roncou, protestando contra as horas desde o café da manhã. Francis olhou para onde os três cavalos restantes, soltos de suas pegadas e temporariamente amarrados a uma árvore próxima, pastavam, comendo até fartarem-se, enquanto Francis morria de fome.

Naquele instante, seu olhar pousou em Ottilia e sua irritação se intensificou. Tillie era palpavelmente culpada por esses males, mas em vez de reclamar decentemente de um destino infeliz, não conseguia pensar em nada melhor para fazer, do que vagar pela estrada, admirando flores silvestres e cantarolando.

— Ottilia!

Sua esposa de poucas semanas apenas virou a cabeça e acenou, antes de continuar seu caminho. Francis praguejou e caminhou em sua direção.

— Pelo amor de Deus, venha e me espere na carruagem, — disse. — Vai se exaurir, vagando neste calor.

Tillie verificou e voltou seu olhar claro para o esposo, erguendo as sobrancelhas.

— Estou mais para desmaiar por estar trancada naquela carruagem abafada, não concorda?

— Não, eu não. Pode levar horas até que Ryde ou Williams voltem.

Seu cavalariço, despachado para localizar a ferraria mais próxima, partiu em uma direção através do país, enquanto o cocheiro, montando o cavalo dos correios, havia voltado pela estrada principal, em direção a Atherstone, pela qual haviam passado, um pouco antes do colapso, em uma tentativa de localizar uma hospedaria decente, onde algum meio de transporte pudesse ser contratado, para permitir que os viajantes em dificuldades procurassem abrigo.

— Certamente não — objetou Tillie. — Aquele caipira gentilmente falou de uma vila a apenas oitocentos metros daqui.

Francis quase bufou. — Não sabe nada melhor, do que tomar a estimativa de um roceiro, como se fosse o evangelho? Atrevo-me a dizer que são cinco milhas ou mais, até este lugar em Witherley, se ao menos soubéssemos.

Por um momento, não recebeu nenhuma resposta, além da consideração moderada de sua esposa. Francis conhecia aquele olhar.

— Se está prestes a tentar sua persuasão comigo, Tillie, deixe-me avisá-la que não estou com disposição para tal.

A risada característica de Tillie escapou de seus lábios e seu mau humor se iluminou brevemente.

— Posso ver isso, meu querido. — Saiu suavemente da beira da grama e escolheu um caminho, através da estrada lamacenta, segurando suas saias. Tendo sabiamente deixado seu sobretudo de viagem na carruagem. Estava vestida apenas com um vestido de musselina verde suave que enfatizava suas curvas, um mero fio de gola de renda cobrindo o peitoril do vestido. Abaixo de seu chapéu de palha, mechas de seu cabelo preso escapavam do confinamento, suas bochechas salientes pareciam não afetadas pelo calor, que aumentava as frustrações de Francis. Por um instante, amoleceu, refletindo sobre o prazer que a simples visão dela lhe dava, transformada — *graças à insistência de sua mãe e sua própria bolsa aberta* — da companheira deselegante que havia encontrado pela primeira vez. Então seus olhos se fixaram no punhado de hastes coloridas enfiadas em seus dedos, e sua irritação explodiu novamente.

— É a mulher mais enlouquecedora, Tillie — disse, quando sua esposa se aproximava.

Parecia triste. — Meu Deus. Ainda estou em desgraça?

Francis quase cedeu, exceto pelo brilho oculto nos olhos de sua esposa.

— Sabe muito bem que não deveríamos estar nesta bagunça, se não tivesse insistido em deixar a sua madrinha esta manhã. Qualquer pessoa, com um mínimo de bom senso, deve saber qual seria o resultado, depois de uma tempestade como a que tivemos na noite passada.

Para sua intensa satisfação, a paciência de sua esposa se partiu.

— Pelo amor de Deus, Fan, não comece de novo! Foi capaz de sair da sala, no momento em que não pode mais suportar, contudo, fui obrigada a responder repetidas vezes ao mesmo conjunto de perguntas e comentários. Eu lhe digo, se não tivéssemos escapado, estaria pronta para esfaqueá-la com a faca de trinchar.

— Assim, garantindo que não receberia um centavo quando, finalmente, sua madrinha estivesse reunida aos seus antepassados.

— Exatamente — respondeu Ottilia, desconsiderando o sarcasmo. — Muito mais seguro partir imediatamente.

A visita a Lady Edingale tinha sido realmente difícil, como Francis fora obrigado a admitir. A antiga benfeitora de Tillie, colega de escola de sua falecida avó, era surda e esquecida. Falhara notoriamente em compreender o fato do casamento de Ottilia, apesar das intermináveis repetições de ambas as partes e do companheiro sofredor da velha senhora. Ou se entendera, havia esquecido em minutos, animando cada tentativa de conversa com um refrão que finalmente alienou até mesmo a ampla tolerância de sua esposa.

— Devia pensar em se casar de novo, Ottilia. Não pode ficar de luto pelo seu amor perdido para sempre.

Em vão, sua pobre Tillie, em sua imaginação, gritara ao som de trombeta, à velha senhora, protestando seu novo estado. De nada adiantava apontar Francis como seu marido, pois sempre que entrava em uma sala onde a senhora estava, Lady Edingale, invariavelmente, fazia objeções imediatas à sua presença.

— Quem é? O que é isso? Francis? Conhecê-lo? Claro que não o conheço. Nunca vi o sujeito antes, em minha vida.

No entanto, fora temerário partir nessas condições, apesar da promessa inicial do sol. Irritado consigo mesmo, por ceder à insistência de Tillie, contra seu melhor julgamento. Francis estava ciente de ter sido levado a desabafar injustamente. Moderou seu tom.

— Tillie, estou com fome, com calor e frustrado.

Um leve sorriso cintilou em seus lábios.

— E infelizmente sem controle. — Tillie ergueu a mão enluvada em que sua coleção de flores silvestres ainda estava agarrada e a descansou levemente contra o peito dele.

— Poderia realmente ter suportado outra noite dessas de rastejamento, no escuro?

Francis sentiu sua irritação se dissipando. A recusa inabalável de Lady Edingale, em reconhecer seu casamento, resultou em encontros furtivos em qualquer um de seus quartos separados. Seus dedos subiram para agarrar a mão dela, enquanto erguia uma sobrancelha provocante.

— Para dizer a verdade, estava gostando bastante do romance de tudo isso. — Foi recompensado com o gorgolejo que nunca deixou de afetá-lo.

— Deveria ter mencionado isso no início — disse Tillie. — Tal argumento poderia, muito bem, ter me persuadido a permanecer naquela casa.

— O quê, e perder esta aventura? Como me conhece bem!

Francis teve que rir.

— Engraçada!

Tillie se inclinou e Francis amavelmente a beijou nos lábios.

— Estou perdoado?

Deu um suspiro elaborado.

— Acho que devo ser magnânimo.

— Especialmente considerando que sou a mais nova das noivas e com direito a um acordo com mais latitude do que normalmente seria o caso.

— Latitude? Estou mais para terminar lhe trancando e a proibindo de sair de casa, em qualquer circunstância.

— Eu deveria pedir ao seu amigo George para jogar uma escada de corda na minha janela. — Respondeu sua esposa, quase sem tremor na voz. Mas a travessura nos olhos dela afastou o resto de sua irritação.

— Isso é o melhor que pode fazer? — Francis zombou. — Que vergonha, Tillie. Eu, aqui, pensei que poderia lhe fornecer um bom quebra-cabeça para usar ao máximo a sua engenhosidade.

Antes que Tillie pudesse retaliar, um granizo vindo de trás chamou a atenção de Francis. Soltando sua esposa, virou e encontrou seu cocheiro voltando pela estrada principal da pequena alameda indicada por um morador local ao qual Francis havia feito indagações.

— Ah, aí está, finalmente.

Quando Ryde cruzou a estrada em direção ao casal, Ottilia notou uma expressão de perturbação no rosto do homem.

— Nem tudo está bem, penso eu — murmurou.

Seu marido lhe lançou um olhar sério, porém não fez nenhum comentário, em vez disso, voltou sua atenção para o empregado.

— Não teve sucesso? Não diga que não há ferreiro nesta aldeia, afinal.

Um leve sorriso torceu os lábios de Ryde ao voltar. Ottilia pareceu sombria. Um sujeito severo nos melhores momentos, o cocheiro Ryde, Francis garantiu a esposa, era um dos maiores bens de sua casa. Ryde servira a seu patrão, desde os primeiros anos de Lorde Francis Fanshawe e, como seu valete, Diplock, o seguiu em suas aventuras de soldado. Ottilia já havia aprendido a confiar em seu julgamento preciso.

— Há um ferreiro, milorde — respondeu, tirando o chapéu e passando a mão na cabeça grisalha e suada. — Só que o homem está morto.

Ottilia viu a irritação renovada saltar rapidamente nos olhos de Francis e fez um esforço imediato para desviar sua atenção.

— Recentemente, Ryde?

— Ontem à noite, milady.

— Noite passada? — Francis ecoou. — Se isso não for a sorte do diabo.

— Para Duggleby, milorde, pelo que ouvi, é o nome do homem. — De nenhum outro servo seu marido aceitaria a repreensão implícita, Ottilia sabia. Interveio rapidamente, sabendo que seu temperamento já estava exacerbado.

— O que aconteceu com o ferreiro, Ryde?

— Parece que o telhado desabou sobre o homem, *milady.*

— Meu Deus, — Francis proferiu, assustado.

—Então o pobre sujeito morreu esmagado? Foi a tempestade, Ryde? — Uma leve contração apareceu na boca do servo e seus olhos brilharam.

Notando esses raros sinais de contradição, Ottilia esperou, com crescente interesse.

— A tempestade, milady, ou a maldição de uma bruxa, se os aldeões forem dignos de crédito. — Uma gargalhada saiu surpresa de Francis, no entanto, Ottilia ficou intrigada.

— Como assim?

Ryde encolheu os ombros. — Não consegui entender muito bem, milady. Parece que a bruxa afirma ter visto em uma visão que o telhado

cairia.

— Sábia, depois do evento, hein?

— Antes, milorde. Ao que tudo indica, a Sra. Dale deu um aviso a esse Duggleby, alguns dias atrás.

— E aconteceu como a senhora havia dito? Pura sorte, sem dúvida.

Ottilia ergueu o dedo.— Não descarte isso tão levianamente, Francis. Talvez a mulher tenha uma segunda visão.

O servo assentiu. — É o que dizem, milady. Não é a primeira vez que acerta..

— E, atrevo-me a dizer, os aldeões não gostam?

— Não, milady. Dizem que foi a responsável por fazer o telhado cair.

— Sim — Ottilia meditou...

— As pessoas tendem a atacar o que temem ou não entendem. É por isso que falou sobre a maldição de uma bruxa, Ryde?

— Sim, milorde. Só que é pior do que isso. Parece que o lugar foi incendiado. E há rumores de que o médico ficou insatisfeito, pois foi o desmoronamento que matou o ferreiro. Estão dizendo que teve a cabeça esmagada.

— Mas a cabeça dele, provavelmente, foi atingida pela queda da alvenaria — objetou Francis.

A mente de Ottilia estava zumbindo.— Disse que alguém deu um golpe na cabeça do homem, antes que o telhado caísse sobre o ferreiro?

Ryde fez uma careta. — É o que o taberneiro me disse. Só que o policial não pode ir prender a bruxa, porque se refugiou na casa do vigário.

Uma onda de prazer profano percorreu Ottilia. — Parece a confusão mais gloriosa.

Entretanto a atenção de seu marido havia se voltado para suas próprias dificuldades. — O que, diabos, devemos fazer agora?

— Nada a fazer, a não ser esperar por Williams, milorde. — Ottilia ignorou as maldições fluentes do marido e, mais uma vez, chamou a atenção do servo. — Existe uma hospedaria decente nesta aldeia, Ryde?

— Em Witherley, milady? Mas não adianta ir lá.

— É um lugar bonito? — Continuou Ottilia, ignorando totalmente o empregado.

—Tillie, o que pensa que está fazendo?

Ottilia ouviu a nota suspeita na voz de Francis, porém não lhe respondeu, apenas estendeu a mão para ordenar seu silêncio.

O servo parecia confuso e desconfiado, e sua resposta foi breve.

— Está tudo bem, milady.

— E há uma pousada decente?

A repetição fez Ryde franzir a testa e lançar um olhar para seu patrão. Ottilia sorriu para o marido. Seu olhar se estreitou um pouco, mas não falhou.

— Responda, homem.

A óbvia desaprovação de Ryde aumentou, porém obedeceu.

— Vi um lugar provável, do outro lado, uma taberna chamada *The Cock and the Bottle e da Garrafa.*

— Excelente — disse Ottilia. — Francis, por que não descansar um pouco? Pode satisfazer sua fome, e eu posso...

— Ryde, vá verificar os cavalos, — Francis disse, interrompendo-a, sem se desculpar.

Ottilia reuniu suas forças, enquanto Francis esperava, até que Ryde estivesse fora do alcance da voz. Ao virar-se para o marido, pegou-lhe a mão.

— Eu sei o que vai dizer, Fan, mas...

— Tillie, não!

— ...será apenas por uma ou duas horas, e estou com muita sede!

— Uma ou duas horas? Te conheço muito bem, meu amor. E, por favor, não me diga nada sobre sede e fome.

Ottilia largou sua mão. — Mas havia me dito que estava morrendo de fome, e eu poderia matar, por uma xícara de café.

— E então pronunciou a palavra-chave. Tillie, não vou permitir que se envolva neste negócio.

Ottilia não conseguiu reprimir uma risadinha. — Bem, vou admitir que estou intrigada. Mesmo assim. prometo que só quero satisfazer minha curiosidade.

— Prometa de verdade! Considera-me um tolo? Se eu permitir que coloque os pés no local, com certeza se relacionará com toda essa gente caçando a bruxa.

— Não necessariamente — objetou Ottilia sem pensar. — Só porque os aldeões são tolos o suficiente para se apaixonar por um monte de bobagens supersticiosas, não torna a mulher culpada.

Francis ergueu as mãos. — Eu sabia! Não vai a lugar algum. Além disso, como chegará lá?

— A pé, é claro.

— Vai caminhar um quilômetro ou mais?

— Não sou feita de porcelana, Fan. Fui criada no interior, como bem sabe.

— Está tudo muito bem, mas chegaremos a Polbrook em questão de dias.

— Quem disse alguma coisa sobre dias? — disse Ottilia suavemente. — Só estava pensando em permanecer lá, até que Williams encontre um lugar mais adequado.

— Sim, e quando Williams chegar para nos buscar, suponho que entrará docilmente na carruagem e se permitirá ser levada, apenas quando tiver descoberto meia dúzia de pistas para colocá-la na pista do assassino? Não, Tillie, te conheço muito bem.

Ottilia sorriu para o marido. — Duvido que não esteja nem um pouco curioso!

Os olhos de seu marido se estreitaram, os traços amados ficando cada vez mais suspeitos.

— Não desperdice sua bajulação, Tillie, porque sou inflexível.

Ottilia piscou rapidamente e deu um suspiro elaborado.

— Prometi obediência... — Francis quase caiu na gargalhada, contudo conseguiu contê-la.

— Sim. Prometeu. E, se bem me lembro, declarou, depois do negócio com minha família, no ano passado, que um assassinato fora o bastante.

A malícia passou pelo rosto dela, e Francis pode sentir sua própria determinação enfraquecendo.

— Espantoso, não é, como alguém pode estar enganado? Embora tenha sido tudo perfeitamente horrível no final, deve se lembrar que, no início, eu estava muito entretida.

O que era perfeitamente verdade, Francis tinha de admitir. Na época, seu mundo virou de cabeça para baixo, com a descoberta da morte de sua cunhada e o subsequente desaparecimento de seu irmão. Ficara muito entristecido para pensar além da necessidade imediata de lidar com as consequências. Naquele mesmo dia, conheceu sua futura esposa e ficou grato, a partir de então, por seu bom senso e calma, quando Otillia descobriu o culpado. Além de sua maneira brincalhona, que ajudou muito a iluminar aqueles dias sombrios. Seu coração se suavizou apesar de tudo.

De repente, voltou-se para seu empregado. — Ryde, exatamente a que distância fica essa Witherley?

— Uma ou duas horas, não mais.

Francis baixou os olhos para a esposa. Conhecia aquele sorriso e gemeu interiormente. Deixe que Tillie enfie seu dentes nisso pois não há nada que sirva para afastá-la, até que tudo tenha terminado. Tudo o que podia esperar, era que isto provasse ser apenas uma tempestade em uma xícara de chá.



ENTRANDO NA TABERNA da aldeia, pela segunda vez, Aidan continuava desconfiado. Na noite anterior, conduzido até lá pela criada Tabitha, depois que sua visitante fora entregue nas mãos de sua governanta, fez pouco mais do que se apresentar, dar suas condolências à família enlutada e dizer suas preces, sobre o corpo do morto.

Encontrara o médico presente, o cadáver do ferreiro foi trazido e colocado sobre uma longa mesa, na taberna do *Cock and Bottle*, um estabelecimento de aspecto alegre, em desacordo com os eventos sombrios da noite. Latão e cobre brilhavam nas vigas de madeira, à luz das velas, que se concentrava principalmente ao redor da mesa. Havia uma grande lareira, sem chamas para seus troncos empilhados, apesar do frio deixado pela tempestade, e uma coleção de assentos de madeira, em um dos quais estava um amontoado de mulheres e crianças chorando.

Ninguém questionou a presença de Aidan, apesar do mesmo sentir um clima de suspeita ranzinza, particularmente do senhorio Tisbury e sua esposa. Nada foi dito, porém captou uma série de olhares estranhos, razão pela qual logo descobriu.

Ao se virar para a porta, foi abordado pelo médico, que se deu a conhecer pelo nome de Meldreth.

— O senhor está indo para o vicariato, Sr. Kinnerton? Minha casa está no seu caminho. Permita-me acompanhá-lo.

Aidan aceitou graciosamente e esperou na porta, enquanto o médico se demorava.

— Mande o corpo de Duggleby para outra sala, Tisbury. Uma com janela adequada, por favor. Devo examiná-lo novamente à luz do dia, amanhã.

Saíram juntos e, uma vez do lado de fora, o médico fez uma pausa, seu olhar aguçado, avaliando Aidan, por baixo de uma peruca grisalha. — Uma palavra de cautela, Sr. Kinnerton.

Virando-se, Aidan o observou, enrijecendo um pouco. — Qual seria, senhor?

Um leve sorriso apareceu nos cantos da boca do médico.

— Não há necessidade de jogar pôquer. Não sou eu quem iria censurá-lo.

Relaxando, Aidan devolveu o sorriso. — Os aldeões, quer dizer? Percebi um grau de mau humor na minha recepção.

— Sim, não estão satisfeitos. A Sra. Dale foi vista entrando em sua casa.

Aidan franziu o cenho. — Sra. Dale?

— A jovem, que acreditam ser uma bruxa.

Recordando que a criada havia mencionado *Srta. Cassie,* Aidan ficou surpreso, mas deixou passar, por enquanto.

— Ah sim. Fui avisado de que haveria repercussões.

— Pior do que a própria senhora supõe, receio.

Um ritmo interrompido perturbou os pulsos de Aidan.

— O que quer dizer, senhor?

— Já existe um movimento, no sentido de culpar a Sra. Dale, pela morte de Duggleby, devido a jovem ter tido uma visão do telhado caindo.

— Entendo. Mas então?

O médico hesitou, respirando fundo.

— Não pode haver dúvida de que Duggleby recebeu um golpe na cabeça, antes que o telhado caísse sobre si.

Uma sensação de profundo pressentimento invadiu o peito de Aidan.

— Está dizendo que Duggleby foi assassinado?

O médico assentiu.

— Acredito que sim. Não tenho escolha, a não ser buscar o juiz de paz e chamar o policial, pela manhã.

— Ainda assim está me dizendo que essas pessoas vão supor que a Sra. Dale é culpada de bater no homem? Não podem ser tão preconceituosos!

— Sim, temo que sim, Kinnerton.

— Então, devo eliminar esse tipo de pensamento sem demora.

— Deveria deixar para amanhã. — Sugeriu Meldreth. — O clima está péssimo e suspeito que um afogamento de tristezas esta noite pode piorá-lo.

Esse conselho parecia sensato ao olhos de Aidan. Agora, no novo dia, tendo engolido seu café da manhã e verificado, com sua governanta, que a Sra. Dale ou *Srta. Cassie*, como a criada se dirigia a jovem — ainda estava dormindo, não perdeu tempo em enfrentar os leões em sua cova.

O senhorio olhou ferozmente, quando Aidan entrou na taberna. — O que está querendo, reverendo?

Sem se surpreender com a nota amarga, Aidan olhou para o semblante inchado do homem, o nariz com veias vermelhas e as bochechas argumentando sobre um vício doentio em potes de carne e na garrafa. As mangas de sua sobrecasaca se agarravam a braços grossos, e seu colete e calça caíam sobre uma barriga protuberante.

Aidan reuniu suas forças e disparou o primeiro ataque. — Aqui estou Tisbury, para fazer o que puder, a fim de evitar uma guerra desnecessária.

As sobrancelhas do proprietário se juntaram em perplexidade. — O que quer dizer?

Olhando firme nos olhos injetados de sangue do homem, Aidan seguiu um discurso direto. — Entendo que há conversas contra a Sra. Dale.

Tisbury pareceu surpreso por um momento e, então, se recompôs, voltando com vigor.

— Sim, que haja. Seria muito ruim ver Duggleby ser derrubado por causa do rancor da filha daquele diabo.

— Filha do diabo? Fala disso diante de mim, Tisbury, um homem de batina?

— E por que não diria? — Disse uma voz atrás de Aidan, em um tom cortante.

O reverendo se virou para enfrentar a mulher que lembrava ser a esposa do proprietário.

— Ah, Sra. Tisbury, sim.

Era um pequeno espantalho de mulher, com uma boca malvada e olhinhos de porco, que brilharam para Aidan, enquanto falava.

— Sim, e gostaria de saber por que o senhor não amaldiçoou aquela bruxa, visto que é o pastor por aqui.

— Minha querida mulher — retrucou Aidan, perigosamente calmo.

— Não vivemos na Idade Média. Exorcizar espíritos malignos não faz parte da minha função aqui.

— Não, porque o senhor os esconde em sua casa.

Um jovem rapaz, com roupas caseiras, de quem Aidan se lembrava como o taberneiro, interveio neste momento.

— Não era nenhum espírito, mas uma bruxa, como os meninos do Fazendeiro Staxton disseram na noite passada, que fugira para o vicariato.

— E entrou lá voando numa vassoura — gargalhou um idoso, no canto, removendo um cachimbo de barro da boca.

— O senhor é livre o suficiente para fazer piadas, pai — retrucou a esposa do proprietário.

— De qualquer forma a bruxa foi longe demais desta vez.

— Mas não tinha um cabo de vassoura, Sr. Wagstaff, — Afirmou o taberneiro, que aparentemente não tinha bom ouvido para *sagacidades.*

O senhorio interveio novamente. — Com ou sem vassoura, vou cuidar dela pessoalmente, se não a jogarem na prisão.

Uma ondulação irregular perturbou os batimentos cardíacos de Aidan, porém foi impulsionado pela familiar onda de ferro, que entrou em sua espinha dorsal. Não havia enfrentado uma tribo de selvagens empunhando lanças, sem aprender um ou dois truques. Permitiu que sua voz soasse no tom redondo e autoritário do púlpito.

— Já chega!

A taberna ficou em silêncio. Tanto Tisbury como a esposa pareciam completamente surpresos, e o tabagista ficou de queixo caído. Antes que pudessem se recuperar, Aidan continuou.

— Os fatos, ao que parece até agora, escaparam de vossa atenção, e creio eu que já sabem disto. Ontem à noite, dei abrigo a uma senhora que estava sendo tratada da maneira mais bárbara que jamais vi. Estive fora da Inglaterra por algum tempo, até recentemente. Devo alegar ignorância sobre quaisquer possíveis mudanças nas nossas maneiras ou em nossos costumes? No entanto, dificilmente parece possível que atirar pedras em uma mulher tenha se tornado uma prática comum.

— Tisbury teve a graça de parecer envergonhada e o taberneiro avermelhado. Aidan olhou de um para o outro e então permitiu que seu olhar abrangesse o resto dos aldeões presentes. Eram poucos esta manhã,

provavelmente a maioria já estavam trabalhando, mas conforme o olhar de Aidan pousava em cada um, baixavam seus olhos. Por fim, o velho piadista quebrou a tensão.

— Isso mesmo, Reverendo. Dê pimenta a eles. E se não entenderem, pegue e bata suas cabeças juntas.

— Cala a boca, pai.

Sozinha na assembleia, a esposa do proprietário não se intimidou. Confrontando Aidan, ergueu o queixo e seus olhos se arregalaram.

— Ninguém deixou de dizer como aqueles meninos deveriam atirar pedras, reverendo. E para seu conhecimento, a Sra. Dale não é *nenhuma* mulher comum. É perigosa. E se  não foi a bruxa quem matou o pobre Duggleby, então meu nome não é Tisbury.

Um murmúrio circundante, possivelmente de concordância, foi apoiado pelo marido da mulher, embora sua beligerância tivesse diminuído.

— Não significa nada além da verdade, reverendo. A Sra. Dale fez isso, e por mim, mandaria Will aqui para buscar o policial Pilton para prendê-la imediatamente.

Acenou com a mão ao taberneiro enquanto falava, e o jovem, recuperando seu semblante, se animou e assentiu, embora parecesse ridiculamente assustado.

— Se não levar a sério o que a Sra. Dale diz enquanto tem suas visões, em seguida, acontecem. A bruxa conseguiu, reverendo, não tenha dúvidas disso.

Por um momento, Aidan ponderou o que poderia dizer. Quanto todos sabiam? Ainda era de conhecimento geral que Meldreth acreditava que o ferreiro havia sido assassinado? Testou, mantendo o tom uniforme.

— E como, se posso perguntar, a Sra. Dale realizou essa façanha? Teria subido no telhado da ferraria? Ou está supondo que tenha recitado encantamentos para invocar a tempestade?

Seu sarcasmo foi recompensado por uma gargalhada aguda do Sr. Wagstaff, mas sua filha se manteve firme, dirigindo um olhar venenoso para Aidan.

— Uma bruxa não tem necessidade de escalar telhado nenhum, não concorda reverendo? Apenas chamaria seu demônio e pediria para jogar o telhado abaixo em Duggleby.

— Depois era só acabar com o homem metendo um martelo na sua cabeça — disse Tisbury.

Desta vez, o coro de assentimento foi mais alto, como se os aldeões, ficassem mais corajosos, agora que foi dito. Eles sabiam, então. E, no entanto, estavam preparados para acrescentar esse fato prosaico às suas suposições absurdas de bruxaria. O choque foi maior para Aidan. Não tinha realmente acreditado, até este momento, que poderia haver tanta ignorância generalizada na aldeia. Como isso deveria ser combatido, não tinha noção, mas em uma coisa estava determinado. Nenhuma caça às bruxas teria sucesso em Witherley, mesmo que fosse obrigado a se tornar o guarda pessoal da jovem mulher, no momento, em segurança em sua casa.

Aidan se recompôs, demorou a percorrer os rostos expectantes e permitiu que a repulsa transparecesse em sua voz.

— Achei que havia deixado a selvageria e a superstição para trás, quando parti das costas africanas. Não pensei que deveria redescobri-los em um remanso tranquilo da Inglaterra.

Com isso, se afastou sem outro olhar, e saiu calmamente da taberna. As linhas de batalha foram traçadas e o reverendo se sentiu estranhamente elevado com a primeira escaramuça. Até chegar ao vicariato e descobrir que o pássaro havia voado.



# Capítulo 2

**A FERRARIA ERA** uma ruína encharcada e enegrecida. A curiosidade de Ottilia começou a se dissipar, depois de caminhar um bom quilômetro, ao longo de uma estrada sinuosa e lamacenta. Todavia se animou instantaneamente quando entraram na aldeia, por uma pista sinalizada. A primeira visão de Witherley apresentava uma fileira de cabanas de um lado e um brilho de água além de onde corria um afluente do Anker. Depois de passar pelos chalés, uma curva os trouxe imediatamente à vista da cena do desastre da noite anterior.

A forja do ferreiro estava situada pouco antes de uma ponte de pedra, sobre a qual a estrada levava a um amplo gramado, com o que parecia ser a principal e bela parte da vila em torno dela. Ottilia deu-lhe apenas um breve olhar, a atenção voltada para os destroços da ferraria.

— Não é surpresa alguma que o pobre homem não pode sair de lá com vida.

Seu marido ficou igualmente impressionado, seu olhar carrancudo viajando sobre a fachada relativamente intacta e as paredes ao redor, que

estavam parcialmente de pé. Uma parte do telhado, voltada para a frente, parecia intacta, mas o vão além contava sua própria história.

—Tome cuidado, Tillie — Francis avisou, enquanto Ottilia se dirigia para as portas duplas de ripas de madeira, que estavam abertas. — O lugar é claramente inseguro. É melhor que me deixe ir primeiro.

Ottilia não fez objeções, mas esperou que seu marido entrasse na frente, parando para examinar o que podia ver da área de estábulos, logo após as grandes portas, o que não era muito. Era pequeno e relativamente vazio, exceto pelos arreios pendurados nas paredes. Francis tinha desaparecido de vista, na direção da grande chaminé, na outra extremidade do prédio, porém podia ouvir os seus passos.

— É melhor vir por aqui, onde a maior parte do telhado já está caída. — ouviu sua voz, ecoando assustadoramente no interior escuro. — Há menos chance de colapso,  acho.

Ottilia ergueu os olhos ao passar e constatou que o telhado acima estava mais ou menos intacto, embora as vigas ficassem em zigue-zague, onde se nivelavam com a parte principal da forja sem tampa. A luz estava melhor aqui e, aos olhos críticos de Ottilia, parecia que o incêndio fora de curta duração.

— A tempestade deve ter apagado o fogo — disse pensativamente, olhando para as vigas parcialmente queimadas, esqueletos rígidos projetando-se dos escombros.

Francis tinha avançado e estava parado em um espaço relativamente vazio, olhando para o céu aberto. — Tiveram sorte. Outros poderiam ter sido feridos, se as chamas não tivessem sido apagadas.

— E não teria sobrado nada deste lugar, nem do ferreiro — disse Ottilia, erguendo as anáguas para mantê-las longe do chão imundo, as bainhas já um pouco enlameadas, enquanto caminhava em direção a Francis. — E nada que sugira que sua morte foi outra coisa senão um acidente.

O olhar penetrante de seu marido encontrou o dela. — Está pensando que alguém colocou fogo no local deliberadamente?

— Não seria, se tivesse um crime pior para esconder? — sugeriu Ottilia, enquanto olhava a estrutura em ruínas.

Os apetrechos do ofício de ferreiro foram, em grande parte, destruídos, exceto a bigorna pesada, perto do poço cheio de cinzas, na forja amortecida na extremidade oposta e o enorme fole atrás, que milagrosamente escapou dos danos. Essa área ainda estava sob um mínimo de cobertura, pois a chaminé não havia pegado fogo e os danos ao telhado não eram tão extensos.

Ottilia olhou ao longo do mecanismo que permitia ao ferreiro puxar o fole para manter o fogo aceso, enquanto trabalhava.

— Por quanto tempo acha que a forja poderia continuar queimando, depois que o ferreiro houvesse caído, não podendo mais trabalhar o fole?

Seu marido olhou para a forja. — Meia hora, talvez, não mais? Eu me pergunto se o assassino sabia disso.

Francis não pareceu ouvi-la, sua atenção aparentemente atraída pelos danos abrangentes no telhado. Ottilia traçou um brilho metálico até uma prateleira de hastes cobertas de fuligem e, em seguida, novamente para uma variedade de implementos meio destruídos, ainda pendurados em ganchos nas paredes descoloridas. Distinguiu ferraduras e uma foice de lâmina larga.

Abaixo, repousava uma grande roda enferrujada e várias ferramentas agrícolas, que provavelmente estavam aguardando serviço. O que mais restara estava oculto sob a camada de suportes quebrados, ladrilhos despedaçados e os resíduos de lama de muitos pares de botas.

Movendo-se para o lado, examinou a mesa do ferreiro, uma longa peça de madeira revestida, na parte superior, com uma folha de metal. Muitos destroços haviam caído sobre os implementos ali colocados, todos enegrecidos por uma camada de fuligem. Ottilia pensou ter reconhecido uma coleção de martelos, pinças, machados e grossas hastes de metal. Um desses objetos teria sido usado para bater no ferreiro? Improvável, pois o assassino não teria procurado esconder sua arma? Ou descartá-la de alguma forma?

O tempo teria sido essencial. Poderia se dar ao luxo de levar a coisa embora e correr o risco de ser visto? Um pensamento ocorreu e Ottilia tomou um caminho precário em direção à forja, pisando entre dois enormes baldes vazios no chão e escorregando pela bigorna. Antes que pudesse olhar mais de perto para as cinzas do fogo, a voz de Francis a interrompeu.

— Este é o lugar onde o corpo jazia.

Virando-se, Ottilia descobriu que o olhar do marido havia se dirigido para o chão, onde os trabalhos dos que recolheram o ferreiro foram evidenciados em pilhas não naturais de entulho ao redor da área limpa. Francis olhou para cima, seu olhar penetrante nela.

— Se o perpetrador sabia que o telhado iria cair, por que se preocupar em começar um incêndio?

— Supondo que o médico do caso esteja certo, esconder o golpe na cabeça? — Ottilia sugeriu, voltando para onde o marido estava.

— Não acredito que iria se arriscar tanto.

— Isso, meu amor, é exatamente o meu pensamento.

Ottilia ergueu o dedo. — Mas, de acordo com Ryde, foi a bruxa que teve a presciência da queda do telhado.

Inesperadamente, Francis sorriu. — Então a bruxa não era a única. A não ser que a mulher fosse uma lenhadora habilidosa.

Surpresa, Ottilia observou-o abrir caminho por entre as pilhas de destroços até um dos lados da ferraria. Apontou para cima.

— Vê os restos da viga mestra? Olhe para o fim encurtado.

Ottilia semicerrou os olhos para uma pequena projeção de madeira, relativamente livre de fuligem, fixando os olhos na ponta embotada. Pareceu-lhe antinatural, porém não conseguiu ver imediatamente o porquê.

— Agora veja o que sobrou das vigas mais finas — instruiu Francis.

Ottilia obedeceu e a compreensão foi instantânea. Em todos os lugares, exceto naquela viga, as pontas do toco eram denteadas.

— Foram cortadas.

— Precisamente. E não por meios sobrenaturais. A viga foi serrada ou cortada, talvez com um machado. Precisamos de uma escada. A menos que possamos encontrar a outra extremidade dessa viga, em algum lugar nesta bagunça.

Uma onda de excitação percorreu Ottilia.

— Fan, é um gênio!

Francis curvou os lábios. — Com tal tutora, como evitar o aprendizado?

Tillie soltou uma gargalhada. — É um aluno apto, meu querido. — Então, um novo pensamento surgiu em sua mente. — Será que a tempestade teria sido forte o suficiente para derrubar o telhado,  depois da viga cortada?

Os olhos de Francis se estreitaram. — Uma boa pergunta. — Lançou um olhar sobre os destroços ao redor. — Uma corda forte amarrada ao redor da viga, talvez. A menos que queime.

O pulso de Ottilia batia irregularmente. — Ou não inteiramente. Nada parece ter queimado completamente. Não deveríamos tentar procurar um ou dois fragmentos?

— Fútil, eu temo. Por mais que eu te ame, não estou preocupado em suar, levantando esses escombros imundos, além de estragar um perfeito par de luvas.

Uma risada escapou de sua esposa. — Eu não ousaria lhe pedir isso. Pode muito bem esperar até que possamos contratar os serviços de um local.

— Dentro de suas duas horas atribuídas?

Tillie havia começado uma caçada inconsciente, lançando os olhos aqui e ali, entre as vigas caídas, mas, com isso, Ottilia olhou rapidamente para o marido e ficou aliviada ao descobrir o familiar olhar provocador. Outra risada escapou de seus lábios.

— Penso que é melhor  encontrarmos esta pousada de que Ryde falou e dar-lhe um pouco de comida.

Com Francis aplaudindo essa sugestão em termos inequívocos, Ottilia voltou-se para entrar na relativa escuridão do estábulo coberto, exatamente quando uma figura assomava à soleira. Ottilia engasgou de surpresa e caiu para trás.

A silhueta de uma mulher com um semblante totalmente branco, iluminado por um raio de luz estranho da área sem teto, se encontrava ali. Uma criatura esguia, encapuzada, com olhos trágicos.

Por um momento, Ottilia não conseguiu falar, atingida por um ar de agonia obsessiva na pose da garota, enquanto permitia que seu olhar passeasse, aqui e ali, sobre os destroços da ferraria. Era jovem, Ottilia julgou, mas as cavidades e os planos de suas feições pálidas a faziam parecer mais velha. Por fim, os olhos pousaram em Ottilia e se arregalaram. Sua boca formou um O de surpresa e franziu a testa.

— Quem é a senhora? Nunca a vi antes. Não temos estranhos em Witherley.

A jovem falou com rapidez, e sua voz, que tinha uma qualidade rouca, era uma mistura de suspeita e medo. Ottilia se recompôs e avançou, segurando as anáguas levantadas com uma das mãos para poder estender a outra.

— Imploro seu perdão. Devemos ter te assustado. Somos realmente estranhos. Nossa carruagem quebrou na estrada do correio, e viemos em busca de descanso e refresco.

A moça não fez nenhum movimento para pegar a mão estendida, embora tenha olhado para a mesma brevemente.

— Um homem morreu aqui ontem à noite.

Ottilia pesou uma mentira na balança e desistiu.

— Sim, então, fomos levados a acreditar. Nosso cocheiro veio aqui em busca do ferreiro, sabe.

A carranca se intensificou, e um olhar enojado surgiu no rosto da mulher, — São demônios, então, que vieram ficar boquiabertos com o

infortúnio de um homem?

Com o canto do olho, Ottilia viu Francis enrijecer e rapidamente estendeu a mão para impedi-lo de responder. Falou com gentileza, sentindo, instintivamente, que essa criatura iria recuar diante do confronto.

— Estamos aqui para ajudar, se pudermos. — Um pensamento selvagem passou por sua mente e agiu de acordo com ele, sem uma decisão consciente. — Perdoe-me, mas é ... — *agora qual era o nome?* — Sra. Dale, eu acho? Sim é isso. É a Sra. Dale?

Ottilia viu nos olhos expressivos da jovem que havia acertado o alvo. A *"bruxa"* levou as costas da mão à boca em um gesto que sugeria os nervos à flor da pele. Sua voz ficou vibrante e baixa.

— Como poderia saber disso? Nada vi sobre sua vinda.

— Talvez não consiga ver tudo. — Ottilia sugeriu gentilmente.— Eu não tenho sua habilidade.

Uma meia risada escapou da jovem.

— Habilidade? É uma maldição, não um talento.

— Mas por quê? Nem sempre pode resultar em consequências tão graves como esta.

A Sra. Dale suspirou profundamente. — Estão dizendo que o matei.

Ottilia movia-se rapidamente, esquecendo-se do perigo para suas anáguas, ao deixa-las cair e agarrar as mãos inquietas da mulher, segurando-as com firmeza.

— Sejam eles quem forem, estão enganados, minha cara Sra. Dale. Vou provar isso, prometo.

A mulher a encarou, um olhar perplexo em seus olhos escuros.

— Como pode fazer isso? Quem é a senhora?

— Meu nome não é importante. Se preferir, pode me chamar de Lady Fan.

A Sra. Dale não se valeu imediatamente dessa permissão. Continuou a estudar Ottilia, o vinco se aprofundando entre as sobrancelhas.

— Viu o mal — A jovem disse lentamente. — As imagens estão turvas, mas há escuridão por baixo.

Ottilia não falou. Estava ciente da presença de Francis atrás dela, e uma certa qualidade em sua inspiração lhe disse que aquele era um terreno perigoso. Para seu alívio, sofreram uma interrupção.

— Senhorita Cassie? Está aí? Gostaria que não fugisse assim. Sabe que não consigo acompanha-la.

A nota de repreensão foi pronunciada e Ottilia não ficou muito surpresa ao ver a figura agitada de uma mulher, espiando pelas portas largas. A Sra. Dale olhou para trás, sem responder.

— Cassie? — Ottilia disse rapidamente. — Isso é para Cassandra? Quão apta.

— Devo agradecer à minha família por meu nome — Respondeu a Sra. Dale, em um tom que parecia imediatamente mais normal do que até então e mostrava uma pitada de irritação infantil. — Eles se divertiram tanto em me apelidar. Mas eu sou Charis.

— Que charmoso — disse Ottilia imediatamente. — Talvez deva insistir que outros empreguem seu nome de batismo.

— Não importa — disse a jovem, voltando às trevas que lhe pareciam habituais.

— Senhorita Cassie, saia daí, eu imploro.

A Sra. Dale olhou para trás.

— Estou indo, Tabby. — Então voltou— se para Ottilia e o fantasma de um sorriso cruzou seus lábios. — Tem sido gentil. Não vou esquecer.

Com isso, voou para longe e foi imediatamente envolvida por um braço forte, que a puxou para a luz do dia. Ottilia encontrou Francis ao seu lado.

— Acredita mesmo que seja inocente, então?

— Sim. A menos que eu erre o meu palpite, a mulher é muito estigmatizada para caracterizar o culpado que este assassinato parece necessitar.

— Bem, eu não posso dizer que estou surpreso que a jovem seja estigmatizada como uma bruxa. Uma criatura estranha que dificilmente poderia se esperar encontrar.

Ottilia concordou com a cabeça.

— A garota me lembra a criada de sua mãe.

— Venner? Sim, lembro-me que disse que a achava meio louca.

— Entretanto eu não acho que a Sra. Dale esteja louca. A jovem é daquela espécie de pessoa que sente as coisas muito profundamente e que não tem o verniz social, que normalmente usamos, para esconder nossos sentimentos dos outros.

Francis parecia cético.

— O que é o mesmo que dizer que a Sra. Dale é fora do comum e não se comporta como os outros e, portanto, está meio louca.

— Ou é apenas excêntrica, como minha madrinha.

— Ninguém é como a sua madrinha — Respondeu o marido com entusiasmo.

Ottilia riu. — Não pode ter vivido em uma aldeia, minha querida. Eu te desafio a não descobrir um verdadeiro viveiro de excêntricos em um lugar deste tipo, e pelo menos um para provar uma cópia de milady Edingale.

Como que para sublinhar essa afirmação, quando não haviam caminhado menos de dez metros da ferraria e estavam prestes a cruzar a ponte, encontraram duas mulheres de meia-idade, que vinham na direção oposta. Qualquer uma das duas, Ottilia decidiu imediatamente, poderia ter entrado em uma sala cheia de excêntricos sem fazer perguntas.

A mais alta das duas, vestida claramente com um vestido de linho marrom e um chapéu de castor sem adornos, caminhava com passos masculinos, enquanto a outra, apesar de sua óbvia extensão de anos, era a imagem da feminilidade, em um vestido de raminhos, um chapéu de palha enfeitado com fitas e um xale volumoso, de algum tecido diáfano, amontoado sobre os ombros. As senhoras haviam visto claramente os estranhos, e Ottilia aproveitou imediatamente a situação.

— Perdoe-me, por favor — Disse, de forma amigável, indo em direção as duas. — Poderiam nos indicar uma hospedaria adequada?

Recebeu um olhar carrancudo da mulher mais alta, porém o olhar da outra foi de Ottilia para Francis e vice-versa.

— Meu Deus, como veio parar aqui? — pronunciou, de uma maneira que traiu uma curiosidade ávida.

— Apenas uma pousada decente. — disse a outra, virando-se para apontar para o gramado. — É por ali. Pegue a via da direita.

— Obrigada — disse Ottilia agradavelmente e se voltou para a que se vestia com mais leveza.

— Viemos a pé. Nossa carruagem quebrou na estrada do correio.

Com isso, a primeira mulher se dirigiu a Francis.

— O que aconteceu? Roda fora? Ou um eixo quebrado?

Se Ottilia ficou surpresa, seu marido também. Francis não aparentou, no entanto, apenas respondeu:

— Meu cocheiro acredita que seja o eixo principal.

— O senhor vai precisar de um ferreiro, então. — A senhora acenou com a mão em direção à forja em ruínas. — Não adianta esperar pelo nosso; como pode ver. O companheiro foi morto ontem à noite.

— Fomos informados — disse Francis.

— Quem lhes contou? Achei que devia estar olhando para a ferraria, mas não conseguia conceber...

— Evelina!

O tom áspero teve o efeito de fazer a outra mulher corar, e Ottilia sentiu sua solidariedade comovida. Sorriu e jogou seu trunfo.

— A senhora está perfeitamente certa. Mas me perdoe. Tão rude de nossa parte não nos darmos a lhes conhecer. Permita-me apresentar meu marido, Lorde Francis Fanshawe.

Ottilia já havia notado o olhar apreciativo lançado sobre seu marido, bem-apessoado e magro, pela mais feminina da dupla. Não podia culpar a mulher, pois ela própria ficara um tanto desconcertada ao ver seu semblante forte, com nariz aquilino e bochechas salientes, olhos profundos e escuros e

os ricos cabelos castanhos, presos na nuca. Contudo, o nome, como esperava com segurança, exerceu um efeito ainda mais poderoso.

— Fanshawe?  Oh Deus! Eu acredito, — ou não, talvez eu não devesse...

— Evelina, fique quieta — retrucou sua mentora em seguida tocou o próprio peito. — Eu sou a Srta. Beeleigh. Minha amiga aqui é a Sra. Radlett.

Ottilia respondeu apropriadamente e observou Francis fazer sua reverência. Não poderia haver dúvida de que a história dos eventos do ano passado havia penetrado até mesmo neste remanso. O nome de Fanshawe apareceu, junto com o de Polbrook, em mais de uma coluna de jornal. Apenas iniciais foram usadas, é claro, porém o escândalo que abalou a família se espalhou, e qualquer um que prestasse atenção a tais coisas saberia imediatamente quem se referia a Lorde F. F.

Suas novas conhecidas eram exatamente o que Ottilia precisava, e não perdeu tempo em consolidar sua vantagem.

— Espero que possamos nos encontrar novamente. Temo que seja uma espera tediosa, até que nossa carruagem possa ser consertada.

— Não importa — disse a Srta. Beeleigh. — Hannah Pakefield ficará encantada em hospedá-los. Algumas vezes pode esquecer as formalidades, pobre mulher.

— Oh, sim — concordou a Sra. Radlett – Há poucos viajantes através de Witherley. Tomamos café no *Blue Pig* quase todos os dias, para ajudar a pobre Hannah.

— Então, talvez deva tomar um café comigo, um pouco mais tarde? — disse Ottilia, aproveitando a deixa.

Se tivesse escrúpulos, a aceitação efusiva da Sra. Radlett a teria tranquilizado. No entanto, Ottilia a havia medido e tinha certeza de haver encontrado uma das fofoqueiras mais prolíficas da aldeia. Qualquer dúvida teria preocupado a Srta. Beeleigh. Estava claro, entretanto, que tinha o hábito de ser indulgente com sua amiga imprevisível, mesmo que não compartilhasse uma paixão por boatos sobre os outros.

Depois de marcarem o encontro, as duas damas seguiram adiante, e Ottilia percebeu que se dirigiam à ferraria por conta própria. Foi afastada da contemplação pelo tom seco de seu marido.

— *O Blue Pig*?

Ottilia reprimiu uma risadinha.

— Bem, estamos nas proximidades de Bosworth Field. É uma referência elogiosa ao vilão Richard, então? Um presságio, Fan, pode duvidar?

— O céu me ajude! — Ofereceu o braço e Ottilia enfiou a mão dentro dele e começaram a caminhar pela ponte. — Espero que haja carne de porco no cardápio.

Ottilia arregalou os olhos.

— Um vasto prato de presunto, sem dúvida.

— No momento, porém, tenho um interesse, mais do que passageiro, em uma caneca de cerveja.

— E irá tê-la. — Disse Ottilia recatadamente.

Cassie olhou para a visitante, com rebeldia em seu coração. Não era suficiente estar dividida, com remorso e desespero, por conta do ferreiro? Deveria também ser considerada culpada por aceitar a hospitalidade do

vigário? Devia muito a Lady Ferrensby. No entanto, doeu saber que era tão pouco compreendida.

— Percebi que  estava um pouco perturbada, minha querida — prosseguiu Lady Ferrensby com sua voz musical grave. — Mas tal coisa deveria ter sido considerada.

— Eu não estava em condições de pensar nas propriedades. — disse Cassie com firmeza.

— Sim. Entendo.

— E o Sr. Kinnerton era a própria bondade.

— Sua bondade não desculpa sua permanência na casa do reverendo durante a noite. Se não se preocupa com sua própria reputação, pode pelo menos pensar na dele.

Silenciada, Cassie a encarou. A suspeita persistia em sua mente, pois conhecia Lady Ferrensby muito bem. No entanto, se trouxe o Sr. Kinnerton para Witherley, com o objetivo de garantir um sacrifício no altar, embora relutante, deveria ter ficado satisfeita. Os olhos de Cassie correram sobre Lady Ferrensby, fazendo-a sentir imediatamente, como sempre, o gritante contraste da condição.

A grande dama da aldeia trajava-se elegantemente, embora de maneira simples, vestida para o campo, com um vestido de musselina de Canterbury trabalhado em ramos coloridos e um bonito gorro adornado com uma pequena aba bem cuidada. Vivia seus anos com elegância, as asas cinzentas em suas têmporas adicionavam distinção a um semblante invariavelmente estigmatizado, no entanto, bonito.

O velho vestido de algodão de Cassie, com saias pregueadas abotoadas do peito à bainha e mangas compridas justas, estava fora de moda, uma

relíquia de anos mais felizes. Não que gostasse de andar na moda, embora fosse um alívio ter sido capaz de tirar o disfarce de seus vestidos pretos.

O olhar frio de Lady Ferrensby corria sobre Cassie e a jovem ergueu o queixo quando a encarou.

— Tabitha disse que está ferida.

Cassie encolheu os ombros. — Tabby está exagerando. Não é muito.

Uma nota mais amável se insinuou na voz de sua protetora. — Percebi que várias pedras encontraram seu alvo. Lamento que tenha sofrido isso.

Aquilo era nada, comparado ao sofrimento de sua consciência, mas Cassie segurou a língua. Lady Ferrensby estava sempre impaciente com a angústia que acompanhava a maldição das visões de Cassie.

— Ainda assim, saiu mais ilesa do que Duggleby — declarou sua senhoria. A resolução de Cassie falhou e rebateu.

— Quer dizer que eu mereço mais.

— Não seja tola.

— Tola? Por arrependimento de ter falado? Tendo visto o que vi? — Cassie estremeceu com as memórias. — Eu sabia o que iria acontecer. O avisei, porém Duggleby não me deu ouvidos. Ficou mal-humorado comigo, como todos ficam. — Em sua mente, ouviu novamente as palavras ásperas, o ódio em sua voz, e viu novamente o desprezo nos olhos de Duggleby. — Agora o homem está morto, e eu sou a culpada. E a senhora me diz para não ser tola?

Cassie colocou as mãos sobre o rosto, enquanto estremecimentos a atormentavam. Uma mão se estendeu para agarrar seus dedos e puxá-los para baixo. Os olhos de Lady Ferrensby estavam mais amáveis e sua voz

suavizou-se. Cassie agarrou seus dedos, lutando contra as lágrimas que ameaçavam irromper.

— Acalme-se, minha filha. Nada irá ganhar caindo na paixão. Isso não vai resolver as coisas.

Cassie sacudiu o cabelo para longe. — Eu sei, mas não posso evitar.

— Deve evitar, Cassie. Precisa aprender a se controlar.

Um suspiro pesado escapou dos lábios de Cassie. — Eu tento. Porém é muito difícil.

O olhar mais gentil da outra aqueceu um pouco seu coração e tentou sorrir. Lady Ferrensby soltou seus dedos.

— Bom, isso é melhor.

Cassie não falou, com medo de não conseguir manter o ar espúrio de calma, que parecia satisfazer sua protetora. Estava tudo menos quieta por dentro, mas sabia que Lady Ferrensby desaprovava '*os modos selvagens de Cassie*.'

— Além disso, apesar de suas visões — continuou Lady Ferrensby, — Não adianta ninguém a culpar. Todo mundo sempre disse àquele homem idiota que seu telhado precisava ser consertado, todavia, nada fez a respeito. Se fosse um dos meus inquilinos, em vez de proprietário, lhe teria dado um belo contrato de locação.

Lembrando-se da mulher na ferraria, Cassie falou sem pensar. — Se o ferreiro não morreu pela queda do telhado, então eu não o matei.

As sobrancelhas de Lady Ferrensby se ergueram. — Está falando da suspeita de Meldreth? Oh, o doutor deve estar enganado. Não posso supor que alguém na aldeia se dispusesse deliberadamente a matar o sujeito, por mais bruto que fosse.

Cassie olhou para Lady Ferrensby. — Ainda assim, todos na aldeia pensam que sou a responsável..

Sua amiga resmungou. — Está sendo um tanto absurda, minha querida. Se uma ou duas pessoas forem tolas o suficiente para...

— Uma ou duas?

Lady Ferrensby estava cega? Ou simplesmente se recusando a ver? Cassie sabia que a aldeia era a preocupação especial de Lady Ferrensby. Seu filho raramente visto no local, o jovem Lorde Ferrensby havia declarado que a vida em sua casa de campo era tristemente simples. Cassie o achava extremamente egoísta por deixar o controle de seus negócios nas mãos de sua mãe. Mas sabia que Lady Ferrensby se importava profundamente com o bem-estar daqueles que moravam nas propriedades da família, fossem inquilinos ou não. Mais profundamente do que se importava com Cassie! Não, isso era injusto. Uma onda de arrependimento envolveu Cassie, fazendo-a estender a mão para segurar uma das mãos da senhora.

— Nunca me lembro de agradecer à senhora. Afinal, me deu um futuro.

Isto arrancou um suspiro de Lady Ferrensby. — Eu gostaria de ter feito isso, Cassie. Às vezes parece que tudo que lhe dei  foi um fardo grande demais para suportar.

A garganta de Cassie se apertou. — Não é sua culpa se estou amaldiçoada.

— Não. — Havia pesar no tom. — Mas tornei impossível protegê-la como deveria. Nunca pensei na época. Parecia a melhor solução, para manter nosso segredo.

— A senhora não poderia saber que eu poderia ver tanto. Sei que não acredita nisso. Infelizmente, outros sim.

A angústia apertou o coração de Cassie e as palavras saíram do fundo.

— Gostaria que estivesse certa em não acreditar em mim. Gostaria de não ver nada, de ter sonhos comuns, como uma pessoa normal.

Seus olhos estavam fechados, mas Cassie sentiu os braços que a envolveram e a abraçaram brevemente. Um conforto momentâneo.

— Seu encanto, minha filha, está em ser extraordinária.

Cassie teria refutado, se uma batida na porta da frente, não a distrai-se. Levantando-se, foi atender. O reverendo Kinnerton ficou do lado de fora.

— Está aqui! — Proferiu, um pouco sem fôlego. — Graças a Deus! Fiquei preocupado quando voltei para casa e descobri que havia partido.

Cassie não conseguiu falar por um momento. Sua vaga lembrança do resgate da noite anterior não a preparou para o aparecimento do vigário, em plena luz do dia.

Sua face era magra, projetando seu nariz, em uma nítida distinção. Cassie o julgou jovem, apesar das linhas gravadas, que apontavam um sofrimento recente. Uma imagem relampejante se formou em sua mente, desse mesmo rosto, sua magreza quase esquelética, sua palidez cinza e fria.

— Esteve doente.

Um par de sobrancelhas escuras se ergueu acima de olhos, tão azuis quanto o céu. Cassie não os tinha visto à luz das velas, mas agora sua cor limpa zombava da imagem que havia entrado em sua mente.

— Sim. — Disse, um pequeno sorriso pairando nos cantos de sua boca — Contudo já estou recuperado. E, no momento, muito preocupado com o

seu bem-estar. Como está nesta manhã, Sra. Dale? — Seus olhos passaram pela jovem, como se olhasse para dentro da sala. — Está bem protegida?

O coração de Cassie deu um pulo. *"Protegida?"*

— Sua criada a está acompanhando?

O reverendo parecia um pouco impaciente e Cassie se apressou em tranquilizá-lo.

—Tabitha está na cozinha. E Sam também está aqui.

— Sam?

— O marido de Tabby, Sam Hawes.

O alívio apareceu em seus olhos brilhantes. — Há um homem por perto? Essa é uma excelente notícia.

De dentro, a voz de Lady Ferrensby gritou. — Por que não convida o cavalheiro para entrar, Cassie?

Cassie sentiu o calor subir por suas bochechas. Havia se esquecido da presença de sua patroa. Hesitou, lembrando-se da reprimenda anterior que havia sofrido. Lady Ferrensby pretendia fazer cara feia ao pastor?

— Bem, não o deixe parado aí na porta.

Assim enfeitiçada, Cassie voltou para sua sala, por falta de um nome melhor, e o vigário a seguiu, fechando a porta atrás de si. Lady Ferrensby havia se levantado de uma das cadeiras de espaldar, próxima à mesa, que era a única acomodação para assentos que a escassa moradia de Cassie oferecia. A presença adicional do reverendo imediatamente diminuiu o lugar.

— Bom dia, Kinnerton, — disse Lady Ferrensby. — Ainda ministrando aos párias da aldeia, percebo.

O calor no rosto de Cassie se intensificou, e antes que pudesse protestar, o vigário respondeu. Seu tom era uniforme, mas Cassie pensou ter detectado uma vantagem nisso.

— Certamente, madame. Sem dúvida, a senhora está aqui na mesma missão.

Lady Ferrensby pareceu um pouco surpresa e Cassie notou, com alívio, um brilho divertido em seus olhos. — *Touché*, senhor! Embora eu suspeite que a necessidade de tanta cautela como a que o senhor teve na noite passada tenha sido exagerada.

— Como pode, senhora? — disse Cassie, angustiada. — O Sr. Kinnerton não...

— Permita-me tranquilizá-la, Lady Ferrensby — interrompeu o vigário, seu rosto magro tenso. Uma faísca em seus olhos. — A Sra. Dale dormia em um quarto adjacente ao de minha governanta, Sra. Winkleigh, e a porta entre elas permanecia aberta. Não coloquei os pés na câmara.

— Esperemos que os membros de nossa pequena comunidade sejam induzidos a acreditar nisso.

Cassie ofegou, contudo o vigário voltou com força. — Sua pequena comunidade, senhora, está concentrada no assunto muito mais sério, acusando a Sra. Dale de bruxaria. Duvido que se preocupe com uma questão insignificante de impropriedade potencial.

— Insignificante?

— Espero que a senhora não esteja sugerindo que a Sra. Dale foi comprometida. Como um clérigo...

— Um homem muito jovem e bem-apessoado, Sr. Kinnerton, e *solteiro*. No entanto, como o senhor apontou, acho que podemos escapar da

censura nesta ocasião. Atrevo-me a dizer que a aldeia tem distração suficiente por hoje.

Cassie sobressaltou-se a esse respeito.

— Como pode a senhora falar sobre isso com tanta indiferença? Duggleby está morto! E culpam a mim.

— Conversa fiada. — Veio energicamente de sua senhoria.

— Está muito otimista, senhora — disse Kinnerton, em um piscar de olhos. — Estive na taberna esta manhã e o clima está péssimo.

Lady Ferrensby riu. — Posso acreditar prontamente. Perderam um amigo e colega. Não tenho dúvidas de que vão voltar ao normal em um ou dois dias.

Desesperada, Cassie olhou para o vigário, porém o homem fechou os lábios e seus olhos se estreitaram.

— O que me faz lembrar de meu dever. — Prosseguiu sua senhoria. — Devo ver Bertha Duggleby e seus filhos. E, então, farei as rondas e darei meus pêsames. Se isso não servir, então o que quer que faça, no sentido de desviar suas mentes dessas superstições idiotas, Kinnerton, será de valor mais prático do que atos de cavalheirismo. indevido.

Para o espanto de Cassie, o pastor riu.

— É inútil dizer que agi puramente por instinto, ouso dizer.

— Como Cassie — disse Lady Ferrensby com um sorriso. — Não duvido disso.

O vigário baixou a cabeça.

— Pode ficar tranquila, senhora, que nenhuma caça às bruxas terá permissão para ocorrer livremente, enquanto eu for o vigário desta

paróquia. Todos conhecem minha opinião. Além do mais, pretendo encontrar e repreender os rapazes responsáveis pelo ataque a Sra. Dale.

— Excelente. Minha dependência é toda sobre o senhor. Tenham um bom dia. — Foi até a porta, virando-se olhou para Cassie. — Tente manter um mínimo de bom senso, Cassie. E não deixe o vigário ficar por muito tempo.

Com essa advertência, abriu a porta e saiu da cabana, deixando Cassie com um ressentimento ardente, que encontrou expressão instantânea.

— Lady Ferrensby não acredita em mim. Acha que está tudo na minha mente. E não percebe o quanto todos me odeiam! Não que eu os culpe.

— Bem, eu acredito — disse o vigário. E se moveu um pouco em sua direção. — Não posso, como Lady Ferrensby, descartar o que ouvi. Nem vou minimizar o perigo, em uma tentativa de poupá-la da dor. Precisa saber, para ter maior cuidado.

Estranhamente, Cassie, imediatamente, sentiu-se menos ameaçada. Estava muito acostumada a ser contrariada sobre as descobertas de seus sentidos por aqueles que tinham seus melhores interesses no coração. A aceitação era um sentimento novo.

— O senhor é um homem surpreendente, Sr. Kinnerton.

Seus lábios tremeram e a diversão invadiu seus olhos.

— Tal elogio de alguém com seus próprios dons, é igualmente surpreendente.

O mundo de Cassie clareou de repente e riu.

— Não vejo caráter nas pessoas. Apenas imagens.

— Então, nisso, tenho uma vantagem. Na minha profissão, é uma habilidade necessária. — O reverendo recuou. — Não devo ficar. Embora não tenha gostado de seus comentários, a reprimenda de Lady Ferrensby foi justa.

Foi até a porta e Cassie percebeu o início da decepção. E um ressurgimento de suas suspeitas anteriores. Obedeceu a um impulso de atrasá-lo.

— Sr. Kinnerton.

O reverendo virou-se respondendo .— Meu nome é Aidan.

Cassie percebera sem parar para pensar. — Como Lady Ferrensby lhe contratou?

A perplexidade apareceu em seus olhos. — Lady Ferrensby estava visitando as proximidades da propriedade da minha família. Um encontro fortuito.

Cassie não considerou suas palavras naquele momento. — O senhor é solteiro?

Cassie viu a carranca em seus olhos, porém sua necessidade era muito urgente para ser cautelosa. — Sim. O que isso lhe mostra?

Cassie balançou a cabeça impacientemente. — Não. Como devo ver tal coisa? Em que grau está sua família? Quem são?

Uma risada frágil escapou dele. — Por que o interrogatório, Sra. Dale?

A pergunta parou sua língua. Não podia contar-lhe a verdade. Também não sabia como prevaricar. Nunca fora adepta das regras sociais. Na verdade, as desprezava de tal forma, que ficara nessa condição lamentável, levando uma vida de mentiras e enganos. Procurou, em vão, uma saída, a mente em branco enquanto o olhava fixamente.

As feições do Sr. Kinnerton suavizaram e um sorriso apareceu.

— Parece uma criança pega em uma travessura.

O rubor assomou ao rosto de Cassie. Desviou o olhar.

— Não tenho graças. Não deveria ter questionado o senhor.

Aidan deu um passo apressado em sua direção, estendendo-lhe a mão.

— Não fique assim. Não foi realmente uma reprimenda, garanto. — Com isso, como se uma lasca afiada a cortasse do poço da culpa, seu olhar voltou para encontrar o dele.

— Então deveria ter sido. Não estou apta para nada menos.

Cassie observou, fascinada, uma série de mudanças rápidas em seus olhos azuis. Não conseguiu ler todos eles, porém o último a atingiu fortemente. Compaixão. Seu olhar não deixou o dela, quando o reverendo se aproximou e estendeu a mão. Naquele gesto estranho que se lembrava da noite anterior, Cassie automaticamente colocou a mão sob sua guarda. O aperto era forte.

— Não vou me dedicar a isso hoje, mas um dia conversaremos sobre esse assunto. Como um membro de seu rebanho?

Ainda não vacilou.

— Sim, se quiser. Ou como uma amiga. — Aidan se curvou, beijou levemente a mão dela e se virou novamente para a porta. Abriu-a e olhou para trás. — Não saia sem a sua criada como companhia. Eu imploro. E faça com que esse tal Hawes permaneça sempre a uma distância de saudação.

Então o reverendo se foi, e Cassie foi deixada a contemplar a porta fechada, todas as confusões da noite anterior voltando para assombrá-la.



# Capítulo 3

**Depois de dar** uma volta pelo gramado, os Fanshawes chegaram ao considerável estabelecimento à direita, que ficava, mais ou menos, em frente a uma taberna, onde, como Francis supôs, Ryde deve ter obtido suas informações.

O *Blue Pig* ficava afastado da estrada, com uma fachada de paralelepípedos e um caminho que passava por uma passagem em arco, na lateral, em direção aos fundos, presumivelmente para estábulos adjacentes. Francis escolheu o caminho de paralelepípedos, e um surrado sinal de pousada apareceu, na verdade retratando um bruto javali azul, que se parecia um pouco com o porco feioso.

Francis empurrou a pesada porta de entrada de madeira e Ottilia entrou na escuridão de um grande salão. Estava assustadoramente silencioso, e seu olhar percorreu portas mais robustas e postes de madeira, entre as paredes de ripas, enquanto Francis fechava a porta principal e entrava no espaço mofado.

— Ô, ó de casa! O quê? Ninguém está em casa?

Seu grito ecoou loucamente nas vigas de carvalho acima, e Ottilia teve a mais estranha presciência da desgraça iminente. Estremeceu um pouco.

— Com frio?

Tillie se virou e encontrou preocupação nos olhos de seu marido. Ottilia balançou a cabeça.

— Um pouco desconfortada, só isso.

O braço de Francis envolveu seus os ombros por um momento.

— Isso não lhe é típico, meu amor. — Tillie lhe ofereceu um sorriso fraco.

— Não é nada. Uma fantasia boba, nada mais.

— Não, eu acredito. Em relação a fantasmas, são pequenos príncipes sufocados ou um galão de vinho malvasia?

Sentindo-se um pouco mais leve, Ottilia riu obedientemente.

— Nada tão definitivo.

Francis a soltou, seu tom mais agudo.

— Pode ser perdoada. O lugar é como um necrotério.

Mais uma vez, uma pequena onda de inquietação perturbou os sentidos de Ottilia, e se lembrou das palavras de Cassie Dale. *Um homem morreu aqui ontem à noite.*

Francis foi até uma das portas e fez uma rápida tatuagem na madeira.

— Maldição, onde diabo está todo mundo?

Os ouvidos de Ottilia captaram o som de passos em algum lugar, nos recessos atrás das paredes. — Ouça!

No silêncio, o bater de pés ficou mais alto. Ottilia viu Francis se virar para uma porta nos fundos. Ela se abriu e uma figura matronal entrou apressada no corredor.

— Oh, sinto muito por tê-lo deixado esperando, senhor, — disse a mulher, parecendo sem fôlego, — estamos todos em apuros hoje.

Parou diante deles e fez uma reverência, olhando-os através da escuridão. Sua cabeça balançou na direção de Ottilia.

— Perdão, madame, tenho certeza. Como posso servi-los?

Ottilia se antecipou a Francis, quando o marido abriu a boca para responder. Seguindo em frente, Tillie estendeu a mão e sorriu para a mulher. — Temo que estejamos retidos. Nossa carruagem está quebrada e não temos como continuar nossa jornada. Irá ter pena de nós, Sra. Pakefield, não vai?

A mulher parecia surpresa ao pegar a mão estendida.

— Sim, é, senhora, mas me surpreende como souberam.

— Tivemos o prazer de conhecer a Srta. Beeleigh e a Sra. Radlett em nosso caminho para cá. Gentilmente, nos encaminharam para sua casa.

A Sra. Pakefield parecia satisfeita. — São boas almas, as duas. Porém dizem que caminharam desde a estrada do correio?

— Oh, não foi nenhuma grande dificuldade, Sra. Pakefield. Bem, eu gostaria muito de um copo de limonada. E então, talvez, uma xícara de café. — Interrompeu o assentimento murmurado da mulher com um gesto para Francis. — E meu marido, oh, este é meu marido, Lorde Francis Fanshawe. — Seus olhos se acostumaram com a escuridão, e foi capaz de notar, com satisfação, a elevação instantânea da cabeça da mulher. — Meu marido gostaria muito de uma caneca de cerveja para começar, embora esteja com muita fome.

— Sim, claro, senhora, — milady, devo dizer. — Farei com que Cook prepare uma refeição rápida.

— Um pouco de presunto, talvez. — disse Ottilia, incapaz de resistir a lançar um olhar malicioso para Francis. Seus lábios se curvaram, mas não disse nada.

A Sra. Pakefield, imediatamente, começou a recitar a variedade de iguarias à sua disposição, enquanto conduzia os visitantes pela porta na qual Francis havia batido anteriormente. A atmosfera imediatamente se iluminou e Ottilia olhou com aprovação ao redor de um amplo apartamento, cujas janelas davam para a fachada, apresentando uma excelente vista do verde e seus arredores. O sol entrou, lançando sombras treliçadas em uma grande mesa redonda. Havia outra mesa comprida, perto da parede oposta, além da lareira vazia, com um banco atrás.

— Que sala agradável — disse Ottilia efusivamente, cruzando o ambiente para olhar para fora.

Um rápido olhar percorreu a taberna em frente, ladeada, a uma pequena distância, por vários edifícios de cada lado, uma pequena estrutura redonda e cinzenta no meio do verde, uma cela? E uma fileira de casas na extremidade oposta, em cada lado da qual a rua, dividida, levava. Atrás deles, a uma pequena distância, erguia-se uma torre, que indicava a localização da igreja. Ottilia não poderia ter esperado coisa melhor.

— Isso é tão lindo, com a vista e o sol entrando.

Tillie se virou enquanto falava, para examinar a senhoria na melhor luz e ficou satisfeita ao notar o rubor de prazer subindo pelas bochechas da Sra. Pakefield.

— Muito obrigada, senhora. — Indo até a mesa, pegou uma grande campainha de latão colocada ali e tocou com violência, fazendo uma reverência para Francis.

— Vou chamar Pakefield para o senhor, para a cerveja.

— Isso será muito bem-vindo, — disse, colocando uma cadeira para Ottilia na mesa redonda.

Tillie não aproveitou imediatamente a oportunidade para se sentar, ao invés disso, fixou sua atenção na Sra. Pakefield. Havia uma expressão de ansiedade nos olhos da mulher, que Ottilia suspeitou não inteiramente devido à presença de seus convidados inesperados.

— A senhora parece um pouco consternada, Sra. Pakefield, — arriscou.

A senhoria visivelmente se recompôs. — Não, milady, é apenas... bem, eu estava pensando... Veja, nós não estamos em uma sala de estar. Contudo, se mudarem para aquela sala, posso garantir-lhes a privacidade. Não temos ninguém além da pequena nobreza local, no momento, que vem para tomar um café todos os dias. Pelo menos, as mulheres o fazem, e o Sr. Netherburn, se não for até o *Cock*. Não se importam em prescindir, uma vez ou outra. — Isso não agradou nem um pouco a Ottilia. Sorriu ao, finalmente, sentar-se.

— A senhora se refere a Sra. Radlett e Srta. Beeleigh? Eu nem sonharia em privá-las, Sra. Pakefield. Além disso, gosto de companhia, e o que devemos fazer no mundo sozinhos aqui, até que nossa carruagem possa ser consertada?

O alívio inundou as feições da mulher.

— É muito bom ouvir isso, milady. E hoje mais que todos os dias. Não consigo saber por que as mulheres não entrariam.

Ottilia chamou a atenção do marido brevemente quando Francis puxou uma cadeira para si e se sentou. Permitiu que suas pálpebras piscassem uma mensagem, e uma de suas sobrancelhas se ergueu.

— Sim, entendemos que este é um dia difícil para todos, — disse, agradavelmente.

Ottilia suspirou agradecida e lançou lhe um olhar, que pretendia transmitir que o recompensaria por essa indulgência em breve.

A Sra. Pakefield, imediatamente, começou a parecer perturbada novamente.

— Oh, ouviu, então? Eu não teria falado sobre isso, senhor, apenas... quero dizer, milorde...

— Eu lhe peço, não faça cerimônias, — Ottilia a interrompeu. — Tão entediante ter que lembrar sempre dessas coisas, não acha?

A senhoria parecia aliviada.

— Obrigada senhora. Embora eu deva ser capaz de me lembrar, pois há Lady Ferrensby como a grande dama por aqui, e Lorde Henbury como juiz de paz, mas está frágil atualmente e não vem à vila com tanta frequência. — Seus ombros estremeceram de repente.

— Apesar de que será chamado, se for verdade que Duggleby foi morto ilegalmente.

A Sra. Pakefield então engasgou, levando a mão à boca como se procurasse repetir as palavras. Antes que Ottilia pudesse aproveitar a deixa, a porta se abriu para admitir um indivíduo alto e bastante magro com um rosto comprido que impressionou Ottilia como apropriadamente lúgubre.

A senhoria se virou com óbvio alívio.

— Pakefield, aqui estão os visitantes, sua carruagem quebrou. Este aqui é meu marido, milady.

No ato de se aproximar, o proprietário parou e ficou de queixo caído.

— Minha dama?

— São Lorde Francis Fanshawe e sua boa senhora, Pakefield.

Os olhos do homem foram de um para o outro, porém sua mandíbula permaneceu frouxa. Ottilia lançou um olhar para o marido, que imediatamente se mostrou à altura da situação.

— Ah, Pakefield, em boa hora. Ficarei agradecido se puder fornecer à minha esposa um copo de limonada e uma caneca de sua melhor cerveja para mim.

O proprietário olhou mais uma vez para os visitantes e depois olhou fixamente para a esposa. Ottilia viu a mulher cravar o cotovelo nas costelas do sujeito e o marido estremecer.

— Vá embora, Pakefield — solicitou em um tom audível. — Cerveja para o cavalheiro e limonada para a senhora. Seja rápido agora.

A insistência da esposa pareceu afetar o proprietário, pois acenou várias vezes, ainda aparentemente confuso, e então se virou para a porta. A atitude da Sra. Pakefield tornou-se apologética.

— Meu marido anda agitado, milady, com todo esse burburinho na aldeia. Espero que me perdoem.

Ottilia aproveitou a oportunidade renovada.

— Certamente. Está falando sobre o ferreiro, ouso dizer. Suponho que haja suspeitas de que o pobre sujeito foi assassinado?

A palavra teve um efeito poderoso sobre a senhoria. Seu rosto ficou branco e balançou de forma alarmante. Ottilia levantou-se, porém Francis foi mais ágil, agarrando uma cadeira e empurrando-a para trás da mulher a tempo de se sentar rechonchuda em seu assento de palhinha.

— Lamento muito — disse Ottilia, inclinando-se sobre a mulher e segurando uma de suas mãos frouxas. — Eu a choquei, Sra. Pakefield.

A senhoria balançou a cabeça entorpecida. — Não pensei nisso até a senhora dizer. Jamais pensei em tal acontecimento em nossa aldeia. Assassinato!

— É uma palavra horrível. — Ottilia concordou gentilmente, esfregando a mão da mulher. Com o canto do olho, notou Francis saindo silenciosamente da sala para o corredor e interpretou sua saída como uma permissão tácita para prosseguir com suas investigações. Ou então seu marido depositava pouca fé na confiabilidade do proprietário para atender às suas necessidades sem avisar, o que parecia muito provável.

Soltou a mão da Sra. Pakefield e puxou sua cadeira para mais perto, com a intenção de criar uma atmosfera de intimidade.

— Venha, Sra. Pakefield, gostaria que se aliviasse. Pode falar livremente comigo, prometo.

O tom surtiu efeito. Um pouco de cor voltou ao rosto da mulher, e logo se endireitou na cadeira.

— Foi terrível, milady, com Duggleby enterrado nos destroços e todos os homens cavando para buscá-lo.

— Parece que há um espírito de vizinhança em sua aldeia, Sra. Pakefield.

A senhoria parecia duvidosa.

— O que mais alguém poderia fazer? A metade dos habitantes, ao menos, não tinha diferenças com Duggleby. Era um homem ranzinza e desobediente, e não me importa quem me ouça dizer isso. Contudo, faria meu juramento de que ninguém na aldeia era seu inimigo a ponto de dar-lhe com um martelo na cabeça.

— No entanto, parece que alguém fez isso.

— É o que diz Molly Tisbury. Não que eu acredite em tudo que Molly diz, porque, mais mentirosa, não encontraria.

A mente de Ottilia já estava em chamas. Havia inimizade suficiente para se investigar, ao que parecia. Porém não perderia tempo em comentários inúteis. A qualquer momento, a Sra. Pakefield pode se lembrar de seu lugar e se calar.

— Quem é Molly Tisbury?

A cabeça da mulher ergueu-se com isso, e havia malícia em seus olhos. — Toca aquela taberna ali, para onde levaram e trouxeram Duggleby, na noite passada. Não que haja necessidade dela se vangloriar disso, pois eu não teria colocado o bruto em nenhuma mesa na minha sala de café, isso posso jurar. E se Molly pensou em me deixar enciumada com tal ostentação, estará, agora, decepcionada.

Era evidente para Ottilia que existia uma rivalidade viva entre os dois bares, apesar de suas funções diferentes na área. Não era difícil encontrar um motivo, pois era óbvio que, embora o *Blue Pig* cuidasse da parte refinada da população, a maior parte, necessariamente, patrocinava o *Cock and Bottle*. Não era preciso muita imaginação para perceber como a inveja poderia surgir em ambos os seios. Ottilia fez uma anotação mental para mandar o marido, assim que pudesse, investigar o que pudesse na taberna mais comum. E para descobrir onde o corpo estava agora.

— Duggleby foi encontrado morto onde estava deitado, ou morreu mais tarde?

— Estava morto na forja — Suspirou a proprietária. — O estranho é que o lugar inteiro não foi reduzido a cinzas. — Respirou fundo. — O que por um lado foi bom, pois ouso dizer que não teria demorado muito para aqueles demônios jogarem a pobre Sra. Dale nas chamas, em vez de mandar os meninos apedrejá-la.

— Meu Deus, — disse Ottilia. — Não tinha ouvido falar do apedrejamento. Devo dizer que ao me ver a Sra. Dale não se parecia muito com uma bruxa.

A perplexidade envolveu as feições da Sra. Pakefield. — Viu-a, milady?

— Eu a conheci na ferraria, há pouco tempo.

— A Sra. Dale entrou lá, foi? — Balançando a cabeça, a senhoria resmungou. — Melhor seria se tivesse ficado longe.

Ottilia a trouxe de volta ao assunto, implacavelmente.

— Quão difundida é essa crença de que a pobre jovem é uma bruxa, Sra. Pakefield?

As características da senhoria se transformaram em um brilho. — Ignorância, é isso. Não que esperasse nada menos de uma mulher tão tola quanto se poderia esperar encontrar.

— Molly Tisbury? — Ottilia adivinhou.

—Sim, e se não é aparente o quão adequada é para sua posição, não sei o que pode revelar. Molly é a líder.

— De fato? E quantos a Sra. Tisbury está liderando? — Perguntou Ottilia, infalivelmente persistente.

— Todos eles, pelo que posso ver — retrucou a senhoria. — O que a moça pode fazer se possui o dom da visão? E pensar que aquela Molly se atreveu a me dar ordens em minha própria casa, dizendo que deveria afastar a pobre jovem de minha porta e me recusar a servi-la. Como se fosse fazer tal coisa!

Ottilia jogou com a sorte. — Que sorte não estar entre aqueles que optaram por persegui-la. A Sra. Dale deve estar feliz com a sua simpatia.

A Sra. Pakefield pareceu um pouco desconfortável com isso.

— Bem, a Sra. Dale não tem o hábito de vir com frequência. Não é o que chamaria de um deles, que buscam a sociedade; a Sra. Dale não. É um pouco solitária.

— Isso dificilmente surpreende, já que é evitada por metade da aldeia — disse Ottilia asperamente, antes que pudesse se conter.

A senhoria enrubesceu e seu tom ficou mais afiado. — Eu disse que não sou um deles, senhora.

— Meu Deus, claro que não — Ottilia disse imediatamente, em tom conciliador, tentando recuperar o deslize. — Estava pensando em pessoas como Molly Tisbury e sua laia. — O brilho voltou ao rosto da senhoria.

— Sim, bem, Molly pode mudar de tom em breve. Parece que o Todo-Poderoso produziu um novo campeão, o reverendo Kinnerton, que, segundo todos os relatos, não está muito satisfeito. Espero que solte os trovões sobre eles, do púlpito, no domingo.

Isso era intrigante, para dizer o mínimo, porém Ottilia o deixou em paz por enquanto. Estava ansiosa para saber mais sobre Cassie Dale.

— E o marido da Sra. Dale?

— Morto. Pelo menos, veio viúva para cá. É trágico, pois não pode ter muito mais do que dezoito anos. Embora não demonstre em suas maneiras, fala como se uma velha cabeça estivesse em seus ombros. E é espinhosa, se é que me entende.

Com o que Ottilia não pôde deixar de concordar, porém se absteve de dizê-lo.

— Se a Sra. Dale é considerada de uma maneira tão hostil, isso é natural, não acha?

A Sra. Pakefield franziu a testa. — Sim, mas não é isso, senhora. Não é possível passar um tempo com a Sra. Dale como a maioria das pessoas. A jovem tende a sair, aleatoriamente, no meio da conversa, como se seus pensamentos estivessem fora de sintonia com sua fala.

O que não foi uma grande surpresa. Não é de admirar que os aldeões a tenham considerado como ‘esquisita’. Estranhezas de conduta combinadas com segunda visão? Uma receita para o desastre. Ottilia sentia um desejo intenso de ver mais Cassie Dale.

— Onde a Sra. Dale mora?

A Sra. Pakefield suspirou. — Na última das cabanas, perto do rio.

— Quer dizer, aquelas pelas quais passamos, ao entrarmos na aldeia?

— É isso mesmo, madame.

Satisfeita, Ottilia buscou outro ponto de informação. Levantando-se, foi até a janela. — Aquela construção é um bloco no meio do gramado, Sra. Pakefield?

A Sra. Pakefield estremeceu. — É um lugar velho e desagradável. Não é muito usado, graças a Deus. Em minha opinião, deveria ser demolido. É como um poço depois da chuva, úmido e fedorento, para não falar dos ratos.

— Embora sua aldeia seja muito bonita, Sra. Pakefield — acalmou Ottilia. — E a senhora parece ter tudo que precisa. Aquela é uma loja? — Disse, apontando para o prédio mais próximo do *Cock and Bottle*

— Sim, do Sr. Uddington.

— Podem-se obter itens como sabonete e pó dental lá? — Tillie viu um olhar esperançoso nos olhos da senhoria e apressou-se em construí-lo. — Não há como dizer quanto tempo levará o nosso cocheiro para encontrar alguém que conserte nossa carruagem, além de que não pode deixar a carruagem sem vigilância para trazer nossa bagagem para cá.

A Sra. Pakefield esfregava as mãos. — Não se preocupe, milady. Se precisar de qualquer coisa, só precisa pedir. E encontrará todas essas necessidades na Uddington's. O homem é estranho, é um Uddington. Mantém-se sozinho, por assim dizer. Está envelhecendo agora, mas é um bom tipo de homem em seu caminho e faz o melhor que pode.

Confiando piamente que Francis não levantaria objeções sérias a pernoitar, Ottilia agradeceu à mulher, fazendo uma anotação mental para fazer uma visita à loja da aldeia antes do fim do dia. Embora, sem dúvida, pudesse confiar nos servos da Sra. Pakefield para limpar a sujeira grudada nas bainhas de suas anáguas e para limpar as botas de seu marido.

A porta se abriu e o próprio Francis entrou, trazendo uma bandeja sobre a qual repousava uma caneca, uma jarra e um grande copo. A Sra. Pakefield, lembrada de seus deveres, exclamou, movendo-se rapidamente para aliviá-lo de seu fardo.

— Me desculpe, milorde. Deveria ter deixado Pakefield trazê-lo.

Ottilia viu o sorriso treinado de seu marido aparecer. — Temo que seu esposo ainda esteja um pouco abalado por estes tristes acontecimentos.

A proprietária pousou a bandeja e ergueu o jarro. — Isso perturbou toda a aldeia, milorde. — E para Ottilia: — Me desculpe, milady. Eu deveria ter atendido suas necessidades, em vez de ficar aqui falando da vida alheia.

— Não posso acusá-la disso, senhora Pakefield, — disse Ottilia gentilmente. — No seu lugar, eu ficaria muito desconcertada.

A mulher fez uma reverência. — É muita gentileza de sua parte dizer isso, milady. Mas é melhor eu ir e procurar algo para satisfazer a fome de sua senhoria. Estou prestes a deixá-lo esperando, milorde. Não vai demorar muito.

Com isso, a Sra. Pakefield correu para a porta e desapareceu. Ottilia tomou um gole de sua limonada e percebeu que estava com muita sede. Por vários momentos, toda a sua atenção se concentrou em engolir o conteúdo do copo. Quando emergiu, encontrou os olhos divertidos de Francis sobre si e sorriu.

— Não há necessidade de me olhar assim. Atrevo-me a dizer que fez quase o mesmo com sua primeira caneca.

Ele sorriu. — Danada. Como adivinhou que esta é a segunda?

— Ficou longe por muito tempo. — Estendeu a mão e os dedos dele se enrolaram em torno dos seus.

— Não que eu me oponha, pois o tempo foi bem empregado, bombeando informações da Sra. Pakefield. Como se saiu com o marido?

Francis levou a mão dela aos lábios e beijou-a antes de soltá-la.

— Não tão bem, eu suspeito. O sujeito parece ter sido jogado para o lado. Além de ter uma disposição para encarar tudo o que diz, da forma mais pessimista.

Tillie riu. — Percebi muito do aspecto dele. O que lhe disse sobre esse negócio?

Enquanto tomava um gole de seu segundo copo, ouviu o relato nítido de Francis sobre o acidente, se é que foi. Ninguém duvidou tanto, para começar, o proprietário lhe disse que até que o médico expressou sua insatisfação.

— No entanto, o médico foi apenas ouvido ontem à noite, contando ao vigário suas suspeitas, sabe como as novidades se espalham na aldeia. Pode ser uma completa distorção de detalhes.

Ottilia o encarou. — Está dizendo isso apenas para me desencorajar?

Francis ergueu as sobrancelhas para a esposa. — Depois da minha façanha na ferraria? Estou resignado a permitir-lhe mais algumas horas.

Aliviada, Tillie riu.

— Vou precisar dessas horas, acredito. Mas isso é excelente, pois vou lhe designar uma tarefa.

Francis gemeu.

— Não me diga. Me recuso totalmente a ir em qualquer perseguição selvagem com o estômago vazio.

— Como se eu fosse lhe pedir isso.

— De fato? Nossa experiência no modo de caçar um assassino me leva a esperar o pior.

Ottilia refugiou-se em sua limonada. Seu tom era provocador, contudo tinha consciência de que já havia planejado se impor sem piedade. Não era o momento de revelar ao marido que acreditava serem obrigados a passar a noite ali. Com a esperança de distraí-lo, se agarrou a um item de sua narrativa que a incomodava a fundo.

— O Sr. Pakefield disse mais alguma coisa sobre o vigário?

Francis franziu a testa. — Não. Por quê?

— Porque suspeito que o vigário pode ser pertinente. A Sra. Pakefield falou dele como um campeão, enviado pelo Todo-Poderoso.

— Um campeão de quem?

— A bruxa.

A luz despontou em suas feições. — Ah, isso explica tudo. Achei que o sujeito murmurou algo nesse sentido.

— O quê?

— A bruxa se refugiou no vicariato, como ouvimos, mas só saiu de manhã, embora sua criada tenha saído antes. A aldeia, de acordo com Pakefield, sente que este é o diabo agindo novamente, tentando um homem de Deus para o mal.



COM SUA FOME satisfeita, com o consumo de várias fatias grandes de uma excelente torta de pombo, além do presunto prometido, a visão preconceituosa que Francis tinha dos acontecimentos revelou-se evanescente e foi plenamente capaz de avaliar a necessidade expressa para sua diversão, com uma quantidade excessiva de charme de sua querida

esposa, para avaliar o temperamento da população local. Tampouco, como Tillie não podia frequentar, com decoro, o bar da taberna local, ele precisou de muita persuasão para concordar em fazer sua parte. Quanto mais rápido os fatos fossem descobertos, mais cedo Francis a tiraria do lugar.

Sua engenhosidade não havia sido testada em nenhum grau. Ignorou de maneira notável os olhares curiosos que devem ser dados a qualquer estranho em um lugar tão fora do caminho, simplesmente pedindo uma caneca e aproveitando a oportunidade para conversar com o taberneiro.

— Tem tido muita agitação por aqui, suponho.

— Sim, temos tido, senhor — O homem respondeu, e então franziu a testa um pouco. — Mas como ficou sabendo que isso agitou aqui.

— Estou hospedado com minha esposa no *Blue Pig* — Francis o informou agradavelmente. — Minha carruagem quebrou.

Esta notícia pareceu interessar indevidamente ao taberneiro. — Quebrou uma roda, senhor?

— O eixo?

— Ah. É uma pena que o pobre Sr. Duggleby tenha morrido. Ele consertaria sua carruagem num instante.

Um suspiro pesado acompanhou esse pronunciamento. Reconhecendo sua deixa, Francis lembrou-se de sua esposa e cumpriu seu dever.

— O ferreiro, quer dizer? Ouvi dizer que o telhado caiu sobre o homem.

— Sim, foi o que aconteceu, senhor. E foi um trabalho dos diabos desenterrá-lo dos escombros.

— Eu imagino que sim — Francis concordou. — Pelo que vi na ferraria, deve ter custado muito trabalho e muitas mãos.

O taberneiro piscou.

— O senhor viu o local, então?

— Sim. A caminho daqui. Parece ter havido uma espécie de incêndio também.

— Sim, em chamas quando o trouxemos para fora, só que a tempestade acabou logo com o fogo.

Francis manteve seu tom cuidadosamente casual.

— Atrevo-me a dizer que era inevitável, com o fogo na forja.

Um olhar intrigado apareceu nas feições do taberneiro, e se inclinou, confidencialmente, sobre o balcão.

— Isso é intrigante, senhor. O fogo parou onde Duggleby estava deitado, mas não havia nenhum caminho de chamas para a forja, que já estava apagada, o fole estava parado. Patrão Tisbury diz que as chamas devem ter saltado pelo telhado antes de cair.

Ou talvez, como Tillie supôs, alguém tivesse pegado um pedaço de isca em chamas e, deliberadamente, incendiado a área ao redor do corpo. Esse pensamento lembrou Francis de sua segunda tarefa.

— Pakefield disse que seu Patrão Tisbury mandou trazer o ferreiro aqui ontem à noite.

— Neste mesmo bar, sim. O Patrão achava que não era certo deixar Duggleby deitado na ferraria, com o telhado caído e tudo.

— Isso foi bem pensado. Embora eu confesse estar aliviado pelo corpo ter sido removido.

Isso produziu uma risadinha e o taberneiro chegou a piscar.

— O velho Pa Wagstaff, disse que não iria tomar de sua bebida junto com o defunto, visto que ainda não tinha em mente se juntar a Duggleby no outro mundo.

— Dificilmente se pode culpá-lo — Francis disse com um sorriso, observando o aceno de cabeça na direção de um ancião, sentado em um banco, perto da lareira. Parecia ser um acessório, e seu olhar envelhecido, ainda aguçado, mais de uma vez, cintilou na direção de Francis.

— Sim, mas nada tem a ver com o velho Pa, ao fazer o patrão colocar o corpo nos fundos da casa.

— Esta casa?

O taberneiro assentiu.

— O médico disse para levarem o corpo para outro quarto. Porque ele iria analisar Duggleby à luz do dia.

Francis percebeu o sopro de mexerico na voz do sujeito e fez uma expressão inquisitiva. O taberneiro lançou um olhar para os clientes que assistiam, inclinou-se sobre o balcão e baixou a voz.

— Ouvi o doutor dizer que não ficou satisfeito com a forma como Duggleby morreu.

— Ouviu? — Repetiu Francis, feliz por ter descoberto tão prontamente a origem do boato.

O taberneiro acenou com a cabeça, os olhos acesos.

— O ouvi dizer que houve uma pancada, como de um martelo, na cabeça de Duggleby, antes que o telhado caísse. Está falando com o novo reverendo.

A porta do corredor se abriu e Francis olhou em volta, quando o taberneiro ergueu os olhos.

— Aqui está o reverendo agora, senhor.

O sujeito começou a se afastar, porém Francis levantou a mão.

— Um momento. O médico esteve aqui hoje para olhar o corpo?

Se o taberneiro ficou surpreso com a pergunta, não demonstrou, apenas acenou com a cabeça, sua atenção voltada para o recém-chegado, que vinha em direção ao balcão.

— Veio mais cedo, e disse ao patrão para deixar Duggleby onde está. O médico foi buscar Lorde Henbury como juiz de paz, e Pilton, que é o policial por aqui.

Com isso, o sujeito mudou-se para onde o pároco agora estava, e Francis mudou de posição, olhando para o homem, enquanto procurava um meio de apresentar Tillie na sala onde o cadáver jazia.

O vigário era um cavalheiro de traços esguios, com uma expressão séria e um par de olhos surpreendentemente azuis. O traje preto e o colarinho clerical proclamavam sua vocação, e ele falou, com uma segurança silenciosa, que, imediatamente, atraiu o interesse de Francis.

— Will? Tisbury está aqui?

— Nos fundos, reverendo. Devo buscá-lo?

— Por favor.

O taberneiro desapareceu por uma porta atrás do balcão, e o vigário recuou, olhando ao redor da taberna. Encontrou os olhos de Francis por um instante, mas não fez qualquer comentário, em vez disso, focou seu olhar em um assento ao lado da lareira.

— O que o senhor fez com aquela bruxa, reverendo? Está na hora de arrumar os feixes, não? — Uma gargalhada estridente acompanhou o desafio, e Francis se virou, e viu que o comentário vinha do velho compatriota estigmatizado como Pa Wagstaff. Um cachimbo de argila fumegante estava em seus dedos, e ele usava um avental gorduroso e um chapéu velho.

O vigário acenou com a cabeça em sua direção.

— Agradeço não zombar de tal assunto, Sr. Wagstaff.

O ancião dava risadinhas ainda mais e balançava o cachimbo.

— E eu agradeceria se o senhor se importar em atacar a idiota da minha filha, reverendo.

Antes que o pároco tivesse chance de responder, o taberneiro voltou, com um indivíduo corpulento, cujo semblante, nada atraente, assumiu uma expressão de descontentamento, no instante em que seus olhos pousaram no vigário.

— Oh, é o senhor, reverendo. O que quer desta vez?

Uma ligeira irritação entrou na voz do vigário.

— Ficarei muito grato, Tisbury, se me fornecer os nomes dos rapazes da aldeia.

O proprietário fez uma careta.

— O quê, todos eles?

—Todos os que podem responder pela acusação de apedrejar a Sra. Dale.

Tisbury parecia recalcitrante.

— Como vou saber qual deles fez isso?

Francis observou os olhos azuis fixos no rosto do proprietário.

— No entanto, estou certo de que sabe.

Sem resposta, o vigário olhou novamente ao redor da taberna. Francis viu uma mudança rápida entre os homens reunidos, todos, exceto o idoso Wagstaff, recusando-se a olhar nos olhos do vigário.

— Eles não vão lhe dizer nada, reverendo — disse Wagstaff, que parecia achar que cada uma de suas próprias declarações era importante para se divertir. — O que vai fazer, tirar o pó das jaquetas deles?

O pároco o ignorou, voltando-se para o proprietário.

—Tem filhos rapazes também, Tisbury?

— O meu cresceu — respondeu o homem, seu tom mal-humorado.

— E são bons cidadãos?

— Apenas um, e está aprendendo uma profissão.

— Excelente. Agora, que rapazes eu procuro nesta ocasião?

Tisbury franziu o cenho ainda mais. — Se não quer os líderes, é melhor tentar os meninos de Staxton. São pequenos idiotas sem lei.

— Agradeço.

No momento que o vigário se virou para ir embora, a porta se abriu novamente e um sujeito corpulento entrou, vestido com roupas simples.

— Aqui está o próprio Staxton — declarou o proprietário.

O homem que havia entrado parou abruptamente, seu olhar indo do senhorio atrás do balcão para o vigário, que estava de frente para o proprietário. Francis ouviu uma inspiração coletiva e olhou mais de perto para Staxton, percebendo a face avermelhada e um olhar de desafio feroz em um par de olhos injetados de sangue. Ocorreu-lhe que a aldeia era

repleta de homens mal-humorados. Ou fora devido aos últimos acontecimentos?

— Fazendeiro Staxton?

O homem se manteve firme, seu olhar carrancudo fixo no vigário.

— Reverendo? — O pároco, inesperadamente, estendeu a mão.

— Não nos conhecemos. Sou Kinnerton.

O fazendeiro olhou para a mão, enxugou a sua na calça e num gesto que Francis julgou ser habitual e inconsciente, apertou-a.

— Vi o senhor ontem à noite, reverendo — disse Staxton, sua voz, um rosnado baixo. Kinnerton sorriu.

— De fato? Lamento não ter conseguido ver todos os rostos.

Uma leve contração dos lábios do homem pode ser interpretada como uma tentativa de sorriso.

— É preciso ter uma boa memória organizada.

— Verdade. — O vigário deu um passo para trás. — Staxton, preciso de sua ajuda.

— Sim?

—Conhece algum dos rapazes que atiraram pedras na Sra. Dale, na noite passada?

Houve uma pausa perceptível. Francis viu os olhos do homem piscarem. Decidindo se deve mentir? Então assentiu brevemente.

— Sim.

— Fornecerá seus nomes, por favor?

Desta vez, o queixo do homem se ergueu, porém não hesitou. — Bart, Josh e Abe. Os outros dois foram apenas seguidores.

Francis observou o rosto de Kinnerton, com intensa concentração. Nem um músculo mudou, e os olhos azuis permaneceram fixos nos de Staxton.

— Agradeço. Onde posso encontrá-los?

—Vamos para a fazenda. São os meus filhos.

— Entendo.

Por um momento, nenhum dos dois falou, e Francis percebeu que estava prendendo a respiração. Então Kinnerton falou primeiro.

— Devo presumir que tolera o comportamento de seus filhos, Staxton? — Agora os olhos do fazendeiro se estreitaram.

— E se eu o fizer?

— Vai me dizer por quê? — perguntou o vigário inesperadamente.

O queixo do sujeito caiu. — Por quê?

— Por que um homem sensato toleraria tal conduta? — Francis ouviu o tom da voz do pároco e percebeu que o homem estava realmente muito zangado. Duvidava se ele próprio permaneceria igualmente frio, na posição de Kinnerton.

Staxton parecia perplexo. Sua mandíbula se contraiu e piscou várias vezes, em rápida sucessão. Então jogou a cabeça para cima e estufou o peito, o rosnado pronunciado.

— Está me dizendo como devo criar minha própria carne e sangue, Reverendo?

— Eu poderia muito bem fazer isso — disse Kinnerton, seu tom rígido, — já que isso faz parte do meu ministério. Mas, no momento, estou apenas

fazendo uma pergunta. Por que  tolera seus filhos atirando pedras em uma mulher indefesa?

O fazendeiro soltou um rugido, como um animal encurralado. Sua voz se elevou.

— Uma bruxa, não foi? As pedras são boas demais para gente como ela. Não foi suficiente ter matado Duggleby? Quem será o próximo? Se tem um pouco de bom senso, reverendo, não terá nada a ver com a bruxa, ou vai acabar como Duggleby.

— Isso é uma ameaça?

O silêncio mortal da pergunta em nada diminuiu a força de seu impacto. A taberna inteira ficou imóvel, todos os olhos voltados para o Fazendeiro Staxton. Francis ficou momentaneamente pasmo com a figura franzina, que permaneceu firme, diante do ataque violento da ira do fazendeiro.

Demorou vários segundos, mas o vigário venceu. Staxton deu um passo atrás, baixando o olhar.

— Não tome nenhuma ameaça — murmurou.

— Não quis dizer nada disso.

— Muito bem. — Foi a resposta silenciosa. — Traga seus meninos para me ver na igreja, por favor. Às três horas.

Staxton ergueu os olhos uma vez e depois voltou a baixar. — Sim, Reverendo.

— Não falhe.

O fazendeiro resmungou algo, que poderia ter sido consentimento. Sem outra palavra, o vigário passou por ele e saiu silenciosamente da taberna.

Uma ideia surgiu na cabeça de Francis. Se esse Kinnerton pudesse ser útil para Tillie, era então um sujeito eminentemente digno de ser cultivado.



# Capítulo 4

**Uma amizade menos** provável, Ottilia, dificilmente, poderia ter imaginado. As duas mulheres eram tão diferentes em estilos e maneiras que era difícil imaginar quais qualidade uma encontrava na outra para admirar.

Não ficou muito surpresa, embora na verdade gratificada, ao descobrir que seu convite casual fora aceito com mais rapidez do que a etiqueta aconselhava. Suspeitou que fosse a Sra. Radlett quem havia instigado a visita. Francis acabara de ser despachado em sua missão quando as duas senhoras chegaram à sala de café.

Ottilia notou a diferença no primeiro encontro, mas se manteve atenta. Os modos rudes da Srta. Beeleigh contrastavam totalmente com a gentil Sra. Radlett. Ambas pareciam estar no lado sombrio, de cinquenta e cinco anos, embora a solteirona tivesse uma aparência de força robusta, enfatizada pela severidade de seus cabelos grisalhos, puxados fortemente para trás e estritamente confinados. Totalmente em contraste, uma quantidade de improváveis cachos dourados crescia, sob o chapéu frívolo da Sra. Radlett, que emoldurava um rosto generosamente decorado com

tinta e pó, que não escondia completamente uma coleção de rugas traidoras e uma aparência pastosa por trás do *ruge*.

A senhorita Beeleigh, evidentemente, não empregou nenhuma ajuda, para realçar a beleza e usava seus anos com orgulho. Ou era um desafio? Das duas, Ottilia a achava a mais bonita, com olhos intensamente escuros e traços fortes, que sugeriam ancestralidade estrangeira.

A viúva Radlett não perdeu tempo em garantir que tinha medido a identidade de sua anfitriã com precisão.

— Perdoe-me, Lady Francis, mas seu marido não é parente do Marquês de Polbrook?

A expectativa silenciosa da pergunta não foi perdida por Ottilia, e enfrentou a ameaça de frente. — De fato sim. Seu irmão.

Um suspiro de primorosa satisfação da viúva fez com que a amiga lhe lançasse um olhar de vexame, mas Ottilia agitou a mão e suspirou por conta própria.

— Por favor, não se preocupem em esconder seu conhecimento desse terrível negócio, no ano passado. Atrevo-me a dizer que ainda se fala em toda parte.

O aceno da mulher de Radlett foi muito ansioso. — Oh sim, mesmo aqui.

— Evelina!

O forte protesto de sua companheira fez com que a viúva levasse a mão à boca. — Oh, querida, mas eu só quis dizer...

Ottilia sorriu com afabilidade exagerada. — Não pense nada sobre isso, Sra. Radlett. Afinal, fui eu quem mencionei o fato. É tão difícil, não é,

ser obrigada a ficar calada, quando se está morrendo de vontade de saber? Confesso que a curiosidade é o meu pecado frequente.

— Bem, mas não se pode deixar de pensar nisso, principalmente no momento. — Confidenciou a Sra. Radlett,

— Quer dizer por causa do ferreiro ter sido assassinado? — disse Ottilia, pegando o touro pelos chifres.

Um bufo veio da Srta. Beeleigh enquanto puxava uma cadeira, com vigor desnecessário.

— Mexericos da aldeia. Não vou acreditar, até ouvir do próprio Meldreth.

A Sra. Radlett gesticulou para que a amiga sentasse e se jogou na cadeira, esticando as pernas compridas e cruzando-as nos tornozelos.

— Mas foi Meldreth quem disse isso — protestou a outra, enquanto se acomodava na cadeira fornecida para seu uso, não sem se mexer muito para arrumar as anáguas de maneira adequada.

— Somente por relatório — retrucou a Srta. Beeleigh. — Ninguém, exceto um doido, poderia esperar que Duggleby saísse vivo, especialmente depois que viu quantos destroços caíram.

A Sra. Radlett acenou com a cabeça para Ottilia, arrumando as fitas do chapéu.

— Uma coisa chocante, Lady Francis. Bem, eu acho que metade do telhado caiu.

Ottilia escondeu que as achava divertidas. — De fato sim.

— O lugar está uma bagunça, — disse a Srta. Beeleigh. Terá que ser derrubado por completo, sem dúvida.

— Certamente, foi todo danificado pelo fogo — Ottilia concordou. E arriscou um comentário. — Suponho que não seja impossível que o telhado não tenha caído por acidente.

A viúva piscou os olhos um pouco inchados, a pele levemente azulada abaixo deles. — Não viu a tempestade? Foi furiosa, sabe.

— Mesmo assim, alguém pode ter ajudado, talvez.

Ottilia foi submetida a um feixe de luz dos olhos extraordinários da Srta. Beeleigh.

— Está sugerindo que alguém mexeu no telhado antes?

Os olhos da Sra. Radlett se arregalaram, dissipando um pouco o olhar estranhamente pesado sobre eles.

— Oh não, certamente não. Quem poderia ser tão perverso?

Ottilia sorriu. — Bem, os assassinos não são conhecidos pela bondade, sabe, Sra. Radlett.

— Mesmo assim parece tão horrível.

— Sim. — concordou Ottilia gentilmente. — Particularmente para aqueles que ficam, de luto.

Os olhos da viúva umedeceram-se de lágrimas. — Pobre Bertha Duggleby. Fomos vê-la e as crianças. Atrevo-me a dizer que não havia nada a ser feito, exceto confortá-los.

— Exatamente. — concordou Ottilia. — Será que a pobre mulher conseguirá sobreviver?

— Eu acredito que sim, pobre gente. E o caro Sr. Uddington, — nosso lojista, deve saber, já está fazendo uma coleta.

A Srta. Beeleigh bufou novamente. — Coleta! Se Duggleby não tiver uma fortuna escondida, pode me chamar de idiota.

— Não sabemos disso, Alethea.

— O quê? Quando possuía o negócio de toda a área, por quilômetros ao redor, durante anos?

— Não há outro ferreiro nas proximidades? — Ottilia perguntou, sua mente voando para Williams, que poderia ter que caçar mais longe para consertar a carruagem.

— O mais próximo fica em Nuneaton — respondeu a Srta. Beeleigh.

— Um sujeito começou em Atherstone, um ou dois anos atrás, mas Duggleby, o bruto egoísta, garantiu que não prosperasse.

A Sra. Radlett fez um gesto de desagrado com os lábios.

— Isso é muito ruim da sua parte, Alethea, quando acabou de protestar comigo. Não pode dizer, com certeza, que Duggleby interferiu com o sujeito, em Atherstone.

— Não preciso de certos conhecimentos — afirmou a Srta. Beeleigh, com uma confiança suprema, que Ottilia não podia deixar de admirar. — Eu sei o tipo de homem que Duggleby era. Além disso, estou surpresa de lhe ouvir o defendendo depois de tudo o que passou.

Ottilia aproveitou a deixa. — Não parece que o homem fosse muito querido, pelo que percebo.

Tillie recebeu um olhar penetrante de olhos amendoados. — Hannah Pakefield? É pouco provável que fale bem sobre o homem. Duggleby era muito ligado aos Tisbury e a Hannah não suporta a Molly Tisbury

— Sim, prefiro ter essa impressão.

— Pobre Hannah. — Lamentou a Sra. Radlett, suspirando profundamente. — É difícil para Hannah ver os Tisburys prosperarem. Fazemos o nosso melhor, sabe, vindo tomar café quase todos os dias. Se Witherley estivesse mais perto da estrada do correio, atrevo-me a dizer que o *Blue Pig* logo se tornaria uma casa lucrativa.

A Srta. Beeleigh acenou com a cabeça para Ottilia.

— Disse que Hannah ficaria feliz em vê-la, Sra. Francis. Está planejando passar a noite?

— Várias, devido aos contratempos. — Porém Ottilia não disse muito. — Receio que não tenhamos escolha.

As sobrancelhas da Srta. Beeleigh baixaram.

— Um eixo de carruagem é sério. Precisarão de um ferreiro, altamente competente, para fazer um trabalho decente. Que bom que não precisam contar com Duggleby. Teria consertado tão mal, que se veriam presos novamente, em dez milhas. Se seguir meu conselho, enviará para os fabricantes de carruagens em Coventry. Vai demorar mais, mas pelo menos, terá uma chance de chegar ao fim da jornada.

Totalmente surpresa e nem um pouco consternada, Ottilia piscou para a mulher.

— É melhor ter uma palavra com meu marido, Srta. Beeleigh. Começa a parecer que poderemos permanecer aqui ainda alguns dias.

A outra assentiu, como se isso fosse uma coisa natural.

— Onde está a sua carruagem? Eu poderia dar uma olhada nela?

Ottilia estava meio consciente em mostrar seu espanto, porém não estava preparada para a compreensão rápida da outra.

— Está surpresa. Só porque sou uma mulher, senhora, não significa que não possa entender essas coisas. Eu não confiava em mim mesma para efetuar um reparo em uma armação de machado, no entanto, já redefini uma roda para um carro antes.

A Sra. Radlett assentia vigorosamente.

— É verdade. Alethea é excessivamente hábil com todos os tipos de coisas dessa natureza. E é fato que Duggleby foi descuidado. O homem odiava fazer qualquer coisa para nós, porque achava que Alethea era muito exigente.

— Certamente não toleraria seu jeito descuidado de trabalhar. Preguiçoso, esse era Duggleby. Faria apenas o suficiente para finalizar o trabalho. Logo aprendi que eu deveria ditar o tom quando pagava o flautista.

Ottilia não tinha dúvidas.

— Os outros também não reclamaram se seu acabamento era de qualidade inferior?

— A maioria não ousaria, por medo de ter que caminhar quilômetros, para atender às suas necessidades. Além disso, Duggleby sabia de que lado seu pão era amanteigado. Não serviria gente como Lady Ferrensby, nem Tisbury — embora seja outro malandro.

O rosto da Sra. Radlett ficou vermelho.

— Agora, Alethea, prometeu nunca mais fazer menção a esse maldito vinho aguado.

— Eu não fiz. A senhora o fez.

— Bem, porque disse que Tisbury era um trapaceiro e não tem outro motivo para dizer isso. Em qualquer caso, não tinha gosto aguado para

mim.

— Isso é porque não tem paladar algum. Se tivesse comprado aqui, como eu disse, não teria acontecido.

— E não teria nenhum chamado para estigmatizar o pobre Tisbury como um patife. Não que não seja, pois eu ouvi a Tabitha da Sra. Dale dizer que Tisbury tentou enganar Sam Hawes uma vez, e Sam ameaçou mandar chamar Pilton.

— Era mais como se fosse aquele taberneiro idiota que não consegue contar corretamente nem sendo ameaçado de forca por isso.

Apesar de toda a sua agudeza, o cérebro de Ottilia estava girando.

— Perdoe-me, mas estou um pouco perdida. Tive a sorte de conhecer a Sra. Dale e Tabitha, não?

— A criada dela, isso mesmo. E Sam é o marido de Tabitha — Informou a Sra. Radlett. — Pilton é nosso policial, para todo o uso que se presta — disse a Srta. Beeleigh.

— Isso é injusto, Alethea. Na minha opinião, Pilton é um jovem sensato. Não  se podia esperar que se saísse bem, quando o pobre sujeito tinha Lorde Henbury para enfrentar.

— Ah, acho que a Sra. Pakefield o mencionou — interrompeu Ottilia, guardando todas essas informações na memória. — E mencionou a Sra. Dale. Devo dizer que a Sra. Dale não parecia muito uma bruxa para mim.

A senhorita Beeleigh franziu o cenho para Ottilia.

— Bruxa? Bobagem.

A Sra. Radlett foi movida a protestar.

— Apesar de ver coisas, Alethea, sabe que a Sra. Dale vê.

— Eu sei que a jovem diz que é capaz.

— Embora todo mundo saiba que sempre acertou as suas previsões. — Objetou a amiga, não pouco indignada.

— Alguns palpites de sorte não provam nada. — Miss Beeleigh ergueu a mão, enquanto a outra abria a boca para discutir. — Não adianta continuar, Evelina. Não vai me convencer.

A viúva suspirou.

— Queria que não fosse tão teimosa, Alethea.

Sem nenhuma resposta, além de um olhar enigmático, voltou-se para Ottilia.

— Lamento excessivamente pela garota, deve saber, mesmo que fosse verdade. Qualquer um poderia supor que com Sam e Tabitha para cuidar dela, a querida Cassie Dale não poderia sofrer nenhum dano, entretanto, não é assim. Cassie Dale também é um lapso, pobre alma. Ouvi dizer que aqueles meninos horríveis a perseguiram ontem à noite, até o vicariato. Atiravam pedras. Tão horrível e cruel.

— Muito desagradável — Ottilia concordou.

— Espero que os pequenos rebeldes tenham sido instigados a fazer isso por seus mais velhos — afirmou a Srta. Beeleigh em um tom tão natural, que Ottilia se assustou.

Onde os olhos da Sra. Radlett começaram a lacrimejar, ao falar desse procedimento particularmente selvagem, a solteirona não demonstrou nenhum vestígio de simpatia. Ottilia foi levada a sondar.

— Que noção desagradável. Realmente pensa tão mal de seus vizinhos, Srta. Beeleigh?

Ottilia recebeu um olhar pétreo, mas não havia nenhum traço de aborrecimento na voz da mulher.

— A estupidez e a ignorância podem ser encontradas em qualquer lugar, Lady Francis. As pessoas mais civilizadas podem ser levadas à selvageria pelo domínio da turba.

— Muito verdadeiro. E os jovens tendem a imitar os mais velhos.

— Os meninos? Isso nada tem a ver com o propósito. As manifestações da Sra. Dale são insuficientes para dar aos jovens uma ideia tão falsa de seu estado. Certifique-se de que essas noções se originaram nas cabeças de pessoas como os Tisburys, o Fazendeiro Staxton e o próprio Duggleby.

— Oh, acreditaria em qualquer coisa de Duggleby, — disse a Sra. Radlett, reentrando nas listas. — Não poderia ensinar a esse homem horrível nada sobre crueldade, e eu deveria saber. — Seus olhos ficaram marejados. — Esse bruto matou o meu cachorro!

Ottilia piscou com essa virada inesperada.

— Matou seu cachorro?

As fitas de seu chapéu ondularam quando a Sra. Radlett assentiu, grandes lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Certamente o fez.

— Evelina, minha querida, não tem certeza disso.

Pela primeira vez, o tom da Srta. Beeleigh manteve uma medida de gentileza, e Ottilia lhe lançou um rápido olhar de avaliação. Havia um brilho forte nos olhos escuros, mas os lábios estavam estranhamente comprimidos.

— Duggleby matou — veio o protesto choroso da outra mulher. — Bateu no pobrezinho até a morte.

— Alguém fez, sim, — respondeu a Srta. Beeleigh, ainda no mesmo tom, como se a gentileza fosse aplicada.

Ottilia teve a impressão de que essa discussão idêntica já havia sido repetida muitas vezes. Percebeu o olhar da Srta. Beeleigh, e a mulher fez uma careta.

— Teve que levar um tiro.

— Que coisa horrível — disse Ottilia automaticamente. — Mas por que o ferreiro faria uma coisa dessas?

— Porque era um homem horrível e mal-humorado — disse a viúva, tirando um lenço da manga. — Estou feliz por estar morto.

— Evelina, pelo amor de Deus, não deixe ninguém lhe ouvir dizer isso! — E para Ottilia. — Toby era um errante. Apto para correr enlouquecido na aldeia, de vez em quando. Duggleby não foi o único a reclamar do cachorro.

— Toby era um bom cachorro — insistiu a Sra. Radlett, fungando, enquanto enxugava as lágrimas.

— Latia para os cavalos, porque aquele homem bestial o amaldiçoou e o ameaçou com seu chicote. Era Duggleby que Toby estava atacando, não os cavalos. Foi legítima defesa.

— Coisas e bobagens. O cachorro era uma ameaça. Não digo que o ferreiro estava em seus direitos, quando espancou Toby, mas seu aborrecimento era perfeitamente compreensível.

Sra. Radlett positivamente olhou para sua amiga.

— Em seguida, vai dizer que ficou feliz quando atiraram no pobre Toby.

— Não isso. Mas teria mais pena do que deixar a pobre criatura sofrendo nessa condição.

— Cuidei dele durante a noite, sabe — revelou a viúva, desmanchando-se em lágrimas novamente. — Choramingava tanto, que partia meu coração.

— Não adianta relembrar tudo, Evelina — disse rispidamente a outra. — É melhor esquecer.

Todavia, não havia sido esquecido, Ottilia decidiu. Enquanto observava a viúva secar os olhos e engolir as lágrimas, notou que a mão da solteirona se movia para se colocar protetoramente sobre a coxa vestida de musselina da outra por um momento. Um gesto curiosamente íntimo.

Ottilia desviou os olhos rapidamente e seu olhar pousou sobre uma figura, além da janela, descendo a alameda, na direção da igreja. Enquanto Ottilia observava, o homem entrou no caminho que passava pelo pátio de paralelepípedos do *Blue Pig*. Tillie aproveitou a oportunidade para mudar de assunto.

— Quem é aquele que está entrando?

Ambas as mulheres se viraram para olhar pela janela. Sra. Radlett exclamou.

— É o Sr. Netherburn. Oh, estou tão feliz. Ainda não tivemos a oportunidade de conversar sobre o que aconteceu e acredito que esteve lá ontem à noite.

A Srta. Beeleigh lançou um olhar excessivamente brilhante para Ottilia.

— Um bom homem, Horace Netherburn. Se ao menos parasse de bancar o tolo pela Sra. Dale.

A viúva era toda sorrisos, suas angústias esquecidas, mas, após o comentário, fez o gesto de desagrado com seus lábios.

— Isso é tão injusto, Alethea. Se o pobre Horace foi gentil o suficiente para fazer amizade com Cassie Dale, é monstruoso supor que tenha um motivo oculto.

— O homem está obcecado.

— Netherburn não é tal coisa. Ora, ainda outro dia estava me dizendo o quanto lamenta por Cassie Dale pela maneira horrível como os aldeões agem.

— Desculpa o suficiente para colocar-lhe um anel no dedo, não tenho dúvidas. — A face da Sra. Radlett se ruborizou mais uma vez sob a tinta que a ocultava, e a suspeita não podia deixar de intrometer no fato de que havia mais de um coração ciumento trabalhando neste cenário. O Sr. Netherburn havia sumido de vista e Ottilia esperava, ansiosamente, sua chegada na sala de café.



Francis bebeu o resto de sua caneca e saiu rapidamente. Alcançou o pároco quando o homem começava a cruzar o gramado.

— Reverendo Kinnerton!

O vigário parou e se virou, uma leve carranca entre as sobrancelhas. Ao se aproximar do homem, Francis viu, em plena luz do dia, que suas feições estavam pálidas e tensas. Francis estendeu a mão.

— Bravo, senhor! Raramente vi um desempenho mais revelador. — Um pequeno sorriso cintilou nos olhos de Kinnerton enquanto apertavam as mãos. Aidan parecia um pouco confuso.

— Não tenho o prazer de tê-lo conhecido, senhor. Mora nesta aldeia?

Francis sorriu. — Sou um estranho no lugar. Contudo suponho que o senhor mesmo seja recém-chegado?

— De fato. Assumi o cargo ontem.

— Batismo de fogo?

Kinnerton riu, e a escuridão que havia em seu rosto foi varrida.

— Pode muito bem dizer isso. Mas, me perdoe. Seu nome, por favor?

— Fanshawe. Lorde Francis Fanshawe, para ser mais preciso. E estou aqui pelo pior acidente.

Francis contou a história do colapso de sua carruagem, refletindo que, talvez, não fosse o momento para a verdade exata. Além disso, como, diabos, alguém explicava a extrema estranheza da curiosidade insaciável de Tillie em assuntos desse tipo?

— Infeliz acontecimento — comentou o vigário. — Espero que não esteja seriamente incomodado com os eventos recentes.

Francis se absteve de apontar que eram as travessuras de sua esposa que o incomodariam, e não as circunstâncias peculiares da aldeia.

— Diga-me, se não se opuser — disse, gesticulando para frente e virando-se para andar ao lado de Kinnerton.

— Um pouco mais sobre esta mulher que tem sido tão maltratada. Realmente acreditam que é uma bruxa?

— Sra. Dale é o nome dela. Tenho pouco conhecimento dela além do fato de que buscou refúgio no vicariato na noite anterior. Estou feliz que a criada achou por bem trazê-la até mim. O clima estava péssimo e tenho medo de pensar no que poderia ter acontecido.

— Acredita que os aldeões podem tê-la prejudicado?

Kinnerton parou abruptamente.

— Não ouviu aquele sujeito? Gostaria que os aldeões não tivessem o hábito de indulgência na taberna. Não há nada como um encontro de mentes semelhantes para estimular esse tipo de delírio perigoso.

Estava claro que a mente do homem estava muito concentrada no destino potencial da Sra. Dale para ser prontamente mudada conforme o capricho de Francis, a saber, o cadáver do ferreiro. Esperou pelo seu momento.

— Acho que encontramos sua protegida esta manhã.

O olhar azul de Kinnerton pousou em Francis, com uma rapidez desconcertante.

— Onde?

— Na ferraria.

Os lábios do vigário se contraíram. — Eu gostaria que a Sra. Dale não tivesse ido lá. Na verdade, teria preferido que permanecesse em segurança em minha casa.

Francis desejou fervorosamente os poderes intuitivos de sua esposa, não tendo ideia de como direcionar a conversa para canais que pudessem ser úteis. Se a franqueza pudesse lhe servir, era melhor usá-la.

— Concluí a partir de Pakefield, o proprietário do *Blue Pig*, que a opinião geral não era favorável a tal iniciativa.

Francis recebeu outro olhar penetrante quando Kinnerton franziu o cenho.

— O que isso significa? Seja claro comigo, por favor, senhor. — Enquanto Francis hesitava, o pároco estendeu a mão com a palma para cima, em um gesto estranhamente convidativo. — Não nos conhecemos, *milorde*, porém essas circunstâncias são incomuns, para dizer o mínimo. Além disso, é o fardo da minha profissão que, frequentemente, devo dispensar a formalidade.

Apenas vagamente ciente de um impulso interior, Francis estendeu a mão para o homem e a sentiu estremecer fortemente. Assentiu.

— É uma barganha, senhor.

— Então?

Apesar de seu consentimento, Francis cedeu com relutância. — Para não exagerar, Pakefield diz que os aldeões pensam ser obra do diabo, tentar um homem de Deus a sair do caminho da virtude.

Para sua surpresa, isso causou uma mudança inesperada nas características de Kinnerton. Aidan sorriu e todo o seu semblante iluminou-se.

— Realmente diz isso? Como é edificante estar livre da culpa! Deve me divertir, se não for uma desculpa óbvia, para acumular as evidências do desfavor da Sra. Dale. — De repente, franziu a testa novamente. — O que o senhor achou dela?

Agudamente atacável, Francis se viu em um dilema. Era evidente que o vigário havia defendido a causa da bruxa da aldeia. No entanto, era apenas

uma questão de compaixão por sua vocação? Ele próprio, Francis, um homem de sangue vermelho, não podia deixar de suspeitar que pudesse haver outro aspecto envolvido. Nesse caso, a discrição determinou que moderasse suas verdadeiras opiniões sobre o assunto da Sra. Dale.

— Parecia um pouco perturbada — contemporizou.

— Não é surpreendente, acredito. — Os olhos de Kinnerton escureceram um pouco.

— Sim. A jovem se culpa, pobre alma torturada.

Francis notou tensão no rosto do homem. E tentou uma nota mais leve.

— A Sra. Dale tem sorte, talvez, em sua amizade. Disseram-me que a Sra. Pakefield o aprova sinceramente no papel de protetor.

Um leve sorriso tocou os lábios do vigário.

— Estou feliz. Esta perseguição deve cessar. Até porque  suspeito que aprofunda cicatrizes já lívidas.

A luz surgiu na mente de Francis. — Isso é o que quer dizer ao mencionar que a jovem é torturada? Ai sim. Não sei se sou capaz do socorro necessário, porém esses demônios posso entender.

Francis podia acreditar prontamente. Havia isso na personalidade de Kinnerton que sugeria tristezas não ditas. Desejou fervorosamente a visão de Tillie.

— Bem, pelo menos, pode acabar com esses rumores de bruxaria. — Disse sentindo que as palavras tinham pouco valor.

Os olhos do vigário brilharam.

— Eu farei o meu melhor, acredite em mim. Por Deus, pensei que tinha deixado tal superstição para trás, na parte mais densa da África!

Francis foi atingido por um acesso repentino de sombra no rosto do homem e percebeu que, apesar de sua própria falta, inadvertidamente, tropeçara numa profundidade até então oculta. Intrigado, levou adiante.

— África?

Kinnerton assentiu. — Escolhi fazer a obra missionária de Deus, mas minha carne se mostrou inadequada para a tarefa.

— Como assim?

— Fui vítima de uma doença local, uma forma de febre.

Espantado e chocado, Francis o encarou. — Parece ser extremamente corajoso, Sr. Kinnerton.

O pároco riu, um som vazio. — Quem me dera ser. Receio que, no fundo, sou um triste covarde.

— Isso parece pouco crível.

— Eu asseguro. Quando me recuperei, estava fraco demais para permanecer naquele continente e tive que voltar forçosamente para a Inglaterra. Agora estou forte novamente e não consigo encontrar coragem para voltar. — Totalmente capturado por essas revelações extraordinárias sobre o caráter do pároco, Francis sentiu uma onda de simpatia. — Por que deveria sentir que é sua responsabilidade fazer isso?

Kinnerton suspirou. — Porque meu rebanho se perdeu enquanto eu estava indefeso em minha doença. Teria que começar tudo de novo, e não poderia enfrentá-lo.

— Entendo e acredito.

Kinnerton olhou intensamente para Francis. — Mesmo?

Francis sorriu. — Penso que sim. Todos temos nossos demônios, Sr. Kinnerton. Tenho a sorte de que minha esposa tenha colocado a maior parte dos meus para descansar.

O olhar azul do vigário pousou em Francis, e suportou o escrutínio sem comentários. Foi um encontro estranho e, apesar de suas inadequações, sentiu como se algo da arte de Tillie tivesse se insinuado nele. Era Ottilia quem tinha o dom de cair na intimidade com estranhos.

Kinnerton sorriu. — Gostaria de conhecer sua esposa.

Francis aproveitou a oportunidade.

— Tem tempo agora? Minha esposa me espera no *Blue Pig.*



A CHEGADA DE Horace Netherburn à sala de café produziu rapidamente um clima de frivolidade em Ottilia que achou difícil de conter. Não era tanto seu ar de galanteria do velho mundo, que Tillie achou bastante comovente, mas sim as reações que Netherburn produziu nas duas mulheres já presentes.

Horace Netherburn começou segurando a porta para a Sra. Pakefield que trazia uma bandeja carregada, enquanto tirava o chapéu e o agitava expansivamente para os convivas da sala.

— Queridas senhoras, perdoem minha conduta indelicada e permitam-me fazer minha reverência em breve. Mas não conseguia conciliar-me com minha consciência em permitir que a pobre e querida Hannah lutasse com a porta, enquanto prestava meus cumprimentos às senhoras.

Uma mudança instantânea de comportamento dominou a Sra. Radlett. Envolvida em sorrisos, agitou as mãos expressivas.

— Caro Sr. Netherburn, nunca precisa fazer cerimônia conosco, como sabe muito bem. — Em seguida, para a senhoria, acenando com a mão em direção à mesa.

— Aí está, Hannah, abaixe isso, querida. Aqui, deixe-me ajudá-la a arrumar tudo.

Levantando-se, a viúva começou a colocar as xícaras nos pires e colocá-las de maneira apropriada, quando o Sr. Netherburn fechou a porta e começou a se aproximar da mesa. A Srta. Beeleigh, que não fez menção de se levantar ou ajudar na operação de arrumação dos acessórios para o café, ergueu a mão para detê-lo.

— Fique, Horace. Melhor fazer sua reverência a Lady Francis Fanshawe, antes de fazer o bonito para nós.

Um par de olhos claros olhou para Ottilia, com feições banais, exceto pelas bochechas caídas e a marca dos anos cortando rugas profundas na pele pálida.

— Lady Francis Fanshawe? Minha querida senhora, me perdoe, peço. Minhas maneiras, infelizmente. Eu não a vi.

Uma perna elegante acompanhou essa efusão, e Ottilia teve a oportunidade de ver a folga da vestimenta muito correta do homem, sinalizando o desgaste da carne, no início da idade. À primeira vista, Tillie o considerou perto de sessenta, mas rapidamente revisou essa estimativa, colocando-o uns bons dez anos além disso. O que, se o homem estava realmente ansioso pela jovem Sra. Dale, deve deixá-lo senil. Estendeu a mão, quando Netherburn se levantou de sua reverência.

— Como vai, Sr. Netherburn?

Não muito para surpresa de Ottilia, o homem se curvou novamente e beijou sua mão.

— Muito gentil, milady, estou com excelente saúde. Mas a que — ele continuou, soltando-a — devemos o prazer? Um evento raro em nossas vidas monótonas.

— As quais parecem estar excessivamente agitadas hoje. — observou Ottilia secamente.

— Sim, Horace, não seja mais tolo do que já é. — retrucou a Srta. Beeleigh. — Sente-se, homem!

— Alethea! — A viúva franziu o cenho para a amiga e imediatamente abriu um sorriso, ao se dirigir ao cavalheiro.

— Sente-se comigo, Sr. Netherburn, sente-se. Não deve interpretá-la mal.

O Sr. Netherburn parecia um pouco desconcertado, entretanto se recuperou rapidamente enquanto manobrava para contornar a cadeira da Sra. Radlett.

— Acho que conheço a Srta. Beeleigh bem o suficiente para não me ofender. — Olhou para Ottilia.

— Vai nos encontrar muito livres, milady. Oh sim, muito livres. Não se pode sustentar muita dignidade em uma aldeia, sabe? E minha dependência é toda de meus dois queridos amigos, pois somos poucos, muito poucos.

— É verdade. — Comentou a Srta. Beeleigh. — Depois de contar Lady Ferrensby e Henbury, há apenas Meldreth. Esses são todos.

O Sr. Netherburn ergueu a mão.

— Como pode dizer isso, querida Srta. Beeleigh? Está se esquecendo da pobre Sra. Dale?

— Eu não a conto — respondeu a outra. — Cassie Dale não contribui para a rodada social. A garota é uma reclusa.

— Não, não, não quero que diga isso — protestou o Sr. Netherburn. — A jovem ainda está de luto, pobre criatura. Guarde minhas palavras, sairá de sua concha no tempo devido.

— Não se toda a aldeia insistir que a Sra. Dale é a responsável pela morte de Duggleby. — A Sra. Radlett, que estava ocupada servindo o café, olhou para cima.

— Oh, querida, Alethea, eu quase esqueci toda a chateação. Não podemos falar de outra coisa?

— Cara Sra. Radlett — interrompeu o Sr. Netherburn, agarrando sua mão livre e apertando-a. — Sempre tão sensível, tão simpática.

Ottilia não deixou de notar o olhar que se dirigiu dos olhos claros para a Srta. Beeleigh, como se para enfatizar a falta de sensibilidade daquele lugar. Confiando que não seria estigmatizada da mesma forma, empurrou a conversa de volta, na direção que lhe convinha.

— Tem alguma opinião sobre este negócio, Sr. Netherburn?

Horace parecia lisonjeado e um pouco orgulhoso. — Quem não tem, Lady Francis? Não consigo me lembrar de um dia mais negro na aldeia, nem mesmo quando o pobre Sr. Uddington perdeu a esposa.

— A Sra. Uddington morreu?

— Fugiu. — disse a Srta. Beeleigh sucintamente. — E levou o menino junto.

O evidente amor da Sra. Radlett pela fofoca a dominou e pousou a xícara, inclinando-se ansiosamente para Ottilia.

— Foi há anos. Cinco ou seis, pelo menos.

— Sete. — declarou a Srta. Beeleigh.

— Há tanto tempo? Lembro que foi logo depois que cheguei aqui, quando a querida Alethea me acolheu. Uma coisa chocante!

Ottilia não resistiu. — O quê? A senhorita Beeleigh a acolheu? Parece um procedimento muito caridoso.

— Não, não, eu não quis dizer isso.

— Nada demais. — disse a Srta. Beeleigh, num tom neutro, que desmentia uma estranha expressão de intensidade nos olhos amendoados. — Éramos colegas de escola. Quando soube como as coisas haviam sido deixadas quando Radlett morreu, pareceu-me sensato reunir nossos recursos. Nos damos bem juntas.

— Sim, sim — Concordou a viúva, mas com um olhar tão penetrante de dúvida para o Sr. Netherburn, que chamou a atenção de Ottilia.

— Entendo. — disse. — E por que a Sra. Uddington fugiu?

Embora a Srta. Beeleigh tenha soltado outra de suas fungadas habituais e o Sr. Netherburn balançado a cabeça com seriedade, a atenção da Sra. Radlett se concentrou instantaneamente.

— Dizem que traiu o marido. E quem acha que foi o culpado? — Ottilia adivinhou, pela pausa portentosa, o que estava por vir, contudo se absteve de roubar o trovão da mulher. — Duggleby.



# Capítulo 5

**Mrs. Radlett recostou-se** com um ar de satisfação. Ottilia conhecia seu dever.

— Querida,  não disse isso? O próprio ferreiro?

— Ah! Ninguém sabe a verdade sobre isso, é claro. Assim, Srta. Beeleigh. — O Sr. Netherburn se inclinou, a excitação colorindo de rosa suas faces.

— Eu tinha esquecido. Mas não vê como isso muda tudo? Como alguém pode culpar a pobre Sra. Dale, quando há Uddington com o mais forte dos ressentimentos contra o homem morto?

— Então por que deveria esperar sete anos para se vingar? — objetou Ottilia. Seus auditores pareceram impressionados; todos menos a Srta. Beeleigh, que assentiu.

— Verdade. Não faz sentido.

— É uma consideração. — Concordou Netherburn, recostando-se na cadeira, com o rosto desapontado.

— Bem, poderia estar esperando por uma oportunidade — Sugeriu a viúva, manifestamente relutante em abrir mão dessa avenida promissora.

Ottilia sorriu.

— Talvez o Sr. Uddington não seja o único a guardar rancor desse Duggleby. O ferreiro não parece ter sido um sujeito popular. Quem eram os amigos dele?

— Sempre foram unidos como ladrões, Duggleby e Tisbury — afirmou a Srta. Beeleigh.

— Não esquecendo Staxton — Acrescentou o Sr. Netherburn. — Não se podia entrar no *Cock* sem encontrar os três juntos.

— Sim, e Bertha Duggleby disse que teve conforto de Molly Tisbury na noite passada — Acrescentou a Sra. Radlett.

Ottilia ergueu o dedo.

— Não daria muita importância a amizades estabelecidas. Tive a oportunidade de observar que amizades rompidas produzem a maior inimizade.

A Srta. Beeleigh assentiu.

— Está muito certa, Lady Francis.

— Horace, notou recentemente alguma redução na amizade entre aqueles três homens?

O Sr. Netherburn deu um gole no café, evidentemente submetendo a pergunta a um exame. Por fim, meneou a cabeça.

— Não posso dizer que notei algo parecido. Contudo devo declarar que todos os três estavam propensos a exibir maneiras mal-humoradas na ocasião.

— Seria improvável que se manifestasse neste momento, — disse Ottilia — pois as pessoas tendem a se unir em momentos de dificuldade, não acha?

— Certamente estão se unindo contra a pobre Sra. Dale. — disse Netherburn, com uma nota rabugenta em sua voz.

— De fato, sim. — Concordou a Sra. Radlett.

— Se o vigário não tivesse intervindo ontem à noite, devo dizer que temo pensar nas consequências.

A Srta. Beeleigh pousou sua xícara com um estalo.

— Esqueci o novo vigário. A chegada dele deve satisfazê-lo, Horace. Outro rosto para adicionar ao círculo social. Jovem também. Ousaria dizer que o vigário pode tirar Cassie Dale da concha.

Ottilia observou Horace Netherburn enrubescer e notou o olhar de adaga lançado sobre a amiga, pela Sra. Radlett. Por sorte, Tillie percebeu um movimento pela janela, na periferia de sua visão, e olhou para fora.

— Oh, aí está o meu marido. Meu Deus, talvez seja o vigário quem o acompanha?

Como um só, os três visitantes se viraram para olhar pela janela.

— É isso?

— Não conheci o sujeito ainda, então não podemos saber.

— Ah, sim. — disse Netherburn. — Ele é o sujeito da direita. Eu o avistei mais cedo e pensei que devia ser Kinnerton.

Isso foi o suficiente para Ottilia. Levantou rapidamente. — Por favor, me deem licença por um momento. Devo falar com meu marido.

Sem esperar por uma resposta, se apressou para a porta e saiu para o corredor, antes que alguém pudesse pensar em acompanhá-la. Não desejava conhecer o vigário na companhia dos mexeriqueiros da aldeia, que sem dúvida a atrapalhariam, em uma tentativa de descobrir tudo o que pudesse sobre o protetor da *bruxa*.

Acenou para Francis, enquanto acelerava pelo caminho entre as pedras, ficando aliviada ao vê-lo parar no gramado e espera-la.

— Estávamos entrando para encontrá-la, meu amor. — disse. Voltando-se para o companheiro. — Permita-me apresentar minha esposa, Lady Francis Fanshawe. Este é o reverendo, Sr. Kinnerton, que acabou de começar a viver no vicariato.

Enquanto Ottilia estendia a mão, avaliou o jovem. Gostou do que viu. Era pessoal, sem ser bonito, mas a clareza de seu olhar azul caía-lhe bem.

— Meu caro senhor, estou encantada. Ouvi sobre como o senhor ajudou a jovem Dale, que teve a infelicidade de incorrer na inimizade da aldeia.

A severidade da expressão do Sr. Kinnerton desapareceu e Ottilia foi tratada com um olhar avaliador. Sua mão estava presa com firmeza, quente ao toque.

— Agradeço, mas qualquer um teria feito o mesmo.

— É muito modesto, senhor. Já ouvi falar de várias pessoas que, ao que tudo indica, teriam, de fato, agido de outra forma.

Uma carranca apareceu. — Está muito bem-informada, senhora.

Ottilia riu. — Tenho conversado com a Srta. Beeleigh e a Sra. Radlett, acredito que o senhor ainda não as conhece.

Um brilho apareceu em seus olhos. — Ah. Sim, fui informado sobre — er — as identidades da pequena nobreza por aqui.

— Exceto sobre a Sra. Dale, suponho?

O brilho desapareceu, e um leve olhar de aço entrou naqueles olhos intensos. — Astuto da sua parte, Lady Francis.

— Minha esposa é conhecida por sua mente perspicaz, senhor. — Ottilia não pôde deixar de sentir uma onda de prazer com a cerda na voz do marido. — Witherley ainda pode ter motivos para ser grato por sua presença.

Agora o vigário parecia apenas perplexo. Seu olhar foi de Francis para Ottilia e vice-versa. Uma leve onda de irritação cruzou seu rosto.

— Se importaria de explicar o que quis dizer, milorde?

— Certamente. — Disse Francis, com uma prontidão que fez Ottilia pousar a mão em seu braço, em sinal de advertência. Fanshawe olhou para a esposa, porém o aço em sua voz não diminuiu. — Não sei se o senhor conhece o escândalo que atingiu minha família no ano passado?

O vigário balançou a cabeça. — Não estava em condições de absorver muito naquela época.

Ottilia viu Francis relaxar e lhe lançou um olhar questionador. Seu marido compreendeu e fez um gesto em direção ao pároco.

— Sr. Kinnerton teve a infelicidade de ficar doente por algum tempo. Resumidamente, senhor, um parente íntimo foi assassinado. Foi devido às incansáveis investigações de minha esposa e sua mente engenhosa que o autor do crime foi descoberto. Lady Fanshawe salvou a reputação da minha família e nossa sanidade.

O vigário parecia perplexo, como devia. Ottilia achou bom diminuir o impacto.

— Meu marido exagera. — disse alegremente. — Se tenho um talento especial, é perceber o que os outros não podem. E aquelas pessoas quase preocupadas com os eventos tendem a ser um pouco cegas, não acha?

De repente, o reverendo Kinnerton sorriu e todo o seu semblante mudou. — Parece que temos sorte em seu infortúnio. Seria egoísmo da minha parte esperar que vossa carruagem não seja consertada tão rapidamente? Qualquer ajuda que nos puderem oferecer, para desviar as suspeitas da Sra. Dale, será muito bem-vinda, vos asseguro.

Ottilia estendeu a mão e o vigário apertou-a com as suas. Tillie sorriu para Kinnerton.

— É melhor eu confessar, para que os céus não me derrubem. Nosso cocheiro veio aqui em busca de um ferreiro, e quando trouxe a notícia da tempestade, o assassinato do ferreiro e uma caça à bruxa local, temo que a curiosidade tomou conta de mim.

Kinnerton riu. — Lady Francis, não sou seu confessor. O que vai fazer?

Francis interveio. — Esperava que o senhor pudesse ajudar. O taberneiro me disse que o corpo do ferreiro ainda está alojado em uma sala nos fundos do *Cock and Bottle*. É imprescindível que minha esposa tenha uma visão do falecido.

O vigário pareceu surpreso, seu olhar voltando para o rosto de Ottilia. — Minha querida senhora, com certeza, não tem a intenção de se submeter a tal espetáculo?

Ottilia viu Francis se eriçar de novo e interrompeu rapidamente. — Sou um espírito resistente, Sr. Kinnerton, e enfrentei vários desses espetáculos. — Viu a descrença em seu rosto e não pôde conter uma risada. — Talvez deva explicar que meu irmão é um médico. Até recentemente, morava em sua casa e tinha a oportunidade de participar de suas atividades.

— Acredite em mim, fiquei tão chocado quanto posso ver que está, Kinnerton — Francis acrescentou — mas minha esposa diz a verdade. Posso garantir que não irá recuar.

O vigário estendeu as mãos. — Deixa-me sem nada a dizer.

— Mas pode ajudar? — Francis estava impaciente, Ottilia não pôde deixar de censurar. Não disse coisa alguma, no entanto, apenas esperando a reposta do Sr. Kinnerton.

O reverendo franziu a testa. — Deseja que eu insira Lady Francis na casa? Não tenho certeza se minha palavra carregará muito peso com Tisbury.

— Bobagem — Zombou Francis. — Já demonstrou suficientemente sua autoridade nesse trimestre.

Ottilia assistiu fascinada, enquanto a ideia parecia penetrar na mente do vigário. Um sorriso lento se insinuou em seu rosto.

— Não posso negar que a ideia de cravar as armas do sujeito me atrai. Vamos ensaiá-la?

Francis pareceu surpreso. — Agora?

Só então um relógio começou a soar, em algum lugar próximo. O pároco olhou para a igreja. — Duas e trinta. Ainda temos tempo. Se estiver pronta, milady?



O CADÁVER COBERTO jazia sobre uma armação de cama de madeira, perto de uma janela aberta, pelo que Ottilia agradeceu. Os aromas naturais que acompanham a morte foram silenciados, porém o calor do dia, sem dúvida, piorou a condição do corpo, atraindo moscas como um ímã e impregnando a atmosfera com o leve travo de carne podre. Os insetos zumbiam pela área e pontilhavam o lençol, com manchas pretas em repouso.

Não havia sobrecarregado indevidamente a engenhosidade do vigário efetuar uma entrada pelas instalações dos fundos do *Cock and Bottle.* Tisbury, ao que parecia, estava ausente, e o taberneiro não foi páreo para o Sr. Kinnerton. Em poucos minutos, foi até onde Ottilia esperava com Francis, acompanhado por uma criada rechonchuda.

— A Srta. Bessy nos levará ao local de descanso atual do ferreiro — disse Aidan, com um gesto para a menina, que arregalou os olhos para Ottilia, enquanto fazia uma reverência.

— Que gentileza — disse Tillie instantaneamente, sorrindo para a criada.

Bessy piscou e fez uma reverência novamente. — Não se preocupe, senhora, se quiser vê-lo. Embora não sei por que alguém desejaria, eu não posso, por minha vida, nem pensar, com o fedor e tudo.

— Tenho certeza de que será excessivamente desagradável — reconheceu Ottilia, — entretanto devo me preparar para a tarefa.

Perplexa, mas prestativa, a garota contornou a taberna até a porta dos fundos, que dava para uma área claramente reservada, nos aposentos da família. O falecido estava alojado em uma pequena sala, cedida a um quarto

de servo e, temporariamente, desocupado. Isto se devia, segundo informou Bessy às pessoas presentes, porque a copeira "*saiu à noite*" há algumas semanas atrás e ainda não havia sido substituída.

— Por que a copeira saiu assim, às pressas? — perguntou Ottilia, instantaneamente intrigada.

Bessy encolheu os ombros.

— Ninguém *sabe* ao certo, embora a Senhora imagine que esteja grávida.

— De quem? Ou isso também não é conhecido?

Um pouco de desconforto surgiu nas feições redondas de Bessy com isso, e Ottilia percebeu o quase imperceptível piscar dos olhos da garota em direção ao monte, perto da janela. Lançou um olhar mais óbvio, e um tanto nervoso, para o Sr. Kinnerton, e um rubor apareceu-lhe no rosto.

— Não está certo, falar disso perto do reverendo. — Murmurou, agora fixando o olhar no chão.

— De fato, não. — disse Ottilia imediatamente. — Devo lhe agradecer, Bessy. Não vamos detê-la mais.

Tillie deixou a garota fazer uma reverência ao sair da sala, antes de se virar para os dois cavalheiros.

— Duggleby, sem dúvida.

Francis franziu a testa. — Como sabe?

— Bessy olhou instantaneamente para o corpo quando fiz a pergunta.

O olhar azul do Sr. Kinnerton estava atento. — A senhora é muito observadora. Entretanto, como pode ter certeza de que essa garota sabe a verdade?

Ottilia riu. — Meu caro senhor, os servos têm acesso a todos os tipos de segredos. As criadas domésticas não podem ter esperança de esconder nada umas das outras, em particular, quando se trata de aventuras amorosas. Além disso, já verifiquei que Duggleby era um tipo mulherengo.

— O que eu lhe disse? — Falou Francis, com uma espécie de triunfo em seu tom. — Acredite em mim, Ottilia saberá mais sobre este ferreiro do que metade da vila, antes do fim do dia.

Uma onda de risos escapou de Ottilia, ao ver as sobrancelhas levantadas do pároco. — A confiança de meu marido é um pouco exagerada, talvez. O que eu sei é que o dono da loja, um certo Sr. Uddington, disse ter perdido sua esposa para um caso amoroso com Duggleby.

O Sr. Kinnerton olhou para a folha deformada. Um *Lotário* improvável, alguém poderia pensar, pela aparência do sujeito.

— Oh, Duggleby era, sem dúvida um bruto, — concordou Ottilia. — todavia, isso não o impede de ser estranhamente atraente para o sexo oposto. Certas mulheres têm preferência pelo macho rude, não acha?

— Eu não! — Afirmou o vigário categoricamente. — Porém não posso fingir que tenho um conhecimento íntimo do sexo.

— Pode acreditar que Tillie está certa — Francis acrescentou. — Acredito que deveríamos nos dedicar ao assunto do momento? Entendo que esteja com pressa, Kinnerton.

Com óbvia relutância, o vigário aproximou-se do cadáver, pegou uma ponta do lençol e puxou-o para longe, causando uma subida repentina de uma nuvem de moscas. Ottilia notou a ruga em seu nariz e o desgosto em suas feições.

— Eu diria que a condição dele piorou, desde que o viu ontem à noite.

Kinnerton assentiu, colocando a mão sobre o nariz e a boca e se afastando para dar acesso a Tillie. Ottilia se adiantou, lançando um rápido olhar para o marido, que havia sacado o lenço de bolso e o segurava com firmeza, para evitar os odores nocivos, que impregnavam mais completamente o aposento. Tillie esperava que não fosse uma lembrança tão horrível do que tinha sofrido no ano passado. Francis captou seu olhar, entretanto, e notou, claramente, a pergunta em sua mente, pois meneou a cabeça e gesticulou para que atendesse o que fosse necessário.

O colchão tinha sido posto de lado e o cadáver jazia diretamente nas ripas de madeira. Estava frio ao toque, apesar do calor do dia, e as roupas, ainda úmidas e sujas, grudavam nos membros amolecidos, pois o rigor já havia passado. Ottilia notou o início da descoloração tornando o rosto flácido levemente esverdeado. Estendeu a mão e levantou cada tampa dos olhos fechados do ferreiro e encontrou um fato de seu interesse.

Percebendo a presença de Francis ao seu lado, acenou com a cabeça, na direção dos olhos.

— A pupila está dilatada.

— O que isso significa?

— Sangramento no cérebro.

Curvando-se para o lado, Ottilia olhou no ouvido do homem. Um fio de líquido vermelho escuro e seco emanou. Verificou a outra orelha e não encontrou nenhum sangramento.

— Agora, para o crânio.

Seus dedos apalparam a base, movendo-se suavemente em direção ao lado indicado pela pupila e o fluido da orelha. Encontrou o que procurava,

com facilidade.

— Ah, aí está.

— O que é?

— Uma depressão. É muito distinto. — Sondou um pouco mais, fechando os olhos para aumentar o sentido do tato. A sensação de duas pontas veio em suas mãos. — O crânio está rachado. O pobre homem ficou definitivamente impressionado. Deve ter tido um coágulo de sangue grave.

— O suficiente para matá-lo?

— Ah, sim. Se o sangue não tiver para onde escapar, irá se acumular sob o crânio e comprimirá o cérebro. Provavelmente estava morto, bem antes de o telhado cair sobre Duggleby.



ENQUANTO OTTILIA PRECEDIA os dois cavalheiros, para fora da porta dos fundos da taberna, imediatamente notou um grupo se aproximando, com a clara intenção de entrar pelo mesmo lugar. Um deles era um homem de meia-idade, usando uma peruca grisalha, que, com uma mão no cotovelo, estava apoiando os passos trôpegos de um velho cavalheiro de pernas finas, e, na retaguarda, apareceu um jovem corpulento, vestindo o casaco longo, com um desleixado chapéu, e bastão, que o identificavam como policial.

Por trás, ouviu as palavras murmuradas do vigário. — Bem a tempo, pois aqui está Meldreth.

— Refere-se ao médico?— Francis perguntou.

— Então seu companheiro deve ser Lorde Henbury, — Ottilia adivinhou, lembrando-se do catálogo da aristocracia local apresentado por seus novos amigos do Café *Blue Pig*.

O cavalheiro idoso aparentemente captou seu nome, pois espreitou em um Pince-nez.

— Ei? Ei? Quem é aquele? Está invadindo a propriedade alheia? Aldeões intrometidos, serei preso.

— Sombras de sua madrinha — murmurou Francis perto do ouvido de Ottilia.

Tillie foi obrigada a reprimir uma gargalhada, porém não perdeu tempo com seu questionador, em vez disso, voltou-se para Kinnerton.

— O senhor fará as honras?

O pároco deu um passo à frente e fez as apresentações, não sem algumas repetições para o benefício da audição deficiente de Lorde Henbury. Foi obrigado a chamar o médico para explicar sua própria situação, quando Francis aproveitou para dar vazão à sua frustração.

— Se eu tivesse a ideia de que encontraríamos outra víbora surda tão rabugenta, nada neste mundo teria me induzido a consentir em sua vinda para esta vila amaldiçoada.

— Enlouquecedor, não é? — Ottilia disse, cobrindo desesperadamente o gorgolejo que lhe escapou. Tossiu, de modo pouco convincente.

Francis lhe deu um olhar funesto.

— Se não se cuidar, minha menina, vou abandoná-la para um infeliz, que vai lhe atrapalhar muito a vida, se bem eu julgo.

Antes que Ottilia tivesse chance de responder, o reverendo Kinnerton estava ao seu lado.

— Perdoe-me, senhora, mas devo ir. Tenho um encontro com Staxton e seus filhos.

Ottilia imediatamente estendeu a mão.

— Claro, e obrigada. Sua ajuda foi inestimável.

Kinnerton curvou-se sobre a mão dela e, com uma breve palavra de despedida para os outros no recinto, se foi. Ottilia voltou sua atenção para o médico, sabendo que não devia fazer qualquer tentativa de explicar sua presença a Lorde Henbury.

— Entendo que acredita que a vítima foi golpeada na parte de trás da cabeça com um martelo, — disse.

— Tenho certeza disso. — Respondeu Meldreth, parecendo bastante surpreso. — Só gostaria de ter sido mais circunspecto quando falei sobre isso.

— Sim, entendemos que o taberneiro o ouviu - Francis acrescentou.

O médico fez uma careta.

— Will tem uma das línguas mais longas da vila, e isso quer dizer algo.

Ottilia riu.

— Pude perceber. Não acho que Witherley difira nesse aspecto de qualquer outra aldeia.

— Não. O que é endêmico para a vida, uma pena.

— Ah, para toda a vida, doutor, não acha? Encontre para mim a pessoa que não é dada a comentários sobre seu vizinho de vez em quando e vai me mostrar um santo.

Isso teve o efeito infeliz de despertar Lorde Henbury.

— Santo? Santo! Que besteira! O cara era um absoluto trapaceiro. Eu não o deixaria ferrar meu cavalo por uma fortuna. Agora não posso, já que o sujeito está morto. Não que eu dê muita importância a toda essa conversa de assassinato.

Ottilia ergueu a voz. — Oh, Duggleby foi certamente assassinado, senhor. Não pode haver dúvida disso.

Esta declaração foi produtiva de um silêncio repentino. Lorde Henbury parecia positivamente afrontado. O policial ficou boquiaberto, o queixo caído. E Meldreth olhou para Tillie, com uma carranca assustada.

Reprimindo sua inevitável diversão, Ottilia ergueu as sobrancelhas para Meldreth. — Notou a depressão no crânio, é claro. Que estava rachado, penso que  vai concordar. E a dilatação do olho esquerdo, unida ao líquido da orelha daquele lado, que sugerem um hematoma forte, não acha? Não posso supor que o pobre homem sobreviveu por muito tempo ao golpe que o derrubou.

Deliberadamente, manteve o tom baixo, sentindo que quanto menos Lorde Henbury ouvisse, tanto mais rapidamente os assuntos poderiam ser encaminhados. Mantinha uma das mãos sobre a orelha e seu olhar indignado era agora acompanhado por ligeiros *"Ei? Ei?"* ao tentar entender o que havia sido dito. A carranca do médico deu lugar a um sorriso escondido e um brilho nos olhos.

— Então é isso que está fazendo aqui. É sua prática comum examinar cadáveres, Lady Francis?

Ottilia, automaticamente, estendeu a mão para Francis, ao senti-lo postar-se a seu lado e sorriu para o médico. — Não invariavelmente. Mas

meu irmão também é médico e tive oportunidades de ajudar em algumas autópsias.

O médico deu uma risada. — Extraordinário, milady.

— Não é? — disse Ottilia, no tom mais amigável. — Fiquei terrivelmente enjoada no início, porém isso logo passou, quando Patrick começou a explicar a ciência de suas descobertas.

Tillie foi interrompida.

— O que é isso? O que a mulher está dizendo?

Para alívio de Ottilia, Meldreth assumiu a responsabilidade de transmitir suas palavras a sua senhoria, limitando-se, sensatamente, à mais breve divulgação das evidências fornecidas pelo corpo.

— Em um momento, milorde, vou lhe mostrar o que foi encontrado.

— Uma coisa que não sei dizer é a hora da morte. — Ottilia acrescentou rapidamente, em um tom baixo.

— Difícil em qualquer ponto — concordou Meldreth.

— Quase impossível neste momento. No entanto, o viu depois que o trouxeram ontem à noite, não foi?

O médico assentiu. — Já passava das onze e, pelo que pude perceber, já estava morto havia algumas horas. O enrijecimento mal havia começado, mas a descoloração na parte inferior de seu corpo já estava tendendo a ficar roxa. Como um guia aproximado, devo colocar a hora em cerca de oito ou nove.

Uma conexão ocorreu à Ottilia. — A que horas caiu a tempestade?

As sobrancelhas do médico se ergueram. — Meu Deus, a milady tem, de fato, uma cabeça sobre os ombros!

Ao lado de Tillie, Francis deu uma risada curta. — O senhor achará minha esposa notavelmente perspicaz. Os horários combinam?

— Perfeitamente, — assentiu Meldreth. — Tinha acabado de cear, quando o primeiro raio surgiu. Os céus se abriram logo em seguida.

Um grito explosivo, de Lorde Henbury, interrompeu esse interessante desenvolvimento. — Ei? O que disse? Abriu Duggleby, não é? Encontrou alguma coisa?

O médico se virou, erguendo a voz e falando com notável paciência. — Estamos falando sobre hora da morte, milorde.

— Bem, o que diabos isso tem a ver com a jovem, hein? Quem é a mulher?

— Esta é Lady Francis Fanshawe, milorde. — O vigário a apresentou, — se o senhor se lembra. Lady Fanshawe examinou o corpo.

Lorde Henbury voltou seu olhar colérico para Ottilia. — Acha que é um *cabriolé*, hein? O homem está morto. Não precisa de mulheres tolas olhando boquiabertas para o defunto!

Notando o cenho franzido de seu marido, Ottilia pousou a mão em seu braço e baixou a voz, ao se dirigir ao médico.

— Devo deixá-lo explicar meu advento, senhor, embora tema que sua senhoria fique terrivelmente chocada. O senhor também, talvez?

Meldreth sorriu. — Pelo contrário, Lady Francis. Estou bastante surpreso com o seu nível de interesse em anatomia.

— Senhor! Acredita que nós mulheres, nada desejamos saber, além de frivolidades?

O médico riu. — Não se eu julgar por Lady Ferrensby, cujo cérebro é tão bom quanto o de qualquer homem. Nem devo acrescentar a Srta. Beeleigh. É conhecida por cutucar, quero dizer, se interessar...

— Enfiar o nariz em assuntos mais adequados para o macho da espécie? Sim, deduzi muito do discurso dela. No entanto, o senhor não pode acusar a Sra. Radlett de ser outra coisa senão feminina.

— Não, de fato, — concordou, rindo. — Vejo que a senhora já tem a medida de nossa pequena comunidade.

Ottilia não soube responder, pois Lorde Henbury fazia ruídos, que indicavam sua impaciência, que se tornavam vociferantes demais para serem ignorados.

— Raios, não vou aceitar! Toda essa conversa de assassinato. Quem, diabos, iria querer matar o ferreiro, eu gostaria de saber? Não faz sentido. Além disso, o telhado caiu sobre o homem.

— Verdade, milorde, mas...

Meldreth não foi além, pois Francis interveio, sua voz cheirando a desdém e mais aborrecida do que simplesmente para ser ouvido, suspeitou Ottilia.

— Meu caro senhor, se isso é tudo o que sabe, foi-lhe dito menos do que a verdade. Não é apenas uma questão de condição do corpo. Há mais, se der ao trabalho de examinar a ferraria.

— O que quer dizer, Lorde Francis? — perguntou o médico. — Tenho a intenção de levar Lorde Henbury na ferraria, em breve, mas não posso dizer que notei algo desagradável por mim mesmo.

Para o deleite de Ottilia, seu marido, imediatamente, fez um relato entusiástico de sua visita à forja do ferreiro e o que viu por lá.

— Ninguém, com o menor grau de bom senso, poderia supor que a viga mestra do telhado caiu apenas com a tempestade. — Concluiu. — Foi preparada. Alguém queria ter certeza de que o telhado cairia.

— Bobagem. — Disparou o idoso Juiz de Paz, aparentemente sem ter tido dificuldade em ouvir o que foi dito. — Não se sustentaria em um Tribunal de Justiça. E se o assunto for apresentado a mim, vou descartá-lo imediatamente.

Vendo o rosto de seu marido escurecer, com uma ira incomum, Ottilia arriscou tudo, em um único lance.

— Oh, certamente não, milorde. — Disse agradavelmente, pronunciando suas palavras distintamente e em um nível geralmente reservado para distância. — Não posso acreditar que o toleraria que uma mulher inocente fosse prejudicada por esta causa, milorde.

Lorde Henbury a olhou fixamente, como se houvesse perdido o juízo. — Ei? De quem diabos está falando, mulher?

— Estou falando da Sra. Dale.

— Dale, hein? Não quer dizer aquela coisinha mesquinha que Lady Ferrensby trouxe aqui? O que a menina tem a ver com isso?

— Os aldeões a estão culpando, meu Lorde Henbury. Dizem que é a responsável pela morte de Duggleby.

— Ei? Ei? — Henbury piscou confuso e fixou o olhar no médico.

— É mesmo, Meldreth?

— Sim, milorde. É realmente assim. A Sra. Dale foi apedrejada pelos rapazes da aldeia, ontem à noite, por conta do fato.

— Apedrejada? Apedrejada? Nunca ouvi tanta confusão. Por que alguém deveria fazer isso?

— Porque... — disse o médico pacientemente — ...acreditam que a Sra. Dale matou Duggleby, por feitiçaria.

Lorde Henbury encarou o médico por um momento silencioso. Então explodiu!

— Loucos! Loucos como a *lebre de março do país das maravilhas*, todos. Bem, não vou permitir.  E, virando-se para o infeliz policial, disse. — O que, diabos, está fazendo, parado aí, Pilton? Cumpra seu dever, rapaz. Prenda-os! Jogue-os na prisão.

O policial piscou confuso. — O quê, aqueles rapazes, milorde? Ou o senhor quis dizer... ?

— Não se pode esperar que o pobre homem prenda metade da aldeia, milorde. — interrompeu Ottilia, instigada a agir novamente. — Acredito que o reverendo Kinnerton está lidando com os rapazes.

— Estou dizendo, não vou permitir.

Ottilia ignorou explicitamente o marido, cuja raiva, por seus ombros trêmulos, deu lugar a uma emoção muito mais contagiosa.

— Ninguém poderia esperar isso do senhor, milorde. Porém não seria uma solução muito melhor, demonstrar conclusivamente que um crime fora cometido?

Lorde Henbury parecia impressionado e fez uma ressalva. — Como isso pode ser feito?

— Acredito, Lorde Henbury, que o senhor está prestes a examinar o corpo.

— Ha! Sim está certo. — O velho se voltou contra Meldreth. — Que, diabo, está esperando, Meldreth? Vá em frente. Leve-me aos restos mortais do sujeito.

O médico, para seu crédito, não fez mais do que erguer os olhos, antes de se virar para a porta. Porém Ottilia estendeu a mão para deter sua senhoria.

— Depois disso, Lorde Henbury, meu marido irá com o senhor para a ferraria e lhe mostrará a viga sobre a qual acabou de lhe contar.

O velho lançou um olhar para Francis e assentiu, satisfeito, como se antes não tivesse se recusado a acalentar a ideia de descobrir algo errado na forja.

— Importante! Espere por mim, jovem. Não será mais do que um instante. Agora, Meldreth, estou contigo. Pilton, espere aqui!

O policial, que fizera menção de segui-lo, recuou com um suspiro. O interesse dela despertou, Ottilia esperou apenas até que os dois cavalheiros tivessem desaparecido dentro de casa, antes de lançar um de seus sorrisos amigáveis ao homem.

— É o policial da aldeia?

O sujeito virando-se, tirou o chapéu desleixado e tocou o topete. — Sim, madame. Pilton é meu nome, milady.

— Conhecia bem Duggleby, Sr. Pilton? — Um rubor espalhou-se pelo rosto do jovem ao ser assim tratado. Ottilia escondeu a satisfação e esperou.

— A bem da verdade, milady, estando eu na direção de Atherstone, tampouco negociei com Duggleby, não tendo cavalo.

— Entendo. No entanto, o conheceu, como deve conhecer tudo na aldeia, ocupando um cargo tão importante.

O peito do jovem inchou um pouco e seu queixo subiu.

— Sim, é verdade porque eu deveria manter um registro de quem veio e quem foi. Não porque somos pessoas muito viajantes.

— Exatamente. — Concordou Ottilia e chamou sua atenção de volta ao assunto em questão. — O que pensa de Duggleby? Ouvi dizer que poderia ser um homem difícil às vezes. — Pilton assentiu, franzindo os lábios.

— Era temperamental, isso é um fato, milady. Também não gostava de ninguém discutindo com ele.

— Foi alguém em particular que discutiu com Duggleby?

O policial mordeu o lábio inferior.

— Não exatamente, como a senhora diria. Exemplo, o fazendeiro Staxton; discute com qualquer pessoa por nada, o homem é assim. — Pilton se iluminou de repente. —Há também Tisbury, do *Cock*.

Os ouvidos de Ottilia se ergueram.

— De fato? Entendi que Tisbury e Duggleby eram amigos.

— Sim, que se acertavam, mais ou menos. Só que o velho Jeremiah Wagstaff, pai da Sra. Tisbury, fez uma piada contra Duggleby, como fazia com todos, mas ninguém se importava.

— Contudo, Duggleby se importou, suponho. — Francis acrescentou.

— Duggleby se portava como um urso, milorde — Assentiu o policial, virando-se com óbvio alívio em falar com outro homem. — Disse que iria socar Pa Wagstaff no olho se não calasse a boca, e dane-se que o velho tivesse mais de setenta anos!

Pilton, então, tornou-se um tanto carmesim em torno do pescoço, lançando um olhar de desculpas a Ottilia. Tillie sorriu encorajadoramente.

— Qual foi a piada?

O policial ficou ainda mais ruborizado e lançou um olhar suplicante para Francis, que lançou um olhar questionador para a esposa, suspeitando de algum tipo de insinuação amorosa. Ottilia devolveu um pequeno aceno.

— Ora, Pilton, não precisa ser tímido, — Francis disse. — Esta senhora tem mais de sete anos e não vai se ofender.

Pigarreando, o policial manteve os olhos firmemente no homem, menos intimidador, e sua voz estava rouca.

— Bem, veja, seja desta forma, milorde. Duggleby estava se gabando de como era um homem tão bom, como ninguém que pusera os pés no *Blue Pig*, e Pa Wagstaff disse que Duggleby deveria cortejar a viúva bruxa, se tivesse a intenção de se arranjar como cavalheiro. Duggleby disse que não estava cortejando ninguém por ser um homem casado. Daí Pa Wagstaff falou que isso não fora impedimento antes.

— E Duggleby levou a mal? — Francis sugeriu.

— Ficou dolorido, como dor de dente. E a Sra. Tisbury ficou furiosa e gritou com o marido, para proteger o velho. E Tisbury berra insultos a Duggleby, e antes que se perceba, os dois estão lutando como martelo e tenaz.

— Briga de socos?

Os olhos de Pilton brilharam com o antigo amor masculino de assistir a uma boa briga. Até esqueceu da presença de Ottilia em seu entusiasmo.

— Nunca vi algo parecido, milorde. O lugar estava cheio e os dois em cima deles, arfando e se empurrando, como gigantes, espatifando os móveis. E então a Sra. Tisbury grita que estão quebrando tudo e para os homens segurarem os brigões. Contudo, ninguém ligou, e o velho Pa

Wagstaff cacarejando, com seu cachimbo na boca, todos gritando apostas num ou noutro.

Ottilia, acompanhando a história com a mente estalando de conjecturas e uma imagem viva da cena, agradeceu a Francis por fazer a pergunta em sua cabeça, temendo que Pilton parasse de contar sua história animadora se Tillie interviesse.

— Apostas? Quer dizer que estavam apostando no resultado?

— Sim, milorde. E o velho Pa Wagstaff ali, só instigando os dois.

— Nem ouso perguntar qual foi o resultado.

As feições de Pilton registraram decepção. — Não deu em nada no final, porque a Sra. Tisbury agarrou uma das barras de metal da parede e acertou a cabeça de Duggleby.

— Ah. Aí Duggleby desmaiou, suponho?

— Sim. — O policial acenou com a cabeça. — Da mesma forma, a Sra. Tisbury acertou Tisbury, não importando se era seu marido ou não. Nenhum dos dois falou uma palavra com o outro por quase uma semana.

Ottilia captou o olhar questionador de Francis e finalmente falou. — Quando isso aconteceu, Sr. Pilton?

O policial estremeceu e uma expressão tímida tomou conta de suas feições, quando ficou, mais uma vez, alerta à presença dela. Apertando o chapéu com uma das mãos nervosas, respondeu:

— Passou quase um mês, milady.

Ottilia digeriu isso. — Ultimamente, Tisbury e o ferreiro voltaram às suas antigas relações amigáveis?

Pilton parecia duvidoso, seu embaraço se dissipando em interesse. — Eu não diria que foi esquecido. Vi os dois fazendo cara feia, um para o outro, se ninguém mencionou isso.

— Quer dizer que houve aqueles que instigaram?

— Oh, não me diga, — disse Francis, sorrindo.— Pa Wagstaff?

— Sim, senhor. Mas Pakefield deu sua opinião sobre isso, uma ou duas vezes. Nem o Sr. Uddington  teve escrúpulos em falar o que queria.

*Os dois homens tendo motivos próprios para zombar*, sem dúvida, pensou Ottilia. Procurou esclarecer um ponto.

— Sabe se Pakefield e Uddington dirigiram seus comentários a Duggleby, em vez de Tisbury?

O policial considerou isso.

— Diria que o Sr. Uddington, sim. Pakefield tem uma forte antipatia por Tisbury, por conta do *Cock* ter se saído melhor que *o Pig*.

Essa informação combinava perfeitamente com o que Ottilia já havia inferido. Também se lembrou da informação interessante, oferecida pela Sra. Radlett, sobre a esposa de Uddington e o ferreiro. Começou a parecer que várias pessoas tinham interesse em apontar o dedo para outro lugar. Tornou-se conveniente ter Cassie, *a bruxa*, bem à mão.



# Capítulo 6

**Nos primeiros momentos** após Ottilia passar pelo portal do empório comum, que atendia às necessidades gerais dos habitantes de Witherley, fez menção de examinar as mercadorias, enquanto fazia uma apreciação de seu dono.

O Sr. Uddington era um homem com uma mecha de cabelos brancos amarrados na nuca, o que, talvez, o fizesse parecer mais velho do que realmente era. Uddington não atendeu, imediatamente, após o tilintar da campainha acima da porta, sinalizando a entrada de Ottilia, e esta se perguntou se, tal como Lorde Henbury, Uddington tinha problemas de audição.

Entrou na loja, olhando para as prateleiras, que estavam empilhadas a ponto de estourar, e as duas grandes bancadas, com uma coleção de gavetas e uma infinidade de mercadorias em cima, justapostas uma contra a outra, com pouca atenção quanto ao tipo ou simetria. A cabeça do Sr. Uddington estava inclinada sobre um grande livro-razão, colocado em uma mesa inclinada, frente a qual se sentava, empoleirado em um banquinho alto.

Ottilia se absteve de chamar a atenção para si mesma, preferindo deslocar-se silenciosamente ao longo do balcão mais próximo, enquanto olhava disfarçadamente o comerciante. Seus olhos pousaram vagamente sobre uma bandeja aberta de luvas coloridas, uma coleção de canetas de pena, vários nós de fita extravagantes, derramando-se de um caixote e uma seleção de alfinetes de broche, em uma caixa de vidro.

Enquanto isso, teve tempo de perceber que o Sr. Uddington era um espécime esguio, mais ou menos nas linhas de Pakefield no *Blue Pig*, mas sem o aspecto sombrio deste último. Esse homem tinha um ar de gentileza, e Ottilia, imediatamente, presumiu que descera no mundo e se encontrava entre os limites da sociedade limitada de Witherley.

Antes que tivesse a chance de prosseguir com esse pensamento, o Sr. Uddington, de repente, ergueu os olhos, como se estivesse diante de um movimento desagradável. Viu Ottilia e imediatamente largou a caneta.

— Oh, imploro seu perdão, senhora. Não ouvi a campainha.

— Não importa. – Tillie disse e esperou, enquanto Uddington se levantava do banquinho e avançava, observando-a por cima de um *pince-nez* de ouro.

— Como posso atendê-la, senhora?

Ficou, então, evidente que Uddington estava se dirigindo a uma estranha, pois ergueu a cabeça bruscamente, examinando-a pelo vidro dos óculos. Um olhar de gratificação espalhou-se por sua pele, um tanto pastosa.

— Oh! Será Lady Francis Fanshawe. Ou estou errado?

Ottilia riu. — Deus do céu! Minha fama vem antes de mim, não é, Sr. Uddington?

Um sorrisinho triste apareceu nos cantos da boca do homem, fina pela idade — ou tristeza, talvez?

— Nada ocorre nesta aldeia, e todos ficam imediatamente cientes desse fato, milady.

— Eu acredito prontamente. — Dando um sorriso, acrescentou: — O senhor deve ter ouvido, então, que estamos presos e na expectativa de ter que ficar por um ou dois dias.

— Eu ouvi falar sobre, milady. — O *pince-nez* desceu e o Sr. Uddington a olhou por cima deles, como um professor a um aluno errante. — Além disso, a senhora está interessada no infeliz falecimento de nosso ferreiro, milady.

Ottilia ergueu as sobrancelhas e seu tom era frio. — O senhor não aprova?

Uddington deu de ombros, não convincente.

— Não é minha função questionar as ações de vossa senhoria.

— No entanto, me pergunta sobre a minha interferência.

Uddington franziu os lábios. — Já que me pressiona, milady, devo confessar que sim. — Ottilia trouxera suas grandes armas.

— Então, possivelmente, ainda não o avisaram, sr. Uddington, de que Lorde Henbury colocou sua confiança em minha capacidade de rastrear o assassino.

Isto não era bem verdade, porém não permitiu que pesasse sobre si. Havia decidido sua tática em uma breve conversa com seu marido, antes que a deixasse na porta de Uddington, tendo-a escoltado até lá, enquanto o médico e Lorde Henbury seguiam em direção à ferraria, com Pilton a reboque.

— Vai se arrepender de ter envolvido Henbury — Francis dissera, no momento em que os outros estavam fora do alcance da voz. — Irá te deixar tão louca quanto sua madrinha.

— Sim, no entanto precisamos dele. — respondeu Ottilia. — É o único que tem a autoridade real.

Francis ergueu uma sobrancelha. — Se espera que lhe dê carta branca, como eu fiz, meu amor, temo que esteja fadada ao desapontamento.

Ottilia não pôde deixar de concordar. — Entretanto, se for visto envolvido, posso muito bem persuadir aqueles que desejo questionar de que seu senhorio sancionou minhas atividades.

O sorriso de seu marido era irônico. — Sim, não tenho dúvidas de que tomará todas as medidas inescrupulosas que desejar para conseguir do seu jeito.

Tomada por um escrúpulo de consciência, Ottilia pôs as mãos no peito dele.

— Sua indulgência será recompensada, Fan, prometo.

Francis cobriu as mãos dela com as suas. — Fico muito feliz em saber disso, contudo sou obrigado a confessar que vou achar uma chave para sair dessa conjuntura.

— Ah, agora que descobriu seus próprios poderes de investigação? — Tillie brincou.

— Precisamente. Se tivesse a certeza de que poderia colocar meu juízo contra o seu, poderia muito bem definir um desafio de vencê-la em seu próprio jogo.

— Poderia mesmo?

Francis riu. — Sim, como eu disse. Contudo, como não tenho confiança em minha capacidade de superar sua terrível inteligência, milady Fan, prefiro trabalhar contigo do que contra. Além disso, juntos podemos fazer o trabalho mais rápido e nos afastarmos mais cedo de um lugar, que estou começando a detestar.

— Simpatizo totalmente. — disse Ottilia, escolhendo a parte da prudência. Mesmo assim, não perdeu tempo em aproveitar a situação, tornando-se rápida. — A propósito, enquanto mostra àquele velho detestável seu achado engenhoso, não se esqueça da corda. Ah, e me ocorreu que poderia haver vantagem em vasculhar as cinzas na forja.

— A procurar o que?

— Os restos de um martelo, talvez?

Francis ficou olhando. — Não há de supor que o assassino foi tão idiota a ponto de tentar queimar a coisa?

— Mesmo as pessoas mais inteligentes podem ser incrivelmente estúpidas, não acha? — Rebateu Ottilia.

Seu marido riu. — Muito bem. Mas seria tão inteligente?

— Oh, sem dúvida. Que tipo de mente é necessária para planejar uma vingança, com a intenção de garantir que qualquer número de pessoas tenha motivo suficiente para ser culpado, além de lançar suspeitas gerais sobre um único indivíduo?



UDDINGTON TINHA UMA mente na qual Ottilia podia acreditar prontamente. O vinco em suas sobrancelhas, enquanto sopesava suas palavras, falava de inteligência suficiente para ler nas entrelinhas. Não que

Tillie acreditasse que Uddington cometeria o solecismo social de contradizê-la. Apressou em transformar o assunto em canais inofensivos.

— Mas não entrei em sua loja por causa disso, Sr. Uddington. Se nosso cocheiro terá a oportunidade de nos trazer alguma bagagem, ainda é uma questão, e eu preciso de uma ou duas coisas, que espero o senhor me possa suprir...

A suspeita evidente do homem não diminuiu nem um pouco, porém permitiu ser desviado, pedindo detalhes e, em seguida, indo para trás de seu grande balcão, para vasculhar uma gaveta profunda. Afastando algumas caixas, abriu espaço na superfície do balcão e começou a dispor uma série de artigos para a inspeção de Ottilia.

Tillie tirou um tempo para vasculhar uma seleção de pentes e sabonetes perfumados, ao mesmo tempo aprovando o pó e as escovas de dente e pedindo para ver o que poderia ser obtido como traje de noite.

Enquanto o Sr. Uddington vasculhava o último, levando, para satisfação de Ottilia, algum tempo para arrancar camisolas e camisolas das gavetas, Tillie se sentia segura o suficiente para retomar a discussão de assuntos pertinentes.

— Por acaso é hábil com um martelo, Sr. Uddington? — Perguntou, mergulhando até os joelhos imediatamente.

Uddington estava se curvando naquele momento, mas se ergueu, assustado ao perder o pince-nez. Ottilia inclinou-se para a frente e segurou-os habilmente enquanto caíam. A mão de Uddington tremia quando pegou os óculos, e em vez de recolocá-los no nariz, os dobrou e colocou no balcão, pousando as duas mãos de cada lado com os dedos pressionados fortemente na madeira.

— Isso é uma acusação, milady?

Seu tom era áspero, e a pele de seu rosto ficara cinza como giz. Ottilia manteve a voz calma.

— Deveria ser?

Seus olhos nus mostravam a flacidez inchada de sofrimento por baixo e o brilho frio de inimizade residual dentro.

— Oh, não duvido que a senhora já ouviu toda a história. Não vou negar minha aversão pelo homem. Mas ódio suficiente para o matar? E dessa forma? Não, eu não iria balançar na forca por causa de Duggleby. — Ottilia esperou para ver se Uddington desenvolveria este tema, mas não o fez, colocando de vonta em suas mãos. Não seria uma testemunha fácil. Escolheu expulsá-lo completamente do tema.

— Ouvi dizer que está fazendo uma coleta para a viúva.

Sua carranca reapareceu. — Nada tenho contra a mulher. O oposto, se tanto.

— Se sente, pela viúva, como a outra parte ferida? — sugeriu Ottilia.

Uddington olhou para baixo e pareceu notar a rigidez de seus dedos. Com um olhar de desgosto, os relaxou. Então, pegou o pince-nez e colocou-o no nariz. A suavidade anterior voltou quando olhou novamente para Ottilia por cima deles.

— Bertha Duggleby tinha mais a reclamar do que eu. A deserção de minha esposa salvou-me de mais humilhações. Bertha foi obrigada a suportar o que quer que viesse. Não tinha como dar esse passo.

— Considerando que sua esposa tinha tais meios?

O lojista assentiu. — Meu sogro cuidou dela. É quem tem os meios.

— Também é comerciante? — Ottilia adivinhou, acrescentando enquanto Uddington afirmava com um gesto.

— E muito próspero, percebo?

— Uddington criou esta loja para nós.

— Uddington? — Assustada, Ottilia o encarou. Sua mente clareou. — Ah, começo a entender. O senhor adotou o nome dele quando se casou, numa classe social abaixo de si. Quem é o senhor realmente?

Pela primeira vez, um toque de amargura penetrou nas feições do falso Uddington.

— Não sou ninguém, milady. Oh, não tenha pena de mim. Estou contente em ter isso.

Ottilia deixou passar. Tinha a sensação de que havia mais a ser descoberto aqui, contudo não seria bom sondar com muita ferocidade nesta conjuntura. Tentou uma abordagem diferente.

— Suponho que sua verdadeira identidade não seja amplamente conhecida.

— Se quer dizer se os nobres locais me reconhecem, não. — Disse calmamente.

— E não me foi dado nenhum indício de qualquer mistério a respeito de seu passado. — Ottilia meditou, embora, na verdade, não houvera tempo para qualquer discussão detalhada sobre o assunto, mas Uddington não sabia disso. — Não posso pensar que teria sido deixado de fora.

— Não se fosse informada da infidelidade da minha esposa com Duggleby.

Ottilia o encarou, em busca dos sinais traidores de outrora. — O senhor está extremamente otimista sobre o assunto.

— Foi há muito tempo.

— No entanto, o desejo de vingança, ouvi dizer, arde não menos ferozmente com o passar dos anos. Na verdade, pode ser mais perigoso ao tornar-se frio.

O Sr. Uddington nada disse. Em vez disso, indicou os itens que Ottilia escolhera.

— Vai precisar de mais alguma coisa, milady?

Ottilia disse, asperamente. — Uma resposta à minha primeira pergunta. O senhor é capaz de empunhar um martelo?

Mais uma vez, os cantos dos lábios do Sr. Uddington se ergueram naquele leve sorriso ácido. — Não sou mais um jovem, milady. Convoco os moradores locais para atender a todo trabalho desse tipo.

Reprimida, Ottilia se perguntou como proceder em seguida. Antes que pudesse decidir, a campainha de entrada tocou e seus novos amigos da sala de café entraram na loja.

Cumprimentaram-na sem surpresa, e Ottilia, imediatamente, suspeitou que havia sido observada entrando no estabelecimento. Só poderia estar satisfeita por ter tido a oportunidade de conversar a sós com Uddington antes da chegada deles.

Ottilia acenou brevemente e se voltou para o lojista com um sorriso. — Levarei uma de cada das camisolas e vestidos, por favor. E talvez faça a gentileza de embrulhar tudo e encaminhá-lo ao *Blue Pig*? Meu marido virá acertar as contas em breve.

A atitude desafiadora do lojista havia desaparecido com a entrada de novos clientes, e Ottilia foi tratada com uma urbanidade espúria. — Como Vossa Senhoria quiser.

Tillie foi rápida em notar a inflexão irônica e lhe lançou um olhar penetrante, antes de se virar para a Sra. Radlett, que estava pairando ao lado dela.

— Pensei ter lhe visto entrar aqui, Lady Francis — disse sem fôlego.

— Vejo que o caro Sr. Uddington tem sido capaz de atender às suas necessidades.

— De fato sim.

— Isso significa que vai ficar. — Disse a Srta. Beeleigh, brusca como sempre.

— Boa coisa se estiver, pois Hannah já está incitando a criada para preparar seu melhor quarto de dormir.

O Sr. Netherburn, que havia permanecido perto da porta à força, enquanto as senhoras entravam, agora jogou fora um de seus floreios, uma mão girando enquanto se curvava na direção de Ottilia.

— Muito gentil, muito gentil, querida senhora. Mas posso garantir que a pobre Hannah cuidará da senhoria esplendidamente.

— Hannah não tem muito mais o que fazer. — Retrucou a Srta. Beeleigh. — então acho que é o melhor que faz.

Com firmeza, Ottilia interrompeu o que prometia ser uma discussão prolongada. — Não somos meticulosos, garanto-lhe. Não devo mantê-lo, Sr. Uddington. O senhor tem sido muito útil e agradeço.

Uma carranca suspeita veio em sua direção, por cima dos óculos do comerciante, e Ottilia respondeu com um olhar brando. Antes que pudesse fazer um movimento para sair, no entanto, a Srta. Beeleigh se dirigiu ao homem.

— Espero que a tempestade não tenha derrubado nenhuma de suas telhas novamente, Uddington.

Um brilho apareceu nos olhos de Uddington, porém sua voz manteve o mesmo tom servil.

— Não antecipo isso, senhorita. O diarista fez um excelente trabalho.

— Espero que sim. Não posso lhe deixar subindo e descendo essa sua escada terrível, nessa idade.

Mesmo quando as orelhas de Ottilia se ergueram, viu as feições do comerciante se contraírem, empalidecendo um pouco.

— Gracioso Deus, não! — Exclamou a Sra. Radlett. — Não queremos que quebre o pescoço, Uddington.

— Já foi ruim perder Duggleby, — observou a Srta. Beeleigh. — Não que tivesse a metade da sua eficiência, Uddington, bom que se diga.

Ottilia estava convencida de que isso devia ser hipocrisia. A Srta. Beeleigh tinha a ambição de virar investigadora? Pretendia expor o fato de que Uddington possuía uma escada alta o suficiente para alcançar o telhado da ferraria?

Com seus modos deferentes incomparáveis com a frieza de seus olhos, Uddington estava se curvando.

— Estou lisonjeado, Srta. Beeleigh.

— Não, não, caro amigo, a Srta. Beeleigh tem toda a razão - Interrompeu o Sr. Netherburn. — Não me atrevo a pensar como nos sairíamos em sua ausência, Uddington.

— Não, de fato, — disse a Sra. Radlett. — É o suficiente que a querida Sra. Uddington tenha falecido.

Quando? O pensamento saltou na mente assustada de Ottilia. No silêncio que se seguiu, um frio entrou na atmosfera. Percebendo claramente sua gafe, a viúva corou, levando a mão à boca. A Srta. Beeleigh lhe lançou um olhar de repreensão e o senhor Netherburn emitiu uma tosse delicada.

Uddington enrijeceu, porém não falou. Quando a esposa errante morreu? Teria sido um evento recente, provocando, assim, uma vingança tão esperada? Olhando para o homem, Ottilia percebeu o mesmo olhar fechado que havia observado antes e concebeu um plano alternativo para uma pergunta direta.

— Bem, tenho tudo que preciso no momento. Vou deixá-las, senhoras, para conduzir suas próprias compras.

Sem esperar por uma resposta, passou pelo trio, estendendo a mão para Horace Netherburn.

— Meu caro senhor, posso incomodá-lo, para me acompanhar de volta à estalagem? Meu marido não gostaria que eu vagasse pela aldeia sem supervisão.

Isso era perfeitamente verdade, embora Ottilia refletisse com culpa que não teria nenhum escrúpulo em fazer exatamente isso, se fosse conveniente. Mas sabia que só poderia haver uma resposta do Sr. Netherburn.

Fiel à forma, fez uma pose elaborada, expressando sua disposição imediata de ser útil, e abriu a porta para Tillie. Ottilia passou, enquanto o

sino tilintava, rindo por dentro, por ter cravado as armas das duas mulheres. Se não tinham intenção de comprar nada, agora não teriam escolha, a não ser fazer uma jogada, pelo menos inspecionando os artigos de Uddington.

Fora da loja, colocou a mão no braço oferecido por Netherburn e adotou um ar confiante.

— Estava esperando por um momento para lhe falar em particular, Sr. Netherburn.

Uma expressão apreensiva vincou seus traços enrugados quando olhou para Tillie.

— De fato, milady?

Ottilia sorriu.

— Não fique tão preocupado, senhor. Meramente desejava um ponto de informação que acredito que possa fornecer.

Seu rosto clareou, e um pouco de auto importância o fez dar um passo mais ousado.

— Se puder ajudá-la, Lady Francis, só precisa dizer uma palavra.

— Nada abominável. — Ottilia entrou na conversa. — Quando a Sra. Uddington morreu?

O braço em que sua mão repousava estremeceu e Netherburn voltou os olhos assustados para Tillie.

— Por que deseja saber?

— É um segredo? — Tillie rebateu.

— Não, não, só não gostamos de falar nisso. Quando a mulher caiu em desgraça, não se poderia esperar que Uddington aceitasse condolências que devesse considerar hipócritas.

— Então, quando a Sra. Uddington morreu, Sr. Netherburn? — insistiu Ottilia.

— Há pouco mais de três meses. Ao menos foi quando ouvimos a notícia.

— O Sr. Uddington compareceu ao funeral?

O rosto pálido de Netherburn adquiriu um pouco de cor.

— Não, mas dizem que Duggleby sim.

Ottilia respirou fundo.

— Quem disse?

— Como saber a origem desse tipo de notícias? — Protestou o cavalheiro, como se sua contribuição não ajudasse na propagação desta e de qualquer outra informação.

Ottilia se absteve de apontar, em vez disso, murmurou o que poderia tomar por acordo, se quisesse, antes de retomar o catecismo.

— Sabe se Duggleby estava ausente da vila, na hora do funeral?

O Sr. Netherburn deu um aceno de cabeça fervoroso.

— De fato, sim, que é o que torna peculiarmente problemático, se alguém deseja descrer dos boatos. O sujeito alegou que tinha ido a Coventry, para buscar um novo conjunto de hastes de metal, para fazer pregos. Esse fato força a alguém se questionar por que Duggleby escolheu exatamente aquele momento para fazer isso.

*De fato*, pensou Ottilia. Haviam percorrido um caminho mais curto, através do gramado, o Sr. Netherburn tendo garantido a Tillie que a grama estava bem seca, pelo sol que brilhava o dia todo, e agora estavam se aproximando do *Blue Pig*. Enquanto Ottilia digeria as informações

fornecidas por seu acompanhante, a princípio, não fez mais do que notar a presença de um movimento em um dos lados da casa, pouco antes da arcada. O motorista, que havia descido, falava com alguém, em grande parte obscurecido por seu corpo, mas as pernas com botas que Ottilia podia ver, tornaram-se repentinamente familiares. No instante em que percebeu que era Francis, reconheceu a inclinação da cabeça do motorista. Ryde!

Uma onda de consternação passou por si. O cocheiro havia chegado para buscá-los? Francis insistiria em sua partida? Logo quando estava chegando a algum lugar!



A CAMA, APESAR de suas proporções utilitárias, era notavelmente confortável. Francis, vestido não com a nova camisola de algodão grosseira, cuidadosamente fornecida por sua esposa, mas com uma das suas próprias, feita com um belo tecido, estava sentado contra os travesseiros, tomando uns goles de conhaque.

— Esta bebida é bastante tolerável. — disse, observando o movimento rítmico da escova no cabelo de Tillie, enquanto a esposa a flexionava energicamente, através das ondas marrons suaves, que desciam parcialmente por suas costas. Seus dedos coçavam para acariciá-los, contudo sabia que a atenção de Tillie ainda estava concentrada no quebra-cabeça do assassinato do ferreiro.

— Então, pelo menos, não preciso incomodar minha cabeça com a satisfação do seu paladar. — Tillie respondeu, olhando em volta enquanto falava.

O brilho malicioso, que Francis amava, estava em seus olhos, e não pode resistir.

— Não é a única satisfação que anseio.

Uma agradável nuance de cor apareceu em seu rosto, visível à luz do candelabro, que colocara sobre a penteadeira.

— Francis!

Fanshawe sorriu e mudou de assunto. — Além desse Uddington, quem mais tem em mente?

Tillie desviou o olhar e Francis escondeu um sorriso, por tê-la tornado consciente. Como sempre, sua esposa se recuperou rapidamente. Era uma das habilidades que mais admirava nela. Não perdia facilmente seu semblante, e se tanto, apenas brevemente.

— Oh, Uddington não é, de forma alguma, o único que tem rancor do ferreiro. — Francis concordou.

— Tisbury, por conta de Pilton, por exemplo.

— Sim, e sua esposa, Molly.

— Por que, então?

— Por ter perdido a criada da cozinha, para suas atividades amorosas, é claro.

— Estava esquecendo disso, — Francis disse, meditando, enquanto tomava um gole do líquido dourado em seu copo. — E quanto à esposa dele? Do Duggleby, quero dizer.

— Bertha? Sim, acho que devemos incluí-la. E por mais improvável que pareça, não posso ignorar o cão de Evelina Radlett.

Francis havia se maravilhado com essa história, entre outras, porém duvidava.

— Uma mulher planeja matar alguém porque suspeita que o sujeito bateu em seu cachorro?

A risada característica de Tillie soou. — Parece improvável. Porém sua amiga foi obrigada a atirar nele, lembre-se, e como a Sra. Radlett expressou para mim, está convencida de que Duggleby quase matou seu Toby.

Francis refletiu sobre isso e fez uma ressalva. — Mas não imaginou um tipo de mente, com astúcia o suficiente, para conceber o uso daquela bruxa como bode expiatório?

Francis ainda não havia conhecido a viúva Radlett, contudo a descrição animada de Tillie lhe deu uma boa noção do tipo de mulher que a viúva era.

Sua esposa o encarava, com as sobrancelhas levantadas. — Está se tornando excepcionalmente hábil, meu querido. Só posso ficar aliviada por ter optado em trabalhar em conjunto, em vez de contra mim.

Francis riu. — Nesse caso, fico tentado a aceitar a descoberta de Pilton, feita na ferraria, se não tivesse sido educado para ser honesto.

Um brilho de expectativa iluminou os olhos dela. — Um achado? Por que não me contou antes? O que foi?

— Estava distraído com a chegada de Ryde, para ser sincero.

— Mas o que foi encontrado? A corda?

A nota de impaciência foi percebida e Francis sentiu uma pontada semelhante ao ciúme. Ridículo. Como se desejasse as atenções de sua esposa. Francis se apressou em responder.

— Não a corda. O martelo.

Tillie se mexeu no banquinho para encará-lo. — Não é o mesmo usado?

— Achamos provável.

— Mas onde estava? Não na própria forja?

Francis resistiu ao impulso de provocar.

— Sim, minha querida inteligente, estava exatamente onde sugeriu, enterrado nas brasas.

— Queimado?

— O cabo sim, já o martelo em si está minimamente danificado.

Tillie ficou em silêncio por um tempo, passando a mão distraidamente pelas cerdas da escova de cabelo, de uma forma que Francis achou nitidamente perturbadora.

— No que está pensando?

— Que este assassino é muito inteligente para não saber que o fogo não queima o tempo suficiente, para derreter a cabeça do martelo. Poderia haver algum outro motivo para jogar o martelo no fogo?

Uma memória atingiu Francis.

— Que tal isso? Se o metal não tivesse sido parcialmente corroído, Meldreth disse que poderia ter sido encontrado vestígios de sangue, pele e cabelo no martelo.

A cabeça de Tillie disparou.

— Meu Deus, Fan! Isso é genial! — A malícia saltou no rosto dela e o coração de Francis se aqueceu. — Ou estou entendendo devagar demais ou sua rapidez está aumentando.

— Que pretensiosa!

Pegando um travesseiro de seu lado da cama, o jogou nela. Tillie o pegou habilmente, deu um beijo em sua cobertura lisa e jogou-o de volta. Francis rebateu, pois ameaçava quebrar seu copo, entretanto suavizou a rejeição, erguendo o conhaque em um brinde silencioso.

Tillie sorriu para o marido e se virou no banquinho para retomar seus trabalhos interrompidos com a escova de cabelo.

Por alguns momentos, Francis tomou um gole em silêncio, repassando a discussão em sua mente, em uma tentativa de se distrair da visão sensual dos cuidados de sua esposa com seus cabelos.

Francis suspeitou que caberia a si entrevistar o proprietário do *Cock and Bottle*, enquanto Tillie abordava a esposa. Esperava que Tillie o preparasse primeiro, pois tinha pouca dependência de sua capacidade de pensar por si próprio, sem algum estímulo. Tillie tinha um talento natural para ganhar a confiança de seus colegas. Na verdade, Francis suspeitou que fora devido ao modo como tratou a Sra. Pakefield que a senhoria colocou seu melhor quarto à disposição deles.

Era reconhecidamente limpo, de bom tamanho e adequadamente mobiliado, embora com pouca atenção ao gosto e à moda. As paredes eram caiadas de branco, as cortinas da cama de brocado envelhecido e desbotado, a madeira polida, mas lisa. Em suma, não fazia parte da classe de acomodação a que Francis estava acostumado.

Não que fosse incapaz de aguentar, como assegurou, apressadamente, a sua querida esposa, ao expressar suas dúvidas ansiosas. Não havia passado anos como soldado sem aprender a renunciar ao luxo e se virar? Porém não se deixou enganar por um momento, bem ciente de que a consciência de Tillie a estava atormentando.

Francis percebeu imediatamente, através das boas-vindas espúrias de Ryde encontrá-los do lado de fora do *Blue Pig*. Se fosse um juiz, Tillie ficara totalmente aborrecida ao ver o cocheiro, temendo que fosse obrigada a deixar Witherley, com as investigações não resolvidas.

— Não sou tão insensível - sussurrou ao ouvido dela, seguro de que já havia combinado com o cocheiro.

O alívio no rosto de sua esposa tinha feito com que tudo valesse a pena na época. Mas Francis estava começando a ter dúvidas. Ele não gostou do som de sua conversa com o lojista.

— Avalia Uddington como seu principal suspeito?

A escova de cabelo parou.

— Uddington tem os meios à disposição para fazê-lo e tem motivos suficientes.

Francis conhecia aquele tom. — Mas?

Tillie passou a escova e a pousou, virando-se para olha-lo novamente, uma ruga preocupada entre as sobrancelhas.

— Me pareceu um homem muito honrado.

Francis emitiu um som irônico. — Muito nobre para matar?

— Não, ele pode matar. Entretanto, apontar o dedo para Cassie Dale? Não é um homem que teme a morte. Acho que esperaria pagar suas dívidas, se tivesse feito isso.

— De qualquer forma não pode descartá-lo, Tillie. Pelo que me disse, as outras possibilidades são insignificantes. Uddington é tudo o que tem.

O olhar de Tillie estava firme. — Então, para começar, teu irmão era tudo o que eu tinha.

— Entendi.

O desconforto com as lembranças fez com que Francis voltasse a bebericar seu conhaque. As evidências contra o marquês foram esmagadoras, mesmo assim, nem por um momento, Tillie pensou em abandonar a caçada por outro suspeito, indiferente a qualquer perigo para si mesma. Só que agora Ottilia era sua esposa, amada e preciosa demais para arriscar. Uma lasca de arrependimento o atacou. Por que não tirou proveito dos arranjos de Ryde?

O cocheiro havia chegado no momento em que voltava da ferraria, tendo suportado uma penosa meia hora demonstrando sua descoberta da viga cortada ao vexatório Lorde Henbury. Estava com vontade de sacudir a poeira de Witherley de seus calcanhares, contudo Ryde trouxe notícias decepcionantes.

— Williams teme que demore vários dias para consertar o eixo da carruagem, milorde.

Depois de uma viagem abortada até Atherstone, o cocheiro encontrou um ferreiro em Nuneaton. Parece que o cocheiro deve mancar a passo de caracol até a ferraria, onde a cabine da carruagem deverá ser removida de suas barras de fixação para chegar à parte defeituosa.

Se o ferreiro não puder fazer o conserto sozinho, e não saberá até que veja a situação, poderá ter que mandar buscar uma nova árvore de eixo dos fabricantes de carruagens em Coventry.

Francis praguejou fluentemente, porém quando Ryde lhe contou sobre os quartos reservados em uma hospedaria em Nuneaton, pesou a ideia e a rejeitou.

— Permaneceremos aqui, Ryde. Já que devemos esperar em qualquer caso, não posso permitir que sua senhoria se irrite em outro lugar, sem nada para ocupá-la, enquanto os eventos nesta aldeia estão em andamento.

Ao olhar surpreso do cocheiro, Francis esclareceu, brevemente, sobre o estado atual das coisas. A severa desaprovação de Ryde o divertiu em vez de irritá-lo.

— Pode muito bem se acostumar, Ryde. Suspeito que este não seja o último incidente desta natureza pelo qual sua nova patroa se interessará.

Então, expressou seu alívio pelo cocheiro ter trazido a bagagem e pediu que a transportasse para um quarto de dormir, depois dele haver combinado com os Pakefields que os Fanshawes ficariam.

— Não haverá dificuldade, pois imagino que nossa permanência aqui não seja inesperada. Então, é melhor que volte ao Williams e diga-lhe onde estamos. Diga para vir nos buscar, quando a carruagem estiver pronta. Também não adianta ficar batendo os calcanhares, então sugiro que fique em Nuneaton esta noite e junte-se a nós amanhã. E contrate o trabalho pelo tempo que for necessário. Podemos precisar.

Depois Francis se arrependeu um pouco de sua decisão precipitada, pois uma onda de inquietação o perturbou.

Viu que, enquanto ruminava, Tillie havia deixado o roupão e apagado as velas do candelabro. A câmara estava agora iluminada apenas pelas velas individuais, em castiçais, de cada lado da cama. Na luz mais fraca, o corpo esguio de sua esposa, enquanto se movia em direção à cama, vestida apenas com sua camisola, era sinuoso e atraente.

Francis foi dominado por um forte ataque de pavor. Quando Tillie se sentou a seu lado, Francis pousou o copo. Virando-se, abraçou-a e puxou-a

para perto de si.

— Quero que se cuide, minha querida. Temo que possa ter feito desse homem, Uddington, um inimigo perigoso.



# Capítulo 7

**Atormentada por pesadelos**, Cassie dormiu mal. Entre surtos de sonhos inquietos, começou a sentir seus hematomas. Ontem ficara em sua cabana, com as instruções do Sr. Kinnerton em mente, e não inteiramente, porque Tabby era tão impassível quanto um carcereiro, ao se recusar em deixá-la se aventurar.

Perto da noite de ontem, Sam havia retornado do reconhecimento para obter notícias. Cassie ficou aliviada ao ver, pela janela, sua forma corpulenta se aproximando, mas quando Sam entrou no chalé, seu rosto de feições largas estava ansioso. Parecia que havia um estranho na aldeia que estava questionando a todos e tinha até ido dar uma olhada no corpo de Duggleby.

— Ao que tudo indica, esta Lady Francis está representando o juiz Henbury, — disse Sam. — Não que eu prestasse atenção em nada que Will diga, apenas conheci o Dr. Meldreth, que disse tudo.

Cassie olhou para Sam, agitada por uma lembrança. — Uma mulher com um olhar que pode ler sua mente?

Sam olhou para Tabitha e voltou carrancudo para Cassie. — Como vou responder a isso, Srta. Cassie?

Respirando fundo, Cassie tentou remontar a foto da mulher que conheceu na ferraria. — Não posso descrevê-la de outra forma. Não é uma mulher bonita, eu acho. — Lutando, tentou encontrar palavras que pudessem ajudar. — Maçãs do rosto altas. Um pintor pode dar valor ao rosto dela, embora eu não possa. Mas os olhos, Sam. Um olhar tão claro, que se poderia afogar nele, se não houvesse tanta gentileza em sua voz.

Tabitha estalou sua irritação. — Como se o pobre Sam pudesse dizer o que quis dizer com tal emaranhado. E eu não tenho ideia de quem seja, também.

— Não, pois a conheci na ferraria, — disse Cassie, virando-se para Tabitha. — Quando se recusou a entrar.

— Eu ficaria muito mais feliz se tivesse se recusado a entrar também. — respondeu Tabby descaradamente. — Mas por que acha que é a mesma pessoa que Sam falou, senhorita?

— Porque essa senhora disse que me ajudaria. Disse que descobriria a verdade. E eu acreditei nela.

— Parece que a senhora está fazendo isso, — disse Sam — se for a mesma mulher.

— Quem essa senhora já questionou?

Sam encolheu os ombros. — Não posso dizer isso, Srta. Cassie. Pelo que eu sei é que o reverendo tocou nos meninos do fazendeiro Staxton.

Algo agarrou o peito de Cassie.— Por atirarem pedras em mim?

— Sim. Parece que o Sr. Kinnerton não está tão quieto quanto parece. Espero que os tenha seriamente repreendido - disse Tabby vingativamente.

Sam balançou a cabeça.— Falava baixinho, pelo que ouvi. Entretanto, o que quer que tenha dito os fez se contorcerem, como se houvesse besouros em suas calças.

Cassie não conseguia imaginar que palavras conseguiriam realizar tal façanha, mas como Sam não tinha conhecimento exato do que havia sido dito, não foi capaz de esclarecê-la. Quando perguntou de quem havia obtido tal informação, disse que tinha vindo do próprio Staxton.

— Staxton estava se explodindo de rir, dizendo que gostaria de ter falado assim com seus filhos anos atrás, pois nenhuma bétula serviu para conter os meninos.

Espantada e incrédula, Cassie desejou poder falar pessoalmente com o Sr. Kinnerton, para descobrir o que havia acontecido. Nunca ninguém, nem mesmo Lady Ferrensby, enfrentara seus inimigos. E como poderia ser que o homem de fala gentil, que tinha dado seu socorro, fosse um campeão tão forte?

No entanto, essas garantias não conseguiram apaziguar os demônios da noite. Era difícil acreditar, na solidão endêmica da maldição de sua habilidade não natural, que pudesse haver qualquer permanência de paz em sua vida turbulenta.

A esperança ressurgiu naquela manhã quando a governanta do Sr. Kinnerton apareceu em sua porta. Era uma dama esguia, com modos tão temíveis quanto francos. Viera a mando de seu patrão, disse, para perguntar sobre a saúde da Sra. Dale.

Cassie poderia ter chorado. Convidou a mulher a entrar e pediu a Tabby que fizesse, para ambas, uma xícara do precioso chá, reservado para ocasiões especiais. Lady Ferrensby mantinha  sua caixa de chá abastecida,

mas Cassie, odiando a caridade da qual era forçada a depender, tomou o cuidado de tirar o chá, para que não devesse muito.

— A senhora serve a um bom patrão, Sra. Winkleigh.

A mulher enrubesceu. — Sim, vou ficar e servi-lo, quer o reverendo goste ou não. — Intrigada, Cassie a encarou.

— Por que o reverendo não deveria gostar?

A Sra. Winkleigh fungou, sacudindo as anáguas, enquanto se sentava em uma das cadeiras opostas a que Cassie estava sentada, do outro lado da mesa.

— Bem, o Sr. Kinnerton não gosta disso. Só quando reclamei sobre o lugar ser pequeno e abafado, como qualquer um que viesse da casa da família Kinnerton, — não que eu me importe. Estava apenas dizendo. O que Patrão Aidan disse foi que eu não precisava ficar se não quisesse. — Fungou novamente. — Eu rapidamente o coloquei em seu lugar, pode ter certeza.

Espantada por alguém ter a ousadia de colocar o reverendo Kinnerton em seu lugar, Cassie exigiu esclarecimento.

— Jurei que não iria deixá-lo a se reduzir a pele e osso novamente, como fez naquele lugar pagão nojento, ao qual insistiu em ir. Como se já não soubesse, pois eu não teria mais aprovação disso do que a mãe dele.

— Qual lugar pagão?

— África, madame. Viajando em face dos desejos de sua família, mas o reverendo ouviria?

Cassie se levantou da cadeira e cruzou para olhar pela janela, observando por cima do riacho, em direção à torre distante da igreja, do

outro lado do gramado, como se pudesse ver o vicariato e olhar para o próprio Aidan Kinnerton.

— Acho que é admirável da parte dele ter dado tal passo.

— Admirável? Ir para um lugar pouco melhor do que uma selva e quase ser morto por um bando de selvagens?

Cassie se virou, assustada. — Certamente não.

— Oh sim, senhora. Lanças e tudo é o que o Sr. Kinnerton enfrentou, pois escreveu isso na única carta que veio. Então não ouvimos mais nada, e sua pobre mãe estava convencida de que o filho estava morto. E que quase estava mesmo. Foi como se um esqueleto entrasse em casa!

Cassie se lembrou da imagem que vira, sobreposta às características atuais do pároco. Olhou para a governanta e um pensamento perdido se intrometeu em sua cabeça, junto com a imagem de um menino nos braços de uma mulher. Uma versão mais jovem, mas não havia dúvida de que era a Sra. Winkleigh.

— A senhora foi a enfermeira dele.

A governanta piscou. — É isso mesmo, milady. Como soube? — A percepção faiscou em seu rosto. — Oh.

Cassie sorriu com força. —Sim, por isso me chamam de bruxa.

— Bruxa? Conversa fiada, senhora, se me perdoa. — disse a Sra. Winkleigh, reanimando-se rapidamente. — Não é mais bruxa do que o patrão Aidan é um anjo que desceu à terra, e isso é um fato. Está certa, senhora. Fui enfermeira dele e prometi a sua senhoria que cuidaria dele, como cuidarei. Ou responderei a sua família e ao próprio Todo-Poderoso.

— Sua senhoria? — repetiu Cassie, fixando-se no ponto saliente desta diatribe.

— Lady Kinnerton, senhora. É a mãe do patrão Aidan.

— O Sr. Kinnerton tem um título?

— O patrão Aidan não. Há três irmãos mais velhos, e sua senhoria é um visconde. — A consternação apareceu no rosto da mulher. — Agora não vá dizer que eu contei sobre isso à senhora. Porque o patrão Aidan não gosta que tal fato seja conhecido.

A cabeça de Cassie estava girando. Se assim for, sua suspeita sobre as intenções de sua senhoria, em relação ao vigário, deve ser infundada. Nem mesmo Lady Ferrensby poderia supor que o filho de um visconde se rebaixaria tanto.

— Lady Ferrensby sabe? — Deixou escapar, antes que pudesse se conter. — Não, é tolice! Claro que deve saber.

— Oh, Lady Ferrensby sabe muito bem. Lady Ferrensby e milady acertaram sobre minha maneira de pensar. Milady Kinnerton desejando impedir qualquer pensamento do patrão Aidan de ir embora novamente, sendo esta relativa a uma pequena paróquia que não colocaria qualquer pressão indevida na saúde dele.

— Exceto que as circunstâncias se arranjaram de tal forma, que seu patrão terá sorte de não sofrer uma recaída instantânea. — disse Cassie, sentindo a amargura de sua maldição novamente. Quantas pessoas estava destinada a destruir?

— Seja como for — veio em um tom animado da governanta — não seria bom para o patrão Aidan ficar ocioso, não importando os desejos de sua mãe. Não que eu e Croy não tenhamos nosso trabalho interrompido, também.

— Croy?

— O ajudante do Patrão Aidan, senhora. Está fora, pegando mais baús do patrão. E algumas das cortinas indesejadas de sua senhoria e coisas assim, pois o vicariato está vazio, como um buraco de rato. Não é habitado há meses, pelo estado que está. Mas Croy e eu logo vamos acertar tudo. E encontrar algum trabalho para os habitantes locais na barganha. Acho que preciso de algumas meninas úteis da aldeia, e Croy também precisa de um ajudante.

— Então s senhora poderia dar trabalho para a filha de Duggleby, — disse Cassie ansiosamente, aproveitando o ensejo.

— A menina ainda é muito jovem, eu acho. Embora precise de um emprego. Tabby diz que o Sr. Uddington está fazendo uma coleta, mas isso, dificilmente, vai durar muito mais tempo.

A Sra. Winkleigh franziu os lábios. — A senhora sabe se a garota é boa?

Incuravelmente verdadeira, Cassie balançou a cabeça. — Eu mal a conheço. Por outro lado, a senhora pode ensiná-la, não, Sra. Winkleigh?

A governanta parecia em dúvida, e graças a Tabby entrar naquele momento com o chá, a governanta não foi obrigada a responder. Cassie agradeceu à sua criada e sentou-se com uma nova determinação. Aqui estava uma oportunidade de fazer as pazes, ainda que pequena, e não a deixaria passar levianamente. Tomou um gole do chá, que teve, como sempre, o efeito de reanimar seu ânimo.

— Deixe-me levá-la para ver a garota de Duggleby, Sra. Winkleigh. Então poderá julgar melhor por si mesma.



NÃO LEVOU MUITOS minutos para atravessar o caminho estreito, que corria ao longo da pequena fileira de cabanas. Quando chegaram à ponte, Cassie apontou para a ferraria em ruínas.

— A casa fica logo adiante. Devemos dar a volta por trás, pois temo que a estrada deste lado do rio esteja bloqueada com escombros.

Assim, ambas as mulheres cruzaram a estrada e foram para um dos lados do pátio da forja, momento em que Cassie aconselhou a Sra. Winkleigh a levantar as saias. Antes que pudessem pisar na grama, alta demais, outra mulher dobrou a esquina e Cassie reconheceu, sob um chapéu de palha, as feições angulares de Molly Tisbury.

Cassie parou, com o coração apertado, pois sabia que a senhoria do *Cock and Bottle* era uma de suas críticas mais severas. Ao lado dela, a governanta do vigário deteve-se da mesma forma. Evidentemente também vira a mulher.

— Parece que não somos as primeiras visitantes esta manhã.

A Sra. Tisbury já estava a uma distância de saudação, e olhava ferozmente ao encarar.

— O que está querendo aqui? Veio regozijar-se, não?

Caminhando, parou diante delas, observando a Sra. Winkleigh, da cabeça aos calcanhares. Cassie deu um passo para trás e viu a governanta se manter firme, com as costas rígidas.

— E quem é a senhora? — Interpelou rudemente Molly Tisbury.

— Poderia lhe fazer a mesma pergunta, senhora - Respondeu a outra, seu tom ártico. — Já que perguntou, meu nome é Winkleigh e sou a governanta do reverendo Kinnerton.

Esta informação foi recebida com um bufo.

— O reverendo, hein? E vejo que está tão enganada quanto Kinnerton, visto que está de mãos dadas com a bruxa.

A Sra. Winkleigh, para admiração de Cassie, não aceitou essa afirmação. Em vez disso, ergueu-se em toda a sua altura e olhou para a outra mulher com desdém.

— A senhora terá a bondade de nos deixar passar? — Molly Tisbury colocou as mãos nos quadris e permaneceu bem na frente delas, um dedo, serpenteando em direção a Cassie.

— Não vou deixá-la passar, não se está pensando em atormentar a pobre Bertha Duggleby.

— É insolente, mulher. Não pense que pode me intimidar, pois não vou tolerar isso. Agora saia do meu caminho!

O queixo de Molly Tisbury caiu e Cassie se aproximou, a mágoa dando vibração à sua voz.

— Peço, não brigue por minha causa. Sra. Tisbury, estou tentando ajudar. A Sra. Winkleigh tem trabalho como criada doméstica, e eu pensei...

— Pensou! — Interrompeu Molly, seu tom vicioso. — Será que pensa como o morto, Duggleby. Ninguém precisa de seus pensamentos por aqui. Melhor, nem tão longe, já que sua senhoria não o trouxe junto ou perto de Witherley. Quem será o próximo, hein? Quem verá em suas visões a seguir?

A mulher estava cuspindo espuma e Cassie se encolheu, apenas meio consciente de que as mãos da Sra. Winkleigh estavam espalmadas contra os ombros da criatura, segurando-a.

— Já chega, está me ouvindo? Afaste-se ou, então, colabore ou vou dar um tapa na sua cara feia!

Cassie ouviu um rosnado saindo da garganta da outra mulher quando agarrou os pulsos da Sra. Winkleigh, tentando puxar as mãos que a restringiam. Seu coração martelava em seu peito quando Cassie sentiu a primeira névoa rodopiante de uma imagem se formando em sua mente. Levou as mãos à cabeça, desesperada e com medo.

— Não — murmurou sem fôlego. — Por favor não.

De algum lugar fora de sua concentração imediata, ouviu uma voz calma entrar no burburinho.

— Que diabos está acontecendo aqui?

Virando-se automaticamente, Cassie descobriu a estranha mulher que havia conversado na ferraria no dia anterior.

— É o costume invariável desta aldeia, as mulheres brigarem nas ruas? — Uma risada em sua voz que fez mais para derramar óleo sobre essas águas turbulentas do que outra voz elevada.

— Venham, venham, senhoras. Devo implorar que se libertem. Certamente não pode haver ocasião para tamanha violência.

Essas palavras, pelo menos, afetaram fortemente a Sra. Winkleigh, pois soltou Molly e se afastou, limpando as mãos. A mulher de Tisbury demorou mais para reagir, entretanto, parou de lutar ao ser liberada e seu olhar se voltou para a recém-chegada.

— Está bem, Sra. Dale? — disse, estendendo a mão a qual Cassie pegou e segurou, aliviada por sentir a névoa em seu cérebro se dissipando.

— Obrigada, — engasgou, e uma lembrança despertou. — A senhora é Lady Fan.

A outra mulher sorriu. — Sou, de fato. — Então seu olhar voltou para as antagonistas.

A carranca de Molly reapareceu. — Lady Fan, não é?

— A senhora viu o corpo. Está fazendo todo tipo de pergunta.

Lady Francis inclinou a cabeça e Cassie notou o olhar penetrante, que varreu o rosto de Molly.

— É isso mesmo. E a senhora é a Sra. Tisbury. Estou certa?

Molly ficou boquiaberta. — Sim, mas como sabia, não sei dizer. A Sra. é outra bruxa?

Uma risada leve escapou da recém-chegada.

— Sou meramente observadora, Sra. Tisbury. E ainda estou para aprender que existem bruxas em Witherley.

O coração de Cassie saltou, e Molly fez uma careta.

— Assim, não é? Está do lado dela.

— Não estou do lado de ninguém — disse Lady Fan — a menos que seja o lado da verdade. — E voltou sua atenção para a Sra. Winkleigh, que estava avaliando Lady Fan, com um olhar crítico, com a percepção de Cassie.

— A senhora tem uma vantagem sobre mim, eu temo.

Cassie se apressou em deixar a governanta conhecida, ainda assim o ar ligeiramente desconfiado da Sra. Winkleigh não diminui nem um pouco.

— Ouvi sobre a senhora pelo patrão — disse, sem rodeios. — Não vou negar que tive dificuldade em acreditar que qualquer senhora meteria o nariz em tais questões.

— Mete o nariz dela, sim! — Explodiu Molly Tisbury. — Cutucando minha vida, fazendo gente como Pilton me denunciar.

O olhar suave de Lady Fan se voltou para a mulher. — Há algo importante para contar, Sra. Tisbury?

Para o espanto de Cassie, Molly empalideceu um pouco, fechando os lábios com força. Lady Fan a olhou fixamente por um momento e depois se voltou para a Sra. Winkleigh.

— Suponho que desaprova meu interesse nesses assuntos?

— Não é minha função fazer isso, milady. — disse a governanta. — Tampouco disse tal coisa.

— Verdade, mas deixou implícito. Esquece. Espero provar meu valor no devido tempo.

— Provar? O que vai provar, como se não fosse sabido? — Molly se recuperou mais rapidamente do que Cassie poderia ter desejado, pois a mulher apontou um dedo ossudo.

— Que seja feito por Duggleby. Não precisa de perguntas.

Mais uma vez, a mulher ficou sob a luz do nível de consideração de Lady Fan.

— Receio que discordo, Sra. Tisbury. De qualquer forma, não precisa supor que meu interesse esteja apenas na senhora. Estou questionando a todos que podem ter rancor contra esse homem, Duggleby, e deduzo que há várias pessoas nesta categoria, além da senhora.

Os olhos negros de Molly dispararam.

— Quem te disse que tenho rancor dele?

Lady Fan apenas sorriu e voltou a concentrar sua atenção em Cassie.

— Estava indo visitá-la, Sra. Dale.

Cassie ficou olhando.

— A mim?

— Por que não?

— Porque as pessoas não a visitam. — Então se lembrou da Sra. Winkleigh e estendeu a mão se desculpando.

— Veio atrás do seu patrão, embora tenha sido gentil.

Molly Tisbury explodiu novamente.

— Gentil! Mais parecido com uma tola. — E virou-se para a estranha. — Foi Hannah quem falou sobre mim? Vai ficar no *Pig*, não vai? É Hannah, não é?

As sobrancelhas de Lady Fan se ergueram.

— Minha nossa, Sra. Tisbury, a senhora vai me convencer que, certamente, há algo a ser descoberto. Nesse caso, espero que esteja disposta a falar comigo em um futuro não muito distante.

— Falar contigo? Então, como pode enfiar o nariz ainda mais fundo? Eu não, Lady Fan. Nem adianta falar, já que está ao lado dela.

Um lance de cabeça na direção de Cassie a fez estremecer.

— Espero que pense melhor sobre essa decisão, Sra. Tisbury, — disse Lady Fan, seu tom perfeitamente calmo. — Odiaria ser obrigada a chamar o jovem Pilton para trazê-la a mim, para um interrogatório.

Um suspiro da Sra. Winkleigh mal chamou a atenção de Cassie, cujos olhos estavam totalmente fixados na expressão cambaleante no rosto de Molly. Não pôde evitar um aumento de satisfação, ao ver a mulher confusa.

Por um minuto inteiro, o olhar se manteve e, em seguida, com um grunhido, Molly desviou os olhos e passou por Lady Fan, em direção à ponte.

A Sra. Winkleigh observou-a se afastar e então deu um grunhido próprio.

— Boa viagem! Pergunte quem é o próximo, certo? Não me surpreenderia se fosse ela, criatura horrível.

Lady Fan não fez nenhum comentário, ao invés disso, olhou para Cassie.

— Eu não desejo detê-la. Estava indo visitar Bertha Duggleby?

Cassie piscou para Tillie. — Como sabia?

A outra sorriu. — Como disse à '*encantadora*' Sra. Tisbury, é apenas um truque de olhar. Sua posição aqui e seu encontro com Molly me levam a essa suposição, isso é tudo.

A Sra. Winkleigh deu uma risada rouca.

— Isso é o que o patrão disse. Quando se olha também se ouve. Disse que percebeu isso em particular, pois o patrão mesmo o tem que fazer.

— Então, tenho certeza de que é muito bom em seu trabalho. — respondeu Lady Fan.

Cassie fez uma dedução por conta própria.

— Não deseja ver Bertha Duggleby também?

O olhar claro de Lady Fan apresentou uma espécie de provocação.

— Ainda podemos fazer da senhora uma verdadeira bruxa, Sra. Dale.

Ninguém jamais provocara Cassie. Isso deu-lhe uma estranha sensação de companheirismo; algo para o qual era quase uma estranha. Por impulso, deu um raro sorriso.

— Venha conosco, imploro.



A VIÚVA DO ferreiro parecia abatida e doente, e sua saudação foi sem brilho. Não pareceu a Ottilia que demonstrasse qualquer hostilidade para com a Sra. Dale, o que era surpreendente. Quando foi questionada sobre se a casa havia sofrido com o incêndio, apresentou um olhar vazio e nada disse.

— Não fiquei perto o suficiente da forja. Só se as chamas tivessem se apoderado e saltado a lacuna, como Tisbury disse.

— Tisbury sugeriu isso? — Ottilia perguntou imediatamente.

— Disseram como o fariam se a tempestade não viesse.

— Mas a tempestade veio. — protestou a Sra. Dale — Daquela maneira intensa que havia feito. Eu disse a Duggleby que viria. Eu o avisei. Disse-lhe que a tempestade derrubaria o telhado.

Bertha Duggleby olhou para Cassie Dale de uma forma monótona, porém nada disse. Antes que Ottilia tivesse chance de abordar o fato, a Sra. Winkleigh interveio.

— Preciso de uma garota no vicariato, Sra. Duggleby. Ouvi dizer que a senhora tem uma filha que pode servir.

Pela primeira vez, um toque de animação entrou na aparência e na voz da viúva.

— Minha Jenny? Gostaria de levar minha Jenny?

A Sra. Winkleigh retrocedeu um pouco. — Desde que seja uma trabalhadora disposta.

— É uma boa menina, senhora. — Disse a Sra. Duggleby, quase ansiosa, levantando-se de sua cadeira na sala organizada, obviamente,

destinada a visitantes e sala de estar, se é que uma casa desse tamanho tem uma.

— Jenny está disposta, certo. Vou buscá-la. — Com isso, a viúva se arrastou até a porta e desapareceu.

Ottilia olhou para a governanta.

— Espero que seja considerada satisfatória, Sra. Winkleigh. Atrevo-me a dizer que pode achar difícil repudiá-la depois disso.

A Sra. Dale estendeu as mãos para a mulher.

— Oh, leve-a, leve-a, eu imploro! E quando Bertha for forçada a deixar esta casa, talvez tenha Jenny para morar no vicariato.

A Sra. Winkleigh franziu a testa.

— Não tão rápido, Sra. Dale. A garota deve provar a si mesma primeiro. Sinto muito pela mulher, porém não vou impedir a menina da caridade.

Ottilia notou o olhar trágico nos olhos de Cassie Dale e se perguntou como a jovem havia se tornado tão sobrenatural. Claramente, não lhe foi dado reconhecer que o próprio trabalho da governanta deveria sofrer, caso fosse sobrecarregada com uma ajuda ineficiente. Bem, não ter ninguém mesmo.

Quando Bertha Duggleby voltou com a filha, uma criança robusta de, talvez, treze anos de idade, ficou claro para Ottilia que não havia necessidade de se preocupar. A inteligência transparecia em seus olhos e na deferência que dispensava a seu futuro empregador, embora olhasse um pouco de soslaio para Cassie Dale.

A Sra. Winkleigh parecia ter julgado a garota da mesma maneira, pois não perdeu tempo.

— Vou te dizer uma coisa, jovem Jenny. Venha comigo para o vicariato neste momento, e eu irei te mostrar o que preciso. Se acha que poderá administrá-lo, nós faremos nossos arranjos ali mesmo.

Jenny fez uma reverência. — Não tenho medo de trabalhar duro, senhora. Tenho ajudado mamãe a fazer pregos para a forja, há cinco anos ou mais.

O que, evidentemente, satisfez a Sra. Winkleigh. Enquanto decorria a partida da governanta com a garota, Ottilia demorou-se, interrogando a si mesma sobre o futuro destino da Sra. Duggleby. Um novo ferreiro, sem dúvida, se instalaria no devido tempo, e Bertha só podia supor que a comunidade local assumiria a responsabilidade pela viúva, caso fosse pobre. O que, de acordo com a Srta. Beeleigh, permanecia uma questão. Assim que os negócios relacionados à filha foram concluídos, houve um esvaziamento instantâneo da pequena animação que iluminou Bertha Duggleby momentaneamente. Ottilia tentou dizer-lhe algo que a reanimasse.

— Bem, há um problema a menos em seu caminho, Sra. Duggleby.

A mulher ergueu a cabeça, o olhar enfadonho voltado para a visitante. Não tome nada além de uma gota. Há o menino em quem pensar.

— Quantos anos o menino tem?

— Não mais de seis. Está aprendendo o ofício de seu pai, porém a forja não é pra ele agora. Não há chamadas por aprendizes por aqui, não aos seis anos.

Os olhos de Cassie Dale se encheram de lágrimas. — Será cuidado, Bertha, prometo. A Sra. Ferrensby cuidará disso.

A viúva acenou, mas a tristeza de sua postura azedou. — Era bem o feitio dele deixar tudo para sua senhoria. Prover para sua família? Não Duggleby. Não era o jeito dele.

Ottilia foi adiante no assunto. — Seu marido tinha um ótimo negócio, ao que tudo indicava, Sra. Duggleby. Suponho que não dependia apenas desta aldeia, devia ter clientes a quilômetros de distância.

Bertha Duggleby olhou para Ottilia com um súbito veneno em seu olhar. — Não digo que a forja foi má. Não digo que não mantivesse um teto sobre nossas cabeças, nem comida na mesa. Porém, onde está o vestido novo que me prometeu há cinco anos? Onde está a escolaridade da qual se vangloriava para seu próprio filho? Te digo onde. Nas costas de sua série de amantes, é lá que está! Perfumes e brinquedos e lenços de pescoço e não sei mais o que, além disso. Meu novo vestido, pelo que sei. Se houvesse um pote de ouro escondido, como meu marido se gabava, aqui não estava e nem está escondido.

— Pote de ouro? — Ottilia repetiu, prevendo o ataque.

Bertha encolheu os ombros. — Guinéus de ouro, dizia. Eu não os vi. Nem vi nenhuma mercadoria comprada para esta casa, como deveria ser se realmente tivesse visto a metade dessa riqueza.

Cassie parecia angustiada, porém Ottilia não perdeu tempo em lamentações ociosas, embora houvesse pouca dúvida de que a mulher estava duramente abatida.

— Quando seu marido lhe contou sobre este ouro, Sra. Duggleby?

A breve reclamação devolveu a viúva à sua apatia. Mal fez o esforço de encolher os ombros.

— Já faz quase três meses que vinha se gabando disso. Não acreditei nele no início.

O período preciso de tempo atraiu o interesse de Ottilia. Não estava de acordo com a morte da Sra. Uddington? Arquivou os fatos em sua mente.

— Quando começou a acreditar naquele ouro, Sra. Duggleby?

— Não sei como eu sabia. Não, até que meu marido falou, quando me pegou procurando e me bateu.

Ottilia sentiu uma onda de simpatia pela mulher e olhou para Cassie Dale, esperando ver horror em seu rosto. Em vez disso, encontrou apenas pena. Uma criatura surpreendente, Sra. Dale.

— Temo que tenha sido infeliz com seu marido, Sra. Duggleby. Não gostava dele? Odiava-o, talvez?

Os olhos de Bertha queimaram brevemente em Ottilia.

— O suficiente para matá-lo?

— Não? — Observou Ottilia, mantendo o olhar firme no rosto da mulher. — Ouso dizer que poderia tê-lo matado por causa do dinheiro. Mas não por ódio.

Para sua surpresa, a viúva assentiu. — Sim. Mas não a forja. Eu nunca queimaria a forja.

Satisfeita, Ottilia se levantou. — Obrigado, Sra. Duggleby. Tem sido muito útil. — Cassie também se levantou, mas parecia confusa.

— Isso é tudo?

Ottilia sorriu. — Penso que sim. — Então, um pensamento lhe ocorreu.

— Sra. Duggleby, sabia que seu marido estava namorando a criada de cozinha de Molly Tisbury? — Ouviu o suspiro chocado de Cassie e sorriu

para a viúva, que permanecera impassível. — Foi muito franca comigo, Bertha, por isso não tenho escrúpulos em fazer essa pergunta.

— A criada está grávida, ouvi dizer. — disse a Sra. Duggleby, sua voz de volta ao tom monótono de sua conversa inicial.

— Sim, fugiu durante a noite.

Bertha acenou. — Provavelmente tem alguns guinéus de ouro. Caso existam.

— Sim.

Ottilia arriscou. — E a Sra. Uddington está morta. — Bertha saltou da cadeira. *Isso fez efeito.* Pensou Ottilia com satisfação. Os olhos da mulher estavam arregalados, enquanto olhava para sua visitante.

— O que quer dizer, Lady Fan? — Perguntou Cassie Dale, em um tom abafado, seu olhar indo de uma para a outra.

Ottilia não tirou os olhos da viúva. — Bertha sabe o que quero dizer. Foi a primeira traição, não foi, Bertha? Foi isso que doeu. Achou que pretendia deixá-la de lado? Seu marido não poderia ter feito isso, sabe. A Sra. Uddington caiu em desgraça. Duggleby não poderia ter se casado com ela.

Por fim, a mulher falou, a voz rouca de pavor. — Pensei que iria me matar. Veneno, ninguém saberia. Duggleby a queria muito, eu sei disso. Se eu fosse embora, a teria.

O nojo cresceu em Ottilia, e pousou sua mão no ombro da viúva. — Duggleby disse isso?

A viúva assentiu entorpecida. — Sim.

— Pobre criatura. Foi uma ameaça vazia, Bertha. Mais por ostentação, eu suspeito. Deve estar aliviada por ter-se livrado dele.

Com isso, as feições da mulher se contraíram e explodiu em soluços ruidosos. Cassie Dale correu e se ajoelhou a seus pés, pegando a mulher em seus braços e segurando-a com força. Através dos gritos vieram palavras, pouco coerentes.

— Odiá-lo?! Não. Eu o amava, apesar de tudo. Sim. Não, nada além de uma idiota, eu sou.

Ottilia esperou, até que Cassie se afastasse e captasse seu olhar. — Vou esperá-la lá fora. — disse suave e silenciosamente ao sair da sala.



— Por que a pressionou tanto? Não é suficiente que esteja enlutada?

O tom de Cassie Dale era de reprovação. Ottilia a observou, enquanto contornavam os fundos da forja.

— Se quisermos descobrir quem é o responsável pela morte de Duggleby, minha querida Sra. Dale, não podemos deixar pedra sobre pedra.

Os olhos escuros esquadrinharam seu rosto, perscrutadores, como se sua dona não pudesse compreender o que vira.

— Não pode pensar que Bertha assassinou o próprio marido!

— Temo que seja muito possível. A violência dentro das famílias é muito mais provável do que fora dela. E há a questão do ouro. — Disse, sorrindo para a jovem. — No entanto, estou inclinada a pensar que Bertha é inocente. Embora isso não signifique que eu esteja certa.

— Defende a teoria do Doutor Meldreth, então? Que o pobre homem foi atingido por um martelo?

Ottilia ergueu as sobrancelhas.

— Bem, Duggleby certamente não foi morto por nenhum meio sobrenatural.

Um rubor cobriu a bochecha da jovem, quando disse desviando o olhar:

— Pensei que fosse o telhado caindo sobre ele, até que Sam me disse o contrário.

— Não. Essa foi uma cortina deliberada para esconder a verdade, assim como o fogo.

A Sra. Dale parou no pátio da ferraria e voltou para Tillie, uma súplica em seus olhos escuros.

— Então não foi minha culpa? Eu não fiz aquilo acontecer?

— Claro que não. — disse Ottilia, segurando os ombros magros da criatura. — Desejo que se livre de qualquer sombra de culpa.

A jovem mulher respirou fundo.

— Eu gostaria de poder. No entanto, mesmo que possa acreditar nisso, o resto da vila não o fará.

Ottilia a soltou, uma nota aguda entrando em sua voz.

— Não, porque *nosso* assassino escolheu bem a oportunidade, e se aproveitou do seu aviso.

O choque saltou nos olhos da Sra. Dale. Estava claro que essa noção não lhe havia ocorrido anteriormente.

— Deliberadamente? Para fazer os aldeões me perseguirem?

— Sim. — Disse Ottilia com franqueza, acreditando que quanto mais a jovem entendesse, menos temeria. — Foi um bode expiatório conveniente.

A dor cruzou a visão da garota, e o olhar trágico voltou.

— Cruel! Mas sempre foi assim.

Ottilia franziu a testa.

— O que quer dizer?

Cassie estremeceu.

— Até meus irmãos usaram minha propensão a ver coisas, mesmo que eu não visse coisa alguma. Costumavam dizer a meu pai que suas travessuras haviam sido preditas, como se não tivessem controle sobre elas. Como se eu os obrigasse a fazer tais coisas.

Não é de admirar que a pobre garota estivesse tão irritada.

— O que precisa, minha querida, é de alguém para protegê-la de tais crueldades.

— Tenho Tabitha e Sam.

— Seus servos?

— Minha criada e o marido.

Ficou claro para Ottilia que a Sra. Dale tinha pouca compreensão do que quisera dizer. Então Ottilia sondou mais um pouco.

— Ouso dizer que seu falecido marido foi útil também.

Algo brilhou nos olhos de Cassie. A jovem desviou o olhar e voltou a olhar para Tillie. Ottilia pensou ter visto uma rápida mudança de emoções cruzar seu rosto — choque, medo e consternação.

Antes que pudesse indagar sobre o significado dessa resposta extraordinária, um chamado da ponte a interrompeu. — Sra. Dale!

Tillie se virou e viu o reverendo Kinnerton vindo em sua direção. Aidan a viu no mesmo instante.

— Como vai, Lady Francis?

— Estou bem, obrigada, senhor.

Ottilia se divertiu, ao notar que sua resposta mal havia sido ouvida, pois o pastor tinha sua atenção quase inteiramente voltada para Cassie Dale. A jovem, por sua vez, olhava para o reverendo, um rubor revelador colorindo seu rosto. Romance ao vento? Ao vento também para as esperanças românticas de Horace Netherburn! Enquanto isso, o Sr. Kinnerton as alcançou.

— Tive a sorte de encontrar a Sra. Winkleigh em seu caminho para o vicariato, com a filha do ferreiro. — Disse falando exclusivamente para Cassie Dale. Fico feliz em saber que não está sozinha. Como estão seus hematomas? Já está um pouco recuperada?

Um pequeno sorriso hesitante oscilou nos lábios da moça. — Sim.

Kinnerton franziu a testa. — Me perdoe, mas não parece. Está lamentavelmente pálida e há manchas azuladas sob seus olhos.

Os dedos da Sra. Dale foram para o local, como se para cobrir as manchas. — Não dormi bem.

— Pesadelos?

A jovem deixou escapar um suspiro. — Como sabe?

Kinnerton sorriu e seu tom era gentil. — Eu mesmo os tenho de vez em quando.

Muito entretida, Ottilia se absteve de fazer qualquer comentário provocador, embora vários lhe ocorressem. Francis havia mencionado que o vigário fora obrigado a abandonar seu trabalho missionário, devido a uma grave doença, e talvez ainda sofresse com as consequências. Kinnerton, claramente, tinha uma forte empatia com as paixões desta pequena "bruxa". Então os olhos expressivos da Sra. Dale mudaram para questionamento.

— Sam me disse que falou com os filhos de Staxton, com um efeito excelente. Por favor me conte o que disse aos meninos.

Um brilho de diversão apareceu nos olhos azuis.

— Oh, apenas lhes pedi que pensassem cuidadosamente sobre quais pecados cada um deles havia cometido, para que eu pudesse decidir quantas pedras deveriam ser jogadas neles em retribuição.

Ottilia achou graça, talvez mais pelo puro espanto no rosto da Sra. Dale.

— Engenhoso, senhor. E acataram suas palavras?

O reverendo riu, embora mal tivesse olhado para Tillie.

— Não, de fato. Contudo lhes avisei que não abandonassem a ideia, pois manteria um estoque adequado de armas no bolso, para esse propósito, a qualquer momento que se sentissem capazes de responder à pergunta.

A expressão de Cassie Dale mudou. — Não vai fazer isso, vai?

— Claro que não. Mas espero que não descubram. Além disso, terei todo o cuidado de observá-los com interesse e dar tapinhas nos bolsos sempre que os avistar na aldeia.

Por fim, a Sra. Dale sorriu, e a transformação surpreendeu Ottilia. Parecia, ao mesmo tempo, mais jovem e com o coração mais leve. O olhar

brilhante do Sr. Kinnerton mostrou sua admiração. Um excelente desenvolvimento, pois Ottilia poderia considerá-lo um aliado.

— Tenho tentado persuadir a Sra. Dale de sua inocência, na questão da morte de Duggleby.

Os olhos de Cassie permaneceram no rosto de Kinnerton, e estendeu sua mão que Aidan automaticamente pegou e segurou.

— Lady Fan diz que fui usada. Que interpretaram minha visão como um sinal e mataram Duggleby de uma forma que faria os moradores me culparem. Acredito nisso. Não é a primeira vez que sou feita de bode expiatório pelos pecados dos outros.

As palavras foram ditas com pressa, uma nota de pânico subjacente, que Ottilia logo detectou. Não pôde deixar de aprovar a resposta estudada do pároco, apesar de ter sido dada em um tom, que beirava perigosamente uma carícia.

— Calma, Sra. Dale. Não se aborreça. Não é melhor conhecer seus inimigos pelo que são do que considerar seu próprio talento suspeito?

— Talento! Seria um talento?

— Com certeza o é. — Aidan insistiu. — Não há como dizer que o telhado da ferraria teria caído de qualquer forma. O que sua visão lhe mostrou foi usado, mas isso não muda o fato de que o *viu*.

— Acredita nessas coisas, Sr. Kinnerton? — Perguntou Ottilia, entrando com firmeza na conversa. O reverendo parecia tornar-se agora totalmente consciente de sua presença, liberando a mão da Sra. Dale. Deu um passo para trás, uma cor opaca subindo por seu pescoço.

— Tenho motivos para isso, Lady Francis.

— De fato?

— Ou ao menos para manter a mente aberta. — Emendou, lançando um olhar de desculpas para Cassie Dale, que estava franzindo a testa profundamente. — As habilidades de alguns dos nativos africanos eram difíceis de contestar.

— Ah, sim, meu marido me disse que o senhor foi missionário. — Kinnerton pareceu aborrecido, como se não desejasse que este lado de seu ministério fosse mencionado. Não havia contado a Cassie Dale. Esta, com os olhos brilhando, estendeu-lhe sua mão novamente, e Ottilia notou que, desta vez, o reverendo não a segurou.

— Foi uma coisa maravilhosa de se fazer, como eu disse à Sra. Winkleigh quando me contou. — disse Cassie.

Com isso, um sorriso triste, afastou a irritação de seu rosto.

— Aposto que Sra. Winkleigh não concordou contigo.

Cassie riu e todo o seu semblante iluminou-se novamente.

— Não, de fato. Decididamente não gostou.

— Estou ciente. Minha mãe também.

— Sim, — Cassie disse.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Percebo que fui totalmente exposto pela minha antiga babá. — Cassie riu novamente. — Totalmente. Mas estou feliz.

Um pouco impaciente, apesar de toda a diversão de testemunhar um caso de amor que desabrochava, Ottilia pôs fim a essa conversa.

— Que tipo de habilidades o senhor testemunhou na África?

Uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas, deixando claro que seu tempo lá não fora constantemente feliz.

— Ocasionalmente, eu poderia jurar que um ou outro desses indivíduos era telepático. E embora eu não pudesse aprovar seus ritos pagãos, seus feiticeiros pareciam ter poderes bastante notáveis.

— Que tipo de poderes? — Ottilia perguntou, olhando para Cassie, que estava extasiada.

— Eram capazes de curar, embora eu suspeite que isto fosse mais uma questão de persuadir os enfermos a se curarem. Como ocorreu consigo, Sra. Dale, houve exemplos de visões de eventos, que subsequentemente aconteceram.

— Não percebeu se alguém tomou precauções, como no caso deste nosso assassino, no sentido de garantir que tais fatos acontecessem?

Kinnerton meneou sua cabeça.

— Talvez uma ou duas vezes. No geral, devo dizer que fiquei convencido.

Intrigada, Ottilia se voltou para Cassie Dale.

— Se oporia em explicar como essas visões vêm até a senhora?

Cassie estremeceu e Ottilia viu-se recebendo um olhar distintamente hostil do Sr. Kinnerton. O ignorou, segurando o olhar de Cassie. Os olhos da moça se aprofundaram com uma espécie de dor concentrada, porém não desviou o olhar.

— É como uma névoa começando a girar em minha cabeça. Em seguida, as imagens se formam. — Estremeceu e Ottilia meditou brevemente sobre a resposta.

— Não vêm imediatamente, nem em grandes detalhes, e talvez não estejam em ordem. São mais como flashes do que uma sequência de

eventos. — Juntou as mãos, torcendo os dedos. — Contudo na minha mente eu sei. Sei o significado. Sei o que vai acontecer. Ou o que aconteceu.

— E é isso que te deixa em pânico? — Ottilia adivinhou.

Cassie assentiu com a cabeça, sua língua disparando em seus lábios, em um gesto infinitamente mais revelador do que suas palavras.

Foi demais para o reverendo Kinnerton. Pegou suas mãos inquietas e as segurou rapidamente.

— Não tenha medo, Cassie! É um presente dado por Deus. Deixe-se levar e não vai te machucar.

Enquanto Cassie olhava nos olhos do cavalheiro, Ottilia começou a se sentir decididamente deprimida. Foi poupada, no entanto, de ter que decidir se deveria mudar de conversa, por um grito repentino, vindo da direção da ponte.

— Reverendo! Senhorita Cassie!

O efeito foi sentido por todos, voltando-se como um só para o grito. Ottilia viu um homem corpulento acenando com urgência.

— É Sam! O que é, Sam?

Enquanto Ottilia corria com os outros, em direção à ponte, o eco do grito do homem se repetiu em sua mente. *Senhorita* Cassie? De repente, se lembrou da reação estranha da *Sra.* Dale, ao mencionar o marido morto. A suspeita correu por sua mente e foi guardada para um exame futuro, à medida que a crise atual era exposta.

— É Molly Tisbury, reverendo. — anunciou Sam. — Está completamente fora de si, na minha maneira de pensar.

— O que aconteceu? — A nota aguda mostrou outro lado do vigário.

— Está atacando Hannah Pakefield, senhor. As duas estão brigando como gatos, e ninguém pode separá-las.

Só então Ottilia percebeu vultos correndo, vindos de todas as direções e se dirigindo, como loucos, na direção do *Blue Pig.*



# Capítulo 8

**Enquanto Aidan disparava** pela estrada, acompanhando Sam Hawes, ultrapassando as mulheres em questão de metros, seus olhos examinaram os aldeões apressados e reconheceu várias das figuras voadoras. Will e Tisbury do *Cock and Bottle*, seguidos de perto pelo Fazendeiro Staxton. Esperava ver o velho Pa Wagstaff mancando. Bastou um olhar para o pátio de paralelepípedos do *Blue Pig* para lhe dizer que o velho piadista já estava no local, apoiado em um grosso cajado.

Ao se aproximar, Aidan captou os sons da altercação, junto com os gritos dos espectadores que se reuniam. Ao ser capaz de absorver a cena, viu a enorme porta de carvalho da estalagem entreaberta e descobriu que a luta havia caído sobre as pedras.

Um círculo estava se formando, e podia ver as mulheres lutando em uma massa ofegante e gritando. Houve um rugido da multidão, e Aidan ouviu claramente a voz senil rachada do pai de Molly Tisbury, incitando-a.

— Vá em frente, garota! Não tem como te contradizer. Dê-lhe uma no estômago!

Se a mulher o ouviu, era um ponto discutível, pois os grunhidos e gritos vindos de sua própria garganta provavelmente a faziam surda para qualquer coisa fora de sua atenção imediata.

Ao chegar ao local, já um pouco sem fôlego, Aidan reconheceu Lorde Francis Fanshawe em pé, pronto para intervir. Um pouco distante, estava um homem magro, cambaleando, com a mão na testa, uma expressão de horror em seu semblante. E por perto, fazendo tanto barulho quanto os de status inferior, estava o par de mulheres que Aidan vira até agora apenas à distância, mas de quem ouvira muito falar através de Lady Ferrensby.

Sem perder tempo, Aidan olhou para ver se Hawes o tinha acompanhado e o encontrou ofegante, logo atrás.

— Ajude Lorde Francis, Sam. — Ordenou laconicamente e foi até a frente do círculo. Ergueu a mão para atrair a atenção de Fanshawe e elevou sua voz ao nível de púlpito, berrando no meio da multidão.

— Lorde Francis! — Sua senhoria olhou rapidamente para o outro lado e seus olhos se encontraram.

— Pegue uma, enquanto eu seguro a outra.

Sem esperar por um acordo, examinou os circunstantes, em busca do proprietário do *Cock and Bottle*, que havia chegado à cena um momento antes dele. Tisbury foi encontrado parado, um pouco na frente de seus companheiros, sua mandíbula flácida e seus olhos seguindo os movimentos cambaleantes das duas mulheres, enquanto disparavam para frente e para trás nas pedras.

—Tisbury! — Aidan gritou, correndo. — Não fique como um estoque, homem! Me ajude a parar com isso!

Assim enfeitiçado, o proprietário voltou a si com um estrondo e acenou com a cabeça, movendo-se ao lado de Aidan, enquanto procurava uma abertura no meio do povaréu. Lorde Francis e Sam Hawes circulavam de forma semelhante, enquanto as brigonas se jogavam de um lado para o outro, sem ceder um centímetro.

Aidan nunca havia se encontrado com a Sra. Pakefield, que parecia ser mais volumosa e robusta. Estava, em grande parte, na defensiva, usando sua forma ampla para empurrar, com força, a mais magra Sra. Tisbury e impedi-la de se mover para fora do alcance, segurando o cabelo de cada lado da cabeça de sua atacante.

Os dedos de Molly Tisbury estavam, portanto, livres para esmurrar, arrancar e esbofetear, mesmo enquanto gritava de dor, e os grunhidos e gritos de sua oponente mostravam que estava deixando sua marca.

Concentrado em sua tarefa, Aidan estava vagamente ciente dos comentários vindos de todos os lados.

— Isso é terrível! Ninguém vai impedi-las? — Um grito estridente em tons gentis.

— Derrube-a! É maior, por isso tem que cair mais pesadamente!

— Use seus pés, garota! Não sabe?

Ao que Molly Tisbury, bruscamente, afastou-se para trás e deu um chute selvagem nas pernas de sua rival. Molly caiu e deu a Hannah Pakefield a oportunidade de abaixar a cabeça e dar uma cabeçada no rosto da outra.

Um grito da mulher de Tisbury mostrou que a pancada fora certeira, e o sangue começou a escorrer do nariz da mulher.

Deixando Aidan perplexo, o frenético Tisbury correu até o sujeito esguio que pairava no limite da ação, que Aidan havia notado antes. Tisbury agarrou o homem pelas lapelas do casaco.

— Não pode fazer o que se deve com sua esposa diabólica, seu grande idiota!

— Tisbury! — Aidan rugiu, indignado com esta deserção.

Naquele instante, Lorde Francis correu para a luta e agarrou os ombros mais próximos, que provaram ser os de Hannah Pakefield. Aidan, imediatamente, agarrou Molly Tisbury, quando Sam Hawes se juntou a Lorde Francis. Para alívio de Aidan, Tisbury correu de volta em seu auxílio, segurando sua esposa pelo braço.

— Aquele é Pakefield? — Aidan perguntou a ele, agarrando-se a sua presa. — Por que não está nos ajudando?

— Porque o homem não passa de um espectador, é por isso, retrucou Tisbury, acrescentando ferozmente. — Cale a boca, sim?

Era para sua esposa, Aidan supôs, mas Tisbury mesmo não desperdiçou palavras. Não era nada fácil segurar as combatentes, apesar de ter dois homens para cada mulher, ambas ainda gritavam insultos uma à outra, a mulher Tisbury aparentemente alheia ao sangue agora escorrendo por seu queixo e em suas roupas.

— Vamos segurar enquanto a puxa — Lorde Francis gritou para Aidan. Porém uma voz o interrompeu, antes que pudesse agir de acordo com o comando.

— Não puxe! Tenho que tirar os dedos de Hannah do cabelo da Molly, primeiro.

Uma das senhoras se juntou aos homens, a mulher alta com um ar masculino, que segurou um dos braços da Sra. Pakefield em um aperto que, efetivamente, interrompeu seu movimento.

— Muito bem, Srta. Beeleigh. — Veio o tom calmo de Lady Francis, ao aparecer de repente na briga.

A outra mulher soltou uma das mãos e agarrou os dedos que a seguravam.

— Solte, Hannah, solte!

A mulher de Pakefield, embora seus movimentos tivessem cessado forçosamente, parecia ter perdido os sentidos. Seus olhos cheios de choque estavam fixos no rosto da outra, que rosnava.

Momentaneamente inseguro, Aidan olhou da Srta. Beeleigh para Lady Francis.

— Tire os dedos dela, Tillie!

A instrução veio de Lorde Francis, e Aidan viu os dedos de sua senhora alcançar os da Sra. Pakefield e segurá-los. Suavemente, falou novamente.— Hannah, minha querida, solte.

Nisto, um olhar assombrado apareceu no rosto da Sra. Pakefield e, e em um movimento involuntário, abriu os dedos. Rapidamente, suas mãos foram puxadas para trás e as combatentes bem afastadas uma da outra.

— Tisbury, segure sua esposa por baixo dos braços e mantenha-a quieta. — Aidan gritou ofegante, tentando impedir que a mulher que se contorcia e praguejava sob sua mão escapasse.

— Staxton, ajude-o!

Com este comando, o proprietário da taberna soltou brevemente seu domínio, em vez disso, deslizou os braços sob os ombros de sua esposa e a segurou fortemente em torno do peito.

— Cala a boca, Molly. — Rosnou ao ouvido da esposa.

O fazendeiro Staxton apareceu ao lado de Aidan. — Ficarei a postos, Reverendo

Um braço forte apareceu e uma mão agarrou onde o reverendo estava segurando, de forma que Aidan pôde soltar a Sra. Tisbury, finalmente, postando-se entre as duas mulheres. Olhando para Hannah Pakefield, agora segura pela Srta. Beeleigh e Sam Hawes, Aidan pôde ver que não era mais um perigo. Na verdade, parecia estar em condições de desmaiar. Seu marido, claramente um indivíduo indefeso, só podia ficar parado com a mão na cabeça, no rosto, a imagem da confusão.

Aidan se manteve firme, pronto para intervir, caso uma das oponentes mostrasse qualquer sinal de desejo de renovar a luta. A essa altura, Molly Tisbury, seus gritos finalmente reduzidos, em resposta às queixas vociferantes de seu marido, havia parado de lutar e se livrado do controle do fazendeiro. Logo descobriu que estava ferida.

— Estou sangrando! Quebrou meu nariz!

— A outra também não está nada bem. A luta mais idiota que já vi. — Reclamou seu progenitor ancião.

— Cala a boca, pai! A desgraçada quebrou meu nariz!

— Calma Molly. Arranhou bem o rosto dela.

O que era verdade, Aidan pensou com tristeza, olhando para o rosto dilacerado da outra mulher. Mas não podia negligenciar seu dever.

— Atravessaram seus desertos, as duas. — Afirmou friamente. — É este um exemplo da conduta que posso esperar de meus paroquianos? Aproveito para informar que esse tipo de coisa não será tolerada. Entendam-me, eu falo sério.

— Acha que me importo com sua reprimenda, reverendo? — Molly gritou, escapando do aperto de seu marido. — Não sou um dos meninos de Staxton com quem andou falando.

Molly foi rapidamente recapturada pelo fazendeiro e seu marido, enquanto seus punhos se agitavam violentamente. Aidan se perguntou, brevemente, se seu plano seria suficiente para salvá-lo de um ataque.

— A senhora se mostrou nem um grau menos malcomportada do que os meninos de Staxton, Sra. Tisbury. — respondeu calmamente. — Por direito, eu deveria convocar Pilton e ver as duas jogadas na prisão por perturbar a paz.

— Nunca faria isso, reverendo! — Falou a ofegante Tabitha Hawes. Aidan captou a alegria em suas feições enquanto a olhava.

Antes que pudesse responder, uma interrupção ocorreu. Aidan havia esquecido a presença de Cassie Dale, e a mesma emergiu repentinamente do círculo, correndo em direção à mulher Tisbury.

— Molly, cuidado! Está em perigo!

No silêncio que se seguiu, a senhoria do *Cock and Bottle* virou as feições repentinamente pálidas para a Sra. Dale, um olhar de terror absoluto em seus olhos. Deu um passo para trás, claramente sem perceber.

— Sra. Dale — Começou Aidan, em voz baixa, com a intenção de evitar mais confrontos.

Mas a estupefação de Molly durou pouco. Recuperando-se, lançou um ataque verbal.

— Conseguem ouvir? Ouvem a bruxa? Está me ameaçando agora!

— Não, não, Molly, está enganada — Gritou Cassie. — Estou tentando avisá-la. Apenas me escute! Posso ver isso claramente. Como poderia suportar não lhe contar sobre isso?

— Não vai dizer nada a minha esposa! — Gritou Tisbury, tolamente liberando seu aperto e avançando. — Não vou deixar minha esposa ficar assustada com seus feitiços de bruxaria! Cale a boca, se quiser viver!

— Tisbury! — Aidan se colocou entre eles. — Como ousa? Vai proferir ameaças tolas diante de testemunhas? Se este for o seu temperamento, homem, pode acabar enforcado pelo assassinato de Duggleby.

Tisbury encolheu-se um pouco sem recuar.

— Eu não matei Duggleby. Nunca toquei nele. — Sua mão apontou, acusando. —Foi ela! É uma bruxa, não é? Agora teve visões de Molly, a bruxa mesmo disse. Deve ser queimada, antes que tenha a chance de matar todos nós!

Com isso, virou e agarrou sua esposa pelo pulso, arrastando-a para o gramado. Aidan os observou partir, ciente da multidão pairando, meio ansiosa para segui-los, porém com receio de perder alguma coisa. Com o canto dos olhos, viu Cassie Dale começar a persegui-la.

Sem pensar, caminhou atrás dela e a agarrou pelo braço.

— Fique!

Cassie voltou seus olhos escuros e brilhantes para o reverendo, e Aidan leu o desespero dentro deles. Sorriu brevemente, mas não a soltou.

Então se virou para os espectadores.

— Sobre o que houve aqui, ouçam todos: o cabriolé acabou.

Uma gargalhada aguda soou sobre os murmúrios que irromperam, e Aidan voltou seus olhos irritados para o ancião mancando em sua direção, enquanto o resto do grupo começava a se afastar.

Em pé, Pa Wagstaff revelou-se um sujeito franzino e velho, pequeno como a filha, embora tivesse perdido a força magra que devia ter tido na juventude.

— É um homem poderoso com palavras, reverendo. — comentou. — Mas como espera impedi-los de pegar lenha e amarrar aquela mocinha na fogueira? Há mais deles do que pessoas do seu lado, penso eu.

Aidan olhou para as feições ranzinzas e alegres.

— Como seus comentários se mostraram menos do que úteis, Sr. Wagstaff, não proponho sobrecarregá-lo com meus planos.

O ancião levou um momento para digerir isso. Então sorriu, sem dentes, para Aidan.

— Está perplexo, reverendo. Acho que eles, como o senhor, não têm mais planos.

Com isso, gargalhou novamente e saiu, com uma surpreendente mudança de velocidade.

Aidan foi forçado a admitir, pelo menos para si mesmo, que o desgraçado estava certo. Ficou olhando para o velho por um momento e só teve uma lembrança de seus arredores quando a Sra. Dale chamou sua atenção.

— Reverendo, está machucando meu braço.

Com um juramento, soltou-a, voltando o olhar rapidamente para Cassie. Um pequeno sorriso hesitante pairou em seus lábios.

— Está irado — disse Cassie. — Sei porque estava me segurando com tanta força.

Aidan estava ciente de uma onda de calor em seu peito, mas foi superada por um sentimento imediato de culpa.

— Imploro seu perdão. Tem razão. Wagstaff me deixou excessivamente zangado. Espero que não tenha levado a sério as palavras dele.

Cassie respirou fundo, estremecendo.

— São apenas palavras? Acredita que realmente pretendem fazer aquilo comigo?

Algo se retorceu no estômago de Aidan e a segurou pelos ombros.

— Não terão a oportunidade, prometo. Ninguém terá permissão para lhe machucar.

Seus lábios se separaram enquanto o olhava fixamente, uma mistura de esperança e medo em seus olhos expressivos, que Aidan teve dificuldade em não a atrair, para que pudesse demonstrar sua afirmação com uma prova mais tangível do que suas palavras podiam oferecer.

Consciente, olhou em volta e descobriu que o pátio estava deserto, com exceção de Tabitha Hawes, parada a uma distância discreta e propositalmente olhando para outro lado. Hannah Pakefield, evidentemente, foi levada para dentro, acompanhada pelo resto da pequena nobreza.

Num impulso, Aidan sacudiu a cabeça em direção à porta ainda aberta.

— Vamos entrar. Acho que todos precisamos de um pouco de paz e sossego.

Cassie não fez objeções, virou-se naquela direção e caminhou ao seu lado.

— Temo por Molly. — disse, e Aidan notou o pequeno arrepio que a sacudiu. — A visão era horrível.

Ottilia ficou feliz por ter sido aliviada da necessidade de cuidar das feridas de Hannah Pakefield, tarefa que foi assumida pela Srta. Beeleigh, com a duvidosa assistência da viúva Radlett e da criada sobrecarregada do *Blue Pig*, que havia sido despachada para buscar fiapos e pomadas, enquanto o resto do grupo se dirigia para a sala de café. Ottilia ficara livre, após as devidas apresentações, visto que Francis não havia conhecido essas mulheres, para colocar sua atenção nos acontecimentos recentes.

Em uma conversa em voz baixa com o marido, foi capaz de fornecer-lhe um relato nítido de sua visita a Bertha Duggleby.

— Então acha que a viúva é inocente?

— Sim, embora seja mera conjectura da minha parte. Não há dúvida de que Bertha Duggleby tem a condição perfeita para fazer tudo o que fosse necessário para causar a morte de seu marido.

— Mas não — Francis sugeriu — para jogar a culpa em Cassie Dale? Somente. Depois do encontro lá fora, estou muito inclinado a apostar em Molly Tisbury.

Ottilia balançou a cabeça. — Vai perder.

Uma ruga apareceu-lhe entre as sobrancelhas. — Com esse temperamento? A mulher é uma megera.

— Verdade, contudo o temperamento dela é muito rápido. Pode realmente imagina-la planejando alguma coisa? Não, Molly Tisbury é do tipo que ataca sem premeditação.

— Certo, mas depois de acertar Duggleby com o martelo em um acesso de raiva, não é concebível que fosse capaz de descobrir como esconder o crime?

Uma risadinha escapou de Ottilia. — Suponho que é muito mais provável que fugiria do lugar gritando. De qualquer forma está certo. Não podemos dispensá-la. — Suspirou quando o pensamento inevitável ocorreu. — O que significa que devo abordá-la diretamente.

— Deixe para amanhã. — Francis sugeriu. — Pode ter se acalmado até lá. — Discussões posteriores foram interrompidas com a entrada de Patty, a criada doméstica do *Blue Pig,* carregando uma bandeja com apetrechos para ajudar no socorro de sua senhora. Como fora seguida de perto pelo vigário e Cassie Dale, uma conversa particular tornou-se impossível.

Olhando para os dois, Ottilia adivinhou uma certa consciência no reverendo Kinnerton. Observou a Sra. Dale, verificando se estava afetada da mesma forma, no entanto, seus olhos foram instantaneamente para onde Hannah Pakefield estava sentada, sibilando, enquanto a Srta. Beeleigh começava a enxugar suas feridas com um pedaço de pano, embebido em algum tipo de solução, em um prato de vidro. As exclamações da Sra. Radlett sendo pontuadas com os lamentos da criada. Houve uma comoção considerável naquele lado da sala.

Francis levantou-se para cumprimentar Kinnerton.

— Meu caro, deve estar precisando desesperadamente de um restaurador. E, devo acrescentar, eu também, Pakefield!

O dono do estabelecimento, que se provou de pouca utilidade durante todo o drama, pairava, indefeso, à margem do pequeno grupo em torno de sua esposa. Pakefield se voltou para o chamado peremptório de Francis.

— Mexa-se, Pakefield! Estamos todos ofegantes aqui. Sra. Dale? Aceitaria um pouco de vinho?

Vários minutos se passaram, antes de se descobrir exatamente o que era exigido por todas as partes. Para piorar a situação, o Sr. Netherburn entrou na sala de café no meio da discussão. Tendo perdido toda a emoção, foi imediatamente regalado com uma versão distorcida dos acontecimentos pela Sra. Radlett, pontuada por correções concisas da Srta. Beeleigh, ainda empenhada em sua missão de cuidar da senhoria aflita.

Ottilia captou o olhar de Francis, que ergueu os olhos e removeu fisicamente o senhorio, levando o pároco consigo. Não havia dúvida de que reapareceria no devido tempo, tendo intimidado o confuso Pakefield para suprir as necessidades da companhia reunida.

Voltando sua atenção para Cassie Dale, Ottilia ficou um pouco alarmada ao vê-la olhando para uma cadeira vazia, do outro lado da mesa redonda onde Tillie estava sentada. Não hesitou.

— O que foi, Sra. Dale?

Os olhos grandes de Cassie estavam profundamente angustiados e seu rosto registrou seu horror. Levantou a mão trêmula e apontou o dedo para a cadeira.

— Eu vejo Molly ali.

Uma lasca de impaciência quase tomou conta de Ottilia, a que superou com dificuldade, obrigando-se a falar com toda a calma de sempre.

— O que quer que veja, minha querida, é apenas uma fantasia.

Os olhos escuros se voltaram para Tillie, ferozes em sua intensidade.

— Fantasia? Era o que eu gostaria que fosse! A senhora acha que desejo ver essas coisas? Acredita que me dá um prazer macabro falar delas?

— Não foi o que quis dizer. — Explicou-se Ottilia friamente, levantando-se da cadeira e dando a volta na mesa.

Cassie ergueu as duas mãos em um gesto de protesto.

— Não tente me agradar! A senhora não pode saber o que é ser amaldiçoada como eu sou. A senhora está na minha cabeça? Como se atreve a menosprezar o que eu vejo?

Ottilia não viu nada a fazer, senão voltar atrás. Sentiu que não chegaria a lugar nenhum, antagonizando ainda mais a jovem.

— Peço desculpas, Sra. Dale. Não tinha intenção de lhe aborrecer. — Os lábios da moça ainda trabalharam um pouco, mas o fogo morreu em seus olhos.

— Ouso dizer que a senhora tem boas intenções. — Proferiu a contragosto. —Sei disso. Se a senhora pudesse ver!

A última frase foi um apelo agonizante. Ciente de que todos na sala haviam parado de falar e se virado para olhar, Ottilia ergueu a mão para ordenar o silêncio contínuo e suavizou o tom.

— Diga-me, Cassie.

Os olhos da Sra. Dale deixaram os seus, olhando, sem rumo, de um lado para o outro. Cassie começou a tremer, e suas feições evidenciavam a consternação que seus pensamentos geravam.

— Tudo começou quando a encontrei esta manhã. — Falou em tons rápidos, sua respiração presa aqui e ali. — Senti o nevoeiro começar, tão

logo passou sem revelar o que havia dentro. Com a luta, a névoa voltou. Então eu vi. — Disse, levando os dedos à boca, que tremiam contra o lábio. — Molly, sentada lá, imóvel. Em seu pescoço, algo vil. A vileza do *algo* que vira, estava em seus olhos.

— O que foi, Cassie? O que havia no pescoço dela?

Cassie ergueu a cabeça, com medo no olhar que lançou para Ottilia.

— Não sei. Não consigo ver. Está enterrado. Uma faca? Um dardo?

— A Sra. Tisbury está sangrando?

Cassie parecia confusa.

— Deveria estar, não deveria? Há um gotejamento, eu acho. — E cobriu o rosto com as mãos, sua voz saindo abafada. — Oh, é vil! Horrível! Não posso suportar ver isso!

Houve um movimento na porta, e Ottilia olhou, para encontrar o reverendo Kinnerton parado na abertura, o rosto nu e esquecido. Compaixão e algo mais.

Antes que pudesse agir, outra figura apareceu atrás dele.

— Me desculpe, reverendo, mas preciso passar.

O Sr. Kinnerton deu um passo para o lado automaticamente, e a mulher que Ottilia vira com Cassie na ferraria entrou agitada. As feições do vigário voltaram à sua expressão normal e Ottilia ficou aliviada, porque a exposição de seu estado de espírito não foi notada pelo resto das pessoas na sala, cuja atenção era toda voltada para a Sra. Dale.

Um olhar revelou as várias reações das pessoas presentes. Enquanto o olhar vazio de Hannah Pakefield mostrava que não havia absorvido coisa alguma dessa visão macabra, as feições da Srta. Beeleigh expressavam

repulsa e descrença. A Sra. Radlett estava envolta naquele tipo de prazer reprimido, que acompanha a contemplação de ideias horríveis. O Sr. Netherburn, por sua vez, parecia perturbado e confuso. A criada Patty olhava, boquiaberta, como se em choque.

A recém-chegada, uma figura matronal, que Ottilia supôs ser a acompanhante Tabitha, parecia impassível, enquanto se dirigia diretamente para sua protegida, passando-lhe o braço pelos ombros.

— Vamos, *Srta.* Cassie. Deixe-me leva-la para casa.

Sem resistir, Cassie se permitiu ser conduzida para fora da sala, nem mesmo dando uma olhada no reverendo Kinnerton. Ottilia não podia deixar de se maravilhar com o potencial de uma união, que prometia ser repleta de tensões periódicas. Ou o vigário provaria ser ainda mais hábil em lidar com a jovem do que sua criada?

A partida da Sra. Dale teve o efeito de liberar línguas travadas. A Sra. Radlett, com os olhos arregalados de ansiedade, aproximou-se da mesa de Ottilia. Antes que pudesse falar, a Srta. Beeleigh estava se curvando sobre a senhoria.

— Deveria se deitar em sua cama, Hannah. Consegue se levantar?

A Sra. Pakefield estava desgrenhada. O susto havia sumido de seu rosto e parecia apenas abatida. Levantou-se com cuidado, segurando-se na mesa.

— Pobre Hannah. — Lamentou a Sra. Radlett. — Devo ajudá-la a ir para a cama?

A Sra. Radlett não fez nenhuma tentativa real de ser útil, apenas agitando as mãos, de uma forma desesperada. Não muito para surpresa de Ottilia, a Srta. Beeleigh vetou essa sugestão.

— Não, Evelina. Horace, dê seu braço a Hannah. Pode acompanhá-la até a porta do quarto. Patty, corra na frente e arrume a cama para sua patroa.

A criada fez uma reverência e saiu tropeçando para fora da sala, com mais pressa do que dignidade, e Ottilia adivinhou que a criada ainda se recuperava da revelação de Cassie. Obediente, mas sem diminuir seu ar galante habitual, o sr. Netherburn assumiu a ajuda à senhoria, conduzindo-a até a porta. Aqui o Sr. Kinnerton os deteve.

— Já se sente um pouco recuperada?

Hannah assentiu com tristeza.

— Não teria feito isso, reverendo, se Molly não tivesse voado para cima de mim.

Para seu crédito, o vigário sorriu para a senhoria.

— Eu entendo. Cuide-se.

A Sra. Pakefield assentiu cansada e permitiu-se ser conduzida para fora da sala. A viúva Radlett, imediatamente, começou a criticar severamente.

— Oh, como Cassie Dale poderia ter pensado em tal coisa? Quase me causou palpitações. Horrível! Acha que isso pode acontecer, Lady Francis?

A última frase foi proferida com um olhar de tão ávida expectativa, que Ottilia teve dificuldade em conter uma réplica cortante. Foi salva por ter que responder pela Srta. Beeleigh.

— Não importa agora, Evelina. — Aproximou-se de Ottilia, com o rosto sombrio. — Queria livrar-me da Hannah, porque descobri o que desencadeou a atitude de Molly.

Ottilia também tinha uma ideia muito boa, contudo apenas ergueu as sobrancelhas. — Realmente?

A outra acenou com a cabeça. — Parece que Molly ouviu que a senhora sabia de alguma besteira de briga entre Tisbury e Duggleby, milady. Além do mais, há rumores de que descobrirá tudo sobre todo mundo.

Ottilia já havia suposto que haviam sido ouvidos, quando Pilton contou sua história. Tinha quase certeza de que sabia quais ouvidos estavam ouvindo no momento, porém não fez nenhuma menção a isso.— Isso foi ontem, suponho?

A Srta. Beeleigh assentiu.— Classifique Molly como um temperamento ruim.

— Sim. — Concordou Ottilia. — Foi desagradável quando a conhecemos, vinda da casa de Bertha Duggleby.

— Ah — A outra meneou a cabeça. — Deve ter sido quando que Molly colocou na cabeça a ideia de que Hannah estava lhe contando fatos sobre sua vida.

Sem dúvida, pelo que Ottilia lembrava da conversa. Optou por não revelar muito, no entanto.

— Bem, eu disse que queria conversar com Molly.

— O que estou certa de que não aceitou.

— Não, de fato. Fui obrigada a ameaçar mandar Pilton trazê-la para interrogatório.

Uma gargalhada escapou dos lábios da Srta. Beeleigh.

— Não admira que Molly tenha entrado em pânico. Parece que veio aqui diretamente e acusou Hannah de falar mal dela e de Tisbury.

— Oh sim. — disse a Sra. Radlett, balançando a cabeça vigorosamente o suficiente para sacudir seus cachos dourados. — Molly disse que sabia

que Hannah tinha ciúmes dela, o que é claro que é verdade.

— As duas brigaram? — perguntou Ottilia.

— Terrivelmente. Hannah diz que Molly lhe lançou todos os tipos de insultos, contudo estava em tal estado, que não conseguia se lembrar nem da metade deles.

— Não importa, Evelina — retrucou a Srta. Beeleigh, retomando a história. — Isso é irrelevante. O que é importante é Hannah protestar que não tinha motivo para ciúme e se gabar de sua associação privilegiada com o visitante mais importante que Witherley viu em um mês. Vendo Molly roxa de inveja, a cabeça de pano mal orientada anunciou que não tinha escrúpulos em dizer a Lady Francis o que pensava de Molly. Com isso, Molly voou para cima dela.

A natureza ridícula da briga excitou a diversão de Ottilia, porém foi superada pela reflexão de que sua breve discussão com a mulher Tisbury tinha sido fundamental para causar a altercação. Sentia-se duplamente culpada, por ter feito pouco progresso real na descoberta do assassino.

Nesse momento, Francis, que nem notou entrar novamente na sala, colocou uma xícara de café diante dela. Sorriu para o marido, grata por ser poupada da necessidade de responder imediatamente.

Após Francis distribuir o conteúdo da bandeja do senhorio, que ainda parecia pasmo, Ottilia se recompôs e conseguiu falar com a calma de sempre.

— Iria deixar a entrevista para amanhã, contudo, talvez seja melhor ver a Sra. Tisbury  mais cedo do que mais tarde.

— Não vai conseguir coisa alguma com Molly hoje. — Afirmou a Srta. Beeleigh positivamente. Com um olhar de soslaio para o vigário, que

permaneceu visivelmente silencioso, acrescentou: — Tampouco consigo achar que Cassie Dale tenha ajudado na situação.

Ottilia viu o olhar azul do Sr. Kinnerton piscar, quando ergueu os olhos, ao estudar o líquido de cor escura na caneca que lhe foi fornecida por Francis. Seu marido, não tendo estado na sala para ouvir o que Cassie dissera, olhou de forma questionadora.

— A Sra. Dale teve uma visão infeliz a respeito de Molly Tisbury, — disse Ottilia brevemente, com um olhar que pretendia que entendesse que lhe contaria os detalhes em breve.

— A Sra. Dale está muito nervosa. — Afirmou o pároco uniformemente, com uma ponta de raiva evidente.

— Saída estratégica para ser notada, Kinnerton, o que lhe é habitual. — Respondeu a Srta. Beeleigh categoricamente.

— Isso é surpreendente, nas circunstâncias? A Srta. não ouviu a ameaça que Tisbury fez?

— Puf! — Zombou a solteirona. — Tantas suposições! Estabelecer uma aposta nos dias de hoje? Não ousaria.

Os olhos azuis brilharam novamente.

— Pensa que não? Acredita que, por sermos supostamente civilizados, não pode haver uma descida rápida a uma barbárie antiga?

— Não é tão antigo - disse Francis, ecoando o pensamento de Ottilia. — A última queima de bruxas deve ter ocorrido há menos de cem anos. Além do mais, não se passaram muito mais de cinco anos, desde que nossos juízes acabaram com a prática de mulheres assassinas serem queimadas na fogueira.

Um silêncio de choque saudou esse lembrete e a Sra. Radlett estremeceu, sacando um lenço de bolso e aplicando-o nos olhos.

— Que vergonha, Francis. — disse Ottilia em tom de censura. — A pobre senhora Radlett vai imaginar que as criaturas foram queimadas vivas, mas não é assim. Em geral, eram enforcadas ou estranguladas antes de os gravetos serem incendiados.

— Como se isso tornasse a morte melhor - Explodiu o reverendo Kinnerton. — Digo-lhe, senhora, vi verdadeiros nativos vivendo em condições de quase selvageria, entretanto nenhum deles jamais foi culpado das mesquinhas crueldades que testemunhei aqui. Eram pessoas simples e suas punições eram severas. De nenhuma forma se entregariam a uma guerra de medo e perseguição.

Parou, *recolhendo suas presas* com esforço, pensou Ottilia. Então largou sua caneca pela metade e fez uma pequena reverência formal.

— Me desculpem, imploro. Tenho deveres na paróquia. — Em um momento,  saiu da sala de café, deixando para trás uma atmosfera de silêncio constrangedor, quebrado, em seguida, pela viúva Radlett.

— Bem, qualquer um poderia supor que foi por nossa culpa que os aldeões se tornaram contra Cassie Dale.

Seu tom ofendido quase irritou Ottilia, que estava aplaudindo silenciosamente a apologia veemente do vigário. Mas o momento de bom humor durou pouco.

Entrando, quase imediatamente após a partida do Sr. Kinnerton, veio Horace Netherburn, parecendo perturbado.

— O que diabos devemos fazer sobre Hannah? — Pronunciou sem preâmbulos, dirigindo-se, por instinto, à Srta. Beeleigh, como líder não

reconhecida de seu pequeno grupo.

A Srta. Beeleigh franziu o cenho.

— O que fazer, Horace?

Netherburn acenou com a mão agitada.

— Tentei fazê-la ver a razão, e não tive sucesso.

— O que Hanna fez, Sr. Netherburn? — Perguntou Ottilia.

— Nada. Ao menos ainda não. Contudo jura que esta foi a gota d'água e irá se vingar de Molly Tisbury.



# Capítulo 9

**Francis observou o** senhorio Tisbury andando de um lado para o outro, em seu próprio porão, para onde havia se retraído. A tarde estava já muito avançada, pois o resultado da luta atrasou o serviço de uma refeição, e o trio de nobres provou não reconhecer quando sua presença poderia ser dispensada. Tillie tinha sido inflexível em que as entrevistas com o casal Tisbury não deviam ser adiadas.

Dominando toda a oposição do taberneiro Will, Francis, consequentemente, insistiu em falar com o proprietário e subornou a criada Bessy para conduzi-lo à adega abaixo dos cômodos principais do *Cock and Bottle*.

— Estou pensando em matar aquela bruxa com minhas próprias mãos. — Enfureceu-se Tisbury, batendo com o punho contra um dos enormes barris que descansavam em sua prateleira.

— Misericórdia, homem! — disse Francis, exasperado. — Concentre-se no assunto em questão. Sabemos que a Sra. Dale não é responsável pela

morte de Duggleby. Portanto, é absurdo dar qualquer valor a esses delírios de perigo.

Tisbury se virou, fixando em Francis um olhar colérico de dentro de seu semblante cheio de veias, ricamente escuro à luz fraca da lanterna que pouco fazia para tornar o porão cavernoso outra coisa senão assustadoramente sombreado.

— Perigo? Agora não vou falar se for só isso. Mas é a morte para minha Molly, pois Will ouviu com seus próprios ouvidos.

Francis sentiu um calafrio ao rever mentalmente as pessoas presentes na sala de café do *Blue Pig,* quando Cassie Dale falou de sua visão. Estivera ausente, porém Ottilia se lembraria com precisão. O taberneiro não estava nem perto do lugar. Não havia ele seguido seu patrão através do gramado? Contendo a língua na coceira para refutar Tisbury, olhou para o homem com atenção.

— O que exatamente Will ouviu?

Tisbury cuspiu no chão.

— O suficiente para dizer como a bruxa a viu morta, tão parecida com Duggleby, o quanto não importa.

— Will estava bisbilhotando?

O senhorio olhou furioso.

— Will é meus olhos e ouvidos, se eu estiver em outro lugar.

— Seu espião, quer dizer.

— Se for necessário, sim.

Francis deixou para lá. Havia pouco a ganhar antagonizando o homem. Lembrando-se dos métodos de sua esposa, tentou o que uma abordagem

suave poderia alcançar.

— Entendo sua ira, meu caro amigo. Muita coisa a irritá-lo.

— Sim. Entretanto o brilho se tornou suspeito.

— Não como estou adivinhando quem te contou. — Francis não o revelou, preservando um silêncio enigmático.

Tisbury estava carrancudo.

— O que será dito então? Agora, para me agradar, estarei comprometido.

Francis foi ao ponto.

— Pode me dizer qual foi a causa de sua briga com Duggleby?

A cabeça de Tisbury se ergueu e seus olhos foram de um lado para o outro.

— Não era verdade que eu brigava com o homem.

— Diga, Tisbury, não seja tímido. Seu sogro provocou algum tipo de altercação, não foi? Um mês depois, acredito.

Uma risada bufante veio do homem.

— Aquilo? Não foi nada. Sim, nós começamos a brigar, contudo não houve sangue ruim entre nós. Crescemos juntos, eu e Duggleby.

— No entanto, mesmo a melhor das amizades pode se transformar em ódio, havendo razão suficiente. — Francis respondeu, citando uma das frases de Tillie.

— Sim, mas não havia nada entre nós dois. — Insistiu o proprietário, suas feições escurecendo novamente. — Nem precisa haver, pois ninguém mataria Duggleby a não ser a bruxa.

— Então, como explica o golpe do martelo na cabeça dele? E o que diz da viga mestra cortada em duas, para garantir que o telhado caísse? Não há mágica nesses fatos, Tisbury. Este é o trabalho do homem mortal.

Ficou claro, pelo choque nos olhos do proprietário, que a viga cruzada veio como uma novidade. Começou a fazer barulho.

— Mas não o fiz. Nem quebraria a cabeça dele por trás. Uma luta justa ou nada.

Francis estava inclinado a acreditar nele, porém se absteve de dizer isso. Melhor que o sujeito não se achasse a salvo de suspeitas.

— Temo que deve esperar ser questionado, como será todo homem na aldeia que teve qualquer tipo de desacordo com Duggleby. Seria melhor se produzisse evidências que provassem que  não poderia ter feito aquilo.

O medo apareceu na curvatura dos ombros do sujeito e em um olhar desesperado.

— Nada que possa mostrar.

— Então, quem mais não gostava do homem, o suficiente para matá-lo?

Tisbury encolheu os ombros.

— Ninguém que eu possa imaginar. — Seus olhos brilharam de repente. — A Sra. Dale poderia ter feito tudo parecer um outro, para despistar Pilton.

Francis deu um gemido interior. Estavam de volta a isso, não é? Que tal orar?

Mas Tisbury tinha uma resposta para isso.

— Feitiçaria. Uma bruxa, não é?



Ottilia, entrevistando a esposa, na própria sala da mulher, se saiu um pouco melhor. Molly Tisbury ainda estava furiosa e foi necessária toda a engenhosidade de Ottilia para persuadi-la a falar de qualquer coisa, exceto das iniquidades de Hannah Pakefield.

— Por pior que seja a bruxa — gritou Molly, uma das mãos tocando cuidadosamente o inchaço em torno de seu nariz.

Limpara o sangue e trocara de roupa, parecia que o antigo remédio de colocar uma chave nas costas de Molly havia falhado e Tisbury foi obrigado a chamar o Dr. Meldreth para estancar o sangramento. Sua voz era anasalada, devido aos tampões de linho enfiados em suas narinas, embora não fizessem nada para diminuir a virulência de sua fala.

— O que a Sra. Pakefield lhe disse para deixá-la tão irada? — perguntou Ottilia, sentindo que não chegaria a lugar nenhum, até que a mulher deixasse sua implicância.

— Não se trata do que Hanna disse para mim, e sim do que *lhe* disse, *'Lady Fan'!* — Molly disse a Ottilia, colocando uma ênfase forte no apelido.

— A Sra. Pakefield me falou muito pouco sobre sua pessoa, Sra. Tisbury — Ottilia disse com calma, optando por usar a promissora arma da intimidade.

— Oh? Oh? Se não foi Hanna que lhe falou mal de mim, então está pensando que sou uma pessoa má?

— Nada do tipo.

— Procure saber de Pilton, quando eu bati em Duggleby e Tisbury naquela noite em que brigaram. — Molly continuou falando desatenta. —

Não vá pensar que bati em Duggleby com aquele martelo!

— Nada que Hannah me dissesse poderia me fazer pensar isso. — disse Ottilia, evasivamente. Os olhinhos de porquinho da mulher se aguçaram.

— Sei que disse algo contra mim, ou não iria me assustar e me ameaçar com Pilton.  Está na casa dela. O que a impediria de dizer tudo e mais?

Os sentidos de Ottilia ficaram em alerta máximo.

— Tudo o que, Molly?

O semblante da mulher, já profundamente colorido por causa do ferimento, ficou ainda mais vermelho. Seus olhos se desviaram e seus ombros se contraíram.

— Nada.

— Ora, vamos, Molly. — disse Ottilia gentilmente. — O que foi? Foi o alvo dos olhos errantes de Duggleby, talvez? Seu marido ficou com ciúmes?

Molly rosnou. — Se de vez em quando Duggleby começou a flertar, e daí? Tisbury sabia que *não era nada.*

— Mesmo?

— Sim, mesmo! — Retrucou a mulher, irritada. — Não precisa olhar para mim como se estivesse mentindo.

Ottilia sorriu. — É um pouco delicado, Sra. Tisbury. Sei sobre sua criada de cozinha, sabe?

O choque atingiu os olhos da criatura. — O quê? Aquela imbecil? Foi embora e boa viagem.

— Acho que fugiu durante a noite. Duggleby era o responsável por sua condição. — Deliberadamente, Ottilia fez disso mais uma declaração do que uma pergunta.

Por um momento, a mulher de Tisbury segurou seu baço, porém o veneno não foi contido. — Não conseguia tirar as mãos, não o Duggleby. Nem mesmo quando Tisbury o aconselhou. Não é a primeira das minhas garotas que arruinou, também. Pegou e fez aquilo com minha criada antes de Bessy, e foi embora e tudo. Disse a Duggleby que não toleraria isso, de novo não. Mas não se importava, não o Duggleby.

— O que fez então? — Quase silenciosa, Ottilia torceu para que a concentração da mulher fosse demais em seus próprios erros para se lembrar de que estava sendo questionada.

— Contei a Bertha.

— Por que não fez isso na primeira ocasião?

— Por que Bertha é minha amiga.

Este pronunciamento prático serviu para aumentar a confiança de Molly aos olhos de Ottilia, e prosseguiu mesmo assim.

— Entretanto, desta vez, contou. Como a Sra. Duggleby reagiu?

Molly parecia apenas mal-humorada agora. — Riu na minha cara. Não significava nada para Bertha aparentemente. Disse que não se importava com a Sra. Uddington, tampouco com uma criada de cozinha. Nem eu a culpo.

Molly ficou em silêncio e Ottilia contemplou seu próximo movimento. Se não estava enganada, a mulher fora amolecida. Seria político lançar um tópico diferente?

— Fale-me sobre o vinho aguado, Molly. Seu marido não foi acusado pela Sra. Radlett?

A cabeça da mulher disparou e o brilho familiar de fúria estava em seus olhos.

— Não. Evelina nunca disse isso. Nem saberia dizer, também. Não, foi a outra que veio com altivez. Tocou um repique sobre Tisbury, que a vila inteira não ouviria nem no dia do Juízo Final! Tampouco foi o vinho regado, nem um pouco. Um homem justo é Tisbury, e não tinha como dizer diferente. Provavelmente a Sra. Radlett fez isso sozinha, para se esconder, enquanto bebia.

O choque tomou conta de Ottilia e falou sem pensar. — Quer dizer que a Sra. Radlett bebe em segredo?

Molly encolheu os ombros. — Não que eu saiba. Embora não fosse a primeira vez que perambulou pela aldeia, parecendo um cachorro perdido, como se houvesse bebido muito na noite anterior.

— Como assim, parecendo cachorro perdido?

— De rosto acinzentado e olhos pesados.

Que poderia ser causado pelo bebida. Embora a viúva Radlett não mostrasse nenhum sinal das veias vermelhas do nariz e das bochechas de um bebedor contumaz. Poderia haver outro vício ainda mais prejudicial? Parecia que Molly não havia completado suas revelações.

— Não digo que Evelina não teria motivo. Qualquer um tomaria uma bebida, se tivesse que suportá-la.

— A Srta. Beeleigh?

— Sim. A outra está sob seu controle. Não seria da maneira de Uddington quando sua esposa o deixou, caso a Sra. Radlett estivesse

decidida a deixar Beeleigh, para se casar com o Sr. Netherburn.

— De que maneira? — perguntou Ottilia, quase prendendo a respiração.

— A Srta. Beeleigh, não esquece e nem perdoa.

— Considerando, o que acha que o Sr. Uddington fez?

Molly exalou um suspiro bufante pela boca.

— Não fez nada ainda.

*Não fez?* Mas Ottilia não formulou a pergunta. Não tinha intenção de revelar que Uddington estava no topo de sua lista de suspeitos.

Sua animosidade inicial em relação a Molly Tisbury havia se dissipado. Estava ciente de uma ponta de pena pela senhora, presa, como estava, em um casulo de amargura. Além do mais, Ottilia alimentava uma suspeita viva sobre a infeliz previsão de Cassie Dale. Num impulso, se inclinou para frente.

— Gostaria que se cuidasse, Molly. Não que eu suponha que haja algo nas visões da Sra. Dale, mas...

Não falou mais nada!  Molly Tisbury saltou de sua cadeira, os olhos brilhando.

— A senhora e todos, Lady Fan? Não bastou o suficiente, já que a bruxa lançou sua maldição sobre mim! Isso não é o que eu... Fui marcada para o diabo, não fui? Disse que agora não devo esperar por mais nada nesta vida. O que vou fazer? Como irei agir? Esconder-me no porão dia e a noite?

Ottilia desejou ardentemente ter segurado a língua, mas não havia nada a ganhar com isso. Levantando-se da cadeira, tentou conter o fluxo das emoções.

— Acalme-se, Molly. Eu não quis dizer nada disso.

— A senhora está do lado dela! Eu disse isso antes. Está do lado dela, Lady Fan.

— E eu disse que não estou em nenhum lado, exceto o da verdade, Molly.

— Vá embora! Não é bem-vinda aqui. A bruxa já te possui, assim como Hannah Pakefield. A senhora também é aliada com o diabo, não é, Lady Fan?

Estava gritando agora, e Ottilia desistiu de fazê-la entender. Virando-se, dirigiu-se para a porta, parou e olhou para trás.

Molly estava respirando rápido, uma mão sobre o peito magro, seus olhos tão selvagens de medo, quanto os de Cassie Dale de paixão. De certa forma, pensou Ottilia com tristeza, eram iguais.

Ottilia ergueu a mão em despedida.

— Tenha cuidado, Molly. Não saia sozinha. — Sentindo-se derrotada, silenciosamente deixou a sala.



Em meio a toda oratória, o pároco era impressionante. Toda a aldeia parecia estar na igreja para assistir ao funeral de Duggleby, tanto mulheres quanto crianças, apesar do costume prevalecente, de confinar os enlutados ao sexo masculino. Ao descobrir que Lady Ferrensby tinha a intenção de ir, segundo a viúva Radlett e sua amiga, que também estavam presentes, Ottilia se sentiu justificada em se apresentar também.

Queria estar lá, principalmente com o propósito de avaliar como certos indivíduos se comportariam. Os bancos, de madeira escura, envelhecidos e altamente decorados, reservados para a nobreza, foram convenientemente colocados na frente, sendo dispostos lateralmente à nave, enquanto o resto da congregação ficava de frente para o altar. Com o vestido mais sóbrio que trazia consigo, de seda bronze fosca, sem adornos, além de um ou dois folhos altos até o pescoço, Ottilia pôde observar, sem medo de chamar a atenção.

Poucos minutos após o início do serviço religioso, sentiu-se duplamente aliviada, quando percebeu que Cassie Dale havia entrado na pequena galeria do menestrel, nos fundos. Estava ciente de que o Sr. Kinnerton aconselhara Cassie a ficar longe, já que a história da visão de ontem havia se espalhado pela aldeia como uma colmeia maligna de abelhas. Ottilia suspeitava de onde caberia a culpa por isso, tendo feito uma revisão mental das pessoas presentes na sala de café ontem, quando Cassie revelou a imagem horrível. A ideia que Francis apresentou de Will, o taberneiro, espionando de fora, descartou. Não precisaria fazer isso, se o próprio Will tivesse um informante que estivesse pessoalmente presente.

Graças a Deus, nenhum dos aldeões, provavelmente, avistaria Cassie espiando por trás das barras de madeira abaixo da grade, lá em cima! Temia pensar nas consequências, caso a jovem fosse vista. Ottilia suspeitava fortemente que a Sra. Dale havia desconsiderado o conselho do vigário mais por Kinnerton do que por Duggleby. No lugar de Cassie, teria ficado muito tentada a testemunhar o Sr. Kinnerton em ação.

Tampouco Cassie poderia ficar desapontada. Longe de ser o cavalheiro quieto que conheceram no contato do dia a dia, o vigário provou, em sua qualidade oficial, ter uma presença magnética, tanto vocal quanto fora dela. Desenvolvera o truque de olhar em volta da congregação em silêncio, antes

de uma cláusula pertinente e, em seguida, pronunciar as palavras em tons retumbantes de ênfase, que ecoavam pelo teto abobadado.

— Jesus disse: "Não matarás."

A julgar pelas expressões nos rostos dos aldeões, que variavam de perplexos a aterrorizados, sua oratória foi extremamente eficaz. Então, suavemente, continuou:

— E Jesus disse: *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo"* — Seguiu-se o arrastar de muitos pés, bem como olhares de um para o outro, como se para registrar qual vizinho poderia ser o próximo, na fila para uma saída rápida para o céu. Havia mais na mesma linha, entretanto, a atenção de Ottilia vagou, enquanto o vigário dedicava tempo para elaborar essas citações da Bíblia em seu sermão.

Seus olhos viajaram primeiro para Uddington, que encontrou se preparando para o funeral, ao visitar suas instalações, ontem. O comerciante não estava na frente quando entrou ao lado de Francis, ao som da campainha da loja, e o som de marteladas os saudou, enquanto o tilintar morria.

— Uddington? — Francis chamou. — Alguém na loja!?

O barulho parou abruptamente. Houve um baque suave e, em seguida, passos na parte de trás. Uma porta no painel se abriu e a cabeça de neve do lojista apareceu, mergulhando, para que pudesse olhar por cima dos óculos, e descobrir a identidade de seus visitantes.

— Bom dia, Sr. Uddington. — disse Ottilia agradavelmente.

O comerciante apareceu imediatamente, hesitante na porta. — A que devo a honra, milady?

Ottilia sentiu o marido enrijecer de forma tão alarmante quanto o próprio Uddington.

— Se quiser usar esse tom, senhor, será pior.

Uddington fez uma reverência irônica. — Como sua senhoria desejar.

Os dentes de Francis bateram com um estalo e Ottilia achou prudente intervir.

— Lamento incomodá-lo, Sr. Uddington. Suponho que está ocupado?

Uddington veio na direção do casal. — Estou fechando o caixão de Duggleby, milady, se isso lhe interessar.

Apesar de tudo, um pequeno arrepio sacudiu Ottilia, e foi obrigada a lutar, para manter o sangue frio. Não que o corpo, que examinara em detalhes, tivesse o poder de enervá-la. Foi, antes, a torção macabra do destino, que encontrou Uddington, ainda sob suspeita de espancar o sujeito até a morte, atendendo às necessidades do cadáver de Duggleby a fim de enviá-lo para um local de descanso final.

— Não sabia que o senhor era o responsável por essas tarefas, — Ottilia conseguiu dizer com a maior frieza que pôde.

Uddington a encarou por cima dos óculos, seus olhos claros, firmes. — Não é incomum que o proprietário de uma loja como essa inclua o desempenho de agente funerário em suas funções para com a população local.

Olhando para o marido, Ottilia percebeu uma expressão sombria em seu rosto. Seu tom era cortante. — É, no entanto, um pouco bizarro, nas circunstâncias.

Os lábios do comerciante se apertaram. — Porque a bondosa Lady Fan, pelo que ouvi, escolheu me incluir entre os responsáveis pela morte de

Duggleby.

— Possível responsável. — Francis corrigiu categoricamente.

A voz de Uddington saiu ácida:— A distinção me escapa, milorde, pois não altera o insulto.

A essa altura, Ottilia havia se recuperado, no entanto, optou por não responder a isso. Em vez disso, disse friamente:

— Será que o senhor teria a bondade, Sr. Uddington, de nos mostrar onde guarda sua escada?

Um olhar assustado saltou nas feições do comerciante, e sua animosidade se aprofundou visivelmente, embora não tenha dito nada sobre o assunto. — Está lá fora.

Francis estendeu a mão. — Avance, senhor. — Olhou para Ottilia. — Primeiro as damas, meu amor.

Desta vez, Uddington estava determinado a não ser interrompido por mais visitantes indesejáveis. Cruzando primeiro para a porta da frente, disparou um ferrolho no topo antes de abrir caminho para suas instalações, nos fundos. Seguindo-o por um corredor estreito, Ottilia aproveitou a oportunidade e olhou além de uma porta aberta que dava para a sala atrás, onde o caixão de madeira escura, contendo os restos mortais de Duggleby, estava apoiado em um par de cavaletes.

Ao saíram pela porta dos fundos, ficou imediatamente claro que Uddington não era a única pessoa a ter acesso à sua escada. Estava deitada de lado, cuidadosamente dobrada contra a parede do fundo. Qualquer um poderia utilizá-la a qualquer momento.

— É sempre guardada aqui? — Francis perguntou, e Ottilia o viu avaliar sua extensão desordenada.

Uddington acenou com a cabeça.

— É muito comprida para o galpão.

— Como o senhor saberia se tivesse sido usada por outra pessoa? — Francis perguntou, sua mente claramente pulando com as conclusões de Ottilia.

— Não saberia. — Veio a resposta amarga do comerciante. — Toda a aldeia sabe que está aqui. A maioria tem a cortesia de pedir, se desejar usá-la.

— Todavia, outros não? — Francis supôs.

— Descobri que ela não estava no lugar, em certa ocasião. Desde que seja devolvida, nada tenho contra.

— Suponho que seja muito perguntar se o senhor percebeu a falta dela em algum momento, antes de Duggleby ser morto? — Ottilia interrompeu.

Uddington cedeu um pouco. — Acredite em mim, milady, se eu tivesse, eu a teria notificado disso.

Tillie o olhou com interesse. — Por quê? O que o leva a supor que eu estava interessada em uma escada?

Uddington encolheu os ombros, em sua maneira costumeira. — Não foi uma conjectura. Ouvi sobre a descoberta de Lorde Francis na ferraria, assim como toda a aldeia, não tenho dúvidas.

— E aí fez a conexão.

— Dificilmente eu poderia deixar de fazê-lo, já que a Srta. Beeleigh fez questão de mencionar a existência da minha escada. — Uddington retrucou, de forma ácida.

— Exatamente. — Ottilia concordou, acrescentando: — Parece excessivamente pesada.

Tillie gesticulou em direção à escada e lançou um olhar interrogativo para o marido. Francis se curvou para testar a verdade disso. Indo para o centro, segurou as barras de madeira de cada lado e as ergueu. Ottilia viu a tensão muscular sob as mangas do casaco. A escada subiu uns trinta centímetros e Francis a largou sem fazer comentários.

Ottilia ergueu as sobrancelhas. — Uma pessoa poderia carregá-la?

— Um homem forte pode, com dificuldade.

Olhou para Uddington, mas o comerciante não ofereceu nenhum comentário. — Bem, acho que já vimos o suficiente. — De volta à loja, Ottilia adotou um tom de amizade deliberada. — Tem sido muito cooperativo, Sr. Uddington, e eu agradeço.

Uddington havia se dirigido para a porta da frente com entusiasmo e estava empenhado em abrir o ferrolho. Concluindo sua tarefa, se virou e fez uma pequena reverência irônica.

— Não adianta eu me recusar a ajudá-la.

Tem toda a vantagem.

Optou por não responder diretamente, a cabeça erguida enquanto a olhava através das lentes de seus óculos. — Haveria mais alguma coisa, milady?

Ottilia adotou o mais leve dos tons. — Sim, senhor Uddington. Já que toda a aldeia parece se utilizar de sua escada, devo presumir que possui a única, longa o suficiente, para alcançar as vigas do telhado da ferraria?

— A única no centro da aldeia, sim. O forrador de telhados tem uma ainda mais longa, contudo, mora a quase um quilômetro daqui.

— Longe demais para carregar ou correr o risco de ser visto. — Francis sugeriu.

Um olhar zombeteiro apareceu nas características do comerciante. — Ninguém iria reclamar ao ver minha escada sendo carregada em qualquer lugar da aldeia.

As sobrancelhas de Francis se juntaram. — Quão conveniente.

Ottilia olhou para o marido. — Pode valer a pena uma pergunta geral no *Cock*.

Francis assentiu. — Mandarei Ryde nessa empreitada.

— Nenhuma menção à escada, lembre-se. — Tillie avisou, uma vez que estavam seguros , fora do alcance dos ouvidos do comerciante. — Não queremos alertar o assassino. Deixe Ryde  perguntar apenas se alguém estava acordado na noite anterior à morte de Duggleby.

— Acha que os preparativos para o telhado devem ter sido feitos nessa noite? Não é? Qualquer coisa antes e alguém pode ter notado.

O entendimento clareou no rosto de Francis. — A escada não poderia ter sido tomada durante o dia. Então, bastará apenas  saber que alguém estava acordado?

— Sim, pela primeira vez os terei nas mãos. Direi exatamente o que desejo saber.

Francis riu. — Aposto que sim, do jeito que é danada e inescrupulosa...

Com relação a Uddington na igreja, agora, no local onde se sentara, em um banco lateral, com os homens que haviam carregado o caixão, Ottilia se lembrou de como estivera ansiosa para vê-los fora do local. No entanto, agora, se apenas soubesse...  seu nome descera rapidamente na lista de

possíveis suspeitos, especialmente porque sua escada estivera gratuitamente disponível para qualquer pessoa na aldeia.

Seus olhos voltaram a se concentrar na congregação, enquanto Ottilia sintonizava mais uma vez a voz do vigário.

— E por que — dizia o Reverendo Kinnerton — vês o cisco que está no olho do teu irmão, mas não percebes a trave que está no teu próprio olho?

Mais uma vez, os aldeões se olharam de lado uns aos outros. Não importa os ciscos e as traves, pensou Ottilia. Qual o preço da suspeita? Poderia um deles ter levado emprestado a escada de Uddington? Poderia Uddington ter dormido durante tal roubo? Não se poderia arrastar ou carregar uma escada desse tamanho sem fazer barulho.

Francis calculou que seria necessário um homem forte, ou talvez dois. *Tisbury ou o* fazendeiro *Staxton,* talvez? Seus olhos percorreram as pessoas do *Cock and Bottle*, que pareciam estar vestidos com suas melhores roupas de domingo para a ocasião.

Molly Tisbury, ainda ostentando um nariz machucado, juntamente com os olhos inchados, havia ocultado parcialmente a imagem desanimadora sob um véu preto, que caía de um chapéu curvo. Estava bem-vestida, com bombazina preta, babados e bordados. Estava inquieta, Ottilia notou, seus olhos tendiam a se mover rapidamente e pequenos arrepios sacudiam seu corpo de vez em quando. Quase não se poderia culpá-la, com a sombra da visão de Cassie pairando sobre sua cabeça.

Seu marido também vestia preto, as calças e a sobrecasaca caipira afetavam um pouco seu corpo musculoso. Estava flanqueado por Will, o taberneiro, que vestira um casaco escuro para a ocasião, sobre suas roupas de trabalho. Do outro lado de Molly estava Bessy, a criada, com o avental

descartado e um xale preto cobrindo seu vestido de algodão azul, e com uma expressão descontente, sob o chapéu feminino regulamentar.

Por isso, a jovem Patty do *Blue Pig* era culpada, como Ottilia sabia. A criada dos Pakefields sentava-se do outro lado do corredor e bem afastada dos bancos da frente, já que Hannah, desfigurada pelos contratempos do dia anterior, decidira ficar bem longe dos Tisburys. O nariz de Patty estava no ar, sua briga com Bessy, sem dúvida, ainda na vanguarda de sua mente.

Depois do tumulto de ontem, havia pouca oportunidade de colher muito mais do que fora extraído, nas entrevistas com os Tisburys e Uddington. A sondagem de Ryde deu resultados, no entanto, Ottilia se aventurou nas dependências do *Cock* esta manhã, procurando a camareira. Encontrou as duas garotas envolvidas em uma guerra total. Ao contrário de suas respectivas patroas, as duas, ao menos, limitavam-se a palavras, embora barulhentas e injuriosas.

— Não deve dizer que está prometida! — Ottilia ouviu Patty gritar, ao dobrar a esquina da casa. — Porque sei que Will não disse isso.

Bessy voltou com força, palavras e atitude quase uma cópia carbono de Molly, sua patroa.

— Oh? Oh? E como pode saber o que Will diz ou deixa de dizer? Voe pela parede! É mais como uma aranha, eu acho. Sim, e com veneno em todos aqueles olhos com os quais vê o que não deveria.

— Se não quer dizer como te vi beijando o meu Will. — retrucou Patty, com os braços nos quadris e vermelho no rosto sardento, — Acertou pela primeira vez.

— Seu Will, não é? Gostaria muito de ver o anel dele em seu dedo, isso eu gostaria. Mas não vou ver, nem no dia do Juízo Final...

— Tampouco verá no seu, isso eu sei... não verá!

As bochechas vermelhas de Bessy ficaram ainda mais vermelhas com isso, e Ottilia achou prudente intervir.

— Meu Deus, crianças. Vão entrar em conflito por causa de um sujeito que, claramente, não serve para nenhuma das duas?

Ambas as criadas se viraram para confrontá-la, e dois rostos zangados lutaram desesperadamente para recuperar uma aparência de servidão recatada. Ottilia sorriu para as jovens igualmente.

— Por um homem que as jogaria  uma contra a outra, não vale a pena brigar, minhas queridas.

Bessy olhou para Patty, que se recusou veementemente a encará-la. Em vez disso, ergueu o queixo para Ottilia.

— Não é *nada*, milady. O que deseja?

— Vim procurar Bessy. Mas já que está aqui, Patty, também tenho uma pergunta.

— Sim?

Havia insolência, tanto no tom quanto no olhar questionador, no entanto, Ottilia se absteve de comentar.

— Por acaso sabe, Patty, como foi que a aldeia veio ouvir sobre a última visão da Sra. Dale?

Se as bochechas da garota estavam avermelhadas antes, agora ficaram positivamente vermelhas. O pavor rápido apareceu em seus olhos e foi rapidamente seguido pela fúria.

— Quem está dizendo que eu disse? A milady? — Patty colocou as mãos nos quadris, olhando feio. — Nunca disse *nada* a ninguém.

Ottilia manteve o olhar fixo no rosto de Patty, embora pudesse ver os olhos de Bessy se arregalando de apreensão, enquanto seus dedos brincavam com o avental. Culpa por ter contado a história macabra? Ou por ter espionado por conta própria?

— Ninguém mesmo? — Ottilia perguntou.

O olhar de Patty caiu, e um dedo do pé calçado de couro arranhou a grama. Um murmúrio mal alcançou os ouvidos de Ottilia.

— Posso ter comentado sobre isso com Will.

Ottilia suspirou de satisfação.

— Ah, entendo.

Os olhos da garota surgiram ferozes agora, quando se voltaram para Bessy.

— Porém, não contei a mais ninguém, eu juro. Não sei se Will contou, porém se não, sei quem está passando adiante.

Ottilia observou as bochechas de Bessy se encherem de lágrimas.

— Oh? Oh? Quer dizer eu, suponho? Eu não disse *nada,* sua estúpida! Will tampouco me disse, mas poderia, porque sou a namorada dele!

— Isso mesmo, *não é*! — Patty começou, endireitando-se novamente.

— Paz! — disse Ottilia bruscamente, colocando-se entre as criadas. — Isso vai servir para as duas. Se nenhuma conhece o sujeito bem o suficiente para perceber o quão linguarudo é o seu Will, então só posso dizer que uma tem olhos tão grandes quanto a outra.

Nenhuma das criadas pareceu gostar desse comentário, mas cada uma continuou a olhar furiosamente para a outra, embora ambas se abstivessem de discutir com Ottilia, que ficou enérgica.

— Agora então, Patty, vá embora, por favor. Quero uma palavra com Bessy em particular.

Por um momento, parecia que a garota se recusaria a deixar o campo para sua rival. Mas o olhar calmo de Ottilia surtiu efeito e Patty saiu a passos lentos, olhando para trás algumas vezes, como se suspeitasse que ela própria estava em discussão. Na verdade, a mente de Ottilia estava voltada para outros assuntos, além da apaixonada rivalidade.

— Bessy — Tillie começou imediatamente. — Quero que volte sua mente para a noite anterior à morte do ferreiro Duggleby.

A criada piscou, claramente perplexa com esta virada.

— Na noite anterior? Só? — Uma carranca enrugou a testa gorda da garota. — Domingo à noite, a senhora quer dizer?

— Sim, domingo à noite. — disse Ottilia pacientemente. — Entendo que estava acordada. Lembra-se?

Bessy fez uma careta. — Sim, sim milady, pois acordei e não consegui dormir mais por muito tempo.

— E ouviu alguma coisa?

A garota acenou com a cabeça.

— Sim, sim, nem posso dizer com certeza o que é.

— À que horas foi isso, sabe dizer?

Os olhos redondos de Bessy se voltaram para a concentração. — Talvez não mais de duas horas, milady, embora a aldeia estivesse em silêncio.

Ottilia assumiu o tom de camaradagem fácil, que considerava tão útil com as classes inferiores.

— O que ouviu, Bessy?

— Uma voz de maldição — disse Bessy prontamente. — Não como a do patrão quando tosse e pragueja como faz nas noites em que acorda cheio de cerveja. Foi fora de casa.

Ottilia não disse nada, limitando-se a fitar a moça de um modo pensativo, que sabia ter seu efeito. Com certeza, em um momento, Bessy saltou novamente, embelezando sua história.

— Grunhindo e xingando. Não demorou muito, passando atrás da casa. — As sobrancelhas da garota se juntaram. — Houve um baque. Foi alto, pois foi o que me acordou.

— Obrigada, Bessy, isso é muito útil. — disse Ottilia, satisfeita.

Bessy franziu a testa. — Acho que não, pois não disse o que devia.

Ottilia sorriu. — Ah, mas ajudou, Bessy.

A garota parecia interessada, contudo Ottilia não a esclareceu mais. Ficou tentada a pedir a Bessy que não jogasse seu coração em cima de Will, o taberneiro, mas se conteve, sem fé no poder das palavras para dissuadir qualquer donzela a suspirar por amor. Embora, para falar a verdade, Ottilia suspeitasse que essa disputa, pelas atenções do sujeito com Patty, fosse a cola que mantinha firme seu afeto.

Além disso, dificilmente fazia parte de sua função interferir nos emaranhados de amor dos habitantes locais. Tinha outros peixes para fritar. E a primeira tarefa era descobrir se sua suspeita era correta.

— Mais uma coisa, Bessy.

—Sim, milady?

— Lembra-se de que, gentilmente, me mostrou o lugar onde o corpo de Duggleby jazia, naquele primeiro dia?

Um olhar cauteloso se insinuou nas bochechas rechonchudas e Ottilia soube, imediatamente, que tinha adivinhado certo. Bessy estava tendo dificuldade em encontrar seu olhar. Ottilia suavizou o tom.

— Não há necessidade de parecer tão culpada, minha querida. Sua curiosidade foi natural e não te culpo por ouvir.

— Eu nunca...

Ottilia ergueu um dedo em alerta.

— Não minta para mim, Bessy. Tenho certeza absoluta de que o Sr. Pilton não falou sobre sua conversa conosco, no entanto seu amo e sua senhora sabiam que Pilton havia nos contado sobre a luta entre seu senhor e o ferreiro. As bochechas redondas de Bessy estavam ficando rosadas e começou a parecer envergonhada, baixando o olhar para o chão, enquanto murmurava sua defesa.

— Pensei que deveriam saber.

— Entendo. Porém, o infeliz resultado de sua fala, Bessy, foi deixar a Sra. Tisbury chateada e desconfiada, o que ajudou a criar a briga entre sua senhora e a Sra. Pakefield. Vê?

A garota acenou com a cabeça, sua expressão agora preocupada. Ottilia achou que já havia falado o suficiente. Bessy parecia um pouco mais inclinada a ouvir sua consciência do que Patty, cuja indiscrição era provavelmente mais prejudicial. Além disso, Ottilia não conseguia esquecer a própria culpabilidade naquela briga. Sorriu para a garota.

— Agradeço novamente por sua ajuda, Bessy.

Com isso, Ottilia a deixou e dirigiu-se a uma das pequenas fileiras de cabanas, situadas deste lado do riacho, bem em frente à forja em ruínas, do outro lado da água.

Demorou alguns instantes para que sua batida na porta fosse respondida. Ouviu passos hesitantes lá dentro. A porta se abriu e um homem idoso semicerrou os olhos para Tillie, segurando o batente da porta para se apoiar.

— Bom dia, Sr. Wagstaff.

Uma de suas gargalhadas rudes soou.

— Se não é a Lady Fan. Veio perguntar se fui eu quem acabou com Duggleby, não é?

Ottilia sorriu. — Vou perguntar, se o senhor quiser me dizer.

— Não faz sentido perguntar. Se fosse eu, nada lhe diria.

— É verdade, — Ottilia concordou friamente. — Acontece que não vim para isso.

O Sr. Wagstaff ergueu um dedo amarelado de tabaco e coçou a orelha.

— Nunca teve visões, tampouco, como aquela Sra. Dale. Não que eu saiba.

Ottilia suspirou.

— Lamento que sua filha tenha sido obrigada a ouvir sobre isso.

O velho bufou.

— Se minha Moll for idiota o suficiente para pensar em tal asneira, mais engano pra ela. Não me leve em consideração.

— Bem, o senhor deveria. — Ottilia disse asperamente.

Os olhos remelentos se aguçaram.

— Sim? E por quê?

— Oh, não por nada que a Sra. Dale possa fazer, pois a jovem não é uma bruxa.

— Nem precisa dizer. Não tem mais magia do que o homem na lua.

— Exato. Contudo, existe um assassino à solta, Sr. Wagstaff. Alguém que se aproveitou da visão anterior da Sra. Dale a seu favor.

Por um instante, uma carranca assustada juntou as sobrancelhas esparsas do velho. Então soltou uma gargalhada.

— Estúpida será, milady Fan, se pensa que alguém deseja fazer com minha filha o que fez com Duggleby. É uma tola está certo, mas não é má pessoa. Agora, Duggleby tem uma bacia cheia de inimigos e não há muitos que lamentem o fato de sua morte.

Estava claro para Ottilia que o sujeito pertencia àquele tipo de pessoa que se decidia e não mudava. Resolveu mudar de tática.

— O que me traz ao assunto em questão, Sr. Wagstaff. Sei que o senhor estava acordado durante altas horas, na noite anterior à morte de Duggleby.

Os olhos do velho se estreitaram novamente.

— Sim. Disse àquele seu marido na noite passada.

- Mas não disse se ouviu alguma coisa.

— Como?

— Qualquer coisa fora do comum. Não estou falando de sons noturnos que poderia esperar. Pareceu-lhe, por exemplo, que alguém estivesse fora, de madrugada?

O Sr. Wagstaff sorria.

— Como companheiros indo para os campos? Claro que os ouvi. Staxton e seus rapazes vão pra fazenda antes do amanhecer, e metade da vila está de pé, por volta das cinco.

Ottilia não se irritou com essa demonstração de superioridade.

— Sim, contudo estou falando antes disso. Por volta das duas horas, talvez?

— Como sei eu? Poderia estar dormindo.

Desta vez, Ottilia não se deu ao trabalho de responder. Apenas olhou para o homem e esperou. Ciente de que o velho estava inclinado a ter uma opinião contrária, como algo natural. Ainda tinha esperança de que a ideia pudesse mover algo em sua memória, se ao menos Wagstaff pudesse pensar por um momento, em vez de sentir-se impelido a se divertir à custa dela.

O velho ficou à espera de algo mais, invisível por um tempo, olhando-a com suspense, como um pássaro esperançoso de migalhas. Então fungou e, mais uma vez, um dedo ossudo coçou uma orelha.

— Devo ter ouvido alguma coisa.

Ottilia ergueu as sobrancelhas, recusando-se a ser arrastada a outras conclusões. Esse respeito estaria lhe surgindo aos olhos? Desequilibrou-se um pouco, encostado no batente da porta.

— Não posso dizer que horas eram, lembre-se. — disse, por fim, em uma nota de advertência. — Porém ouvi passos arrastados uma vez.

— Ah.

Iluminando-se com essa pequena demonstração de interesse, o idoso continuou:

— Em seguida não o era mais e passava perto.

— Em que direção?

— Em direção à ponte, — disse Wagstaff, que então pareceu surpreso, como se não tivesse a intenção de dizer tanto.

Ottilia manteve os olhos fixos no rosto dele.

— Algo mais? — Suas sobrancelhas se juntaram.

— Respirando, como algo pesado.

Estava claro que Wagstaff tinha pouca compreensão de como esses detalhes extras lhe surgiam na memória. Por mais inteligente que fosse, refletiu Ottilia, faltava-lhe a capacidade de observar o próximo, por estar sempre muito ocupado, exercitando sua inteligência às custas dos outros, sem dúvida. Ottilia, muitas vezes, tivera ocasião de observar que as pessoas tendiam a descartar sua capacidade de recordar coisas, quando na verdade invariavelmente tinham um quadro perfeito dos eventos disponíveis, se ao menos tivessem a oportunidade de examiná-lo melhor.

Sondou mais um pouco. — Suponho que não houve um baque? Ou xingamentos?

Mas o Sr. Wagstaff havia disparado sua flecha.

— Agora nada mais posso te dizer, minha Lady Fan.

Apesar da clara ironia da denominação, Ottilia deu-lhe um sorriso amigável.

— Não importa. O que o senhor me disse é o suficiente.

Wagstaff deu sua risada aguda característica.

— Quem é então? Quem deu cabo de Duggleby?

Ottilia dera uma resposta evasiva a Wagstaff então, lembrou-se, sua atenção agora voltando para a igreja, onde a congregação havia curvado a cabeça em oração. Um hino foi cantado em seguida e, embora houvesse participado, Tillie parou um momento e olhou para Lady Ferrensby, a quem havia sido apresentada brevemente, antes do início do serviço religioso.

A grande senhora da aldeia estava corretamente vestida de preto embora de uma forma um tanto desatualizada, também não usava véu, e seus traços fortes, mas atraentes, eram bem visíveis onde se posicionava para o hino. Ottilia soubera, pela Sra. Radlett, que o jovem Lorde Ferrensby raramente era encontrado em sua cadeira, sendo um membro ativo do parlamento e dado a atividades esportivas. Portanto, coube a sua mãe supervisionar o funcionamento da propriedade, incluindo as atividades da aldeia Witherley.

Enquanto Ottilia observava a mulher, algo nas feições de Lady Ferrensby a lembrava de Cassie Dale. De repente, lembrou-se da estranheza na conduta de Cassie no dia anterior. Isto saíra de sua cabeça pelos eventos subsequentes, porém agora lembrava-se, em detalhes, de como a jovem aparentava ao falar do Sr. Dale. Uma suspeita disparou-lhe na cabeça,  não pôde evitar olhar para a galeria do menestrel. Não havia sinal da figura anterior a observar. Ottilia voltou a olhar para Lady Ferrensby. Cassie Dale era apenas uma protegida? Ou havia mais nesta relação do que aparentava?



# Capítulo 10

**Apressada por uma** Tabitha irada, Cassie acelerou seus passos ao longo da estrada que conduzia para longe da igreja, de volta para o gramado.

— Te procurei, de alto a baixo, Srta. Cassie. Tenho estado muito preocupada.

— Não precisava se preocupar. — Cassie retrucou. — Qualquer um deve supor que eu seja uma pessoa avoada, do jeito que age, Tabby. Estava bem escondida.

— Escondida? Sim, tão bem que seu rosto foi a primeira coisa que vi, quando, finalmente, pensei em entrar na igreja. Não teria feito nada, só que, de repente, me ocorreu que estaria exatamente no lugar que lhe disseram para não ir.

Cassie apertou com mais força o xale que usava sobre a cabeça e os ombros e aumentou o passo ainda mais, como se pudesse sacudir a criada com as palavras que não queria ouvir.

— Precisa se apressar? — protestou Tabitha, ofegando um pouco. — Estou farta de subir as escadas para ir buscá-la naquela galeria, muito obrigada.

— É sua própria culpa. — disse Cassie em voz baixa. — Não pedi para vir.

— Não, escapa como a garota travessa que sempre foi.

Cassie parou abruptamente, voltando-se para sua criada, quando o fogo lhe chegou ao seio. — Não sou uma criança, Tabby! E gostaria que parasse de me tratar como tal. É minha vida, Deus me ajude, e tomarei minhas próprias decisões.

Os lábios de Tabitha se contraíram e Cassie viu a dor em seus olhos. Seu coração se suavizou, porém lutou contra o desejo de recuar. Se não fosse por Aidan Kinnerton, sentiu que poderia muito bem ter cedido. O pastor foi a primeira pessoa a lhe falar, tratando-a como tendo vontade própria. Sua atitude para com a jovem a fazia sentir-se confortável e normal, sensação quase desconhecida no catálogo de seus dias. Fora atraída para o serviço, em parte, devido ao incômodo sentimento de culpa sob o qual trabalhava, contudo Cassie era honesta o suficiente para saber que, de longe, a maior atração fora Aidan Kinnerton. Queria ver como Kinnerton se conduziria ao se dirigir aos aldeões pela primeira vez, e sob circunstâncias tão difíceis. Bem, não a decepcionou. Desejava vê-lo, observá-lo, absorvê-lo. E não se frustrou.

Vinha caminhando, enquanto esses pensamentos fervilhavam em sua cabeça, e por fim, o silêncio de Tabitha ao seu lado incomodou sua consciência. Tateou em busca da mão da criada e a segurou com força. — Não queria lhe criticar, Tabby. Me perdoe.

Os dedos da Tabitha a apertaram com força. — Nem eu, Srta. Cassie — Um suspiro lhe escapou. — Quem dera eu. pudesse esquecer como me encarreguei da senhorita quando não era ninguém a não ser um pequeno deslize de uma coisa..

O coração de Cassie inchou. — Devo-lhe muito.

— Não. — Tabby argumentou rispidamente. — Não pude evitar a me afeiçoar muito, e isso é um fato. Era uma pequena alma tão apaixonada, Srta. Cassie, e não mudou nem um pouco.

Cassie deu uma gargalhada. — Apaixonada? Sem motivo, Tabby?

— Tudo que sei é que é da sua natureza, e nunca vai ser diferente, não importa o que alguém diga.

Exceto que Cassie era diferente. Ou pelo menos se sentia diferente na companhia de Aidan Kinnerton. Como o reverendo falava bem, com uma voz tão forte e corajosa quanto seu coração. Que estranho pensar nele assim, quando na vida normal era extremamente gentil e de fala mansa. Se ao menos fosse possível...

Mas aqui os pensamentos de Cassie encontraram a verdade. A impossibilidade a atingiu novamente, e resolutamente reprimiu o desejo. Não deve pensar nisso. Lady Ferrensby poderia tramar, porém Cassie morreria, antes de envergonhar o homem mais gentil que já conhecera.

— Sra. Hawes!

O reconhecimento foi hesitante, mas Cassie parou, assim como Tabitha, olhando em volta. Uma jovem, de rosto pálido, nervosa, sob um boné, estava a uma pequena distância. Parecia vagamente familiar, e seu vestido simples, de algodão cinza com um avental, revelava ser uma das criadas abundantes na aldeia, sendo esta a principal fonte de emprego

remunerado para moças na aldeia. Todos precisavam de uma criada. Porém Cassie não conseguia se lembrar imediatamente a quem servia.

Era evidente que Tabitha não tinha essa dificuldade.

— Jovem Alice, não é? O que quer comigo, garota?

Alice torceu as mãos, olhando apreensivamente para Cassie.

— É algo particular.

Tabitha grunhiu, porém acenou para a jovem.

— Se for sobre a Sra. Dale, o que estou certa, é melhor lhe dizer imediatamente. Não posso guardar segredos.

A garota se aventurou um pouco mais perto, seus olhos indo de uma para a outra.

— Se diz, Sra. Hawes, só não quero dizer o que a Sra. Dale não vai gostar.

Cassie suspirou. —Pode dizer o que quiser, Alice. Há muito pouco falado nesta aldeia, sobre mim, que não seja desagradável.

Alice fez uma reverência, mas se dirigiu exclusivamente a Tabitha. — É assim, Sra. Hawes.

Tabitha a parou. — Só um minuto. Por que não está no funeral?

— A Srta. Beeleigh me mandou cuidar do menino Duggleby, visto que disse a Sra. Duggleby que seria muito ruim fazê-lo ir, não tendo mais de seis anos. Só que Jenny voltou agora e eu tenho que fazer o jantar.

— Então, o que queria me dizer?

Alice lançou outro de seus olhares nervosos para Cassie e torceu os dedos novamente. — Estava com a Srta. Beeleigh antes do funeral, carregando a cesta para Uddington, quando estava no *Cock and Bottle.*

O estômago de Cassie apertou. Sabia que a Srta. Beeleigh não obedecia a nenhuma sutileza dos costumes sociais, caso sentisse a necessidade de desprezá-los. Não seria a primeira vez, como Sam costumava dizer, que essa temível dama se sentia incumbida de entrar na taberna e brigar com os circunstantes. Cassie não pode deixar de perguntar.

— O que disse às pessoas?

A criada parecia ainda mais apreensiva, e Tabitha teve que dar um incentivo.

— Vá em frente garota.

Alice respirou fundo. — A Srta. Beeleigh estava dizendo o que ouvira falar, que havia conversa fiada sobre estacas e queimadas. Falou como esperado, que não ouviria mais nada daquilo, nem mais conversa tola sobre bruxaria, nem pararia de chamar Pilton, também. Disse que se algum idiota estivesse pronto para ter sua cabeça estourada, estava pronta com seu mosquete.

Tabitha assobiou ao respirar. — Por que a mulher não fica em paz?

— Tentando ajudar a Sra. Dale a se recuperar. — protestou Alice defensivamente.

— Sim, e vai ficar aí parada e me contar sobre gente como Tisbury e Staxton, para não dizer sobre aquele velho Wagstaff mal-humorado, como responderam a Srta. Beeleigh?

O tom rosado tingiu as bochechas da garota.

— Bem, foi por isso que pensei que deveria alertá-la, Sra. Hawes. O Sr. Tisbury voltou como um leão. Disse que a Srta. Beeleigh nada tinha a dizer sobre a aldeia. Nem traria seu mosquete até o *Cock*, pois então teria de se haver com Pilton.

— E o que a Srta. Beeleigh disse sobre isso? — Perguntou Tabitha, naquele tom que Cassie conhecia há muito tempo, o que indicava um aumento de fúria.

Alice enrubesceu novamente, parecendo envergonhada.

— Sabe como a Srta. Beeleigh é, se alguém a contradiz, fecha o tempo. Disse que se o Sr. Tisbury não fosse um idiota, veria que é uma tolice ficar falando com aquela Lady Fan sobre a aldeia. Disse que Lady Fan está querendo a cabeça de alguém, e não apenas por matar Duggleby, e que, se o Sr. Tisbury não tomar cuidado, teria a dele.

Tabitha ficou de cara feia. — O que a mulher quis dizer com *e não apenas por matar Duggleby?*

— Essa é a pergunta do Sr. Wagstaff e de todos. A Srta. Beeleigh falou sobre como Lady Fan era toda a favor da Sra. Dale, como uma defensora. E o Sr. Wagstaff voltou e disse que todo o mundo deve saber disso. Contudo, a Srta. Beeleigh levantou e disse para todos que, para si, não seria nenhuma surpresa se todo o mundo dissesse que Lady Fan também é uma bruxa e tudo, porque Witherley é cheio de palermas.

Por um momento, Tabitha não falou. Cassie se sentiu surpresa e gratificada, ao descobrir que a Srta. Beeleigh havia assumido o comando em sua defesa dessa maneira. Foi totalmente inesperado, pois mal conhecia a mulher, tendo conversado muito pouco com a senhorita e suas amigas. O Sr. Netherburn tinha sido gentil o suficiente em visitá-la de vez em quando, mas Cassie tinha formado a crença de que as duas senhoras não a aprovavam, pois, embora fossem agradáveis o suficiente quando as conheceu no *Blue Pig*, nenhuma saíra de seus modos para fazer amizade com a *rejeitada,* que Cassie sabia ser considerada.

— Bem, Alice, suponho que devo lhe agradecer. — Tabitha disse, seu tom áspero.

A criada enrubesceu e seus olhos registraram decepção quando se voltaram para Cassie.

— Eu só estou avisando a Sra. Dale para que tome cuidado. O sr. Tisbury ficará furioso com isso. E a Srta. Beeleigh me disse, depois, que não há como saber o que pode acontecer. Também disse que deveria estar à procura de problemas.

Com essa garantia, Alice olhou novamente para Cassie, fez outra reverência e saiu em disparada, na direção da casa da Srta. Beeleigh, que ficava a uma pequena distância do *Blue Pig*.

— Bem, vamos para casa e trancar a porta. — disse Tabitha com firmeza. — Porém sei de uma coisa. É melhor Sam buscar Lady Francis no chalé, amanhã de manhã, para que possa ouvir tudo isso.



VISTO QUE NÃO lhe cabia comparecer ao enterro, Ottilia deixou esse dever para Francis e esperou que a congregação saísse, antes de dar uma olhada vagarosa em volta da igreja. Construção antiga, um desses prédios atarracados de pedra, com vãos em arco de cada lado da nave, contendo memoriais e algumas figuras esculpidas de forma grosseira, além de uma rosácea simples e charmosa na parede leste, atrás do altar.

Entre as placas comemorativas fixadas nas paredes, estava interessada em descobrir vários nomes de aldeias, além da abundância de Ferrensbys que já haviam partido. Os Pakefields pareciam ter caído no mundo, enquanto a família da Srta. Beeleigh era claramente de inquilinos de longa

data e o Sr. Netherburn era visto como um viúvo. Que conveniente para a viúva Radlett, se conseguisse agarrá-lo.

— A senhora não gostou do túmulo tampouco, Lady Francis? — Assustada, Ottilia se virou para encontrar a mulher atrás dela, como se seus pensamentos a tivessem conjurado. Estava vestida corretamente de preto, para a ocasião, mas os improváveis cachos dourados ainda se agitavam sob um gorro muito rebuscado. Havia, no entanto, uma expressão cautelosa em seus olhos, Ottilia se maravilhou. Não deu nenhum sinal, apenas sorriu amigavelmente.

— Não posso sentir que é minha função seguir o caixão.

A Sra. Radlett estremeceu um pouco.

— Odeio a visão daquele buraco vazio. Parece tão *final* de certo modo.

— Temos sorte, talvez, por sermos mulheres, pois não somos obrigadas a comparecer a tais eventos, se não desejarmos fazê-lo.

— Não, e graças a Deus por isso. Embora Alethea insistisse em que devíamos aparecer na igreja.

Ottilia notou essa peculiaridade da parte da Srta. Beeleigh com interesse. — De fato? A Srta. Beeleigh considera isso como um dever?

— Oh, Alethea deve sempre participar do que está acontecendo, necessita saber. — Uma risada frágil tilintou da boca da viúva. — Está sempre me estigmatizando por causa de uma fofoca, mas, ao menos, não me responsabilizo por interferir na vida dos moradores. Tampouco lhes dizer o que devem ou não fazer. Alethea pode ser muito feroz com todos.

Ottilia digeriu isso em silêncio por um momento. Então gesticulou para uma das placas. — Vejo que os Beeleighs estão aqui há muito tempo. Talvez a Srta. Beeleigh nutra um senso de responsabilidade por isso?

— Quanto a isso, pode muito bem ser. — disse Evelina a contragosto. — Se ao menos não fosse tão... — calou-se, parecendo um tanto culpada.

— Ditatorial? — sugeriu Ottilia, com uma pitada de travessura na voz.

A viúva deu um suspiro de meia risada. — É ruim, de minha parte falar mal dela, quando tem sido tão boa para mim.

— Minha querida Sra. Radlett, mesmo aqueles que mais amamos podem, às vezes, nos levar à desorientação. Seria tolice fingir o contrário.

Evelina começou a assentir, pondo o queixo em movimento.

— Muito verdadeiro mesmo. Ora, ainda outro dia, declaro que poderia facilmente ter matado! — Parou, levando a mão à boca, olhos horrorizados espiando por cima.

Ottilia teve que rir. — Minha nossa, Sra. Radlett. Acontece quando a observação mais simples pode ser mal interpretada, meramente por causa de eventos. O que a Srta. Beeleigh fez para justificar essa inclinação assassina de sua parte?

Um leve gorgolejo foi ouvido por trás da mão, e os olhos esbugalhados suavizaram em risadas, embora brevemente. Em seguida, a viúva colocou a mão em um lado da boca e se inclinou para frente de forma confidencial. Em uma tentativa de encorajá-la, Ottilia fez o mesmo.

— Fez minha tisana na outra noite, porque insistia que eu estava parecendo abatida. Tenho quase certeza de que Alethea colocou láudano nela, e não posso suportar a substância. Aquilo me faz sentir horrível no dia seguinte.

Agora totalmente alerta, Ottilia não hesitou. — Sentiu-se horrível?

— Oh, terrível. Minha cabeça estava confusa e eu não conseguia pensar. Tive que ir para a cama, e foi por isso que não ouvi nada sobre o

que havia acontecido na ferraria, até a manhã seguinte.

Ottilia olhou para a mulher, com certo grau de suspeita em mente. Não teria isso sido um tanto *tolo*...? Será que a Sra. Radlett ficara sabendo das perguntas feitas no *Cock,* sobre a noite anterior à morte de Duggleby? Em caso afirmativo, por que deveria tentar questionar sua amiga? Ou foi uma manobra destinada a garantir a Ottilia que a senhora estivera *fora de combate* e, portanto, incapaz de realizar os preparativos necessários na ferraria?

Quanto do que foi descoberto sobre aquela noite discutira com a Srta. Beeleigh? Ambas sabiam da viga *cortada* e que uma escada estivera em uso. Ottilia achava difícil acreditar que a viúva Radlett tivesse *somado dois mais dois para si mesma*. Estaria com medo de ser acusada?

— Vamos caminhar juntas até o *Blue Pig?* — Ottilia sugeriu agradavelmente. — Ouso dizer que a Srta. Beeleigh e o Sr. Netherburn se juntarão a nós no café.

Mrs. Radlett concordou com entusiasmo, quando Ottilia saiu pelo corredor, sem antes fazer uma ressalva.

— Lorde Francis não espera encontrá-la aqui?

— Oh não. Disse a meu marido que talvez voltasse sozinha.

O sol batia forte ao saírem da igreja e Ottilia ergueu a mão para proteger os olhos. Alguns dos aldeões começaram a voltar para o gramado, parecendo seguro presumir que a cerimônia ao lado do túmulo estava quase no fim.

— A senhora já formou alguma opinião sobre quem cometeu o crime, Lady Francis?

Ottilia teve a sensação de que a Sra. Radlett desejava muito fazer essa pergunta. Se a fez por curiosidade ou por um propósito próprio, era um ponto discutível.

— Temo que não seja tão simples quanto esperava. Há muitos fatores a serem levados em consideração, e muitas pessoas que guardavam rancor contra o ferreiro.

— Sim, entretanto não pode pensar que qualquer um que tivesse rancor pudesse ser culpado de uma coisa tão horrível. — Disse a viúva, quase em pânico.

Então era isso. A Sra. Radlett havia se lembrado de que Ottilia sabia dos detalhes de seu cachorro. Sem dúvida, se tivesse tido a premeditação de se imaginar potencialmente suspeita, teria se abstido de falar sobre isso. Se supôs que assim facilmente poderia ser deixada fora do gancho, entretanto, estava enganada.

— Nossa, não, Sra. Radlett. Ainda assim é preciso sempre procurar um motivo. É uma pena que Duggleby fosse um homem uniformemente detestado por seus companheiros. É um campo muito amplo, de fato.

Ottilia olhou para a viúva enquanto falava e quase caiu na gargalhada. O rosto da criatura havia caído fortemente, e parecia decididamente sem fisionomia.

— Devo dizer que ficarei feliz com uma xícara de café. — Ottilia disse agradavelmente, caminhando suavemente como se nada de desagradável tivesse ocorrido.

— Espero que Sra. Pakefield esteja suficientemente recuperada agora, para poder retomar suas funções como anfitriã.

A Sra. Radlett parecia ter dificuldade em juntar as palavras. — Oh. Sim tenho certeza. Ou não. Hanna pode ter ficado para o enterro, por causa das aparências. No entanto, Patty já deve ter voltado.

— Patty, é claro. Uma garota muito dada a lançar sua língua, eu temo.

— Oh, todas fazem isso. — disse a viúva em um tom irritado. — Embora a jovem Alice seja uma boa criança no geral.

— Alice?

— A criada de Alethea. Pobre criança, se esforça muito para agradar.

Sim, Ottilia poderia muito bem imaginar que a Srta. Beeleigh era uma patroa exigente. Qualquer criada dela deve ser esmagada, além da capacidade, a menos que fosse da laia de Patty ou Bessy. O epíteto de *"boa criança"* de Evelina argumentava o contrário.

Quando chegaram ao *Blue Pig*, a Sra. Radlett parecia ter se recuperado um pouco de sua confusão anterior. Entrou com Ottilia e afundou-se em uma das cadeiras da cafeteria, com um suspiro de alívio, levando a mão ao peito.

— Temo que a caminhada a tenha cansado, Sra. Radlett. — disse Ottilia, movendo-se para pegar a campainha de latão sobre a mesa.

A viúva acenou em concordância. — É o meu coração. Não sou forte, sabe.

*Outra manobra para alegar inocência*? Ottilia respondeu apropriadamente e ficou feliz ao ver Patty entrar na sala.

— Café, por favor, Patty. Ou prefere chá, Sra. Radlett?

— Se não for muito incômodo. — respondeu a outra, olhando apreensiva para a criada.

Patty balançou a cabeça. — Sem problemas. Afinal, Cook só tinha o jantar para preparar.

Ottilia suspirou quando a porta se fechou com um estalo atrás dela. — Aquela garota requer boas maneiras, além de discrição.

O olhar da Sra. Radlett veio rapidamente em sua direção. — Discrição?

— Acho que sim. Temos que agradecer a Patty pelo mundo todo ser informado da mais recente visão de Cassie Dale. Sem mencionar a pobre Molly Tisbury. Está apavorada, é claro.

Um estremecimento sacudiu o corpo da viúva.

— Não estou surpresa. Isso me apavora, e nem sou a suposta vítima.

*Mas era a pretensa agressora da vítima? Uma pena que as visões de Cassie não englobassem a ação do ato, bem como suas consequências*, Ottilia refletiu, suspirando. Isso tornaria sua tarefa muito mais fácil.



QUANDO O MARIDO entrou na sala de café, Ottilia desejava, sinceramente, que a Sra. Radlett estivesse noutro lugar. Se tivesse dito algo nesse sentido, poderia ter valido a pena a dor da resistência, contudo a viúva se limitou a uma história longa e excessivamente enfadonha da doença prolongada e persistente de seu falecido marido, que dissipara a pouca fortuna que tinha com assistência médica. Embora simpática, Ottilia não conseguia despertar entusiasmo para uma história tão uniformemente depressiva. Por isso, saudou a chegada do Sr. Netherburn e da Srta. Beeleigh, com um alívio absoluto.

Mal os recém-chegados tiveram tempo de beber a xícara de café regulamentar, no entanto, Francis entrou, acompanhado por Lady

Ferrensby, para surpresa e gratificação de Ottilia. Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, a Sra. Radlett tomou a palavra.

— Cara Lady Ferrensby! É mesmo a senhora? Achei que viria, pois tinha certeza de que desejaria aproveitar a oportunidade para aumentar seu tão breve conhecimento de Lady Francis.

A senhora entrou graciosamente na sala e estendeu a mão para Ottilia, que se levantara ao vê-la.

— É verdade, Sra. Radlett. — disse secamente Lady Ferrensby, numa voz baixa e musical. Um aguçado olhar cor de avelã encontrou o de Ottilia. — Estou um pouco atrasada, Lady Francis, e temo que minhas boas-vindas cheguem tarde demais para ter a menor utilidade. Pelo que ouvi, imagino que a senhora já tenha desenvolvido uma aversão ardente por Witherley.

Ottilia riu. — Nem um pouco, milady. Meu marido vai atestar que vim por meus méritos, pois entrei por mera curiosidade.

A tarefa de abrir espaço para que Lady Ferrensby se sentasse, junto com as saudações gerais e murmúrios acerca do funeral, deu a Ottilia a oportunidade de avaliar a padroeira da aldeia mais de perto do que fora capaz de fazer na igreja.

Percebeu um semblante maduro, mas bonito, coroado por luxuriantes mechas prateadas ao longo das têmporas e presas sob um gorro preto de penas. Seu ar de segurança falava alto e sua saudação impressionava, com uma mistura de bom senso e humor. Dela, pelo menos, Ottilia pode esperar uma avaliação inteligente e imparcial dos acontecimentos.

Estava claro que a viúva Radlett ansiava em participar da reunião, pois não hesitou em  sugerir um tópico para conversa.

— O que a senhora acha do novo habitante da aldeia, Lady Ferrensby? O vigário, quero dizer. Achei que se saiu muito bem, não foi?

As sobrancelhas da senhora se ergueram. — Kinnerton? Oh, acho que vai servir. — O semblante da viúva Radlett caiu. — Isso é tudo?

Lady Ferrensby sorriu. — Minha cara Sra. Radlett, a senhora não pode esperar que eu me pronuncie em público sobre a apresentação de abertura do indivíduo em questão, sem conversar primeiro com o reverendo, a respeito do assunto. Todavia, se isso vai fazê-la feliz, deixe-me assegurar-lhe que considero que Kinnerton se mostrou um jovem merecedor de estima.

— Oh, de fato! — Concordou a viúva, balançando a cabeça freneticamente. — Tem sido uma torre de força, nestes dias sombrios.

— Sim, para Cassie Dale. — Veio uma nota zombeteira da Srta. Beeleigh. Ignorou a tosse aguda do Sr. Netherburn, não esperando pela resposta de ninguém e não perdeu tempo em frustrar o projeto de sua amiga. — Venha, Evelina. Não há necessidade de ficarmos e fazermos bonito.

— Oh, mas eu...

— Evelina! Sua senhoria não nos quer transtornando o lugar. Está aqui para conversar com os Fanshawes.

A Srta. Beeleigh olhava para Lady Ferrensby enquanto falava, e esta última não fez nenhum esforço para contradizê-la, apesar do olhar suplicante da viúva. Manteve-se sentada, em um silêncio elegante, evidentemente colocando confiança na habilidade da Srta. Beeleigh de tirar sua companheira relutante da sala.

Não vendo nenhuma ajuda vinda daquela região, a viúva Radlett lançou o olhar sobre o sr. Netherburn, cuja saudação aos recém-chegados fora mais elaborada do que o normal. Mas a temível Srta. Beeleigh foi rápida em bloquear esse apelo silencioso.

— Horace, torne-se útil e nos acompanhe.

Só poderia haver uma resposta para isso, e as palavras de despedida sendo reduzidas ao mínimo. Não demorou muito para que Ottilia e Francis ficassem a sós com Lady Ferrensby.

— Vinho, milady? — ofereceu Francis, movendo-se para pegar a campainha.

A senhora acenou com a mão. — Não quero nada, obrigada. — Seu olhar se fixou em Ottilia, que se sentara à sua frente. — Jantariam comigo amanhã à noite, Lady Francis?

Ottilia ergueu as sobrancelhas. — Nossa, senhora, é por isso que veio?

Um lampejo de diversão apareceu no olhar cor de avelã. — Ostensivamente.

Atrás dela, Francis riu e veio sentar-se. — Agradecemos, milady. Um pensamento gentil, mas tal subterfúgio é desnecessário. Como podemos ajudá-la?

Lady Ferrensby o encarou. — Devo agradecer muito um relato de suas atividades. De preferência sem verniz.

Seu olhar desviou-se de Francis para a última frase, e Ottilia respondeu a uma pergunta não formulada. — Ouso dizer que a senhora pode ter recebido uma versão muito distorcida.

— Sem dúvida.

A nota seca foi pronunciada e Ottilia simpatizou com a mulher. — Então, acho que podemos desembaraçar um pouco as coisas. — Ergueu um dedo de advertência. — No entanto, não posso dizer que estou otimista sobre qualquer conclusão possível neste estágio.

Lady Ferrensby assentiu. — Isso está entendido. — Sorriu, chamando a atenção de Francis. — Pode estar interessado em saber que eu conheço o juiz Ingham.

Ottilia saltou, lançando um olhar apreensivo para Francis, pois Sir Thomas Ingham, o juiz de Bow Street, estivera muito envolvido nos eventos do ano passado, e sabia que seu marido odiava tais lembretes.

No entanto, Francis estava rindo. — Aposto que cantou elogios à minha esposa.

— Foi realmente loquaz sobre o assunto, — confirmou sua senhoria. — Me fez compreender que a Sra. Draycott, como acredito que era então, foi fundamental para descobrir a verdade.

— Fundamental? Ingham não sabia da metade.

— Ora, Fan — Ottilia protestou, o calor subindo às suas bochechas. — Por favor, não exagere.

O olhar que lançou para a esposa foi intenso. — Na verdade, estou atenuando o caso, sabe disso.

Ottilia soltou um suspiro exasperado e se voltou para Lady Ferrensby.

— Ore para não permitir que o entusiasmo do meu marido aumente muito as suas esperanças, milady. Não estou absolutamente certa de um resultado feliz neste caso. Existem muitos fatores a serem levados em consideração, e não posso prometer desvendá-los de forma satisfatória.

O olhar inteligente de Lady Ferrensby era atraente, com um brilho profundo que, mais uma vez, lembrava estranhamente Cassie Dale. Ottilia ficou duplamente convencida de que havia algo a descobrir.

— Acredite em mim, Lady Francis, ficarei grata por qualquer luz que possa lançar sobre o negócio, já que sou forçada a aceitar que Duggleby foi, de fato, assassinado. Até essa ocorrência, eu nutria a esperança de que Cassie, a Sra. Dale, quero dizer, pudesse se estabelecer em alguma promessa de normalidade. Mas parece...

Lady Ferrensby se interrompeu, fazendo, como Ottilia supôs, uma tentativa de recuperar a pose anterior, de calma despreocupada. *Foi uma pose? Ou estava apenas perturbada pelos eventos presentes?*

— Por falar nisso — Lady Ferrensby retomou — é angustiante para todos serem colocados sob suspeita de transgressão. — Um sorriso repentino iluminou seu semblante. — E dificilmente a senhora ficará surpresa ao saber de minha falta de confiança em Henbury.

Ottilia foi obrigada a rir, enquanto Francis soltou um bufo zombeteiro.

— O homem é um pesadelo. Pelo meu dinheiro, fará pouco, exceto atrapalhar a investigação.

— Contudo precisamos dele. — Ottilia o lembrou. E lançou um olhar pesaroso para Lady Ferrensby. — Temo tê-lo usado descaradamente, fingindo que me pedira para fazer as investigações.

— Bem, se alguém protestar, a senhora pode dizer, com verdade, que lhe perguntei. — Disse Lady Ferrensby, asperamente. — E não é nenhuma ostentação dizer que a senhora fará mais progressos usando meu nome.

— Excelente. Então, resta apenas fornecer-lhe a explicação necessária. Porém, primeiro, um momento de cautela.

Ottilia se levantou e foi até a porta. Olhando de volta para a sala, colocou um dedo nos lábios e, abruptamente, girou a maçaneta e empurrou a porta, abrindo-a. O corredor estava vazio. Satisfeita, voltou para sua cadeira e notou as sobrancelhas levantadas de Lady Ferrensby.

— Descobri que a jovem Patty rivaliza com Bessy no *Cock* em uma inclinação mútua por Will, o taberneiro. Patty pode transmitir qualquer coisa de interesse que possa ouvir neste lugar.

— Como os detalhes da última visão de Cassie, suponho?

— Exatamente. Nós iremos, por favor, conduzir nossa conversa em tons baixos.

Com este acordo, Ottilia passou a expor tanto quanto considerava pertinente sobre o que descobrira até o momento, incluindo sua opinião sobre Duggleby, obtida pelo que fora dito por vários membros da comunidade. Deixou Francis para descrever o que havia sido encontrado na forja, embora tenha falado sobre a escada de Uddington e a possibilidade de alguém a ter usado na noite anterior.

— Então a senhora diz que o assassinato foi premeditado? — Perguntou Lady Ferrensby, perdendo um pouco de sua frieza de maneiras e parecendo um pouco entediada.

— Os fatos apontam para esse lado, todavia não posso ter certeza. Não se pode descartar a possibilidade de o assassinato ter sido cometido primeiro.

Um pequeno suspiro escapou da senhoria. — Está certa sobre Duggleby, em todos os eventos. O homem era dissoluto e bruto. Se não fosse pela forma como morreu, a aldeia estaria bem livre dele.

— É o que penso. — Ottilia concordou. — Embora tema que os Tisburys sejam repelentes apenas um grau a menos.

— Oh, Tisbury não é um sujeito ruim. — disse Lady Ferrensby, recuperando um pouco de seu jeito leve de antes.

— Não, e acredito em sua versão de luta com o ferreiro. — Interrompeu Francis.— Mas aquela esposa dele é outro assunto.

Lady Ferrensby acenou com a cabeça. — Molly Tisbury é uma megera .

— E tem muita culpa pelo temperamento do marido, imagino.

— É verdade, Lorde Francis, porém não tanto quanto seu desgraçado pai.

— Pa Wagstaff?

Lady Ferrensby lançou os olhos para o céu. — Jeremias se considera engenhoso e não tem escrúpulos em usar o privilégio de sua idade para exercê-lo, às custas de seu infeliz genro, que está proibido de tomar qualquer forma de vingança. O resultado, temo, é que Tisbury desconta nos outros.

Ottilia digeriu isso. — O que sugere, se Tisbury praticou a ação, foi em um momento de aberração.

— Apesar de afirmar que nunca teria atingido Duggleby pelas costas. — Objetou Francis: — E estou inclinado a acreditar nele.

— Além disso — disse Ottilia — será que o consideramos equilibrado o suficiente, para cobrir seus rastros, derrubando o telhado e iniciando um incêndio?

— Não carece de inteligência. — disse Francis. — Embora, dificilmente, estará na liga de Uddington. — Sua cabeça se virou. — O que tem Uddington, Lady Ferrensby? É do tipo que mata?

Uma pequena pausa chamou a atenção de Ottilia. Então a mulher encolheu os ombros eloquentemente. — Como é que se pode saber? Tinha razão suficiente, é claro.

Ottilia a olhou com novo interesse. — A esposa dele morrera recentemente, e parece que Duggleby pode ter comparecido ao funeral.

As sobrancelhas da senhoria se juntaram nitidamente. — Quer dizer que Uddington teve pensamentos de vingança e esperou pelo seu momento?

Ottilia não respondeu, confiante de que Lady Ferrensby responderia à sua própria pergunta. Olhou para Francis e balançou a cabeça levemente e notou, pelo seu olhar estreito, que o marido entendera que desejava o seu silêncio.

Por fim, Lady Ferrensby juntou as mãos e levou os dedos aos lábios, prendendo a respiração. Em seguida, pousou as mãos postas na mesa e olhou para Ottilia.

— O caso dele é triste. Vendeu a herança por ouro, infelizmente.

— E tirou o nome do sogro.

— Sim, Uddington me disse isso. Porém não quis me revelar sua verdadeira identidade.

Lady Ferrensby parecia um pouco consternada. — É de importância insignificante.

Os sentidos de Ottilia ganharam vida. Havia algo pessoal aqui? Decidiu não comentar, deixando o silêncio invadir a consciência da outra senhora. Lady Ferrensby soltou as mãos e um par de dedos enluvados

tamborilou sobre a mesa por um tempo. Tornando-se aparentemente consciente, olhou para baixo, parou de se inquietar e abriu os dedos. Uma exclamação impaciente escapou dela.

— Oh, por que disfarçar? O sujeito era uma conexão do meu falecido marido.

— Ah, entendo.

— Distantemente. — Acrescentou a outra, em uma nota afiada.

— Longe o suficiente para permitir a imparcialidade? — Perguntou Ottilia com franqueza.

Os olhos de Lady Ferrensby brilharam e afundaram novamente. Encolheu os ombros, derrotada.

— Se quer insinuar que me incomodará em descobrir que Uddington é um assassino, então sua resposta é óbvia.

Ottilia considerou politicamente correto evitar essa questão. — Presumo que seja por isso que Uddington conseguiu abrir o seu negócio em Witherley?

Lady Ferrensby assentiu. — Eu era apenas uma noiva, na época, mas meu marido escreveu para Uddington sênior para sugerir isso.

— Isso foi sábio? — Francis interrompeu. — Se o sujeito tivesse saído de sua esfera apropriada, não representava uma dificuldade, para Lorde Ferrensby, tê-lo tão perto, já que poderia não o reconhecer?

A pergunta produziu outro suspiro. — Acredito que Uddington sentiu isso. Mas dizem que o sangue é mais espesso que a água. Todos podem cometer tais erros, no altar da lealdade familiar.

Os ouvidos de Ottilia se eriçaram novamente. Família? Isso era uma referência a Cassie Dale? Lady Ferrensby seguiu o exemplo de generosidade e compaixão do marido? Em caso afirmativo, o que acontecera a Cassie, para tornar necessário esconder sua verdadeira identidade?

Francis ainda estava carrancudo e Ottilia lhe lançou um olhar questionador. Uma sobrancelha se ergueu e Francis se voltou para Lady Ferrensby.

— Perdoe minha franqueza, milady, mas a atitude de Uddington me parece altamente suspeita. Tanto que fiquei comovido em alertar minha esposa contra ter feito um inimigo perigoso.

— Perigoso? — Repetiu a outra senhora, assustada.

— De que outra forma a senhora descreveria um assassino? Especialmente se Uddington sentir que pode estar encurralado?

Observando de perto, Ottilia pensou ter lido um instante de pânico passageiro nos olhos de Lady Ferrensby.

— O que a milady fará, se o assassinato for levado para casa em Uddington? — Prosseguiu Francis, implacavelmente.

— Não sei, Lorde Francis. — Retornou Lady Ferrensby, com uma nota azeda. — Nem pretendo me sobrecarregar com a questão, a menos que seja necessário fazê-lo.

— Então, vamos torcer para que a culpa seja encontrada em outro lugar. — disse Ottilia, em tom apaziguador.

— Existem, é claro, outras pessoas com razão para não gostar de Duggleby.

— Metade da vila, sem dúvida. — retrucou a outra, seus olhos faiscando.

Ottilia não disse nada, apenas permitiu que seu olhar permanecesse firme no rosto de Lady Ferrensby. Francis, depois de lançar um olhar frustrado para a esposa, recostou-se na cadeira.

Em um momento ou dois, a cor acentuada no rosto de Lady Ferrensby desapareceu.

— Estou mais desanimada com tudo isso do que eu imaginava. — Deu um pequeno sorriso. — Não sei o que esperava. Talvez tenha tirado uma conclusão útil e descoberto que algum estranho era o responsável.

Ottilia deu-lhe um sorriso simpático. — Temo que raramente seja um estranho.

— Considere-se afortunada. — Interrompeu Francis, com um tom áspero na voz. — Fui obrigado a suspeitar de meu próprio irmão.

Um pequeno suspiro saiu da garganta de Lady Ferrensby. — Sim eu sei. Imploro seu perdão, Lorde Francis.

Francis deu de ombros e Ottilia percebeu seu desconforto. Procurou mudar de assunto. — Qual é a sua opinião sobre Bertha Duggleby, milady?

— Uma criatura tristemente oprimida. — disse a outra imediatamente. — Não consigo imaginar que teria força, muito menos vontade para levantar a mão contra o marido. Suspeita dela, então?

A nota ansiosa não escapou de Ottilia. Estava claro que qualquer outro nome, além de Uddington, era aceitável para a grande senhora da aldeia. Nessas circunstâncias, Ottilia não poderia culpá-la.

— Deve-se, invariavelmente, olhar de soslaio para as pessoas mais próximas da vítima. — Disse, com um olhar de desculpas para o marido,

enquanto estremecia. — Nesse caso, há uma possível razão pela qual Bertha poderia ter se livrar do marido.

— E qual seria?

— Duggleby se gabou, para a esposa, de estar na posse de um pote de ouro, como Bertha mesma disse. — Sorriu com a expressão de Lady Ferrensby. — Sim, eu estava muito cética. Ocorreu-me que o ferreiro pode ter sido lembrado no testamento da Sra. Uddington.

— Santo Deus! — Sua senhoria manteve uma expressão facial de desagrado.

— É verdade, como disse, que há rumores de que Duggleby esteve ao funeral. — Ou talvez tenha sido convocado para a leitura do testamento. Não iria, eu suponho, espalhar o assunto no exterior, por medo de que Uddington viesse a ouvi-lo.

— De fato, não. — Lady Ferrensby estremeceu um pouco. — Como tudo isso é macabro!

— E muito perto para sentir-se confortável? — disse Francis, seu tom rígido, com as lembranças do ano passado. — Sei exatamente como se sente, madame.

— Obrigada, Lorde Francis. Devo admitir que é um choque pensar que várias pessoas poderiam querer o maldito sujeito morto.

— Exatamente. — suspirou Ottilia. — A suspeita deve recair sobre qualquer um que tenha rancor do ferreiro. Incluindo, por mais ridículo que possa parecer, a viúva Radlett.

Uma risada incrédula surpreendente veio de Lady Ferrensby. — Evelina? Está falando sério? Por que, diabos, iria querer matar Duggleby?

— Vingança. — disse Ottilia com frieza. — A Sra. Radlett acredita que Duggleby matou o cachorro dela. Ou, pelo menos, que bateu no animal até a morte, para que tivesse que ser baleado.

Lady Ferrensby olhou fixamente. — Sim, mas, quero dizer, eu sei disso, é claro, mas... — Sua voz se calou, sua imaginação evidentemente confusa com a ideia.

— Está pensando que a Sra. Radlett não poderia ter cortado a viga, derrubado o telhado e acendido o fogo. — disse Ottilia em tom casual. — Isso é verdade. Contudo alguém pode ter feito isso em seu lugar.

— Após ter dado a martelada no homem. — Francis disse.

— Só então...

Lady Ferrensby balançou a cabeça. — Não, isso é fantástico. A quem pediria? Netherburn? Na idade dele, o sujeito é incapaz de subir uma escada. Além do que, o homem não é nenhum pouco discreto.

— Netherburn não. — Ottilia concordou. — Mas e quanto a Uddington? Ou, falando nisso, a Srta. Beeleigh?

— Alethea Beeleigh? Agora está sendo um absurdo.

— Bem, a Srta. Beeleigh me disse que seria capaz de substituir a roda de uma carruagem. — Prosseguiu Ottilia, imperturbável. — Não está além dos limites da probabilidade, que poderia subir uma escada e cortar uma viga.

— Improvável, suponho. — disse Francis. — Uma tarefa difícil para não ser realizada sem riscos consideráveis.

— Ressaltando a possibilidade da Sra. Radlett vir até a amiga pedir ajuda, depois de bater na cabeça de Duggleby. — Disse Ottilia suavemente, lembrando a curiosa intimidade que notara em seu primeiro encontro na

sala de café. — Não consigo imaginar que a Srta. Beeleigh se recusaria a ajudá-la.

Francis assentiu. — Certo, mas a Srta. Beeleigh não precisa fazer o trabalho sozinha. Há homens suficientes na aldeia e, atrevo-me a dizer, que uma bolsa gorda serviria, para manter a boca de algum sujeito firmemente fechada.

O olhar de Lady Ferrensby passou de um para o outro, Ottilia notou, embora não dissesse coisa alguma. Entretanto isso foi demais para a senhoria.

— Bobagem! Não, não, para! Isso deve ser um absurdo.

Ottilia foi obrigada a rir.

— Sim, eu acho que, provavelmente, é. Porém não podemos ignorar a mais frágil das possibilidades.

Um arrepio de alívio percorreu Lady Ferrensby.

— Então não está falando sério. Graças a Deus! Já estava começando a pensar que ou eu estava louca, ou a senhora estava.

Um olhar irônico veio para Ottilia, dos olhos de seu marido, fazendo-a reprimir uma risadinha, num momento inadequado. Da mesma forma que Francis tendia a estigmatizá-la quando se entregava a ações pouco ortodoxas, mesmo que apenas de brincadeira. No entanto, havia uma oportunidade aqui que não deveria ser ignorada.

— Por falar em Evelina Radlett, alguma vez lhe pareceu, Lady Ferrensby, que a viúva possa beber em segredo?

Recebeu um olhar vazio. — O que, no mundo, lhe faz me perguntar tal coisa?

— Bem, houve uma reclamação sobre vinho aguado. Molly Tisbury defendeu a integridade de seu marido com relação a isso e, em vez disso, sugeriu que a Sra. Radlett havia adicionado água ao vinho, com o propósito de esconder suas próprias depredações à garrafa.

Lady Ferrensby franziu o cenho. — Nunca me chamou a atenção, se é assim. E tenho certeza de que Tisbury não rega o vinho. Quem reclamou? A Srta. Beeleigh?

Ottilia concordou. — Sim, foi mencionado no primeiro dia em que conheci as mulheres.

— Aposto que foi mesmo Evelina, porém não por conta própria.

— De quem, então?

— De Netherburn. Se o entretinha quando Alethea estava ausente, se esforçaria para esconder isso. A Srta. Beeleigh tolera o sujeito, e Evelina sabe que Alethea desaprova veementemente a possibilidade de um casamento entre a viúva e Horace.

— Sim, havia notado. — Então, o torpor, a que Molly havia aludido, poderia ser atribuído, com segurança, ao láudano. Preferiu guardar esse pensamento para si.

Lady Ferrensby estava tamborilando com os dedos na mesa novamente, as sobrancelhas baixando.

— Qual é o problema, milady?

— Simplesmente não consigo imaginar o que colocou em sua cabeça que Evelina Radlett poderia ter cometido o assassinato. Mesmo com a ajuda de outra pessoa. Toda a noção é fantástica.

Ottilia não tinha resposta para isso. Obviamente, não foi dado a Lady Ferrensby procurar, por baixo da aparência, um significado mais profundo.

Evelina havia hoje demonstrado uma habilidade notável para apontar o que sentia poder estar contra si. Não se considerava fora de qualquer suspeita, isso estava claro.

— Entretanto essa noção abre outra possibilidade. — Francis disse de repente, interrompendo sua linha de pensamento. — Lembra-se de ter dito que, se Molly o tivesse feito, então estaria em um acesso de raiva?

— Sim?

— O mesmo pode ser dito de Tisbury, se sua esposa veio em busca de seu auxilio na ocasião.

Ottilia começou. — Tem razão, Fan! – Tillie percebeu que Lady Ferrensby parecia confusa. — Francis está sugerindo que Tisbury pode ter cortado a viga e iniciado o fogo, em uma tentativa de proteger sua esposa.

— Não só isso. — Continuou o marido ansiosamente. — Qual dos aldeões é o mais assíduo em castigar Cassie Dale, por ser uma bruxa e culpá-la pela morte de Duggleby?

Atingida, Ottilia o encarou. — Molly, é claro! E Tisbury segue seu exemplo.

Lady Ferrensby franziu a testa novamente. — Porém disse positivamente, Lorde Francis, que não acreditava que Tisbury o tivesse feito.

— Não, o assassinato, não! Todavia sua lealdade para com a esposa é forte. Posso crer que seja capaz de encobrir. Na verdade, apostaria dinheiro nisso. — E se voltou ansioso para Ottilia. — Tillie, aposto que temos nosso assassino!



O SONO ESCAPOU de Ottilia até a madrugada. Ou assim o sentiu, esforçando-se para não se mexer e incomodar Francis. Não importava de que perspectiva considerasse. Simplesmente não podia refutar os argumentos a favor de rotular o casal Tisbury: Molly como assassina e seu marido como cúmplice, ao acobertar o crime.

Não que se opusesse à teoria apresentada por Francis. Na verdade, ficaria feliz em pensar que o mistério fora resolvido. Contudo uma dúvida incômoda não podia ser suprimida.

O único motivo que Ottilia encontrou para Molly ficar furiosa com o ferreiro foi o fato de haver engravidado a criada da cozinha. Seria aquilo suficiente para fazê-la acertar a cabeça dele com um martelo? De acordo com o próprio relato, Molly havia informado Bertha Duggleby sobre o fato. Embora Bertha não tivesse dado importância ao assunto. Isso poderia ter provocado em Molly um de seus ataques temperamentais? Daí procurou o ferreiro e o confrontou? Então, quando estava de costas, pegou um martelo e bateu-lhe na cabeça?

Ottilia insistira em evitar qualquer ação naquela noite. Acusar com tão pouco para prosseguir quanto a suposição de Francis era exatamente o erro que poderia esperar de Lorde Henbury. Muita coisa permanecia sem explicação.

Molly, se aquela fosse mesmo sua atuação, não fora à ferraria com a intenção de prejudicar Duggleby. Mas se tivesse feito isso, seria de seu feitio jogar o martelo usado na forja, na esperança de se livrar dele. Além disso, houve oportunidade de cometer a ação? Meldreth achava que Duggleby havia morrido por volta das oito ou nove horas, momento em que Molly e seu marido, provavelmente, estariam atendendo clientes no *Cock*. A hora da morte foi difícil de determinar, e poderia muito bem ter sido

antes. Imperativo descobrir, então, se os Tisburys estiveram ausentes, sozinhos ou juntos, a qualquer hora daquela noite.

Ainda outro imprevisto a irritou. Fora coincidência, que o acesso de raiva ingovernável de Molly Tisbury a atingiu em um momento tão conveniente? Se o ato não foi premeditado, deve ter sido um mero acaso que aconteceu alguns dias, após a visão de Cassie Dale.

Ottilia não queria acreditar em chances de sorte. E foi esse pequeno fio, inexplicável por meios naturais, o responsável pelo desconforto da noite.

Parecia que mal havia fechado os olhos, quando foi acordada por um ruído sem precedentes. Começando na cama com cortinas, ouviu, repetindo o som em sua cabeça: o estrondo de algo pesado, seguido por uma fragmentação de sons menores.

Viera de debaixo da escada, pensou, enquanto afastava a cortina e puxava os lençóis.

— O que vai fazer? — A pergunta sonolenta vinha do lado da cama de Francis.

— Não ouviu? Algo caiu lá embaixo, eu acho.

Francis se sentou quando a esposa saiu da cama. — Que horas são?

— Não tenho ideia, mas já está claro.

Ottilia encontrou seu robe e o vestiu.

— O que está fazendo?

Virando-se, Tillie descobriu que Francis havia pulado da cama e estava sentado na beirada, a encarando.

— Ver o que aconteceu, é claro, — respondeu, enfiando os pés nos chinelos.

Francis se levantou rapidamente. — Não, não vai. Não sozinha.

— Apresse-se, então.

Tillie esperou enquanto seu marido encontrava seu roupão, mas foi até a porta enquanto o vestia, uma sensação abrupta de mau agouro penetrando em seu peito e emprestando-lhe impaciência.

Não demorou muito para percorrer a passagem e descer correndo para o corredor. Francis logo atrás dela. Tillie parou no final do último lance, olhando ao redor.

O lugar estava assustadoramente silencioso, assim como no dia em que chegaram. Parecia assim há uma eternidade, e Ottilia se lembrou de como essa mesma sensação de desaparecimento do tempo a dominara no ano anterior, quando se envolveu no desastre que precipitou a família Polbrook em uma semana de inferno absoluto.

— Deve ter vindo da cozinha. — Francis sugeriu, passando por Tillie e se dirigindo à porta dos fundos.

A sensação sinistra que invadira o peito de Ottilia agora lhe causava um calafrio, que levou seus olhos para a porta da sala de café. Sem falar, quase sem querer que seus pés andassem, se moveu em sua direção.

— Tillie?

Ottilia estendeu a mão, mas não se virou. Com uma calma nascida daquela dormência precedendo certo horror, notou o tremor de seus dedos. Então estendeu a mão e agarrou a maçaneta da porta.

Dentro da sala, a causa do barulho foi imediatamente óbvia. Hannah Pakefield estava meio de pé, seu corpo empurrado contra a longa mesa na

parte de trás, as mãos sobre a boca, como se para parar um grito. Seus olhos, em um semblante branco de choque, apesar das feridas avermelhadas da batalha de ontem, eram redondos e enormes, totalmente aterrorizados.

A seus pés estava uma pesada bandeja de madeira, seu conteúdo espalhado ao redor. A louça estava quebrada e esmagada, e o líquido acumulado formou um pequeno lago de onde se projetava uma variedade de talheres de prata.

A imagem se casou com os sons que acordaram Ottilia, porém captou isso em algum lugar da periferia de sua mente, o resto se concentrou em que visão poderia estar atraindo a atenção de Hannah.

Soltou a maçaneta da porta e entrou no quarto, virando-se na direção do olhar fixo da dona da casa. Sua garganta subiu e por um momento ficou paralisada, seu cérebro voando para a visão horrível descrita por Cassie Dale, agora trazida à existência.

Sentada em uma cadeira, com a cabeça apoiada na mesa redonda, estava Molly Tisbury, o rosto voltado para a sala. Seu braço estava solto ao lado do corpo e as pernas estavam dobradas. Projetando-se da brancura de seu pescoço e manchado de vermelho naquele ponto, estava o cabo de um espeto de cozinha. Seus olhos e sua boca estavam abertos, e Molly estava morta como uma pedra.



# Capítulo 11

**Por vários momentos** de parar o coração, Francis olhou para o espetáculo, inevitavelmente voltado para o dia horrível em que havia descoberto o cadáver mutilado de sua cunhada em sua própria cama.

Gradualmente, a nova imagem, com suas manifestações muito diferentes, invadiu sua consciência e se forçou a voltar ao presente. O primeiro pensamento coerente saiu de sua boca, sem o benefício de uma decisão.

— Bem, isso explode minha teoria.

O olhar sério de Tillie o levou a uma compreensão da natureza inadequada dessa observação, e Francis se recompôs rapidamente.

— Não importa agora. É melhor mandar chamar Tisbury imediatamente.

Tillie segurou seu pulso quando Francis se virou, fazendo-o sentir o tremor nos dedos dela.

— Meldreth. — disse, um tremor incomum em sua voz. — Tisbury não. Ainda não. Devemos chamar o médico, antes de qualquer pessoa.

Francis cobriu os dedos dela e os segurou com força.

— Coragem, minha querida. É feita de um material mais resistente do que isso.

Seu olhar claro encontrou o dele, e Tillie arriscou um pequeno sorriso, apesar do brilho que seu marido viu. Respirou fundo e agarrou sua mão de apoio.

— Vou lidar com isso, Fan. Está perfeitamente certo. Isso nos leva de volta ao ponto não positivo.

A voz dela ficava mais forte enquanto falava, e Francis foi novamente atingido pela admiração fervorosa que havia sido sua reação inicial à mulher extraordinária que agora era sua. Puxou-a levemente para mais perto.

— Sabe que eu a amo mais do que tudo nesse mundo?

O murmúrio em seu ouvido produziu um soluço forte, e Tillie se afastou, os olhos brilhando e um sorriso trêmulo nos lábios adoráveis.— Que momento para escolher me dizer isso!

Francis sorriu. — O momento perfeito.

Então a soltou e seus instintos de soldado assumiram o controle.

— Para a ação, meu amor. Lide com a Sra. Pakefield enquanto encontro um mensageiro. Graças a Deus, Ryde voltou ontem à noite. — Acrescentou, virando-se para a porta.

— Não Ryde. — disse Tillie, recuperando-se rapidamente. — Não deve saber onde Meldreth mora. Envie Pakefield. Ou não, melhor ainda,

mande a garota Patty.

Parando na porta, Francis olhou para onde a senhoria havia afundado, silenciosamente, na cadeira mais próxima, seu olhar, agora em branco, ainda preso ao cadáver de sua rival.

— Nada me induziria a enviar Pakefield. — disse em voz baixa. — O sujeito é inútil. Provavelmente vagaria, sem rumo, por todo o gramado enquanto esperaríamos como idiotas.

— Em vez disso, mande-o aqui para mim. Poderá, pelo menos, apoiar Hannah.

— Muito bem. Vou encontrar Ryde também, pois acho que vamos precisar dele.

— Francis, espere!

Seu marido já estava no corredor, mas parou e se virou para encontrar Tillie na porta, uma carranca se formando em sua testa.

— Um ou outro de nós deve estar nesta sala o tempo todo, Fan.

O marido assentiu, imediatamente apreciando o sentido disso.

— Ao menos até que as autoridades tenham feito a sua parte.

Tillie acenou e desapareceu na sala de café, fechando a porta atrás de si. Francis deixou escapar um suspiro interior, ao pensar no que estava diante deles, lembrando-se, novamente, das complicações que se acumularam sobre si no ano anterior. Resolutamente, se virou e foi para as regiões inferiores do *Blue Pig*.



Ottilia foi até onde Hannah Pakefield estava sentada e colocou a mão no ombro da mulher.

— Hannah, minha querida, olhe para mim.

O tom peremptório surtiu efeito. A senhoria virou a cabeça e seus olhos, quase tão sem alma quanto os do cadáver de Molly, pousaram no rosto de Ottilia. Estava obviamente incapaz de falar.

— Nada pode ser feito por ela. — disse Ottilia gentilmente. — Não poderia ter mudado nada.

O olhar de Hannah voltou para a mulher morta e um arrepio passou por seu corpo. Fracamente, começou a chorar e Ottilia ficou aliviada ao descobrir que a capacidade de sentir da mulher havia voltado. Alcançando uma das mãos frias da senhoria, a segurou sem falar, deixando o alívio do choque cobrar seu preço.

A mão de Hannah estava frouxa nos dedos de Ottilia, enquanto suas lágrimas se acumulavam e caíam, um leve suspiro soluçante intervindo a cada respiração. Ottilia se moveu para proteger os olhos da senhoria da visão horrível e esperou. Por fim, sentiu o sangue devolvendo um pouco de calor à mão de Hannah e sentiu-se segura para falar novamente e esperar ser compreendida.

— Seu marido estará aqui em breve, Hannah. Acho melhor se retirar para sua própria sala.

A cabeça da Sra. Pakefield se moveu e balançou uma mão vaga na direção da bandeja caída e seu conteúdo destruído.

— Preciso limpar.

— Mais tarde. — disse Tillie com firmeza. — Consegue ficar em pé?

Hannah fez um movimento para cima, mas não conseguiu erguer o corpo da cadeira. Desesperada, afundou novamente, lançando um olhar para Ottilia, no qual desculpas e desespero se misturavam.

Uma onda de urgência irritou Ottilia, e começou a se perguntar onde, no mundo, Pakefield poderia estar e se Francis conseguira fazê-lo entender que sua presença era necessária.

Era imprescindível que fizesse um exame, antes da chegada de Meldreth, para que nenhum pudesse ser influenciado pela opinião do outro. O ditado de seu irmão, Patrick era que, dois médicos não deveriam trabalhar juntos no exame preliminar de um cadáver para evitar acusações de conluio. Não era nenhuma especialista, mas esperava saber o suficiente, para ser capaz de responder às perguntas inevitáveis que deveriam surgir. Em particular do marido da mulher. Ottilia estremeceu ao pensar nas consequências, quando Tisbury descobrisse que a morte de sua esposa era uma cópia exata da visão exposta por Cassie Dale.

Esse pensamento trabalhou tanto em sua imaginação, que Ottilia largou a mão de Hannah e foi para a porta. A porta se abriu antes de alcança-la, e Francis entrou rapidamente, a forma esguia do proprietário atrás dele.

— Francis, graças a Deus!

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Francis puxou o proprietário, arrastando-o para dentro. — Cuide de sua esposa, homem! Leve-a embora e dê-lhe um conhaque.

Francis observava o sujeito atravessar a sala e Ottilia foi obrigada a chamar sua atenção.

— Francis, onde está Ryde?

O olhar de seu marido voltou para Tillie, uma carranca saltando para sua testa, quando seu tom alterado chegou até Francis. — Nos estábulos, arreando a carruagem. Por quê?

Ottilia segurou seu braço, apenas parcialmente consciente da natureza convulsiva de seu aperto.

— Deixe a carruagem. Deve ir imediatamente à cabana de Cassie Dale. Pode descobrir onde é, sem dificuldade, se puder informar. Deve acordar Sam Hawes e fazê-lo trancar todas as portas do local. Nem Sam nem Tabitha devem deixar Cassie sozinha por um instante.

A carranca de Francis se intensificou, tão logo estava à frente de Tillie. — Acha que Tisbury vai agir contra a garota?

— Estou certa disso. Não vê o quão próximo este assassinato se assemelha à visão da qual lhe falei?

Francis olhou para trás, para a mulher morta, sentada, tão bizarramente, à mesa redonda. O choque estava em seu olhar quando se virou.

— Não tinha me dado conta.

— Porque não a ouviu. Precisamos de Kinnerton, Fan. Deixe Ryde ir diretamente para o vicariato, assim que estiver na casa de Cassie. Pode dizer a verdade e trazê-lo de volta.

— Não seria melhor despachá-lo diretamente para a Sra. Dale?

— Não, pois sua vocação exige sua presença aqui primeiro. Então, pelo menos, podemos garantir a Tisbury que fizemos tudo o que foi necessário.

A sobrancelha de seu marido se ergueu. — Está louca, Tillie? O homem vai disparar como uma pistola engatilhada!

— Sim. Contudo devemos fazer todo o esforço. Patty foi chamar o médico?

— Sim, e pelo meu dinheiro, quando voltar, é melhor mandá-la novamente para Henbury e Pilton e acabar logo com isso.

— Deixe Meldreth fazer isso. É responsabilidade dele.

Francis deu um breve aceno de cabeça. — Vou encontrar Ryde.

Francis saiu da sala em um instante e Ottilia voltou sua atenção para os Pakefields.

Demorou vários momentos preciosos para induzir o proprietário, sua inteligência previsivelmente desacelerada por este último desastre, a fazer qualquer coisa, além de olhar como uma coruja para o corpo de Molly Tisbury. Finalmente, Tillie, por força de uma combinação de intimidação e persuasão, conseguiu se livrar de ambos. Respirando fundo, foi até a mesa, para fazer um exame preliminar do cadáver.



Observando a abordagem metódica do Dr. Meldreth, Ottilia lembrou-se, irresistivelmente, de seu irmão. Não foi à toa que morou com Patrick e sua família, desde a morte tragicamente precoce de seu primeiro marido, nas guerras americanas. Encontrando distração insuficiente nos cuidados de seus dois sobrinhos jovens, Ottilia se infiltrou na cirurgia de seu irmão. Seu primeiro desejo de manter sob controle as lembranças que podiam levá-la à melancolia, logo deu lugar à intriga e ao interesse.

Patrick permitiu que o ajudasse e começou uma tentativa de dar a seus pensamentos uma direção diferente, Ottilia suspeitou, para iniciá-la nos

mistérios de sua profissão. Entusiasmou-se rapidamente, absorvendo esse novo conhecimento como uma esponja.

Na chegada de Meldreth ao *Blue Pig*, Ottilia se retirou para o quarto, para se vestir, tão rapidamente quanto pudesse, deixando Francis intimidando Pakefield a organizar o fornecimento de algum tipo de café da manhã. Voltou para a sala de café, para encontrar a atenção do médico concentrada na área do pescoço de Molly, onde o espeto havia penetrado, debruçando-se para um lado e para outro, ao examinar de perto.

Olhou para cima, dizendo sem preâmbulos:

— A garganta está perfurada, embora esperasse encontrar muito mais sangue.

Ottilia sentiu uma onda de ansiedade. *Estaria indo para a mesma conclusão que a sua?*

— Mais do que uma gota, certamente. — Tillie concordou, movendo-se para se juntar ao médico. — Muitos detritos haverão se derramado no peito, mas inevitavelmente deve ter escorrido da ferida.

O médico estava examinando o rosto de Molly. — As pupilas estão bem dilatadas, ambas nos dizem nada mais do que a vítima está morta.

Estudava o rosto com o que Ottilia considerava um olhar crítico. Sua excitação aumentou. — O que é, Doutor Meldreth?

O médico a encarou. — A Sra. Tisbury está muito pálida. Morta há algumas horas, pois o rigor se instalou em seus membros.

— Consegue estimar a hora da morte? Acho extremamente difícil julgar.

— Seis ou sete horas, devo dizer. A que horas a senhora a encontrou?

— Cerca de meia hora desde então, acho, e já passa das sete agora, pois verifiquei, quando estava lá em cima.

Meldreth franziu os lábios. — Quatro horas neste quarto, pelo menos, suponho. Pode ter sido morta cerca de uma hora antes.

— Por volta de uma ou duas da manhã?

— Ou mais cedo, meia-noite. Agora, o porque de Molly Tisbury estar fora de casa a essa hora, não consigo imaginar.

Ottilia o observou, certa de ter adivinhado. — O senhor disse que Molly estava muito pálida.

— No rosto, sim.

— O que significa que o sangue se acumulou em seu rosto.

As sobrancelhas do médico se ergueram. — Exatamente. Do que deduzimos?

O tom era bastante parecido com o de um professor para um aluno, mas Ottilia estava ansiosa demais para se importar.

— Não foi morta aqui. E o espeto foi inserido após a morte.

Meldreth sorriu. — Muito bem, Lady Francis. A senhora procurou outro ferimento em outro lugar?

Tillie meneou a cabeça, incapaz de evitar lançar um olhar rápido para as costas da mulher. Meldreth tomou a direção e mudou de posição, para poder examinar as costas curvadas mais de perto. Ottilia o viu estender a mão, para tocar em um ponto à esquerda da coluna de Molly.

— Manchas de sangue. Parece um ferimento de faca.

— Há outro na frente. — disse Ottilia, esquecida de sua decisão de permitir que o médico fizesse seus próprios julgamentos sem sua ajuda.

Gratificada por vê-lo imediatamente se mover e descer para tentar ver o mesmo que tinha visto, Ottilia acrescentou. — Acho que ela foi atingida duas vezes.

Meldreth se levantou. — Há muito sangue em volta do peito dela. Um pulmão em colapso, suspeito. O coração, provavelmente, cedeu um tanto rápido.

Ottilia dirigiu-se à mesa, mal percebendo sua ansiedade. — Ou seus pulmões e tórax poderiam ter sangrado profusamente, espalhando sangue na cavidade torácica. Nesse caso, terá morrido dolorosamente, lutando para recuperar o fôlego.

Meldreth fitou-a. — Existe essa possibilidade. Apenas uma autópsia irá confirmar qual foi.

— E o estado do corpo nu. — observou Ottilia. — Se houver um grande grau de coloração na pele, ao redor das costelas inferiores.

— Então podemos presumir que sua teoria esteja correta. — concluiu o médico, com um olhar de crescente respeito. — Realmente, aprendeu bem, milady.

Ottilia sorriu. — É um elogio que vale a pena e eu agradeço. Contudo olhe para isso, por favor. — Acrescentou, ficando de cócoras e levantando a cortina de anáguas, para expor os pés de Molly.

Meldreth postou-se ao seu lado. — O que encontrou?

Ottilia apontou para os calcanhares. — Lama e grama em seus sapatos, vê? Também estão muito arranhados. E aqui.

Puxou as anáguas para mostrar uma profunda descoloração ao longo da bainha, o linho tinha pequenos rasgos. As manchas, verdes e marrons,

continuaram por algum tempo na parte de trás das saias, clareando à medida que avançavam.

Ottilia se levantou. — Molly foi arrastada pelo gramado.

— Pelos paralelepípedos também — Sugeriu Meldreth. — O estranho é que ninguém ouviu.

— Talvez alguém tenha ouvido. — disse Ottilia. — Mas podem não reconhecer a origem do som.

O médico entrou na sala, esfregando o queixo. — No entanto, como o assassino entrou no *Blue Pig*? Pakefield é assíduo em trancar, por medo de ladrões.

Ottilia ainda estava observando Molly, quando olhou ao seu redor. — Sim, é. Possivelmente, a única coisa em que Pakefield demonstra eficiência. E, infelizmente, é a única coisa que se opõe a Hannah.

Meldreth parecia assustado. — Sra. Pakefield? Bom Deus, a senhora está sugerindo que a mulher foi quem cometeu o crime?

Ottilia balançou a cabeça. — Estou quase certa de que Hanna não fez isso. Contudo, esta é a sua sala de café. Ouviram-na resmungar sobre vingança, após a luta com Molly na quarta-feira, e estava presente quando Cassie Dale teve sua visão. Pegue esses fatos, além da porta da frente trancada e lhe garanto que Lorde Henbury fará Pilton prendê-la, dentro de cinco minutos!

Meldreth soltou uma gargalhada, que mudou rapidamente para tosse, lançando um olhar de desculpas à falecida.

— Bem fundamentado, Lady Francis. Embora me pareça um ato temerário recriar essa visão na própria casa, se Hannah Pakefield for de fato a responsável.

— Exatamente isso. Além de exigir uma mente bem mais complexa do que, receio, a que a pobre Hannah possui.

Nesse momento, foram interrompidos pela entrada de Francis, acompanhado do vigário. Kinnerton entrou rapidamente na sala, deu uma olhada no corpo acomodado tão convenientemente na postura da visão de Cassie e empalideceu horrivelmente.

Estava sem chapéu e sem fôlego, e suas mãos subiram para a cabeça, onde seus dedos correram em seus cabelos.

— Não. — Sussurrou com voz rouca. — Não! Quem fez isso? Quem poderia ser tão cruel?

Ottilia trocou um olhar eloquente com o marido e ficou aliviada ao ver Francis levar a mão ao cotovelo do homem.

— Calma, Kinnerton. Sente-se. Vou pegar um conhaque.

As mãos do pároco desceram e com um aceno, recusou a oferta, suas pernas aparentemente firmes. O olhar azul brilhante se voltou para Ottilia.

— Quem fez isso? Tisbury já foi informado?

— Ainda não. — Disse Francis, respondendo pela esposa e permanecendo por perto, com um olhar atento ao perfil de Kinnerton. — Achamos melhor buscar Meldreth primeiro.

O vigário assentiu e Ottilia deu um passo em sua direção, estendendo a mão hesitantemente, enquanto pronunciava palavras que esperava confortar.

— Mandei avisar Sam Hawes. Terão fechado as portas, e nem Hawes ou Tabitha irão deixar Cassie sozinha, eu garanto.

A respiração do vigário deixou, em sua garganta, um pequeno estrondo quando assentiu. — Isso foi bem pensado. Obrigado.

— Quanto a quem fez isso... — prosseguiu Ottilia — temo que leve algum tempo, antes que possamos dizer.

Francis desviou o olhar dela para Meldreth, a testa franzida. — Quais são as suas descobertas? Meldreth concorda?

O médico o atendeu, antes que Ottilia pudesse responder. — Estamos de acordo com a premissa de que a ação foi feita em outro lugar.

— Quer dizer que foi deliberado. — disse Kinnerton, uma nota amarga na voz. — Não há fim para as mesquinhas e crueldades desta aldeia?

— Um pouco mais do que mesquinho. — Francis completou com seu tom severo.

Kinnerton balançou a cabeça, jogando a mão no ar.

— Estava falando sobre a maneira que dispuseram o corpo.

— É uma peça única. — disse Ottilia friamente.

— É menos crueldade, temo, do que um caso de conveniência.

Kinnerton explodiu. — Conveniência! Com que propósito? Deus sabe que não fui atrás da Sra. Tisbury, mas que motivo alguém poderia ter para matá-la?

Ottilia respirou fundo. — Absolutamente nenhum.

— O quê? — Exclamou o médico. — Tem que haver uma razão.

— Há sim. — disse Ottilia obstinadamente. — Eu não gostava em absoluto da mulher, de qualquer modo devo ter pena da circunstância de seu assassinato.

— Todos nós devemos. — concordou Francis. — Mas por que tal particularidade?

Ottilia olhou para cada rosto questionador, demorando-se um pouco na angústia já evidente no Sr. Kinnerton.

— Porque, — disse resoluta — temo muito que Molly Tisbury tenha sido sacrificada, no altar da incriminação de Cassie Dale.



Deixando Ryde guardando o corpo, Francis conseguiu persuadir sua esposa a ir ao quarto, para tomar um café da manhã, que poderia ser mais bem descrito como um piquenique. Tendo Pakefield se mostrado totalmente insensível às necessidades de seus convidados, Francis foi obrigado a contar com os serviços da criada.

— Pedi à menina Patty que trouxesse a bandeja aqui, já que, dificilmente, se pode comer na sala de café. Pelo que entendi, a cozinheira está prostrada e a criada fez o melhor que pôde. — Serviu a Tillie um prato de carne de porco fria e passou manteiga em algumas fatias de pão para a esposa.

— Coma. — ordenou laconicamente. — Entrará em colapso, se for obrigada a lidar com Tisbury e o resto, com o estômago vazio.

Ottilia riu. — Para dizer a verdade, estou mais consternada com a ideia de Henbury caindo sobre mim.

— Senhor, se eu não o houvesse esquecido. — Resmungou Francis, oferecendo-se um prato mais substancial de comida, semelhante ao que havia oferecido à esposa.

— Pensou em pedir a Patty para trazer café? — Perguntou Tillie, engolindo um bocado de carne de porco.

— Acha que eu poderia esquecer? — Retrucou, estando totalmente familiarizado com a propensão de sua mulher em tomar café em todas as ocasiões possíveis. — Estou convencido de que é viciada nessas coisas. Estará aqui em breve.

Tillie assentiu, sem dar mais atenção ao comentário do que uma breve careta.

— Foi gentileza do Dr. Meldreth assumir a horrível tarefa de informar Tisbury.

Para Francis, era uma questão de dever do sujeito, mesmo se abstendo de dizê-lo.

— Foi uma boa coisa, Kinnerton ter escolhido não ir com o médico.

— De fato. Além disso, duvido que alguém pudesse tê-lo impedido de correr para a cabana de Cassie Dale.

Francis teve que rir.

— Apaixonado! — Lançou um olhar provocador para sua esposa. — O que há nesses casos de assassinatos, que trazem à tona o romance numa pessoa, Tillie?

Para seu deleite, uma cor delicada flutuou no rosto dela.

— Evidentemente, o mal-estar não se limita ao sexo masculino.

Isso despertou seu interesse brevemente.

— Acha que Cassie se sente de igual modo?

— Oh, inteiramente, embora eu tema que haja alguma barreira de sua parte. — Francis iria perguntar o que poderia ser, quando Tillie voltasse ao assunto em questão.

— Em qualquer caso, Kinnerton não está com humor para ouvir as acusações de Tisbury, que, não tenho dúvidas, serão volúveis. Sem falar na violência.

— Sem dúvida. — Francis concordou. — Bem, os negócios dele com a esposa de Tisbury estão encerrados. Nesse caso, devemos permitir que dirija sua ansiedade pelo bem-estar da Sra. Dale.

Tillie concordou, seu olhar distante, Francis percebeu. Era claro que seus pensamentos estavam em outro lugar mesmo tendo sido brevemente distraída com uma lembrança do romance em desenvolvimento, no qual mostrara interesse. Teve, pelo menos, a satisfação de observá-la comer sua refeição, com um apetite crescente.

Olhou-a disfarçadamente, consternado com a tensão em seu rosto. Estava um pouco mais pálida do que o normal, o que o levou a suspeitar que mantinha seu sangue frio com esforço. Um músculo revelador se contraia no rosto dela, de vez em quando, o que mostrava tendência em evitar seu olhar.

— Tillie. — Disse suavemente.

Seus olhos ergueram-se e o garfo parou a caminho de sua boca. Lendo apreensão em seu rosto Francis sorriu. — Não fique assim. Está levando isso de um jeito ruim.

Um pequeno suspiro ofegante escapou de Ottilia, que desviou o olhar por um momento. Novamente seu olhar voltou-se para o marido, fazendo-o reconhecer o mesmo olhar que usara, logo no final da provação que ambos suportaram no ano anterior. Francis sabia o que Tillie iria dizer, antes que as palavras lhe viessem à boca.

— Eu me culpo.

Preocupado, Francis se refugiou numa resposta irada.

— Não seja absurda!

— Mas eu quero. — Tillie protestou. — Aquela briga foi minha culpa, pois eu a irritei. Molly pensou que Hannah tinha dito algo, especialmente quando eu a ameacei com Pilton.

— O que, diabos, isso tem a ver com qualquer coisa?

Tillie acenou com o garfo, asperamente,  a carne voou para o chão.

— Não vê, Fan? Foi a luta com Hannah que desencadeou totalmente a visão de Cassie, que deve ter dado a ideia ao assassino.

— Então, o assassino deve ter procurado uma desculpa. — Francis objetou laconicamente, levantando-se para pegar o pedaço errante e jogá-lo na bandeja. — Não pode levar a culpa por isso.

— E quem melhor do que Molly como vítima? — Tillie continuou, desconsiderando o que Francis dissera.

— Apenas a criatura com maior probabilidade de causar um motim nos aldeões.

Francis entendeu muito bem, porém procurou desculpas, qualquer coisa, para tirar a expressão agonizante daquele rosto amado.

— Está esquecendo que o assassino usou o *Blue Pig*. Deve ter sido uma tentativa deliberada de lançar suspeitas sobre Hannah Pakefield.

— Oh, uma questão secundária conveniente. — Proferiu Tillie, seu tom perturbado.

— A visão foi vista na sala de café; envolvia a sala de café. O objetivo era colocar a vila em cima de Cassie.

Uma batida na porta fez Francis se levantar.

— O café. — Largando seu prato, acrescentou em um murmúrio. — Se aquela garota infeliz não tivesse achado apropriado trazer a história da visão para o exterior, poderia, ao menos, limitar suas suspeitas aos presentes na sala de café, naquele momento.

Como previsto, Patty estava do lado de fora da porta, seus traços juvenis eram uma combinação de nervosismo e assédio. Estava segurando uma pequena bandeja, contendo uma única xícara e pires, acompanhados por uma cafeteira de prata, uma jarra de creme e um açucareiro. Uma caneca de cerveja estava ao lado.

Francis pegou a bandeja e agradeceu à moça. Patty fez uma reverência.

— Por nada, milorde.

Saiu apressada e Francis fechou a porta, colocando a bandeja na mesa, já sobrecarregada. Então percebeu que Tillie estava olhando para o nada.

Tenso, a observou. Assim como Tillie agira, uma ou duas vezes no ano passado, ao estar fazendo alguma conexão em seus pensamentos. Francis não se sentia disposto a mergulhar na situação, porém, sentia-se intrusivo. Agora, na intimidade do casamento, não tinha tais escrúpulos.

— No que está pensando?

Seus olhos focaram os de Francis, e Tillie estendeu a mão para a cafeteira, repentinamente rápida.

— É melhor comermos rápido. Quero procurar sinais do lado de fora, para ver se Molly foi arrastada pela frente ou pelas costas.



— EU LHE DISSE para não ir, eu avisei.

As palavras, ditas em um tom rouco e monótono, testemunhavam o estado de choque que envolvera o dono do *Cock and Bottle*. Removido à força da fatídica sala de café por Ryde e Meldreth, Tisbury havia afundado nas escadas do corredor sombrio do *Blue Pig*. Ottilia se aproximou dele enquanto descia e, apesar do protesto de seu marido, prontamente se sentou ao seu lado e segurou sua mão frouxa.

— Por que Molly saiu, Tisbury? — Perguntou gentilmente.

A resposta dele foi idiota, olhando para a frente.

— Pela mensagem.

— Que mensagem era? Que tipo de mensagem? Estava escrita ou alguém a trouxe?

A cabeça de Tisbury balançou lentamente de um lado para o outro.

— Não escrita. Nem sei quem a trouxe.

— O que dizia a mensagem?

— Não sei de mais, além do que dizia a Molly para ir até a cela. Molly disse que todos iriam saber, de uma vez por todas, como a bruxa matou Duggleby.

O sangue de Ottilia gelou. Uma armadilha óbvia, e a mulher havia caído.

— Como Molly deveria pensar que isso a poderia beneficiar? — Perguntou, lutando para manter um tom casual.

Os traços largos e avermelhados de Tisbury se voltaram para Tillie, seus olhos sem brilho.

— Molly tinha certeza de que a senhora acreditava que era a responsável por matar Duggleby.

Ottilia trocou um rápido olhar com Francis, que estava por perto, por medo de que o homem se tornasse agressivo com a esposa, Ottilia suspeitava.

— Como poderia saber disso? — Francis perguntou rispidamente.

Tisbury não respondeu. Ainda encarava Tillie, e um pouco de vida havia começado a retornar ao seu olhar fixo.

— É como disse. Molly fez aquilo e veio até mim depois, pois eu havia derrubado o telhado e ateado fogo na ferraria.

— Will de novo! — explodiu Francis. — Aquele seu taberneiro tem um monte de coisas a responder!

— O que quer dizer, Lorde Francis? — interveio Meldreth.

— Will tem um bando de mulheres a seu serviço, que escutam atrás das portas. Uma delas é a criada daqui. Deve ter colocado o ouvido na porta, ontem à noite, e mal podia esperar para correr até o taberneiro com a notícia. — Olhou para o homem enlutado com olhos brilhantes.

— É isso, Tisbury? Molly soube através de Will?

Tisbury explodiu de repente.

— E mesmo que não tenha dito, não sabíamos quando buscaria Pilton em seguida. Minha Molly não tocou em Duggleby, nem eu derrubei o telhado tampouco ateei fogo.

— Sabemos disso agora. — disse Tillie rapidamente, na tentativa de conter a maré de raiva crescente.

— Agora, sim. Agora que Molly morreu também, nas mãos daquela bruxa amaldiçoada!

Tilsbury ia se levantando, os olhos fixos em Ottilia, e Francis agarrou-a apressadamente pelo braço e puxou-a da escada. Tillie se postou atrás dele.

— Ryde, venha aqui!

O cocheiro deixou seu posto na porta da sala de café e flanqueou Francis com os punhos erguidos. Para alívio de Ottilia, o médico avançou, segurando o braço de Tisbury.

— Acalme-se, Tisbury. Não haverá luta na presença de mortos. Mostre respeito por sua falecida esposa, homem!

Espiando por trás da proteção das costas largas do marido, Ottilia viu a face colorida do homem se aprofundar em um vermelho mais profundo, e o fogo crescente em seus olhos se extinguir.

— Sim, não vou fazer nenhum mal com Molly dormindo. — Seu tom se fortaleceu. — Mas se não for Pilton nem aquele Lorde Henbury a prender aquela bruxa, eu mesmo cuidarei dela.

Ottilia não podia permitir que isso acontecesse. Passou por Francis e confrontou o homem.

— Tenha um pouco de bom senso, Tisbury. Por que, diabos, a Sra. Dale deveria chamar Molly no meio da noite? Especialmente se Molly fosse descobrir algo sobre a Sra. Dale ser responsável pela morte de Duggleby.

No entanto Tisbury estava preparado para isso.

— É um truque, né? É uma bruxa. Provavelmente enfeitiçou quem trouxe a mensagem. Então, quando Molly foi atraída para fora, aproveitou para matá-la.

— Se a Sra. Dale fosse capaz de usar magia, que necessidade tinha de tirar Molly do *Cock and Bottle*? — Argumentou Ottilia, recusando-se a

desistir de fazer o sujeito entender a razão. — Por que simplesmente não usou a magia para garantir que sua Molly morresse na cama?

— A bruxa teve essas visões, não? Viu Molly morta no *Blue Pig*. Enganou e então a matou aqui, conforme a visão que teve.

— Entretanto, Molly não foi morta aqui, Tisbury. — Ottilia protestou. — Pergunte ao doutor Meldreth, se não acredita em mim. Molly foi arrastada até aqui e colocada na posição em que está, apenas para que lembrássemos da visão da Sra. Dale. Não vê? Foi truque, sim. Mais de um, talvez. Porém não teve a ver com a Sra. Dale.

Pensou, por um momento, que poderia ter feito o homem entender. O queixo dele ficou caído enquanto a olhava, piscando lentamente, como se tentasse entender o sentido de suas palavras. Seus olhos se voltaram para Meldreth.

— É verdade, Tisbury. — Disse o médico, para alívio de Ottilia. — Molly foi morta em outro lugar. Se a visão a levou para o armário de provisões, é provável que seja apenas o lugar da visão.

Por um momento, o resultado foi o silêncio. Ottilia descobriu que estava prendendo a respiração e, silenciosamente, a deixou sair, seus olhos nunca deixando o rosto do homem.

Começou a funcionar um pouco, a boca de Tisbury se movendo, como se a palavra estivesse lutando para sair. Seus olhos ficaram vermelhos, brilhando, e um fio de umidade gotejou de uma narina. Quando a voz finalmente chegou, era baixa, dolorosa com a dor reprimida.

— Disse que está do lado da bruxa, Molly me disse. Também falou que Lady Fan, é parceira do diabo. Agora Molly está morta e tudo mais. Está sentada lá, com o espeto de Hannah Pakefield no pescoço!

Sua voz se elevou no final, e Francis não esperou. Ottilia foi deslocada corporalmente para fora do caminho e, quando Tisbury chegou ao fim de sua acusação, Francis o segurou pelas pontas de sua sobrecasaca marrom.

— Ousa falar de minha esposa nesses termos! Que o Senhor me ajude, porém se colocar um dedo sobre Ottilia, vou espancar cada centímetro de sua vida!

— Milorde! — disse, Meldreth.

Ottilia o viu se aproximar, tentando arrancar as mãos de Francis do casaco do homem. Avançou rapidamente.

— Fan, deixe-o em paz, lhe suplico! O homem está enlutado. Não é responsável por suas palavras. — Seu apelo caiu em ouvidos surdos.

— Então é melhor se tornar responsável por suas ações. — Francis rosnou.

Contudo o soltou, empurrando o homem para longe. Tisbury desceu a escada e ficou lá sentado, olhando fixamente para o chão entre os joelhos.

Ottilia aproveitou a oportunidade para arrastar o marido para longe, sussurrando com urgência.

— Está entorpecido demais para responder, Fan. Desejo que não ‘pegue os porretes’ tão violentamente.

A ira ainda estava em seu rosto, enquanto a olhava, falando baixo.

— Falo sério, Tillie. O sujeito está a ponto de qualquer violência, e não quero que se torne um alvo para a raiva dele.

— Tenho certeza de que está falando apenas de sua dor, Fan.

— Bem, eu também. Fique longe dele, está me entendendo?

Ottilia levou o dedo ao rosto dele e acariciou-o, arriscando um sorriso.

— Farei o que desejar, meu querido.

Um pouco de sua fúria pareceu diminuir, porém a segurou fortemente pelos ombros.

— Será que vai? Te conheço, Ottilia. Quando se envolve com o momento, é totalmente imprudente com sua própria segurança.

Ottilia apoiou as mãos no peito dele.

— Prometo que vou ter cuidado.

Francis ainda parecia duvidar, no entanto, não havia mais oportunidade de discutir o assunto, pois a porta principal do prédio se abriu de repente e a figura idosa do Sr. Wagstaff entrou, mancando no corredor.

— Onde está? Onde está minha Moll?

Francis, pronto para qualquer briga, deixou Tillie e avançou para enfrentar o velho progenitor da falecida mulher.

— Chegou, não é? Deixe-me dizer-lhe, Wagstaff, se está decidido a apoiar seu genro em suas acusações ridículas à minha esposa...

— Milorde, deixe-o em paz!

Encontrou Meldreth ao seu lado e parou de repente.

— Deixa-lo em paz? Depois do que foi dito?

— É improvável que Wagstaff apoie essa ideia, como irá descobrir.

— Que noção é essa, hein? — disse o velho, olhando em ambos os rostos.

Francis aceitou isso sem hesitar.

— Seu genro teve a ousadia de sugerir que minha esposa está aliada à suposta bruxa.

— Tisbury acredita que a Sra. Dale é responsável pela morte de sua filha, Wagstaff. — Disse Meldreth, assumindo a responsabilidade de elucidar.

Os olhos do velho estalaram.

— Não há bruxaria em Witherley. Doidos são os que dizem isso, incluindo minha garota, se realmente minha Moll se foi.

— Lamento dizer que a Sra. Tisbury se foi, Wagstaff. — respondeu Meldreth.

Francis viu a confirmação atingir o velho diretamente. Não mudou de sua postura antagônica, mas seus olhos se estreitaram, seu rosto ficou cinza e seus joelhos tremeram levemente, de modo que se apoiou com mais força em seu cajado.

— Morta, então. — repetiu o óbvio. — Tão parecida com a mãe dela quanto com nove pence. Sabia que seu temperamento a levaria um dia.

Surpreso, Francis olhou para o homem.

— O que o senhor quer dizer?

Os olhos remelentos encontraram os seus, e havia ódio negro em suas profundezas.

— Não há segredo. É sabido por toda a aldeia. Minha Moll tocou o rosto dela, e houve vingança. Não precisa procurar além de Hannah Pakefield.



# Capítulo 12

**Francis não resistiu** a um olhar rápido para a esposa.

Tillie previra esse resultado, porém sua expectativa era que Henbury desse o veredito. O olhar carrancudo dela para o velho Wagstaff disse a Francis que isso foi uma surpresa, contudo não falou. Meldreth retomou o assunto.

— Isso é altamente improvável, Wagstaff. Foi Hannah quem encontrou sua filha esta manhã.

— Isso não é nada. — Argumentou o velho. — Se não a encontrasse, não haveria prova, já que não colocou Moll lá.

— Isso é verdade, mas...

— Se ainda não o fez — interrompeu Wagstaff — é hora de chamar Pilton.

— Eu já enviei o menino do estábulo para Pilton e Lorde Henbury.

Um grunhido de satisfação saudou esta declaração. — Então, não vai demorar mais do que um momento, antes que Hannah Pakefield seja trazida

para a prisão. Se estiver pronto, doutor, vou ver minha garota agora.

— Eu também. — Saltou Tisbury, voltando à vida novamente.

Francis não via sentido em discutir. — Ryde lhe acompanhará, Meldreth. — virou-se para seu cocheiro. — Certifique-se de que nenhum deles toque em nada.

Ryde acenou e cruzou para entrar na sala de café à frente de Meldreth, que precedeu os dois mais preocupados com a falecida.

Tillie havia se desviado do caminho e, quando Francis se virou, Ottilia apontou para a porta da frente. — Enquanto estão ocupados, vamos ver se há marcas a serem encontradas.

Francis concordou: — O lugar estará fervilhando de aldeões em alguns momentos. Poderá não encontrar nada se tudo tiver sido pisoteado.

Tillie parecia impressionada e apressou o passo. Francis abriu-lhe a porta da frente, e sua esposa parou na soleira.

— E então faremos uma busca completa na câmara de Hannah.

Chocado, Francis quase se esqueceu de segui-la. — O que vai procurar?

Tillie não respondeu imediatamente, seus olhos viajando pelo verde. Já havia grupos de aldeões sussurrando e apontando na direção do *Blue Pig*.

— Nem um minuto antes. — Francis comentou, esquecendo que não havia recebido uma resposta à sua pergunta.

Tillie saiu pela calçada, os olhos fixos no chão. Francis fez o mesmo, embora não conseguisse encontrar coisa alguma que sugerisse um corpo tendo sido arrastado pela área. Juntou-se a Tillie.

— Vê alguma coisa?

—Não espero ver nada aqui. Os sapatos da Sra. Tisbury estavam gastos, mas é improvável que isso apareça nas pedras do calçamento.

Francis observou-a levantar a cabeça e examinar a estrada que separava o gramado do pátio de paralelepípedos. Olhou para o lado e viu apenas pegadas na poeira, que poderiam ter sido feitas por várias pessoas que já haviam estado de um lado para o outro esta manhã, incluindo Kinnerton e o médico.

— Ah, aí estamos nós.

Tillie se movia rapidamente, e Francis a seguia, seus olhos percorrendo a área em busca de qualquer coisa que pudesse ter visto. Quando Ottilia parou, Francis seguiu a direção de seu olhar.

— Lá, está vendo?

Duas ranhuras cruzavam a estrada, saindo diretamente da borda do gramado. A grama estava um pouco crescida demais, contudo Francis pode ver claramente um padrão onde havia sido achatada. Olhou na direção do lugar onde encontraram o corpo, mas a pista de arrasto não ia tão longe.

Francis se moveu automaticamente quando Tillie o fez, seguindo o padrão por alguns metros. Então parou, examinando cuidadosamente a grama.

— Molly Tisbury foi morta neste local, suponho. — disse Tillie.

— Quem quer que seja, deve tê-la persuadido a vir até aqui. Veja se há manchas de sangue na grama, Fan. Vê como está achatada? Deve ter caído nesta região.

Não havia forma a ser identificada, mas um pequeno trecho do gramado realmente parecia como se algo pesado tivesse sido colocado ali por um tempo. Agachado, Francis fez um exame cuidadoso.

— Não vejo nenhum sangue. Há uma ou duas manchas marrons, que podem ser de qualquer outra coisa. — Passou o dedo em uma delas e ergueu para a luz. — Não, não sei dizer.

— Não importa. — disse Tillie, virando-se e refazendo seus passos de volta, para onde os sulcos começavam na estrada.

Levantando-se, Francis a seguiu e olhou para onde Tillie apontava.

— A grama deveria estar úmida o suficiente, para fazer com que a terra se transformasse em lama. Veja, desaparece rapidamente.

Francis seguiu a linha, onde os saltos dos sapatos de Molly devem ter se arrastado, secando rapidamente sobre a terra. Logo fez uma descoberta.

— As marcas viram para o lado.

— Sim.

O olhar de Tillie se ergueu e olhou para o lado do *Blue Pig*, onde o arco dava para as instalações dos fundos.

— Dirigem-se para os estábulos.

Quando Francis acompanhou a esposa até a arcada, ficou desapontado, por não encontrar mais nenhum vestígio de sulcos, seja na estrada ou na trilha de cascalho que contornava a lateral do prédio. Passando pelos estábulos e pelas duas portas dos fundos, nada viu que indicasse a passagem de uma pessoa carregando um corpo.

— Não vai convencer Henbury com isso. — disse severamente.

Só que Tillie estava parada, perto da porta mais próxima ao lado, examinando a área ao redor. Traçou um arco com a mão, abrangendo o quintal.

— Acha que os servos de Hannah são tão escrupulosos, a ponto de varrer o quintal diariamente?

A mente de Francis deu um salto e baixou os olhos novamente. Com certeza, havia sinais claros de varreduras se entrecruzando.

— Muito meticuloso foi nosso assassino. — disse Tillie, com um eco da velha travessura em sua voz.

Maravilhado, Francis concordou. — De fato. Então como é que não pensou nas ranhuras ou na grama achatada?

Tillie encolheu os ombros. — Ouso dizer que a tarefa de organizar o corpo de maneira adequada afastou esse detalhe da mente dele.

— Ou dela, se for a Sra. Pakefield.

— Não foi Hannah.

Francis franziu a testa. — Está muito certa de que não foi a Sra. Pakefield.

— Sim, mas isso não significa que estou confiante em prová-lo.

— E ainda falta o detalhe da chave. — ressaltou. — Não consigo pensar que os servos deixem as portas traseiras destrancadas.

O olhar malicioso de Tillie reapareceu. — Bem, sabemos que as pessoas têm tendência para obter as chaves, não é?

O que era verdade, as chaves tiveram um papel proeminente na decifração do quebra-cabeça em sua própria família, no ano passado.

— Supõe que alguém já possuiu a chave apropriada de antemão. É possível, vai admitir. Será muito fácil descobrir se alguém se ausentou. É melhor eu falar com a garota Patty, sem mais delongas.

— Achei que queria fazer uma busca nos aposentos de Hannah. — Francis a lembrou.

— Sim, e quem melhor para me ajudar do que a criada. Posso questioná-la ao mesmo tempo.



O HORROR PARALISANTE que se apoderou de Cassie foi se dissipando, dando lugar a uma sensação de náusea violenta. Havia bebido apenas dois goles do chá que Tabby a forçara, incapaz de agir ou pensar, além do terrível fato de que aquilo acontecera novamente.

A chegada do reverendo Kinnerton em nada, a princípio, amenizou sua condição. Lembrava-se apenas do reverendo sentado ao seu lado à mesa, segurando sua mão. Estava ciente de sua voz, em tom calmante, porém suas palavras não penetraram a névoa em sua mente.

Agora, quando os intervalos começaram a filtrar-se pela sensação confusa, Cassie percebeu que Aidan havia ficado em silêncio. O calor em sua mão trouxe seus olhos para baixo para encontrá-lo embalado em um aperto reconfortante. E então a náusea voltou.

Retirando sua mão, apertou-a com a outra em seu estômago.

— O que a aflige, Sra. Dale?

O tom era agudo e Cassie olhou para cima, ofegando em sua angústia. — Vou vomitar!

Tabitha de repente voltou à vida, assustando Cassie ao saltar de uma cadeira ao fundo.

— Oh, Deus! Espere, Srta. Cassie! Vou buscar uma bacia.

Aidan ficou de pé. — O que posso fazer?

— Fique fora do caminho, senhor, se não quiser que lhe respingue sobre os sapatos.

Enquanto Tabby corria para a cozinha ao lado, Cassie colocou as mãos na boca, pressionando com força, enquanto a náusea crescente ameaçava dominá-la.

— Aqui agora, segure isso.

Cassie abriu os olhos para encontrar Tabby segurando uma bacia de porcelana sob o queixo. Não se atreveu a soltar a boca para agarrá-la. Porém um par de mãos fortes se moveu para livrá-la dessa necessidade.

— Eu pego. Pode vomitar o quanto desejar agora, Sra. Dale.

Com um suspiro de alívio, Cassie tirou as mãos da boca e vomitou horrivelmente. Nada mais saiu além de líquido, e quando os espasmos a atormentavam, vomitava dolorosamente.

— Nada há mais dentro do estômago. — disse Tabby, concisamente.

— Está se recuperando um pouco, eu acho. — falou Aidan novamente. — Pode buscar um copo d'água, por favor, Sra. Hawes. E um pano.

A ânsia de vômito acabou, Cassie se recostou, a cabeça pendendo desconfortavelmente, enquanto a inevitável sequência de desmaio a atacava.

— Deveria estar na cama. — Disse o vigário preocupado.

Fracamente, Cassie balançou a cabeça. A fala ainda estava além dela, ao menos, a terrível dormência do choque a deixou, junto com o expurgo. Fechou os olhos.

Logo, uma sensação de frio passou por seus lábios e sobre sua testa. Abrindo os olhos, descobriu Aidan aplicando suavemente um pano umedecido para limpar seu rosto. A gratidão a invadiu.

— É tão gentil. Qualquer outro homem teria recuado.

O olhar brilhante encontrou o dela, próximo e gentil.

— De jeito nenhum. Apenas um monstro iria deixá-la nesta conjuntura.

Um copo foi colocado em seus lábios, e Aidan pediu que bebesse. Obediente ao tom de comando, embora gentilmente entregue, Cassie engoliu algumas gotas do líquido, abençoadamente fresco. Começou a se sentir um pouco recuperada e, inevitavelmente, a memória voltou, e deu um pequeno grito.

As sobrancelhas de Aidan se juntaram. — O que foi?

Cassie empurrou o copo e Aidan o pousou na mesa. Sem pensar, quando a urgência a engolfou, Cassie tateou em busca da mão dele, que se fechou de forma reconfortante sobre a dela.

— Devo deixar este lugar!

Aidan assentiu gravemente. — Sim, acho que, talvez, esteja mais segura no estabelecimento de Lady Ferrensby.

Um pequeno soluço escapou de sua boa quando seu coração se contraiu. — Isso não. Quero dizer, sair desta aldeia. Devo sair daqui por completo. Sou muito perigosa. Ninguém está a salvo de mim.

A mão sobre a dela apertou de repente, e a voz de Aidan tornou-se áspera.

— Não vou permitir que fale assim. Não é sua culpa que alguém pensou em tirar proveito de suas visões. Lady Francis diz que foi um ato

deliberado, copiar sua visão e usá-la para lhe incriminar.

A laceração em seu coração não diminuiu. Fora o mesmo que dissera de Duggleby.

— Se eu não tivesse a visão, ninguém a poderia usar. — Sua voz engrossou, mas mal percebeu a ameaça de lágrimas. — Não deveria ter falado. Deveria ter guardado dentro de mim.

— Isso, talvez, fosse o melhor. — disse o pároco, inesperadamente.

Pega de surpresa, Cassie o encarou, o desejo de chorar diminuindo. — É um homem estranho. Procura me confortar, mas não o refuta quando me culpo.

Um pequeno sorriso apareceu nos cantos de sua boca, e Cassie experimentou um salto estranho em seu peito.

— Todos nós devemos reconhecer a extensão de nossa responsabilidade. As visões que podem ou não ajudar. Como a opção de falar ou não. Não sabia, e no final das contas, acabou se revelando imprudente.

Uma risada impotente escapou de Cassie e quebrou no meio. — Agora está fazendo pouco caso disso.

— Não, estou sendo sincero.

Cassie o observou com interesse renovado, um brilho se espalhando por suas veias.

— Gosto disso a seu respeito, meu... — interrompeu-se. Sua língua rebelde! Muito facilmente poderia entregar tudo. E corrigiu o deslize. — Lady Ferrensby é a mesma. Posso confiar nela. Porém tem menos paciência.

— Se isso significa que deseja confiar em mim, Cassie, fico feliz.

O uso do nome dela em seus lábios e uma nota particular em sua voz falaram profundamente com algo dentro de Cassie, e, por um momento, ficou radiante. Então se lembrou das circunstâncias peculiares de sua vida e seu ânimo caiu. Sem pensar, retirou os dedos de suas mãos.

— Claro que confio. — Consternada com a aspereza de seu próprio tom, olhou para Aidan novamente e tentou sorrir. — É um homem gentil, Aidan Kinnerton. Um cavalheiro e encantador. Nunca esquecerei a sua bondade.

Uma sombra cruzou seu rosto, e Cassie sentiu toda a força de sua decepção através da maldição de sua sensibilidade hiperativa. Se, ao menos, fosse digna! Daria qualquer coisa para ser capaz de retratar sua rejeição implícita, contudo não podia. Não se preocupou em esconder de si mesma o que havia sentido. Que Aidan gostava dela mais do que um pouco, tal como se sentia em relação ao reverendo, o Senhor sabia! Mas Cassie Dale não tinha nada que encorajar as atenções desse homem. Muitos a achavam má, uma bruxa, e tinha mais coragem do que permitir que Aidan Kinnerton nutrisse falsas esperanças.

Aidan não voltou a falar, e seu silêncio a reprovou. Cassie procurou um caminho e virou-se para Tabby, pairando em seu ombro.

— Posso experimentar o chá de novo?

O assentimento cacarejante de sua criada forneceu um interlúdio útil, e Cassie foi capaz de mudar de assunto. De fato, não em um canal menos doloroso, ao menos teve o mérito de desviar-se dos assuntos do coração.

— Eles me culpam? Os aldeões?

O vigário se levantou de sua cadeira, uma carranca abstraída vincando sua testa.

— Ainda não houve explosão.

Sua voz era uniforme, no entanto Cassie achou que podia detectar um pouco de dor na ponta de luz que se sobrepunha à aparente calma.

— Acredita que pode haver?

Aidan havia recuado para a janela e estava olhando para o gramado do outro lado do rio. — Não me atrevo a supor o contrário. No momento, imagino que Tisbury esteja ocupado demais para agir, ou já o teria feito. Não posso pensar que demorará muito para que algum idiota o encoraje a buscar vingança contra o único inimigo visível, no momento.

Cassie o encarou, com o coração desolado, ao notar a redução de calor em sua voz. — Agradeço que não procure esconder suas suspeitas de mim.

Aidan se virou para Cassie, seu olhar penetrante atravessando a pequena sala. — Não poderia te fazer bem se assim fosse.

Cassie desviou o olhar, torcida pela implicação em suas palavras. — Já me fez bem.

Kinnerton não respondeu, e Cassie se sentiu obrigada a olha-lo novamente. O que viu em seus olhos a fez perder de vista toda cautela.

— Aidan, não é porque não o queira.

Seus olhos brilharam de triunfo e Kinnerton deu um passo em sua direção. — Então por que, Cassie?

A jovem deu um suspiro trêmulo. — Não posso falar sobre isso. Apenas confie em mim. Não vai dar.

Era tarde demais. Cassie percebeu que lhe havia dado esperança. Por um momento, oscilou à beira da confissão, mas o pensamento de que Aidan se afastasse dela, com nojo, não permitiria que ela falasse.

Para seu alívio, Tabitha veio da cozinha e o momento se perdeu. Aceitou o chá recém-feito e, numa tentativa de leveza, convidou Aidan a tomar uma xícara.

— Obrigado. — disse o reverendo, com um retorno a uma aparência de formalidade. — Então devo lhe deixar. Eventos como esses trazem responsabilidades para mim, que não posso evitar.

O pensamento de Cassie voou novamente para o horrível evento. — Viu Tisbury?

— Não, vim até aqui, primeiro. Mas devo fazê-lo e espero considerá-lo uma ameaça em potencial menor do que todos nós fomos levados a supor.

Seu sorriso parecia forçado, e Cassie suspeitou que havia dito isso apenas para tranquilizá-la. Cassie nada disse, porém seus pensamentos, inevitavelmente, começaram a se voltar novamente para esse problema imediato. De alguma forma, seu próprio perigo potencial parecia de pouca importância contra a cena que acabava de acontecer em sua cabana.



PARA SEU ESPANTO, o esquema de Ottilia para inspecionar os pertences pessoais de Hannah encontrou oposição de Pakefield. O marido permaneceu impassível e resoluto, diante da porta de seus apartamentos privados, situados no último andar.

— Ninguém fica mexendo nas coisas de Hannah. Se eu não souber, também nada saberão.

Ottilia o olhou com interesse, perguntando-se o que o teria despertado de seu estado de apatia. Optou por um ataque direto.

— Por que não, Pakefield?

O semblante sombrio afundou ainda mais em vazios inexplicáveis. — Pois, como Patty diz, Pa Wagstaff vai contar a Pilton que Hannah é a assassina de Molly Tisbury.

Refletindo que quanto mais cedo falasse com a tagarela Patty, melhor. Ottilia assentiu. — Isso é verdade, e é exatamente por isso que desejo verificar as roupas de Hannah.

Os olhos do proprietário se arregalaram em reprovação.

— Pensa isso e tudo mais?

— Não, eu não, Pakefield. Entretanto preciso ser capaz de convencer Lorde Henbury, entende?

Sua cabeça, infelizmente alongada, balançou de um lado para o outro.

— Não vejo nada. Nem vou deixar ninguém mexer nas coisas de Hannah.

Ottilia sentiu-se tentada a lhe dizer que era uma pena que não tivesse demonstrado tal firmeza em uma data anterior, quando poderia ter sido de alguma utilidade. Neste momento, sua obstinação só poderia ser um obstáculo, assim como suas respostas lentas tinham sido antes. Esforçou-se para ter paciência.

— Deixe-me ver Hannah, por favor.

Por um momento, pensou que Pakefield recusaria até mesmo este simples pedido, contudo após uma pausa indecisa, se afastou e permitiu que Tillie entrasse na sala.

Era uma espécie de sala de estar, construída em uma das câmaras menores, e Hannah Pakefield estava sentada em uma cadeira confortável, colocada diante da lareira vazia, a cabeça apoiada em uma almofada. Seus olhos estavam fechados e sua respiração agitava-se um pouco na garganta, de modo que Ottilia pensou que a senhora dormia. Foi na ponta dos pés.

— Hannah?

Os olhos da mulher se abriram imediatamente, ficando imediatamente claro que estava um pouco recuperada da provação desta manhã. A Sra. Pakefield respondeu, no entanto, com um pouco de falta de ar. Ottilia lembrou-se de uma noção que lhe dera certa vez seu irmão médico. Deveria pedir a Meldreth para verificar o coração da mulher?

— Pakefield não entende, milady. Não tenho medo de que olhe. Não tenho nada a esconder.

Ottilia lhe sorriu. — Tenho certeza de que não. Perdoe-me, mas posso mexer em suas roupas?

Hannah assentiu e apontou para uma porta interna. — Aquele é o nosso quarto de dormir.

— Obrigada. Pode mandar buscar Patty, por favor?

Com isso, a senhoria levantou a cabeça, uma pequena carranca franzindo entre as sobrancelhas.

— Para que?

— Preciso de uma testemunha, Hannah. Minha palavra não prevalecerá por si só.

Não era estritamente verdade, porém Ottilia não desejava lidar com Pakefield novamente, revelando seu desejo de questionar a criada.

Hannah deu as instruções necessárias ao marido, que fez o que lhe foi pedido e tocou a campainha. Ottilia agradeceu novamente a Hannah e encaminhou-se para a porta indicada.

— A minha é a cômoda maior, milady, perto da janela.

Ottilia acenou  por cima do ombro e abriu a porta. Ao entrar no quarto, fechou a porta firmemente atrás de si e parou para examinar o quarto.

O quarto estava inesperadamente desarrumado, com roupas espalhadas pela cama e nas costas das cadeiras. Ambas as cômodas estavam amontoadas em cima, com todos os tipos de bugigangas, incluindo um candelabro e uma coleção de caixas de madeira, várias abertas, com seu conteúdo derramado. A cama estava desfeita e Ottilia adivinhou que isso se devia aos acontecimentos do dia. Provavelmente a criada teve que atender ao café da manhã e aos aposentos dos convidados, antes de ter tempo livre para atender aos desejos de sua senhora.

Ottilia aproximou-se da cama e fez um exame metódico das roupas ali postas, sem omitir as do senhor Pakefield, por mais inconcebível que pudesse ser parte de algo tão complexo quanto aquele assassinato havia provado. Como esperado, não encontrou qualquer indício incriminador.

Colocava o último dos itens que ocupavam as costas da segunda cadeira quando a porta se abriu para  a entrada da criada Patty. Parecia assustada, os olhos grandes em seu semblante sardento. Era bonita, de um jeito campestre. Ottilia bem imaginou que gente como Will, o taberneiro, iria se sentir atraído por ela.

— Ah, Patty, entre.

A garota fez uma reverência, lançando um olhar apreensivo ao redor da câmara, quase como se esperasse que algo ou alguém pulasse para fora de

seu esconderijo.

— Ajude-me a examinar a cômoda da sua patroa.

Com isso, Patty piscou e seu queixo caiu. — Olhar através da cômoda da patroa?

— Sim. Venha comigo.

Com passos hesitantes, a garota cruzou a sala e postou-se ao lado de Ottilia, enquanto se deslocavam para frente do aposento, selecionando o móvel maior, colocado junto à parede, perto da janela.

— É esta, não é?

Patty assentiu e um pouco de perplexidade apareceu em seu rosto. — O que estamos procurando, milady?

Ottilia a observou. — Manchas de sangue, Patty.

O horror invadiu os olhos da garota e Ottilia quase se arrependeu de sua franqueza. Não ficou sem esperança, no entanto, pois um olhar arrepiante de expectativa excitada substituiu o primeiro choque, no rosto de Patty. Satisfeita, Ottilia abriu as portas da cômoda e retirou a bandeja de cima.

As roupas estavam soltas e estava claro, para o olho crítico de Ottilia, que as dobras de  roupa, feitas por Patty, careciam de precisão. A garota também não era perita em usar da melhor forma o espaço limitado. Tirou a primeira peça de roupa e sacudiu-a. Uma camisola.

— Não há sangue nesta, milady.

Ottilia quase caiu na gargalhada. — Não, dificilmente acho que a Sra. Pakefield se aventuraria, vestindo-se tão levemente. Onde estão os vestidos de dia?

Patty pegou a camisola, embrulhou-a sem cerimônia e enfiou-a de volta na bandeja, que fechou com força. Curvando-se, tirou a terceira bandeja e puxou um vestido floral, de algodão, muito fora de moda, porém ainda útil.

Ottilia observou a garota sacudi-lo e examiná-lo minuciosamente, depois, declarando que não tinha manchas de sangue, colocou-o de lado na cama de uma forma tão entusiasmada quanto descuidada.

Esperando até que a garota se aprofundasse no próximo, Ottilia escorregou em sua primeira consulta.

— Suponho que não tenha ouvido nada de incomum na noite passada, não é, Patty?

A criada estava ocupada, passando os olhos pelo vestido de tecido azul que segurava, entretanto fez uma pausa e olhou para Ottilia, com uma súbita intensidade no olhar.

— Não prestei muita atenção, milady.

— Então ouviu alguma coisa?

Patty parecia relutante em se comprometer. Franziu os lábios e mordeu o inferior antes de falar.

— Pensei que estivesse sonhando, milady.

— Muito bem, e o que ouviu?

A garota franziu a testa em um esforço de concentração e Ottilia esperou que a criada encontrasse uma forma de expressar seus pensamentos.

— Foi como se um animal viesse rastejando.

— O que quer dizer?

Os olhos de Patty se estreitaram em coordenar seus pensamentos.

— Foi como ruído de patas. Em seguida, som de raspagem, como se estivesse deitada de bruços e puxando a si mesmo.

Ottilia não permitiu que sua crescente excitação transparecesse. — Esses sons duraram muito tempo?

— Não sei dizer, milady. É como um sonho, dentro e fora da minha cabeça.

Ottilia voltou-se para a cômoda e tirou outra peça de roupa. Seguindo seu exemplo, a criada dobrou a que segurava da mesma forma descuidada e a deixou cair sobre a cama. Satisfeita por vê-la retomar seus trabalhos, Ottilia fez outra pergunta, aparentemente casual.

— Onde fica o seu quarto, Patty?

— Estou no sótão, milady.

— Sim, e em qual lugar no sótão? Por acaso está situado no quintal?

Patty fez outra pausa, com as mãos ocupadas, o olhar voando de volta para o rosto de Ottilia. — Sim.

Sua surpresa era evidente e Ottilia sorriu. — Um bom palpite, Patty, só isso.

A donzela parecia menos do que convencida e Ottilia percebeu que, apesar da deficiência mais flagrante de sua língua fofoqueira, possuía um grau de inteligência superior ao de seu patrão. Não disse nada, no entanto, e continuou com o trabalho de verificar as roupas de Hannah.

A essa altura, já haviam mudado para os aventais e, daí, para as roupas íntimas. Ottilia vasculhou cada gaveta, independentemente de o conteúdo estar ou não gasto. Se Hannah fosse culpada, poderia muito bem ter

escondido um vestido manchado de sangue entre suas outras roupas. Entretanto nada foi encontrado e Ottilia deu um suspiro secreto de alívio. Não que, por um instante, tivesse suposto que Hannah fosse a assassina, de qualquer forma precisava ter certeza.

— A seguir, devemos cuidar das cozinhas, Patty.

— Por quê? — Perguntou a garota, sua apreensão inicial totalmente passada.

— Para ver se alguma coisa foi queimada no fogo.

Ficou claro que a garota agora pensava que Ottilia havia perdido o juízo, mas nem abriu a boca.

— Devo colocar tudo de volta primeiro?

— Não, pode fazer isso mais tarde.

Ao passarem pela sala, Ottilia esperou um momento para tranquilizar a senhoria. — Não se desespere, Hannah. Prometo que farei tudo ao meu alcance para dissuadir aqueles que podem acreditar que teve alguma coisa a ver com a morte de Molly.

Hannah suspirou ruidosamente.— Melhor eu do que aquela pobre Sra. Dale. Ninguém vai tentar me queimar.

— Espero que não. — Ottilia replicou. — Não haverá bobagem desse tipo se eu puder evitar, minha querida. Agora então, Patty.

Descendo a escada, com a garota logo atrás, Ottilia parou abruptamente no topo do último lance. — Patty, estava faltando uma chave?

O queixo da garota caiu. — Como a senhora sabe?

Ottilia sorriu. — Um palpite de sorte. A porta dos fundos para o quintal?

— Sim.

— Quando desapareceu?

Patty começou. — Foi só ontem à noite, milady.

—Nossa!

— Sim, ontem à noite. A porta já estava trancada quando o patrão foi fechá-la, mas não havia nenhuma chave. O patrão disse que o cavalariço deve tê-la virado, e sendo desajeitado, pode tê-la deixado cair pela grade e ido parar no porão.

— De fato? Qual grade?

— No topo da escada da adega. Deve ser mantida no parapeito da janela acima.

*Onde qualquer um poderia ter notado. Muito descuidado*.

— O patrão vai procurá-la esta manhã, só que...

— Na verdade, ninguém iria esperar que alguém se lembrasse daquelas circunstâncias. — Ottilia disse calmamente, enquanto sua mente trabalhava rapidamente. Alguém familiarizado com o *Blue Pig*, então. Isso estreitava o campo de pesquisa?

Ainda ponderava sobre o pessoal da aldeia quando entraram na cozinha, onde encontraram a cozinheir recuperada o suficiente para poder começar seus preparativos para o jantar.

Uma mulher robusta com um rosto largo e vermelho. Fez uma pausa em seu trabalho de cortar a gordura de um pernil e ergueu os olhos. Ao ver Ottilia, seus olhos se arregalaram. Ottilia invocou sua maneira mais calmante.

— Perdoe-me, por favor. Lamento muito estar invadindo sua cozinha.

A mulher largou o cutelo e enxugou as mãos no avental usado. — De nada, milady. O que deseja?

— Descobrir se algo foi queimado no fogão esta manhã. — disse Ottilia prontamente, observando os olhos de Patty fixos no avental manchado de sangue.

O olhar da cozinheira foi diretamente para o grande fogão aberto, onde um dos queimadores deixava o ambiente desconfortavelmente quente. — Não tem ainda uma hora que acendi o fogo, madame. Nada está assando lá, pois ainda tenho que colocar a carne no espeto.

— Bem, isso é um alívio. — disse Ottilia agradavelmente. — Suponho que não haja nenhum fogo externo? Um fogão a lenha, talvez?

Tanto Patty quanto a cozinheira olharam para Ottilia com espanto absoluto, e a última se expressou com incredulidade. — No verão, madame!?

— Para esquentar água para lavar?

Patty foi até a área aberta e apontou para uma enorme chaleira sobre um fogão improvisado. — A cozinheira faz isso o dia todo.

— Sim, e mantendo-o abastecido e pronto.

O que, convenientemente, descartava qualquer possibilidade de Hannah se livrar das roupas manchadas de sangue. Sentindo-se absurdamente satisfeita, Ottilia agradeceu à cozinheira e informou Patty que não tinha mais necessidade de seus serviços. A criada fez uma reverência, optando por permanecer na cozinha, sem dúvida para agradar a cozinheira com um relato sobre suas atividades.

À porta, Ottilia fez uma pausa e virou-se, fixando um sorriso radiante à criada. — Quase esqueci. Sei que é sua prática comum, Patty, passar

qualquer coisa que possa ouvir para Will no *Cock and Bottle*, e fez isso ontem à noite?

Uma onda avermelhada inundou as bochechas sardentas da garota que olhou para o chão. O olhar da cozinheira foi da criada para Ottilia, o respeito crescente em seus olhos.

— Vamos, Patty, deixe-me saber a verdade. — disse Ottilia gentilmente. — Colocou o ouvido no buraco da fechadura quando eu estava conversando com Lady Ferrensby, não foi?

Patty começou a chorar. Satisfeita, Ottilia observou a cozinheira envolver a garota em um abraço reconfortante.

— Tem ajudado muito, Patty, e eu agradeço. — Ottilia prosseguiu no mesmo tom suave. — Contudo precisa entender que, quando trai o que foi dito em segredo, sempre há consequências.

Os soluços de Patty redobraram e Ottilia decidiu que não precisava apontar mais a moral. Não poderia haver dúvida de que a inteligência da moça havia lhe dito ser, em parte, sua a culpa pela morte de Molly Tisbury. Uma lição abjeta. Deixe-a refletir sobre isso e talvez cause menos danos inadvertidos no futuro.



Ottilia não pôde deixar de se surpreender com a eficiência da Srta. Beeleigh. Chegou com Netherburn, anunciou, sem rodeios, que a Sra. Radlett estava muito angustiada com a notícia para poder vir agora, e disse que viera apenas com a intenção de ser útil.

— Agora, Lady Francis, qual é a situação aqui?

Um pouco surpresa, Ottilia, que estava no salão com Francis, fez um relato necessariamente expurgado dos acontecimentos da manhã.

A Srta. Beeleigh aceitou com calma.

— Se Patty perder o equilíbrio e Hannah muito curvada para operar, teremos que fazer a mudança por conta própria. — declarou.

— Nesse caso, a necessidade mais urgente é limpar a sala de café. — disse Ottilia. — Estão em processo de tirar o corpo de Molly agora.

Lorde Henbury tendo visto, o Dr. Meldreth sancionou sua remoção do *Blue Pig*. Não antes da hora, refletira Ottilia, pois o cadáver havia se deteriorado. O rigor estava passando, e os membros e o torso estavam começando a afundar de uma forma que contorceu a postura da pobre mulher horrivelmente. Até Uddington empalideceu um pouco ao ver a infeliz Molly. Havia chegado ao *Blue Pig* pouco tempo antes, provavelmente arrastado até lá por Tisbury e Wagstaff, que o acompanhavam, junto com dois robustos aldeões, carregando o caixão.

A Srta. Beeleigh não virou um fio de cabelo. O Sr. Netherburn foi despachado para sua casa, para buscar sua criada Alice, que deveria ser colocada para trabalhar, junto com o cavalariço do *Blue Pig,* para tornar a sala de café habitável novamente.

— Mande Alice vir, Horace, e então fique com Evelina, até que se sinta bem para se juntar a nós. Até lá, atrevo-me a dizer que talvez já tenhamos conseguido colocar o lugar de volta em uso.

Então, declarou sua intenção de tolerar a cozinheira em sua cozinha, ou fazer o café ela mesma, se necessário, e desapareceu nas regiões inferiores, na hora que o Sr. Netherburn se apressou em cumprir sua missão.

Assim que a cavalgada do caixão estava a caminho do consultório de Meldreth, onde a autópsia seria realizada, o resto do grupo, por sugestão de Francis, dirigiu-se à taberna do *Blue Pig,* do outro lado do corredor, onde Ottilia, imediatamente, entrou em conflito com o Senhor Henbury, que, aparentemente, considerou o advento de um segundo assassinato um insulto pessoal.

— Maldição! Não vou aceitar! No que este lugar está se tornando? Cadáveres espalhados pela aldeia, hein? Loucos, todos eles!

— Achei que economizaria tempo, milorde, se eu fizesse uma busca completa nas roupas de Hannah. — disse Ottilia, em uma tentativa de conter o fluxo.

Henbury a olhou feio. — Ei? Revistar a roupa da Sra. Pakefield? Quem é para bisbilhotar as roupas da mulher? Para que, diabos?

Felizmente, Meldreth escolheu interromper neste ponto. — O senhor se lembrará das facadas. O perpetrador deve ter sujado suas roupas de sangue.

— Perpetrador? Essa mulher, Pakefield, é a perpetradora. Soube imediatamente. Pilton a trancará à chave a qualquer momento.

Ottilia lançou um olhar exasperado para o marido, que se constituíra taberneiro atrás do balcão, e ocupava-se tirando canecas de cerveja do barril. Lançou seus olhos para o céu, contudo não podia oferecer outro conforto. Suspirando, Tillie tentou novamente.

— Antes de Pilton fazer sua parte, milorde, não seria político procurar evidências?

— Evidências? De que mais evidências se necessitam? Luta na rua aberta um dia, e no outro, uma das pessoas participantes está sentada no *Blue Pig* com um espeto no pescoço. Saiba quem culpar. Óbvio.

— Mesmo assim, — Ottilia prosseguiu pacientemente, — não seria bom garantir que não haja erro judiciário? Afinal, não temos evidências para apoiar a ideia de que Hannah Pakefield também matou Duggleby. A menos que o senhor ache que há dois assassinos em liberdade?

Por fim, Henbury pareceu um pouco menos seguro de si. — Dois? Meu Deus, nunca pensei nisso. — Voltou-se para o médico. — Ei, Meldreth? Não acredita que pode ser a mesma mão?

O doutor Meldreth lançou um olhar interrogativo para Ottilia que assentiu brevemente. — Parece improvável que haja mais de uma parte culpada.

— Ha! Nesse caso, é melhor Pilton revistar a casa. Provavelmente encontrará cordas e escadas e todos os tipos de coisas, bem como sangue em suas roupas. — Voltou-se para Ottilia. — Manchas de sangue! Encontrou algumas, não?

— Não. — Respondeu Ottilia, aliviada por ter chegado tão longe. — Nem é provável que Hannah pudesse ter queimado qualquer roupa manchada de sangue, pois não houve nenhum fogo aceso até uma hora ou mais atrás, e o fogão à lenha não é usado nesta estação do ano.

— Bem, vou pedir a Pilton que reviste todo o lugar, de cima a baixo.

— Exceto que o senhor já o colocou como guarda, fora dos aposentos da Sra. Pakefield — Meldreth o lembrou.

— Bem, Pilton só precisa fazer isso até que a senhoria esteja suficientemente recuperada de sua provação para continuar com seus deveres. — Ottilia sugeriu. — Certamente há um número suficiente de nós, para garantir que a Sra. Pakefield não deixe o *Blue Pig*, o senhor não acha?

Posso garantir que a senhoria não vai escapar por uma janela. É muito robusta.

Isso produziu uma gargalhada de Henbury. — Há! Bem, bem, atrevo-me a dizer que a busca pode esperar. A evidência não vai a lugar algum. Verei Pilton, e então irei a Lady Ferrensby. Melhor mantê-la informada.

Agradecendo à Providência por um adiamento tão necessário, Ottilia despediu-se do homem com o coração mais leve. Meldreth despediu-se depois de engolir a cerveja, cuidadosamente fornecida por Francis, a caminho de sua cirurgia, para começar a autópsia.

— Um momento para nós, graças a Deus. — Francis disse, sentando-se em um dos bancos de madeira, segurando sua própria caneca.

— É verdade. — Ottilia concordou, sentando-se em outro.

A taberna estava suja e escura, em comparação com a sala de café, e cheirava a fumaça rançosa e cerveja. Ottilia adivinhou que estava pouco frequentada, mesmo os poucos membros masculinos da nobreza preferindo tomar suas poções no mais animado *Cock and Bottle*. Mas o fato serviu ao propósito presente.

— E a faca, Tillie? — Francis disse abruptamente. — Molly foi esfaqueada, lembre-se.

— Bem escondida, suspeito.

Francis resmungou e ergueu uma sobrancelha para Ottilia. — Qual o próximo?

— O mensageiro. — Disse sem hesitação. — Alguém atraiu Molly para fora do *Cock.*

Francis assentiu. — Como vai descobrir quem foi é o que me derrota.

— Não tenho ideia de como. Porém, preciso descobrir, pois não consigo pensar que a vida dessa pessoa valha a pena ser comprada num momento.



# Capítulo 13

**A PRIVACIDADE DELES** provou ser momentânea, pois ao som de passos, Francis saiu para o corredor, com o intuito de evitar que alguém entrasse na sala de café. No momento seguinte, a viúva Radlett, pendurada no braço do solícito Sr. Netherburn, entrou na taberna. Parecia bem diferente do habitual e, a pedido de sua escolta, sentou-se cautelosamente em um banco, em um silêncio lúgubre.

Ottilia notou o olhar preocupado lançado sobre a viúva pelo Sr. Netherburn, ao aceitar uma caneca de cerveja de Francis, ainda bancando o taberneiro. Voltando ao banco, chamou a atenção de Ottilia e falou em voz baixa, como se estivesse na presença de um leito de doente.

— Pobre Sra. Radlett está gravemente sobrecarregada.

A viúva ergueu os olhos ao ouvir seu nome e um suspiro trêmulo lhe escapou. Sua voz era um fio.

— Terrível! É tão terrível.

Ottilia olhou para a viúva com grande surpresa, sem falar na suspeita. Sob a pintura, que havia sido aplicada, de forma um tanto esquemática, como se a mão que fez as homenagens estivesse tremendo, as feições da viúva estavam pastosas, com manchas azuis ao redor dos olhos.

Atenta, Ottilia trocou seu assento por outro ao lado da mulher e silenciosamente se apoderou de uma das mãos da viúva.

— Está um pouco pálida, minha querida Sra. Radlett. Não pode ter nutrido um carinho por Molly Tisbury, certo?

— Oh não, isso não.

Um par de olhos pálidos ergueu-se e Ottilia pensou ter lido ali mais medo do que desânimo. A mão da Sra. Radlett ficou frouxa em seu aperto e os dedos tremeram.

— Então o que é?

Os lábios da viúva tremeram em uma fala trêmula.

— É tudo tão horrível. Como a Sra. Dale poderia saber? Tão exatamente igual.

— Exatamente. — Ottilia concordou. — Exato demais, de fato.

Agora havia mais do que medo. Os olhos da Sra. Radlett se arregalaram e olhou para Ottilia como se fosse seu nêmesis, sua pior inimiga.

— O que quer dizer, Lady Francis?

Ottilia golpeara forte!

— Quero dizer que a pobre Molly foi colocada em uma cadeira na sala de café, exatamente na posição delineada por Cassie Dale e que um espeto foi enfiado em seu pescoço.

Um grito de choro escapou da viúva. Retirando sua mão, colocou as costas dela na boca. O Sr. Netherburn largou a caneca e, lançando um olhar de reprovação a Ottilia, subiu rapidamente ao banco e se ajoelhou diante dela.

— Não se perturbe, querida Evelina — disse calorosamente, agarrando-lhe a mão livre e começando a esfregá-la, com muito mais entusiasmo do que Ottilia achava necessário. — Tente não pensar nisso, querida.

— Não pensar! Oh, meu Deus, terei pesadelos por semanas!

Ottilia olhou para Francis que lhe lançou um olhar questionador, não sem um toque de reprovação. Tillie manteve o olhar neutro e as sobrancelhas dele se uniram. Na esperança de que o marido percebesse seu propósito, Ottilia perseguira a viúva com mão implacável.

— Oh, querida, Sra. Radlett, eu não tinha intenção de incomodá-la ainda mais. — Proferiu em uma nota espúria de arrependimento. — Uma maneira horrível de ser morta, é claro, mas, na verdade, Molly já não vivia.

Os gemidos ofegantes da viúva cessaram abruptamente. A Sra. Radlett e o Sr. Netherburn viraram rostos assustados para Ottilia. Antes que qualquer um pudesse dizer qualquer coisa, a Srta. Beeleigh falou da porta.

— O que, diabos, se deve fazer? — Entrou na taberna e fechou a porta, seu olhar vagando de um para o outro. — Evelina?

Olhando em volta, Ottilia notou uma expressão quase de repulsa no rosto da viúva, enquanto olhava para a amiga. Desapareceu em um segundo e Ottilia ficou se perguntando se ainda teria sido um efeito do choque deliberado de suas próprias palavras ou seria possível que a reação de Evelina tivesse sido para com a Srta. Beeleigh?

Seja o que for, a viúva se endireitou e puxou a mão do Sr. Netherburn.

— Nada para se preocupar, Alethea. Lady Francis estava nos contando como Molly morreu, e eu fiquei assustada, só isso.

Os tons suaves da voz da mulher surpreenderam Ottilia. Como se recuperou tão rapidamente? Seria algo como uma atriz, talvez?

— A sala de café está habitável de novo. — anunciou a Srta. Beeleigh, aparentemente aceitando a explicação. olhou ao redor da acomodação atual e franziu o nariz. — Não posso dizer que gostaria de sentar-me na sala de café depois do que aconteceu, mas qualquer coisa é melhor do que esta choperia fedorenta. Patty trará café em breve.

— Oh, ficarei feliz com isso. — Disse a Sra. Radlett, quase em seu tom de costume. Observando-a, Ottilia pensou que ainda havia um arrepio revelador em seu queixo e a mensagem de seus olhos não havia remendado totalmente.

O Sr. Netherburn havia se levantado e a Srta. Beeleigh notou que pegava novamente sua caneca.

— Melhor trazer isso, Horace. A menos que escolha tomar café conosco? Venha, Evelina.

Obediente às instruções de sua mentora, a Sra. Radlett se levantou, um pouco trêmula, ao olhar atordoado de Ottilia, e fez o melhor para sair da taberna, seguindo Netherburn.

Francis estava mais afastado e Ottilia percebeu seu olhar fixo. O esperou na porta e seu sussurro a pegou imediatamente.

— Não suspeita dela, não é?

Ottilia olhou para trás, murmurando:

— A viúva sabe de alguma coisa.

— Conduziu-a com dureza.

— Eu quis dizer. Uma pena que a Srta. Beeleigh escolheu aquele momento para entrar. — Olhou para Francis.

— Observou como a Sra. Radlett se recuperou rapidamente?

Francis franziu a testa.

— Acredita que estava fingindo?

— Não, o nervosismo, não. No entanto, acho que está fingindo agora.

Francis olhou para o outro lado do corredor, onde a Sra. Radlett, aparentemente, estava se recusando a abrir a porta da sala de café.

— Estou quase com medo de entrar.

A mão da Srta. Beeleigh foi imediatamente para suas costas.

— Deve se preparar, Evelina. Não podemos ser privados de nosso principal ponto de encontro ou não teremos nenhum lugar para nos socializar.

A viúva estremeceu.

— Sim, mas parece tão insensível.

— Bobagem. — disse sua mentora, empurrando-a para dentro da sala. — Não adianta ceder a sensibilidades em um momento como este.

— Estou me sentindo muito mal. — reclamou a Sra. Radlett, em uma voz que teria desmentido a declaração, se o episódio anterior não houvesse ocorrido.

— Precisamos entrar. — sussurrou Ottilia. — Algo importante pode ser dito.

Ottilia disparou, Francis atrás dela. Entraram na sala de café a tempo de ver a Srta. Beeleigh empurrando a infeliz na mesma cadeira em que a vítima estivera sentada.

— Sente-se e não pense nisso.

Ottilia se absteve de apontar a gafe, esperando que a viúva não se lembrasse da cadeira exata que Cassie Dale indicou, ao falar de sua visão. Ottilia foi abruptamente atingida pela própria lembrança. Quão preciso esse assassino fora. Não perdeu um detalhe sequer.

O Sr. Netherburn, entrando logo na frente de Ottilia, olhou-a um pouco de soslaio sem dizer nada. Ottilia estranhou isso. Brevemente, o questionou, em sua mente, se o homem teria força física para arrastar o peso morto de um corpo por toda aquela distância. Improvável, decidiu. Além disso, onde estaria seu motivo?

Trazendo uma bandeja carregada, Patty seguiu quase nos calcanhares de Francis, e Ottilia avançou para ajudar a menina a preparar os vários acessórios. A reprimenda anterior foi aparentemente esquecida, pois Patty parecia estar em sua dignidade. Em voz baixa, disposta a colocar o bule de prata e a jarra de creme, enquanto a criada servia as xícaras de café, Ottilia perguntou o que estava acontecendo.

— A mulher não tem o direito. — murmurou Patty, com um olhar de soslaio para a Srta. Beeleigh.

Ottilia não teve dificuldade em interpretar essa observação enigmática. Patty estava evidentemente irritada com o fato de uma forasteira ter tomado para si a ordem dos negócios no *Blue Pig*.

— Não adiantaria ter uma ajudinha de outra criada? Não pode fazer tudo.

— Sim, mas a Srta. Beeleigh não estava certa. — insistiu a criada. — Nem vou querer aquela Alice cabeça oca servindo café, não nesta casa, não quero.

Se Ottilia não se sentisse tão oprimida, poderia ter se divertido com mais essa evidência de ciúme entre as criadas da aldeia. A Alice da Srta. Beeleigh era mais uma contendora pelas afeições de Will no *Cock*?

A própria Srta. Beeleigh parecia não estar menos altiva, pois no momento em que Patty saiu da sala de café, abriu caminho até a mesa, expulsando Ottilia com o ombro e assumindo novamente o comando. Apenas começara a servir o café quando o vigário reapareceu.

Kinnerton parecia tenso, Ottilia pensou, observando o reverendo enquanto fazia a rodada de saudações e ouvia o desânimo expresso da Sra. Radlett. Havia um ar reprimido sobre o homem, como se lutasse para manter seu sangue frio. Tillie estava procurando uma maneira inócua de perguntar como havia se saído com Cassie Dale, quando o Sr. Netherburn a impediu, dirigindo-se ao próprio reverendo.

— Esteve com a pobre Sra. Dale? Tão trágico ter sido fundamentalmente envolvida nisso. Sente isso como indevido?

O rosto de Kinnerton ficou tenso e a reserva entrou em sua voz.

— Dificilmente se esperaria que fosse de outra forma.

— Não, de fato. — disse a viúva. — Especialmente quando a ação espelhava o que vira em cada detalhe.

Ottilia olhou para a Sra. Radlett, detectando ansiedade por trás da aparente calma.

— A Sra. Dale está muito angustiada com o resultado. — Disse o pároco com uma nota repressiva. — Assim como todos nós.

— É perfeitamente apavorante, — afirmou a viúva em tom consternado, que Ottilia considerou genuíno.

Kinnerton olhou ao redor da sala de café.

— Estou surpreso que tudo tenha sido colocado em ordem de novo tão rapidamente.

— Ah, estamos em dívida com a Srta. Beeleigh por isso. — disse Ottilia, aproveitando a oportunidade para examinar detalhadamente a senhorita, avaliar sua reação a essas referências, pois dissera pouco sobre a ocorrência real. — A Srta. Beeleigh emprestou sua própria criada para ajudar.

Os olhos amendoados da Srta. Beeleigh encontraram os de Ottilia, mas nada revelaram.

— Nada nisso. A garota tem pouco mais com o que se ocupar. Pode muito bem se tornar útil.

Antes que alguém pudesse comentar sobre isso, o vigário interveio.

— Precisa de mais ajuda? Minha governanta contratou recentemente uma nova criada para o vicariato.

O nariz da Srta. Beeleigh disparou em direção ao céu.

— Jenny Duggleby? Estou surpresa com o senhor, Vigário. Esqueceu-se que o pai da menina foi assassinado também?

Por acaso, Ottilia percebeu outra mudança estranha no rosto da Sra. Radlett. Isso apareceu por apenas um breve momento, enquanto olhava para a amiga, como se tivesse sido atingida por um pensamento desconcertante. Ocorreu a Ottilia que essa demonstração de simpatia, por uma simples criada, não combinava com o que havia julgado anteriormente sobre o

caráter da Srta. Beeleigh. Havia alguma razão oculta pela qual não desejava que a garota Duggleby entrasse no *Blue Pig*?

Intrigada, Ottilia voltou os olhos para a viúva Radlett e não encontrou nenhum traço no olhar. Já havia percebido que a viúva era adepta da ocultação. Mas qual era a verdadeira Radlett? Será que sua atitude nervosa era uma espécie de veneziana a ocultar-lhe o rosto e as emoções?

Kinnerton enrubesceu sombriamente.

— A senhorita está certa. Não pensei. Não é desejável empurrá-la para memórias que só podem ser dolorosas.

As simpatias dela despertaram por seu evidente constrangimento, Ottilia sorriu para o reverendo.

— É bom que nenhuma outra criada chegue ao *Blue Pig*, pois temo que o nariz de Patty já esteja fora do lugar.

Um bufo veio da Srta. Beeleigh.

— Garota estúpida. Deveria ser grata.

— Patty suportou muito hoje. — disse Ottilia, desculpando-se.

— Preferia vê-la pretensiosa, do que curvada sob os golpes do destino.

Um olhar de gratidão veio do vigário.

— De fato. Devo ir, pois prometi a Tisbury estar presente na autópsia, para garantir que a alma de sua esposa tenha uma saída segura deste mundo.

Uma breve reverência e Kinnerton se foi, deixando um silêncio deprimente atrás de si.

Ottilia bebeu seu café, mantendo um olhar disfarçado sobre os três visitantes, até sentir os olhos de seu marido sobre si e olhar para Francis.

Estava a observando com um olhar questionador, como se esperasse pela direção que escolheu tomar. Se Tillie mesma soubesse!

Não podia esquecer prontamente a proeminência desse trio na sala de café, no dia fatal, apesar de saber que a própria Patty havia relatado o assunto em outro lugar.

Tillie se assustou quando o Sr. Netherburn invadiu a atmosfera silenciosa.

— A senhora disse que Molly já estava morta quando foi colocada nesta sala, Lady Francis. Quer dizer que não foi morta aqui?

A reação a isso não poderia ter sido mais surpreendente. A Srta. Beeleigh, que, por acaso, estava tomando um gole de café naquele momento, quase engasgou e teve um acesso de tosse. A viúva Radlett gritou, gesticulando à frente, em um gesto que quase derrubou sua xícara.

O olhar do Sr. Netherburn voou de uma para a outra, sua boca frouxa e tremendo um pouco.

— Oh, querida, não tive a intenção de assustá-la. Mas... mas não foi isso que a senhora quis dizer, Lady Francis?

Ottilia trocou um olhar com o marido, que parecia decididamente ansioso. Assentiu com a cabeça.

— Sim, é exatamente o que quis dizer. — Olhou para a Srta. Beeleigh com interesse. Foi a primeira vez que a viu ficar desconcertada. — Está totalmente recuperada, senhorita?

A outra acenou com a cabeça, colocando um lenço de bolso nos olhos. Sua voz estava um pouco rouca.

— Me deu uma virada desagradável, Horace. O que lhe deu, para sair com isso, diante de Evelina? Já é ruim o suficiente, a pobre querida ter sido

derrubada pela coisa toda.

Ottilia agarrou-se a isso.

— No entanto a senhorita parecia ter aceitado com calma.

A Srta. Beeleigh encolheu os ombros.

— Sou um espírito resistente, mas devo admitir que fiquei consideravelmente chocada. Devo acrescentar que estou aliviada por ter sido poupada de uma visão particularmente horrível.

— Sim, foi decididamente horrível. — disse Francis, com um brilho nos olhos, ao lançar um olhar rápido para Ottilia.

Tillie entendeu imediatamente.

— Onde conseguiu suas informações sobre a cena, Srta. Beeleigh?

O semblante da mulher assumiu a aparência habitual de superioridade.

— Do jeito que qualquer um faz nesta aldeia. Não se consegue colocar o nariz do lado de fora de sua própria porta e toda a população está ciente, disso em poucos instantes. Todo mundo está falando sobre isso. — Fungou. — Achei que estavam exagerando, é claro, contudo não parece ser o caso.

Ottilia lembrou-se dos retardatários no gramado, quando procurava com Francis por marcas reveladoras, uma atividade que, obviamente, não fora revelada à Srta. Beeleigh, já que o fato da mulher ter sido morta em outro lugar foi uma grande surpresa.

O Sr. Netherburn estava olhando para a viúva, com certo grau de desculpas no rosto.

— Eu não tive intenção de incomodá-la, querida senhora. Deve perdoar minha língua indisciplinada.

— Não, não. — A Sra. Radlett acenou com a mão vaga. — Um lembrete infeliz, só isso.— Seus olhos preocupados se voltaram para Ottilia. — Suponho que a senhora só quis dizer que a pobre mulher foi morta de outra maneira, não em outro lugar. De certa forma, não entendo. Pensei que tinha sido exatamente como Cassie Dale disse.

— Sim, era exatamente isso que a senhora deveria pensar. — disse Ottilia despreocupadamente. — O que todos nós deveríamos pensar.

— Mas não foi assim?

— Longe disso. O caso é que Molly foi atraída para fora de sua casa por uma mensagem. Foi morta no gramado.

— Oh não. — O sussurro veio através dos lábios pálidos, o semblante da viúva ainda mais espantado. — Enganada! Enganada e traída.

— Sim. — Ottilia não mediu as palavras, ciente de que Francis olhava para os três tão atentamente quanto a esposa.

— O corpo dela foi arrastado para fora de vista por trás do *Blue Pig.*

O Sr. Netherburn, parecendo tão horrorizado quanto a viúva, aventurou-se a completar o quadro.

— E então trazido aqui, para se parecer com a visão da Sra. Dale.

— Só então.

Ottilia não resistiu a um olhar para a Srta. Beeleigh, que não falara durante todo o recital. Havia uma expressão enojada em seu rosto e seus olhos se estreitaram quando viu o olhar de Ottilia.

— Vergonhoso. Não consigo imaginar quem faria uma coisa dessas.

— Mas por quê? — exclamou a Sra. Radlett.

— Não entendo. O que Molly fez? Absolutamente nada! — disse Ottilia. — Essa é a tragédia. A pobre criatura era apenas um *"bode expiatório"*, usada para colocar a culpa na Sra. Dale.

— Horrível! Oh, tão horrível!

O aborrecimento da Sra. Radlett foi, mais uma vez, extraordinariamente vívido e as suspeitas de Ottilia renasceram. Como se quisesse sublinhá-los, a Srta. Beeleigh se levantou.

— Vou lhe pegar um gole de conhaque, Evelina.

Francis levantou-se rapidamente.

— Posso fazer isso, Srta. Beeleigh.

— Fique onde está, homem. — respondeu a mulher, quase num piscar de olhos. — Acha que sou incapaz de encontrar o caminho para a taberna?

Com essa nota, saiu da sala, deixando Francis erguendo as sobrancelhas para sua esposa. Ottilia encontrou o olhar, mas não perdeu tempo em aproveitar a ausência da Srta. Beeleigh.

— Perdoe-me, senhora, mas parece muito desanimada. Que parte deste triste acontecimento a aborrece tanto?

O rosto pálido da viúva estava coberto por um brilho de cor tênue.

— É muito chocante.

— Sim, é. — Ottilia esperou, pois essa não era uma resposta real. Os lábios da Sra. Radlett tremeram e se separaram, seus olhos disparando, de um lado para o outro. Ottilia tentou uma nota encorajadora.

— Há algo que deseja me perguntar, senhora?

Seu olhar parou, encontrando o de Ottilia. Mesmo assim, hesitou e Ottilia deu-lhe um sorriso caloroso.

— Diga, senhora. Ficará melhor se tirar isso de seu peito.

Um pequeno suspiro assustado escapou dos lábios.

— É... Já se sabe quem levou a mensagem?

— Para Molly, quer dizer?

A viúva deu um pequeno aceno de cabeça.

— Disse que tinha uma mensagem.

— Foi o que Tisbury disse, mas não sabe quem a trouxe.

O rosto da viúva ficou tenso e falou com firmeza, suas palavras apenas audíveis.

— Deve-se descobrir!

— Concordo plenamente. — Ottilia olhou para o rosto pálido e o olhar de medo nos olhos da mulher. Arriscou a pergunta:

— A senhora tem alguma suspeita de quem poderia ter sido?

Um tom de rosa entrou nas bochechas pálidas da Sra. Radlett e seu olhar se arregalou.

—EU? Não, de fato. Como devo saber tal coisa? Não tenho nenhuma noção.

Aquilo foi dito com entusiasmo, acompanhado por uma expressão de consternação, que desmentia a declaração. Era uma suspeita muito valiosa; Ottilia juraria sobre o fato. De qualquer maneira, claramente, havia pouca esperança de fazer com que a viúva revelasse tanto.

Então Netherburn escolheu, mais uma vez, defender a criatura, um rubor de cor avermelhada inflamando suas feições, normalmente urbanas.

— Como a Sra. Radlett poderia saber? Eu declaro, Lady Francis, que lhe tenho pena!

Antes que Ottilia pudesse responder, seu marido interrompeu, com aquele tom familiar em sua voz, ao se eriçar em defesa de Ottilia.

— Minha esposa está investigando um assassinato, Netherburn. Dois assassinatos, na verdade. Nenhuma possibilidade pode ser negligenciada.

Horace Netherburn se levantou e o encarou, projetando uma mandíbula.

— Ouso dizer, Lorde Francis. Mas insinuar que a Sra. Radlett teve algo a ver com este caso!

— Será que insinuei? — disse Ottilia suavemente.

Netherburn hesitou um pouco, lembrando-a irresistivelmente de Lorde Henbury. Por fim, suspirou derrotado.

— Não com tantas palavras, garanto.

— Não importa, Horace. — Proferiu a viúva, em um tom mais forte, revelando, instantaneamente, a relação mais calorosa que, claramente, existia entre eles.

— É normal que se pergunte se vi tal coisa. — Seus olhos voltaram-se para Ottilia, mostrando uma retomada do controle.

— Eu gostaria de poder ajudá-la. Todavia não sei de nada, absolutamente nada.

Ottilia sorriu amigavelmente e pegou a cafeteira.

— Posso colocar um pouco mais em sua xícara, Sra. Radlett? O café tem um efeito calmante, não acha?

A viúva pareceu um pouco desconcertada com a mudança de assunto, mas aceitou a oferta e, por vários momentos, houve silêncio, enquanto a Sra. Radlett e o Sr. Netherburn, tomando uma xícara de café para substituir sua caneca vazia, se refugiavam na oportunidade de divergir do tema urgente que ocupava todas as mentes.



NETHERBURN AINDA ESTAVA de pé e Ottilia se divertiu ao ver a tentativa do senhor idoso de superar seu evidente desconforto, com o pretexto de observar a aldeia pela janela.

— Qual é o problema, Evelina?

Assustada, Ottilia virou a cabeça, para descobrir a Srta. Beeleigh parada na porta, um copo na mão e uma carranca dirigida à amiga. A mulher avançou em direção à viúva.

Com o canto do olho, Ottilia se surpreendeu ao ver a Sra. Radlett se encolhendo, o medo nos olhos. Quando Ottilia conseguiu olhá-la completamente, nada havia em seu comportamento que indicasse que isso tivesse acontecido.

— Não é nada, Alethea. — Disse, bem em sua maneira usual. Seus olhos se voltaram para o copo.

— Isso é conhaque? Oh, obrigada, mas o café ajudou muito a me acalmar.

Ottilia foi forçada a concluir ou que se enganara ou que Mrs. Radlett era melhor atriz do que supunha. Estava com um pouco de medo da amiga? Ou tinha muito mais a esconder do que Ottilia pensava? Nesse momento,

ter Evelina Radlett no papel de assassina não parecia tão rebuscada quanto Lady Ferrensby havia interpretado.

— Bom! Que diabos devo fazer?

A exclamação do Sr. Netherburn, pronunciada com sotaques mais fortes do que Ottilia já o ouvira usar, chamou a atenção de todos à volta.

— O que foi, Horace?

O senhor idoso estava olhando pela janela. Virou-se para a Srta. Beeleigh e fez um gesto em direção ao gramado.

— Saindo do *Cock*, vê? Metade da aldeia, imagine. — Olhou para fora novamente e baixou a cabeça para o lado, como se quisesse ver melhor. — Acho que estão indo para a ponte.

Ottilia olhou para Francis e viu que o mesmo pensamento também lhe ocorrera. Falaram ao mesmo tempo.

— Cassie Dale!

Francis foi rapidamente até a janela, para se juntar a Netherburn.

— Sim, estão indo para a cabana.

Para o alívio imediato de Ottilia, o marido assumiu o comando imediatamente, voltando-se para encarar a sala novamente.

— Senhoras, fiquem aqui. Netherburn, vá ao vicariato e traga o Sr. Kinnerton imediatamente.

— Experimente ir primeiro à cirurgia do doutor Meldreth. — Interrompeu Ottilia. — O reverendo iria estar presente na autópsia.

O Sr. Netherburn já estava na porta, quando se conteve um momento para lançar um apelo a Francis.

— Por favor, apresse-se milorde! Se o mal viesse para aquela pobre jovem...

— Confie em mim, nada vai acontecer com a Sra. Dale. — Era a voz do soldado, e Ottilia emocionou-se ao ouvir o marido no comando total.

— Vou levar Pilton e meu cocheiro como reforços. Agora vá, homem!

Empurrou Netherburn para fora da sala e parou na soleira, olhando para Ottilia.

— Tillie, encontre Ryde para mim! Vou buscar Pilton, pois irei subir para pegar minha pistola.

Ottilia estava em seus calcanhares e passou pela porta, quando a voz da Srta. Beeleigh a alcançou e Francis subia as escadas de dois em dois degraus.

— Lorde Fanshawe!

Francis parou no patamar, olhando para trás, com uma carranca impaciente.

— Eu tenho um mosquete. Devo ir buscá-lo?

— Não há tempo. — Retrucou, mais uma vez em movimento.

Desapareceu de vista e Ottilia correu pela porta dos fundos, para a área doméstica. Encontrou a Srta. Beeleigh imediatamente atrás dela.

— Posso estar em casa e voltar em cinco minutos.

— Deixe isso para os homens. — disse Ottilia sem pensar, concentrada em sua missão.

— Até conseguir carregar um mosquete, tudo estará acabado.

— Tão facilmente? É muito otimista, Lady Francis. Presumo que Tisbury sofre muito. Não ficará satisfeito facilmente.

Ottilia parou na porta da cozinha e se virou.

— Minha querida Srta. Beeleigh, se  tem a intenção de entrar na briga, faça-o por todos os meios. Mas, por enquanto, oro para que me deixe sozinha, para fazer a minha parte.

Com isso, passou pela porta, fechando-a na cara de Alethea. O pessoal doméstico, composto pela cozinheira, Patty, Alice e o cavalariço, estava reunido em torno da mesa da cozinha, bebendo algo, sem dúvida, muito necessário. Todos os quatro ficaram boquiabertos com a intrusa.

— Onde posso encontrar o Sr. Ryde, por favor? O cocheiro do meu marido? — Ottilia olhou para o rapaz do estábulo.

— Viu-o ultimamente?

— Está lá fora. — disse o rapazinho.

— Vá e lhe diga para vir ao seu patrão, no corredor, imediatamente.

Esta última palavra, pronunciada com toda a autoridade ao comando de Ottilia, teve o efeito de enviar o menino correndo para a porta dos fundos.

Satisfeita, Ottilia olhou para as três mulheres.

— Há coisas ruins acontecendo no gramado. Rezo para que todos permaneçam aqui, onde estarão seguros.

Deixou-as com a palavra, suspeitando que sairiam no momento em que virasse as costas. Chegou ao corredor, a tempo de ver Francis prestes a deixar o local, com Pilton a reboque, armado com seus ajudantes.

— Envie Ryde atrás de mim, assim que possível.

O coração de Ottilia deu um salto ao ver a pesada pistola em sua mão.

— Reze para não atirar em ninguém, Fan.

— Não é minha intenção. Entretanto seremos poucos contra muitos, e preciso de um meio de dissuasão.

— Está carregada?

— Não seja absurda! Qual é a utilidade de uma pistola descarregada? — Ottilia não teve chance de responder a isso, pois a porta dos fundos se abriu atrás dela e Ryde entrou.

— Na hora certa! — Francis o saudou e saiu pela porta da frente, dando um aceno de despedida ao sair.

— Fique aqui, Tillie!

Ottilia o observou partir, seu coração batendo forte no peito. Seu marido poderia estar em algum perigo real? Quantos estavam na multidão? O que aconteceria se todos se tornassem violentos com aqueles que procuravam impedi-los de seguir seu caminho? Francis só conseguiria acertar um tiro antes que o dominassem. Não teria tempo para recarregar.

Por vários minutos de parar o coração, Ottilia ficou paralisada, o arrependimento fervilhando dentro dela. Por que insistira em vir aqui? Se perdesse Francis, como poderia viver consigo mesma? Castigou-se amargamente por seu egoísmo. Nunca havia passado por sua mente que poderia estar enviando seu amado para o perigo. Era um pouco melhor do que o assassino que procurava.

O tom brusco da Srta. Beeleigh interrompeu seus pensamentos caóticos.

— É melhor vir e ver isso, milady.

Ottilia virou a cabeça.

— Ver o que?

A Srta. Beeleigh, que estava parada na porta da sala de café, apontou com o polegar por cima do ombro.

Apressando-se pelo corredor, Ottilia sentiu-se profundamente aliviada por ter sofrido uma interrupção. Enquanto lutava para se livrar do pânico a que não estava acostumada, percebeu, tardiamente, que a Srta. Beeleigh havia optado, afinal, por não se juntar ao elemento masculino. Alguma vez realmente pretendeu isso, ou foi mera bravata?

Não houve tempo para decidir, pois quando entrou na sala de café e olhou pela janela, em obediência ao gesto abrangente da Srta. Beeleigh, foi obrigada a enfrentar todo o horror da situação.

— Oh, céus, estão armando uma estaca!



# Capítulo 14

**Apesar da injunção** de seu marido, Ottilia não perdeu tempo em pesar a conveniência de permanecer no *Blue Pig*. Sua mente ressentindo-se do choque, avançou pelo corredor novamente e abriu a pesada porta da frente.

Nunca lhe passara pela cabeça que os aldeões realmente iriam até esse ponto. Haviam perdido o juízo? Seu medo por Francis voltou dez vezes, mas seus pés correram pelas pedras, em sintonia com o ritmo crescente de sua pulsação. Esforçando-se para ver através da vegetação, seu olhar rápido avistou dois homens um pouco longe do *Cock,* estavam na estrada.

Um segurava um mastro cravado no chão, enquanto outro, empoleirado instavelmente em uma cadeira, batia no topo com um malho. Saindo de trás da taberna, um bando de meninos corria, carregando braçadas de feixes de lenha.

Ottilia percebeu que a Srta. Beeleigh ofegava atrás dela e desperdiçava um fôlego precioso em imprecações inúteis.

— Imbecis! Quem é aquele idiota batendo no poste? Não consigo ver. É Will?

O taberneiro? Ottilia conhecia pouco o homem, exceto na qualidade de namorado disputado pelas criadas. Pouco importava. Só uma coisa estava em sua mente. Interromper esses procedimentos, antes que o governo da turba tornasse impossível evitar um hediondo aborto da justiça.

Ao se aproximar do pequeno grupo, Ottilia viu que vários dos envolvidos haviam parado de trabalhar, para vê-la se aproximar. O que lhe deu uma esperança desesperada de que ainda não estivessem totalmente entregues à perda da razão.

Tillie estremeceu até parar, uma mão em seu estômago, enquanto lutava para respirar. Não perdeu de vista seu próprio bom senso. Inútil repreendê-los.

— Quem...está no comando ... aqui?

Entreolharam-se, mas foram impedidos de responder pela Srta. Beeleigh, que escolheu fazer exatamente o que Ottilia estava tentando evitar.

— Ficaram loucos? Will, sujeito tolo, o que, diabos, pensa que está fazendo?

Estava se dirigindo ao homem de posse da marreta, e o tom irado serviu apenas para deixar o sujeito mais irado.

— Queimando a bruxa, estaremos. Antes que mate outra pessoa.

— Essa é a ordem de Tisbury? — Continuou a Srta. Beeleigh, caminhando até à estaca e segurando-a. — Há alguma desculpa para o homem desgraçado, mas quanto ao resto...

A Srta. Beeleigh não foi mais longe, pois um furioso Will saltou da cadeira e a empurrou violentamente.

— Fique longe, Srta. Beeleigh!

Ottilia disparou para a frente e agarrou-o pelo braço, falando com toda a calma que conseguiu reunir.

— É quem está no comando?

O taberneiro se virou para Ottilia que notou os olhos avermelhados e as bochechas coradas, que indicavam que o homem estava encharcado de álcool. Não tão longe, que seu orgulho não pudesse ser provocado.

— Sim. O patrão me deu como ofício fazer a preparação para queimar a bruxa.

Ottilia segurou firmemente o braço do sujeito, ignorando os juramentos murmurados que emanavam da Srta. Beeleigh, que estava próxima, se recuperando de uma queda.

— Entende, Will, que o que está fazendo é contra a lei? É assassinato, pode ser enforcado por isso.

Esta foi uma observação infeliz, pois as narinas do taberneiro dilataram-se e o jovem se afastou.

— Assassinato, sim. A bruxa não cometeu assassinato? Primeiro Duggleby e agora a patroa. Se Pilton não a prendeu, cabe a nós dar cabo dela para sempre.

— Estão todos loucos. — Retrucou a Srta. Beeleigh. — Veja aqui, Will.

— Deixe, por favor. — disse Ottilia tão bruscamente que a outra mulher se assustou o suficiente para desistir. Tillie se voltou para Will.

— Não terá permissão para fazer isso. Tisbury e sua turba não vão chegar até a Sra. Dale. — Apontou em direção à ponte, onde uma dúzia ou mais pessoas estavam reunidas em um nó imóvel. — Já estão parados, entendeu?

Por um breve momento, enquanto todas as cabeças se voltavam para a ponte, Ottilia ousou ter esperanças de um desfecho favorável. E então a Srta. Beeleigh arruinou tudo.

— Ha! Vejam, seus valentões covardes? Acharam que poderiam atropelar todo mundo? Tolos! Homens loucos! Como ousam? Como ousam se comportar assim?

Com o coração apertado, Ottilia viu o frenesi retornar aos olhos do taberneiro. Ignorando as duas mulheres, pulou na cadeira novamente, chamando os meninos que vagabundeavam por ali.

— Tragam os gravetos! Segure a estaca, Dick, enquanto eu bato mais.

A Srta. Beeleigh, com o rosto vermelho e carrancudo, aproximou-se de Ottilia.

— Não adianta! É melhor a senhora ir embora.

De maneira nenhuma, mas Ottilia não perdeu o fôlego dizendo isso. Deve haver ajuda à mão, se alguém pudesse apenas apoiar-se na pessoa certa.

Pensando furiosamente, olhou além do grupo imediato, que havia retomado seus trabalhos, os meninos agora começando a colocar gravetos ao redor da base da estaca, enquanto Will martelava descontroladamente com seu martelo.

Vendo alguns retardatários parados na estrada, aparentemente sem participar da ação, Ottilia os observou e reconheceu Bessy, a criada do

*Cock*. Correu até a jovem.

— Bessy! Onde está o Sr. Wagstaff?

A garota parecia animada e assustada.

-— Na casa do médico, milady. Disse que ia cuidar da patroa sendo cortada.

Ottilia se virou, procurando a Srta. Beeleigh. Estava parada, observando a ação, com as mãos nos quadris, sem fazer mais nenhuma tentativa de intervir.

— Srta. Beeleigh!

Sua cabeça se virou e caminhou, como se não houvesse nada de desagradável ocorrendo.

— O que foi, Lady Francis?

— Por favor, vá até a casa de Meldreth e encontre Wagstaff. — As sobrancelhas da mulher se ergueram.

— O que poderá fazer?

— Não vai permitir isso. Traga-o, por favor.

A Srta. Beeleigh encolheu os ombros e começou a se afastar.

— Se assim desejar.

— E rápido, eu lhe peço!

Assim induzida, a mulher acelerou o passo. Enquanto isso, Ottilia, ao se virar para vê-la partir, viu o vigário na estrada, na outra extremidade do gramado, descendo na direção da ponte. Trotando bravamente, um pouco atrás, veio o Sr. Netherburn. Ottilia sentiu-se tentada a chamá-lo para ajudá-la ali, mas não ousou impedir que qualquer ajuda chegasse à ponte onde, de longe, estava a maior parte do problema.

O estrondo de vozes aumentava e Ottilia imaginou que precisariam de toda a ajuda que pudessem obter. Olhou em volta, não viu Francis, nem seus acólitos. Um ou dois membros da multidão pareciam ter conseguido passar, mas enquanto seus olhos procuravam freneticamente em direção à cabana de Cassie, viu a forma corpulenta do servo da Sra. Dale, Sam Hawes, plantado bem em frente à porta da frente, esperando pela multidão.

Soltando um leve suspiro de esperança, olhou ao redor novamente, em busca de socorro no final do processo e pensou de repente no Sr. Uddington.

Virando-se, olhou para o estabelecimento e o viu parado do lado de fora da porta da loja, observando. Uma onda de raiva a percorreu. Não pretendia fazer nada para evitar essa hediondez? Ergueu a voz e acenou.

— Sr. Uddington! Sr. Uddington!

Se a ouviu, não fez nenhum sinal, apenas continuou de pé, o olhar fixo na pilha crescente de gravetos em volta da estaca improvisada. Ottilia correu um pouco em sua direção e tentou novamente.

— Sr. Uddington, o senhor não vai me ajudar?

Sua cabeça se virou e a luz do sol refletiu em seus óculos. Não ergueu a voz ou a mão para reconhecê-la. Um medo terrível percorreu Ottilia. Leu errado? Afinal, era Uddington? Era isso que pretendia o tempo todo?

Começou a se sentir desesperada. Não havia ninguém aqui com humanidade suficiente para parar esta loucura? Que assim fosse. Iria se virar sozinha.

Virando-se, cruzou de volta para a estaca. Ao fazer isso, uma voz de repente gritou atrás dela.

— Tome cuidado! Estão atrás da senhora! Corra, milady!

Tillie reconheceu os tons estridentes da criada Bessy e parou, olhando ao redor com cautela. Não podia ver o taberneiro, mas o resto do grupo estava parado perto da estaca, observando-a. Tarde demais, os cabelos de seu pescoço se arrepiaram e sabia que alguém estava atrás de si.

Antes que pudesse se virar, um aperto doloroso agarrou seus braços. Sem pensar, Ottilia lutou.

— Me solta! Como ousa me tocar? Me solta!

— Está em aliança com a bruxa. — rosnou uma voz em seu ouvido. — Tisbury disse.

O horror entorpecente entrou no peito de Ottilia quando reconheceu os tons enlouquecidos de Will, o taberneiro. A estava empurrando para a estaca.

— Amarre-a!

Uma curiosa sensação de irrealidade envolveu os sentidos de Ottilia. Isso não poderia estar acontecendo. Em algum lugar bem no fundo estava ciente da presença do terror absoluto. No entanto, o entorpecimento presente tornava possível superá-lo.

Não  resistiu mais e ficou vagamente surpresa com o tom firme de sua voz, que soou para seus próprios ouvidos distorcida e fora da verdade.

— Não pode querer fazer isso. Não sabe quem eu sou?

— Cúmplice da bruxa, é isso que é. — foi a resposta rude.— Ordenei que a amarrassem.

Isso para a pequena reunião à frente deles. Na periferia de sua mente, Ottilia sabia que os outros estavam hesitantes e uma tênue esperança cresceu.

— Não façam isso. — Tillie proferiu no mesmo tom estranho de calma espúria. — Will não é o mesmo. Não foi o que quis dizer.

Tillie sentiu o resultado pendurado na balança pelo espaço de vários segundos. E então o bando de meninos se agrupou em volta dela. Muitas mãos a agarraram, murmurando e cantando.

— Queimar a bruxa! Queimar a bruxa!

Ottilia sentiu-se como que sonhando. Como se estivessem jogando um jogo macabro, os meninos a arrastaram por meio de gravetos deslocados às pressas até o mastro. Teve a sensação mais estranha de assistir eventos se desenrolando de fora de si mesma e se sentiu impotente para resistir. Antes que soubesse o que tinha acontecido, suas costas estavam contra o mastro, suas mãos esticadas para trás, e podia sentir o aperto cruel das cordas em seus pulsos.

Seus pensamentos refletiram a sensação de flutuar, como se o mundo tivesse desacelerado ao seu redor.

*Como chegou a isso?* Francis ficaria tão zangado. Não lhe dissera para ficar no *Blue Pig*? Teria feito melhor em obedecê-lo. Como se explicaria satisfatoriamente?

E então sentiu o cheiro de queimado. Com admiração, olhou para ver se realmente a tinham incendiado. Seu olhar lançou-se vagamente ao redor e, de repente, Tillie o viu.

Will, o taberneiro, vinha da direção do *Cock and Bottle*, um archote flamejante erguido em sua mão.

A realidade varreu Ottilia em uma onda, e o nome gravado em seu coração saiu gritado de seus lábios.

A princípio, o grito não penetrou seu significado na cabeça do destinatário pretendido. Com a pistola firme na mão, Francis ficou no centro da multidão, Pilton ao lado, Ryde do outro. Estava cara a cara com Tisbury, que estava flanqueado pelo fazendeiro Staxton e outros, cuja identidade Francis desconhecia.

Até agora, a barreira tinha resistido, reforçada pela equipe de Pilton e pela eliminação rude e com as mãos nuas de Ryde daqueles que se aventuraram a tentar uma passagem. Pelo menos dois haviam sido contabilizados e estavam deitados na estrada cuidando de cabeças quebradas. Outro estava se esfriando no riacho, Ryde o empurrou para o lado da ponte. Haviam perdido apenas dois, que passaram despercebidos, enquanto os defensores estavam ocupados, e Francis contava com Sam Hawes para cuidar deles.

Havia tentado palavras suaves, mas de nada valeram com Tisbury, cuja dor, dominada pela cerveja, não conhecia limites. Muito de seu sucesso em manter os homens sob controle, Francis atribuiu às poções que claramente estavam absorvendo por algumas horas.

— Francis!

Desta vez seu marido ouviu. Sua visão era restrita, embora já houvesse notado a atividade perto do *Cock,* sem perceber totalmente seu presságio.

Olhou para o lado e, por um ou dois segundos, sua mente o enganou. Como poderiam ter a bruxa amarrada lá, quando Cassie Dale estava em segurança em sua cabana?

— Francis!

Desta vez, a realidade o acertou com a força de uma bala de sua própria arma.

— Tillie! Eles tem Tillie!

A cena que havia captado, agora, escassamente, se imprimia em sua visão interior. Podia ver a estaca, a mulher amarrada nela e o homem com a tocha acesa se aproximando.

O puro instinto anulou todos os vestígios de horror estridente, dando lugar a uma raiva como nunca havia sentido antes, mortal e fria.

Sem pensar ou sentir, engatilhou sua arma e se moveu, e o cano de sua pistola se posicionou bem no centro da testa de Tisbury.

— Saia do meu caminho.

Por um instante, o terror de Tisbury se refletiu em seus olhos. Então recuou rapidamente, tropeçando nos homens atrás.

Na calma espúria de um controle sobreposto, Francis viu todos os olhos apontados para a arma. Não prestou mais atenção, apenas abriu caminho através da multidão, enquanto se separavam, às pressas, diante dele.

Ao chegar ao outro lado da ponte, viu Kinnerton chegando e deu-lhe um breve aceno de cabeça. Então acelerou, seus calcanhares voando sobre a grama, um único alvo em seu olho, crescendo conforme se aproximava.

Tillie. Sua Tillie, acorrentada como uma criminosa.

Estava quieta agora, e Francis sabia que o esperava, confiando em sua força. Desejou que suas pernas corressem mais rápido, instintivamente segurando sua arma no alto e inclinada em direção ao céu.

A poucos metros da área, apertou o gatilho e a explosão se propagou no ar.

Seu efeito foi instantâneo. A cena inteira se acalmou e Francis percebeu como se fosse uma pintura na parede.

Lá estava Tillie, amarrada a uma estaca, cercada por um grupo de jovens e meninos. De um lado estava Will, o taberneiro, de cuja mão o lojista Uddington lutava, arrancando-lhe a tocha em chamas. Um pouco atrás veio um círculo de pessoas; Meldreth correndo, Wagstaff mancando e a Srta. Beeleigh na retaguarda.

Ao chegar à dramática e vívida cena, Francis guardou a pistola ao ouvir a voz estrondosa do médico:

— Seus vilões! O que pretendiam fazer?

Francis não tinha palavras. Pegou um galho robusto dos gravetos, e partiu para qualquer um ao alcance, empunhando esta nova arma com excelente efeito, batendo indiscriminadamente ao redor da estaca na cabeça, nas costas e nas pernas, enquanto suas vítimas lutavam, ganindo, correndo para fora de alcance da pancadaria.

À medida que o círculo se alargava, se deu conta de Ryde, igualmente armado, abrindo grandes claros na multidão por conta própria. Sem olhar, gritou.

— Alivie-me aqui, Meldreth!

— Com o maior prazer! — Retrucou o médico.

Francis ficou apenas para ver o homem pegar uma arma útil por conta própria e assumir o trabalho, fazendo com que aqueles que ainda não estavam curando hematomas recuassem apressados.

Jogando fora o galho que servira de arma, Francis foi até Ottilia, encontrou a Srta. Beeleigh já atrás dela, tentado desatar-lhe os nós em seus pulsos.

Seu coração se apertou, quando olhou para as feições pálidas de Tillie e viu espaços de escuridão em seu olhar, normalmente claro.

— Estou aqui, minha querida. — disse rapidamente e deslizou para trás.

A Srta. Beeleigh cedeu quando os dedos dele foram diretamente para os nós. Amaldiçoando, olhou para Ryde.

— Seu canivete, homem. Rápido!

Sem tirar os olhos do círculo de observação, o cocheiro mergulhou a mão nas reentrâncias de suas roupas. Arremessando o instrumento, dançou de volta para a borda do círculo de vilões, convidando qualquer um que quisesse vir e provar de sua medicina.

Nenhum deles aceitou a oferta, e Francis deu um sorriso severo para o humor negro de Ryde, enquanto cortava as cordas que prendiam Tillie.

Liberta, seus joelhos cederam, mas Francis instantaneamente a pegou e a ergueu do chão.

— Graças a Deus! — Sussurrou e afundou em seu aperto. Francis a carregou em direção ao *Blue Pig*, a raiva desenfreada agora rugindo em seu peito.

Ottilia sorveu o líquido no copo colocado, sem cerimônia, em suas mãos, pelo marido irado. A sensação de frio glacial que penetrou em seus membros começou a se dissipar, porém o tremor em seus dedos ameaçava derrubar o copo a qualquer momento.

Com cuidado, o colocou sobre a mesa de centro, desconfortavelmente ciente das vozes altas no corredor, além da porta fechada. Do outro lado da mesa, percebeu o olhar ansioso da Sra. Radlett.

— Está melhor, Lady Francis?

Os lábios de Ottilia ficaram rígidos, enquanto tentava uma resposta.

— Ainda não sei.

Os olhos da viúva pousaram no copo.

— É melhor beber tudo. Eu não me importaria se Lorde Francis me culpasse se não o fizesse.

Uma leve risada escapou de Ottilia.

— Francis sabe a quem culpar.

O olhar da Sra. Radlett se ampliou.

— Oh não, estou persuadida. Se ao menos a senhora tivesse visto o rosto dele enquanto a carregava para cá, Lady Francis. Temeu por sua vida, a senhora sabe.

Ottilia inspirou profundamente. Francis ainda não havia demonstrado seu desagrado por haver se exposto como o fizera, mas sua brusquidão a alertou que esperasse algum tipo de reprimenda. Neste momento era capaz de pensar com um pouco mais de coerência e podia entender por que faria isso. Porém, um leve toque de rebelião permanecia.

— Não acredito que minha vida corresse perigo real. Teriam parado. Não acha que teriam parado?

Para sua consternação, a viúva balançou a cabeça lentamente.

— Gostaria de poder pensar assim. Porém não é possível.

Um pouco desconcertada, Ottilia pegou novamente no copo. Ficou infantilmente satisfeita, ao notar que o tremor havia diminuído. Mais alguns goles de conhaque serviram para clarear um pouco sua cabeça e seu olhar vagou para a janela.

Um pequeno estremecimento a sacudiu ao ver a multidão ainda se aglomerando no lugar de onde havia sido resgatada recentemente. Tinha crescido em número e não era difícil descobrir o motivo.

— Abandonaram a ponte.

A Sra. Radlett meneou a cabeça com fervor.

— Ah, sim. Atrevo-me a dizer que o espetáculo de Lorde Francis se revelou de interesse mais imediato. Estava fora do *Blue Pig*, a senhora deve saber, embora não ousasse sair.

Ottilia franziu o cenho para a viúva.

— O que aconteceu? Quero dizer, depois que Francis me trouxe.

Os olhos da viúva se iluminaram.

— Oh, foi imensamente dramático. O doutor Meldreth, junto com o cocheiro de seu marido e o vigário, jogaram os galhos longe, pra todos os lados. E Alethea desenraizou o poste e...

— Alethea? — Interrompendo, sem desculpas, Ottilia olhando para a mulher.

Os cachos dourados saltaram, quando a Sra. Radlett assentiu novamente.

— Sim, e o usou como um aríete para empurrar os homens que desceram da ponte.

— A Srta. Beeleigh desenraizou o mastro?

— Ah, sim. É imensamente forte. — Afirmou a viúva, com um toque de orgulho. — A coisa toda se tornou bastante caótica, deve saber. O Sr. Wagstaff gritou com o genro e alguém chamou Pilton para prender os culpados. Eu acredito que foi o Sr. Uddington, lembro-me agora.

— Estão presos?

—Não posso dizer, porque Lorde Francis me pediu para ficar aqui, e eu não pude ver mais. Alethea vai nos contar o resto, ouso dizer.

Antes que Ottilia tivesse tempo de digerir tudo isso, a porta se abriu e Francis entrou, acompanhado do doutor Meldreth. O olhar castanho de Francis, com sua fúria felizmente reduzida, foi diretamente para Ottilia e varreu seu rosto. Em seguida, caiu no copo em sua mão e Francis franziu a testa.

— Estou fazendo o melhor que posso. — disse Ottilia, evitando as críticas.

Algo brilhou em seus olhos e a carranca desapareceu. Seu tom ao falar, era menos áspero do que antes.

— Pedi a Meldreth para lhe dar uma olhada.

Ottilia olhou para o médico e esboçou um sorriso.

— Não estou ferida, garanto-lhe.

O médico retribuiu o sorriso e seus modos se tornaram avunculares.

— No entanto, é bom ter certeza. Pode haver hematomas.

— Tenho certeza de que não. — disse Ottilia, recusando-se veementemente a olhar nos olhos do marido.

Havia simpatia no olhar de Meldreth.

— A senhora foi maltratada. — Seu olhar foi para as mãos dela. — Seus pulsos?

Meldreth tirou o copo dos dedos dela e o pousou. Quando lhe pegou numa das mãos para examiná-la, Ottilia olhou e se decepcionou ao

encontrar vergões avermelhados. Não sentira dor, mas no instante em que o médico deu um toque suave no local, estremeceu e sibilou.

Sem pensar, olhou para Francis e o encontrou mordendo o lábio, seu olhar escurecendo com alguma emoção sem nome. Ottilia foi obrigada a conter as palavras que imploravam para serem pronunciadas. Não poderia iniciar qualquer defesa nesta companhia.

— Vou mandar uma pomada para ser colocada nos hematomas, Lady Francis. — Meldreth baixou a mão e ergueu as sobrancelhas. — Teve um dia difícil, milady, não foi? Posso sugerir que se deite em sua cama por um tempo?

Ottilia hesitou.

— Deitar na minha cama? Doutor Meldreth, não sou inválida. — O médico deu-lhe um olhar significativo.

— O choque pode demorar, como tenho certeza de que a senhora também o sabe.

— Sim, mas...

— Não se preocupe. — disse Francis no tom determinado que Tillie conhecia bem. — Certificarei de que faça o que sugere, Meldreth.

Um sentimento de rebelião penetrou no peito de Ottilia. Estava apenas parcialmente consciente de lançar um olhar para seu marido. Francis o enfrentou suavemente, porém notou a inclinação teimosa que se refletiu em sua mandíbula.

— E talvez uma tisana de ervas para ajudá-la a relaxar. — Prosseguiu Meldreth.

Ottilia deu-lhe um sorriso tenso.

— Estou perfeitamente relaxada. Agradeço e tomarei café.

— O café é um estimulante.

Fechando os lábios com firmeza, Ottilia se absteve de qualquer resposta. Já estava completamente irritada, até porque tinha certeza de que Francis insistiria em que cumprisse as instruções de Meldreth ao pé da letra.

Também não estava enganada. O médico fez menção de partir em poucos minutos, dizendo que deveria comunicar-se com Lady Ferrensby e retornar à tarefa que havia interrompido.

Ottilia percebeu que devia estar se referindo à autópsia em Molly Tisbury.

— Já encontrou alguma coisa?

Meldreth assentiu.

— O pulmão realmente entrou em colapso, o que, pelo menos, oferece a esperança de que a pobre mulher sofreu apenas brevemente.

— E a arma?

— Uma pequena faca, facilmente escondida. Duvido que Molly tenha a noção de que fora esfaqueada, antes que sua vida fosse extinta.

Um som engasgado chamou a atenção de Ottilia para a Sra. Radlett, do outro lado da mesa. Estava com o lenço na boca, com ânsia de vômito.

— É melhor a senhora beber um pouco do meu conhaque, Sra. Radlett. — disse Ottilia, empurrando o copo.

— Perdoe-me, eu não deveria ter perguntado sobre Molly na sua frente.

A viúva balançou a cabeça e conseguiu levantá-la. Seus olhos estavam lacrimejando e engolia em seco. Havia consternação em seu olhar.

— Esfaqueada?

— Receio que sim.

Mrs. Radlett estremeceu.

— Horrível!

— Sim.

Ottilia não tirou os olhos da mulher. Teria sido uma atuação? Em sua mente, imaginou a viúva Radlett arrastando o corpo de Molly Tisbury pelos fundos do *Blue Pig*. Teria força para tal ação? Molly era uma mulher pequena apesar de um peso morto ser difícil de deslocar. Não nos deixemos enganar pela feminilidade explicita da Sra. Radlett, o que não impede a capacidade de atuar fora desse padrão. Ottilia não teria creditado à criatura a inteligência para inventar o plano do diabo, e sim pela atuação habilidosa no início do dia.

— Acho que a senhora deveria tomar uma xícara de chá, Sra. Radlett. — disse Meldreth. — Tem a propriedade de acalmar o estômago, ao contrário do café.

A viúva assentiu, levantando-se cambaleante da cadeira.

— Melhor eu enfrentar a jovem Patty na cozinha.

— Se ainda estiver aí. — disse Ottilia secamente. — Não ficaria surpresa se todo o contingente não fosse correndo se juntar à diversão.

— Diversão!?

A exclamação veio de forma explosiva de Francis, e Ottilia lembrou-se, tardiamente, que ainda não tinha feito as pazes com o marido. Estava se sentindo muito melhor, mas o lembrete serviu para puxá-la um pouco para baixo. Estendeu a mão para o conhaque, que a viúva não havia tocado.

— Sra. Radlett.

A viúva olhou a porta e se dirigiu a Francis.

— Se a senhora encontrar alguém na cozinha poderia fazer a gentileza de pedir que façam uma tisana e a levem ao meu quarto?

A viúva assentiu com entusiasmo e desapareceu pela porta. Meldreth a seguiu e Ottilia enfrentou seu marido.

Encontrou seu olhar, mas sua voz era branda.

— Vamos subir? — Ottilia não falou, mas levantou-se um pouco vacilante. Francis deve ter percebido, pois sua mão pousou instantaneamente em seu cotovelo. O choque de seu toque passou por Ottilia, fazendo-a estremecer.

— Precisa descansar. — Francis disse, uma nota mais gentil em sua voz. Ottilia sentiu a garganta engrossar inesperadamente e não confiou em si mesma para falar. Evitou olhar nos olhos de Francis e começou a caminhar lentamente em direção à porta. — É capaz de se controlar, Tillie?

Ottilia meneou a cabeça, suspirando. Francis fez uma pausa, fazendo-a parar. No instante seguinte, estava diante dela, ainda sustentando-a com uma das mãos. A outra alcançou seu rosto e seus dedos inclinaram seu queixo. Ottilia teve que forçosamente olhar para o marido.

— Está chorando.

Ottilia fungou.

— Não estou.

Sua expressão se suavizou e seus lábios se contraíram.

— Magistral como sempre. — Francis se inclinou para beijar-lhe a testa rapidamente. — Me perdoe! Quase perdi a paciência, e isso foi cruel,

depois do que sofreu.

Ottilia tentou sorrir, mas deu errado.

— Eu sei por que, Fan. Estava louca de medo, é por isso.

— É o caminho do alívio.

Seus olhos escureceram.

— Não posso lhe deixar ficar aqui, minha querida. Não depois disso. — Tillie respirou fundo.

— Quanto a isso, vamos discutir mais tarde.

— Para que tenha tempo para inventar argumentos para me persuadir? Acho que não, Tillie.

Ottilia se permitiu ser conduzida para fora da sala e não disse nada a respeito, enquanto subiam as escadas, apenas respondendo às suas perguntas frequentes sobre a condição dela ser perfeitamente capaz de chegar ao quarto do casal.

Quando alcançaram a privacidade da câmara, no entanto, Tillie descobriu que estava feliz o suficiente por afundar no dossel.

— Estou mais abalada do que imaginava.

— Fico feliz que admita isso.

Ottilia ergueu os olhos para Francis.

— Está com raiva de mim e eu não te culpo.

Francis mexeu os ombros daquela maneira, o que significava desconforto.

— Não estou zangado.

Tillie sustentou seu olhar.

— Desobedeci a sua ordem expressa e sinto muito por isso. Mas o que gostaria que eu fizesse, Fan? Cada homem no local partiu para cumprir sua missão.

— Verdade, mas ...

Tillie atropelou as palavras dele, falando rápido e baixo.

— Mas não quero me desculpar por isso. Quando a Srta. Beeleigh me mostrou o que estava acontecendo, não parei para pensar em sua injunção, nem em nada além da necessidade urgente de detê-los.

— Entendo muito, Tillie — Cortou seu marido. — Ore para não se angustiar.

Ottilia ainda não acabara.

— Não, não entende Francis! Supõe que seja possível para mim considerar minha própria segurança em tal momento, mas não é. Posso ser mulher, mas procuro agir quando há algo urgente a ser feito. Não hesito. Por que deveria imaginar que eu poderia fazer por menos?

Não era o que pretendia dizer, porém a onda de paixão provou ser rápida demais. Ottilia não havia reconhecido o estado de sua própria mente, nem visto a centelha rebelde pelo que era. Sentiu sua respiração encurtar, enquanto olhava para este homem, a cuja guarda havia se comprometido — sua pessoa e sua vida. Pela primeira vez, sentiu uma pontada de dúvida sobre a sabedoria de seu casamento. A dúvida era tão intragável que começou a falar.

— Eu não estava errada, estava? Não me enganei contigo?

Francis não havia tentado uma resposta, apenas estava de pé acima dela com uma pergunta muda no rosto, como se pesasse sua resposta. Mas com isso, uma carranca rápida desceu.

— O que, diabos, quer dizer, Tillie?

Ottilia estendeu a mão, sacudindo a cabeça quando uma nova ameaça de lágrimas se apertou em sua garganta.

— Não sei. — Proferiu, consternada com a nota rouca. — Falei sem pensar.

— Sim, é seu hábito. — Francis respondeu rispidamente. — Contudo não significa que não tinha pensamentos por trás de suas palavras.

Ottilia recusou uma explicação que temia dar. Baixou o olhar para o colo e descobriu as mãos ali, os dedos entrelaçados.

O tom de Francis suavizou.

— Tillie, o que está errado? O que foi que eu fiz?

Tillie balançou a cabeça.

— Somente o que é bom e verdadeiro.

A cama rangeu, quando Francis se sentou ao seu lado. Uma mão forte cobriu seus dedos tensos. Ottilia ficou olhando para a mão de seu marido, o coração batendo forte numa batida lenta que ecoou em sua cabeça.

— Nunca será só rosas, Tillie. — disse Francis gentilmente. — Não podemos ficar em lua-de-mel pelo resto de nossas vidas.

Um soluço saiu de sua garganta, e Tillie se jogou ao redor de seu pescoço enquanto sentia o paraíso bem-vindo de seu abraço nela. Teve permissão para chorar silenciosamente, pelo espaço de vários minutos, até que sua respiração se acalmasse e se movesse para se sentar.

Francis a soltou e ofereceu seu lenço. Ottilia aceitou com uma palavra de agradecimento e aproveitou, lutando para se recompor.

— Tenho sido minha própria amante por muito tempo, — Tillie arriscou, observando a reação de Francis. Ficou aliviada ao ver sua sobrancelha arqueada.

— Uma péssima desculpa, Tillie, mas deixe assim. — Estendeu um dedo para colocar uma mecha de cabelo dela para trás no boné.

— Eu também poderia me justificar por ser protetor, não tendo sido obrigado a pensar primeiro na segurança de minha esposa por muitos longos anos.

Ottilia respirou fundo, trêmula.

— Mas eu não sou uma garota, Fan. Sou bem capaz de cuidar de mim mesma.

Francis franziu um pouco a testa.

— Sim, em circunstâncias normais.

Tillie pegou uma das mãos de Francis e segurou-a entre as suas, encontrando seu olhar.

— Estavam embriagados. E quase consegui trazer aquele taberneiro aos seus sentidos. Se não fosse pela Srta. Beeleigh

Tillie se interrompeu, tomada por uma suspeita repentina. Foi deliberado? Se não fosse pela intervenção da mulher, Ottilia tinha certeza de que teria quebrado o propósito enlouquecido de bebida de Will. A Srta. Beeleigh era simplesmente desajeitada? Ou poderia ter havido uma intenção cruel na atitude que escolheu adotar? Não havia como negar que sua maneira brusca de se dirigir aos homens havia contribuído, em grande medida, para a ira dos mesmos. Será que queria que atacassem Ottilia?

— O que está pensando?

A breve discussão com o marido se tornou insignificante quando se virou para Francis.

— Fan, como fui cega? Perdi tudo de uma vez?



# Capítulo 15

**A MENTE DE** Francis estremeceu. Tillie estava nisso de novo? Francis reagiu sem pensar.

— Oh não, Tillie. Não aprendeu nada hoje? Isso não pode continuar.

Para seu desânimo instantâneo, Tillie se afastou. Havia raiva em seu rosto e se preparou para resistir.

— Não vai manter seu esquema de ir embora? Francis, pelo amor de Deus!

Francis se levantou da cama e deu alguns passos inquietos. Por que Tillie não conseguia perceber o quão impossível era? Não tinha ideia do horror frio que sentiu quando a viu em perigo? O sofrimento dele não lhe significava nada? A frustração o consumiu quando a enfrentou.

— Quer que a deixe continuar? Espera que eu fique parado, depois de ter sido praticamente sacrificada, enquanto resolve o mistério para esses desgraçados? Nenhum deles merecem!

Com o coração apertado, Francis percebeu a descrença em seu olhar.

— Quer que eu vá embora, sabendo quem será acusado se eu não descobrir o verdadeiro assassino?

Francis se afastou, sem olhar para Tillie. Sim, era o que faria, se isso significasse que  poderia viver tranquilo ao saber que sua esposa estaria segura. Agarrou-se a palhas.

— Cassie Dale tem Kinnerton para protegê-la. Sem mencionar Lady Ferrensby.

— Mas demoraram, sem mencionar Sam Hawes. E o que Lady Ferrensby pode fazer?

Francis não tinha resposta para isso. Estava bem ciente da dificuldade, mas nada importava, disse a si mesmo, exceto a segurança de sua esposa. Recorreu à simples verdade.

— Não lhe quero envolvida, Tillie. Quero-lhe fora daqui. Quero-lhe segura.

Tillie se levantou e foi até o marido, e Francis sentiu sua determinação diminuir quando sua esposa pôs as mãos em seus ombros. Cerrou os dentes contra a atração da necessidade dela.

— Estou envolvida, Fan. Proteja-me, se quiser, mas não me peça para ir.

Francis quase desistiu, porém o pensamento daquela estaca amaldiçoada e da marca em chamas o sustentou. Devia ser firme. Tirando as mãos dela de seus ombros, as agarrou com força.

— Eu não estou lhe perguntando. Já sei a sua resposta.

Os olhos dela escureceram e Francis lutou contra uma onda de remorso.

— Está me comandando, é isso?

Tillie tentou puxar as mãos, mas Francis apertou-as, forçado a falar quase por entre os dentes para manter sua determinação.

— Sim, é isso, se insistir nessa loucura. Pode arriscar sua vida se quiser, mas eu não vou. Se isso me torna um tirano, então que seja.

Tillie empalideceu e se acalmou, profunda reprovação aparecendo em seu olhar claro.

— Não pode estar falando sério, Fan. Como poderei ir? Como posso? Não vê o que deve acontecer a seguir?

— Sim, eu vejo muito bem. — Respondeu. — Vejo seu rosto amado, como Duggleby ou Molly, desprovido de vida!

Tillie afastou as mãos com força.

— Não é o meu! Não é o meu, Fan. Haverá outro assassinato, a menos que eu possa impedi-lo. Quem quer que tenha levado essa mensagem para Molly está em perigo mortal.

Petrificado, Francis a encarou.

— Acha que o assassino vai atacar de novo? Cassie Dale não teve outra visão.

— Nem deve. É aí que reside minha única esperança.

Tillie estava certa. Francis sabia disso. Mesmo assim, temendo por sua esposa, Francis procurou uma refutação em sua mente. Ou alguma outra maneira de derrotar o inimigo. E o encontrou.

— Deixe isso para Kinnerton. Se alguém pode impedir aquela garota boba de deixar escapar qualquer profecia maluca que inventar em seguida, é o único que pode.

— Então o quê? — O olhar claro de Tillie se manteve firme no seu, coberto por uma película luminosa que o cortou no coração.

— Acha que tudo vai acabar? Haverá paz na aldeia enquanto cada homem olha para o vizinho de soslaio, esperando Enquanto o assassino busca pelo momento certo? Não, Fan. Há uma mente em ação em Witherley que está voltada para a destruição. Como me ama, não tente me fazer agir contra minha consciência, pois não posso. Não consigo.

Francis estendeu o dedo e enxugou suavemente a umidade de seus olhos. Então sorriu.

— Sou um soldado, Tillie. Sei quando reconhecer a derrota.

Com um pequeno grito, Tillie quase caiu contra Francis que a abraçou, colocando sua cabeça em seu peito e segurando-a, enquanto sentia seu corpo tremer em seus braços. Seu coração se contraiu ao ouvir seus valentes esforços para abafar os soluços.

— Silêncio, minha querida. — Murmurou, movido além da resistência.

— Já que vai aceitar, vamos ver isso até o fim. — Fez um juramento silencioso para protegê-la do perigo, aconteça o que acontecesse. Sua Tillie tinha o instinto de um soldado, refletiu. No entanto, jurou, se sua própria vida dependesse disso, que ela não seria chamada para cumprir o dever de um soldado e morrer por estranhos.



AIDAN SEGUROU FIRMEMENTE o braço de Cassie, enquanto a escoltava de sua cabana em direção ao *Blue Pig*. A confusão cessou e a maioria dos aldeões retirou-se para o *Cock and Bottle* tendo, finalmente, se cansado de

ficar ao redor da pequena cela em que Will, o taberneiro, seu cúmplice mais próximo, e os meninos Staxton estavam encarcerados.

Apesar disso, Aidan tomou a precaução de pedir Ryde emprestado para Lorde Francis, para seguir em frente, enquanto Sam Hawes e sua esposa cuidavam da retaguarda.

Ficou aliviado por não haver mais qualquer sinal da estaca e dos feixes que haviam sido colocados no gramado, e ordenou que Ryde e Sam Hawes nada dissessem nada a Cassie.

—Aqui estamos, — disse ao entrarem no pátio de paralelepípedos. — Estará segura o suficiente aqui, até que Lady Ferrensby venha.

Seus olhos expressivos, enormes em seu semblante branco, procuraram seu olhar.

— O que vai lhe dizer?

— Para levá-la até a casa dela. — disse Aidan, sem hesitar. — Não pode permanecer no chalé. Não com os aldeões com esse humor selvagem.

Cassie entrou no interior escuro do *Blue Pig*, mas parou ali, seus olhos percorrendo o corredor sombreado. Estremeceu um pouco.

— Não posso culpá-los totalmente.

— Cassie, nós não vivemos na Idade das Trevas. Por mais que se considere culpada, não há desculpa para o que estão fazendo, entregues ao governo da turba como estão.

Aidan chamou Tabitha Hawes para dentro e guiou Cassie em direção à porta da sala de café, abrindo-a. Lá dentro, descobriu os três companheiros, a Sra. Radlett, a Srta. Beeleigh e o Sr. Netherburn, e nenhum sinal dos Fanshawes.

A Srta. Beeleigh franziu a testa quando Cassie entrou na sala.

— O que te deu, para trazer a garota aqui, vigário? Acha que o *Blue Pig* está menos aberto a ataques do que a casa da Sra. Dale?

A viúva Radlett pareceu assustada.

— Oh, mas deve ser, Alethea. Por um lado, tem uma porta robusta.

Aidan empurrou Cassie em uma cadeira.

— Também tem a vantagem de ser bem povoada. Além disso, a Sra. Dale não ficará aqui por muito tempo.

O Sr. Netherburn havia se levantado e agora avançava, com uma reverência galante.

— Posso pedir um refresco, Sra. Dale? Café, talvez?

Um sorriso cintilou nas feições pálidas de Cassie.

— Para falar a verdade, estou com muita fome.

— Deveria achar que está mesmo. — resmungou Tabitha atrás dela. — Não tocou em qualquer alimento hoje.

Olhou para Netherburn.

— Não, senhor. Vou para a cozinha e trarei algo para a Srta. Cassie comer e beber.

Netherburn recuou graciosamente e Aidan sorriu para a criada.

— Obrigado, Sra. Hawes. Ficarei com a Sra. Dale até que retorne.

Tabitha acenou e saiu apressada da sala. Aidan estava prestes a perguntar pelos Fanshawes, quando a Sra. Radlett declarou:

— A pobre Lady Francis foi deitar-se. Estava branca como um lençol e não era de admirar. Tão horrível para a pobre mulher!

O coração de Aidan afundou, quando Cassie olhou para o outro lado da sala, a consternação em seu olhar.

— Por quê? O que aconteceu com Lady Francis?

— Sra. Radlett. — Aidan falou tarde demais.

— Tentaram queimá-la na fogueira! — Anunciou a viúva com sotaques tão próximos do deleite macabro, que Aidan teve vontade de sacudi-la.

Seus olhos se voltaram rapidamente para Cassie, e viu o choque previsível quando a jovem empalideceu ainda mais. Não muito para sua surpresa, Cassie se virou instantaneamente para o reverendo, reprovação em seu tom.

— Não disse nada sobre isso.

Aidan encolheu os ombros.

— Não queria assustá-la mais do que o necessário.

Os olhos de Cassie se arregalaram de horror.

— Todos queriam a mim.

— Receio que sim. — disse a Srta. Beeleigh em seu tom neutro quase habitual. — É melhor encarar esse fato. São todos loucos, sem dúvida.

— Estavam embriagados, — disse a Sra. Radlett, quase num piscar de olhos.

O Sr. Netherburn balançava a cabeça pesarosamente.

— Terrível. Não pude acreditar no que via, quando vi a pobre Lady Francis amarrada ali. E se Uddington não tivesse arrancado a tocha das mãos de Will, temo pensar no que teria acontecido.

Cassie voltou os olhos horrorizados, mais uma vez, para Aidan.

— Mas por quê? Por que queriam matar Lady Fan?

— Disseram que é sua aliada. — explicou a Srta. Beeleigh. — Ou melhor, que estava aliada com a bruxa, como disseram.

— Isso é pura loucura. — protestou Cassie. — Quando Lady Fan está tentando me ajudar.

— Exatamente. — veio da Srta. Beeleigh em uma nota curta. — Tentando te ajudar.

Aidan viu o olhar instantâneo de culpabilidade, que tomou conta de Cassie e desejou vingativamente uma mordaça. Por que a mulher não conseguia ficar de boca fechada?

— Preciso vê-la. — Cassie proferiu preocupada. — Onde está? Lady Fan, onde ela está? — Foi até a porta e Aidan foi rapidamente para o lado dela.

— Espere!

Nesse momento, o Sr. Netherburn, que estava em posição de ver pela janela o gramado, proporcionou uma diversão muito necessária.

— Ah, aqui está a carruagem de Lady Ferrensby. Henbury também está, eu creio.

— Nem um pouco antes. — murmurou Aidan. O tempo parecia ter criado asas, pois parecia uma eternidade, desde que o juiz de paz fora informar sua senhoria dos acontecimentos.

— Devo ir ver Lady Fan. — Cassie disse novamente, e Aidan viu determinação na inclinação de seu queixo. Olhou para os outros três. — Disseram que foi se deitar. Qual é o quarto dela? Falem!

— Um momento, Cassie. Deixe-me buscar Tabitha. — Uma pontada de irritação apareceu em seus olhos, e acrescentou com um sorriso rápido:

— Para mostrar o caminho.

O olhar se transformou em ansiedade e, para alívio de Aidan, Tabitha escolheu aquele momento para entrar, dizendo que a garota, Patty, viria logo com uma bandeja.

— Excelente. Pode levar a Sra. Dale para ver Lady Francis, por favor, Sra. Hawes. — Abriu a porta para Cassie passar e se inclinou perto de Tabitha quando passou, murmurando.

— Fique ao lado dela.

Tabitha assentiu, e Aidan as observou subirem as escadas, antes de se dirigir à porta da frente. Quando alcançou Lady Ferrensby, já havia descido da carruagem acompanhada de Lorde Henbury e foram vistos conversando com Pilton, que guardava os prisioneiros na cela.

Lady Ferrensby, para diversão sombria de Aidan, saudou-o com óbvio alívio.

— Sr. Kinnerton, graças a Deus! Espero que o senhor seja capaz de fornecer uma história conexa sobre o que está acontecendo aqui. Até agora, tive o privilégio de não entender uma palavra!

Aidan teve que rir.

— A senhora quase não tem culpa. Nem ouso supor que esteja inclinada a acreditar na história, milady.

Seu olhar penetrante encontrou o dele.

— Oh, eu acho que posso. Não é homem de exagerar, acredito eu.

Ficou satisfeito em pensar que a Lady Ferrensby o lia tão bem. Sem se preocupar em levantar a voz para os ouvidos de Lorde Henbury, deixou o homem discutindo com o policial e chamou Lady Ferrensby de lado.

— Acho que deve se preparar para ficar muito chocada, senhora. As coisas são realmente sérias.

Após haver relatado os fatos, de maneira nua e crua e tão brevemente quanto pôde descrevê-los, percebeu que sua senhoria era feita de um material mais duro do que havia suposto.

— Estou mais irada que chocada, senhor. Fui negligente. Deveria ter assumido esse assunto dias atrás.

— Não é tarde demais, milady. Devo implorar que leve a Sra. Dale para sua casa, visando sua segurança.

Lady Ferrensby assentiu friamente.

— Certamente o farei. Mas não foi isso que quis dizer. – Voltou-se para *Cock and Bottle.* — Venha, Sr. Kinnerton. Acho que nós dois devemos tomar uma posição.



APESAR DO RELUTANTE acordo de Francis, em permitir sua permanência, Ottilia sentiu que a trégua entre o casal era incômoda. Na tentativa de apaziguá-lo um pouco, concordou com sua insistência em descansar, tomando a tisana trazida por Patty. Internamente se irritou, uma infinidade de perguntas em sua cabeça, para as quais precisava de respostas imediatas. Em outras circunstâncias, a tutela ciumenta de seu marido a teria emocionado. Mas, neste momento, parecia restritivo e enfadonho.

Assim, quando uma batida rápida na porta introduziu Cassie Dale, Ottilia não pôde deixar de sentir certo alívio.

— Entre, entre, Cassie, — Chamou-a, evitando qualquer tentativa que Francis pudesse fazer para impedir a garota de entrar em seu quarto.

Cassie não esperou que a porta fosse totalmente aberta, mas mergulhou sob o braço de Francis e correu em direção à cama, seus olhos escuros cheirando a choque e remorso.

— O que lhe fizeram? — Explodiu, em voz baixa. —Oh, é monstruoso. Monstruoso! Está ferida? Por favor, diga-me que  não está gravemente ferida!

— Nem um pouco. — Ottilia assegurou, segurando as mãos estendidas, enquanto a jovem mulher se inclinava impulsivamente em sua direção. Ottilia soltou uma das mãos e deu um tapinha na cama.

— Sente-se comigo, Cassie.

A mão da Sra. Dale agarrou a dela com força, porém obedeceu, seus olhos nunca deixando o rosto de Ottilia.

— Não posso suportar isso! Deveria ter sido eu. Era o que queriam.

— E que bom que me pegaram. — disse Ottilia com firmeza.

Olhando além da garota de olhos trágicos, notou a criada Tabitha pairando na porta. Francis ainda estava segurando a borda da porta e parecia aborrecido. Ottilia lhe lançou um olhar de desculpas, mas não perdeu tempo em aproveitar a situação.

— Fan, estou precisando muito de apoio. Veria o que pode ser feito, por favor? Tenho certeza de que ambas estaremos seguras o suficiente com Tabitha para nos proteger.

Seu olhar se estreitou e lançou outro para a figura robusta da criada. Então caminhou em direção à cama e ergueu uma sobrancelha, como de costume.

— Estou sobrando aqui, é isso?

O alívio inundou Ottilia e lhe lançou um de seus olhares maliciosos.

— É exatamente isso.

Seus lábios se contraíram.

— Então não há nada a fazer, a não ser me retirar com elegância. Sra. Dale, tem exatamente quinze minutos.

— Francis!

— Obrigada. — disse Cassie, com bastante sinceridade. — Não vou cansá-la, eu prometo.

Francis acenou com a cabeça e foi até a porta.

— Sra. Hawes, a senhora permanecerá na sala?

Tranquilizado a esse respeito, Francis finalmente se retirou e, assim que implorou que a criada se sentasse, Ottilia pôde voltar sua atenção para Cassie Dale, que exigia um relato de seus sofrimentos. Ottilia minimizou a ocorrência que pôde, mas Cassie não se satisfez facilmente, determinada a assumir a culpa.

— A Srta. Beeleigh disse que os aldeões pensam que está aliada a mim e que é tudo minha culpa porque estava tentando me ajudar. E está certa.

— Nada disso. — retrucou Ottilia.

— A Srta. Beeleigh está muito ocupada. Bem, mas tentou impedir que isso acontecesse, então, talvez, devesse agradece-la. — disse Cassie, desnecessariamente.

Ottilia a observou. A Srta. Beeleigh havia exagerado sua própria parte nos eventos de hoje, quando seus esforços dificultaram um pouco os de Ottilia?

— Tentou pará-la? O que quer dizer?

As feições de Cassie empalideceram.

— Há dias que falam em me queimar na fogueira. A Srta. Beeleigh ouviu falar disso e fez o que pôde para afastar essa ideia.

Uma enxurrada perturbou o pulso de Ottilia.

— Quando?

— Ontem, antes do funeral de Duggleby. — Cassie olhou em volta para sua criada, que havia se sentado no banquinho.

— Não foi isso que Alice disse, Tabby?

— Alice? No momento, está aqui ajudando Patty. — disse Ottilia. — A Srta. Beeleigh mandou chama-la por causa de todo esse tumulto.

Tabitha levantou-se e veio para a cama, o olhar carrancudo firme no rosto de Ottilia.

— O que foi, milady? Parece ter uma nuvem de tempestade se formando sobre sua cabeça.

Os sentidos de Ottilia zumbiam, porém forçou um sorriso.

— Estou apenas pesando em um ou dois fatos em minha mente, Sra. Hawes.

Cassie estava olhando para Ottilia com uma pergunta estampada no rosto.

— Tentando ver o que a criada havia visto? — Ottilia convocou cada grama de seu sangue frio habitual.

— Por favor, me diga o que Alice disse.

— Oh, foi horrível! — Começou Cassie, mas a criada Tabitha interveio.

— Melhor se eu contar, Srta. Cassie, pois foi a mim que Alice veio falar.

— Sim, e não queria falar diante de mim, porém Tabby a fez dizer isso mesmo assim. Estávamos voltando da igreja.

— Tenho a intenção de lhe contar de qualquer maneira, milady. — disse Tabitha.— Com o que aconteceu esta manhã, tudo saiu da minha cabeça.

Ottilia se esforçou para conter a impaciência.

— Muito compreensível. Mas, por favor, continue, Sra. Hawes.

— Bem, pelo que pude entender, parece que a Srta. Beeleigh tomou para si a responsabilidade de dar rapé para qualquer um que estivesse na taberna de Tisbury na manhã de ontem. Falou sobre essa conversa de queima de estacas e disse como faria com que seu mosquete fosse contra qualquer um que pensasse em tal barbaridade.

— Será que faria realmente? — Murmurou Ottilia em agradecimento. Um movimento tático que não se podia deixar de admirar, embora depreciando sua intenção.

— Isso, estava tudo muito bem, — disse Tabitha sombriamente, — se a Srta. Beeleigh não tivesse pensado em começar com a senhora, milady Fan.

Ottilia ergueu as sobrancelhas, uma pequena faísca de compreensão encaixando-se no lugar, como as engrenagens de uma roda.

— Como? Diga por favor.

— Avisando o povo, por favor, que não deveriam estar pensando tolices tais como a senhora estar aliada à bruxa, pois ouviram falar que a senhora era uma protetora da Srta. Cassie. Também não hesitou em dizer que Lady Fan queria ter a cabeça de alguém, e se Tisbury não tomasse cuidado, seria a cabeça dele. Não consigo dizer palavra por palavra, mas isso é o principal, milady.

— Será suficiente, obrigada. — disse Ottilia secamente.

Cassie estava olhando de uma para a outra, com perplexidade nos olhos.

— Por que, Tabby, está irada com isso? Pensei ser grata à Srta. Beeleigh por ter se dado ao trabalho de agir a meu favor. Ninguém mais na aldeia o fez.

Tabby Hawes colocou os braços na cintura, e a ira em seus olhos se aprofundou, seu rosto corou um pouco.

— Porque ninguém, exceto um tonto, pensaria em dizer uma coisa dessas para pessoas como os Tisburys e Staxton e seus semelhantes, pois qualquer pessoa com algum bom senso na cabeça saberia que isso iria deixá-los loucos como feras e fazendo exatamente o que se estava tentando evitar.

— Exatamente. — Concordou Ottilia.

Porém se absteve de apontar que a Srta. Beeleigh, longe de ser uma idiota, possuía uma inteligência impressionante — se ao menos pudesse ser induzida a usá-la para um bem maior. O que, temia Ottilia, era algo que ultrapassava a necessidade de orar. Houve apenas uma pessoa que inspirou a mulher a atos de caridade, como os viu.

O rosto de Cassie entristeceu e Ottilia não ficou muito surpresa. Tinha tão poucos combates em seu canto, deve ficar deprimida por ser obrigada a renunciar a este pequeno raio de esperança. Ottilia tentou alegrá-la.

— Não fique tão desanimada, Cassie. Afinal, está bem apoiada no Sr. Kinnerton, não é?

Com a menção do nome do vigário, uma luz brilhou brevemente no rosto da jovem e depois morreu novamente.

— Tem sido inexprimivelmente gentil.

— Mais do que isso, penso. — sugeriu Ottilia com um olhar significativo.

Os olhos de Cassie nublaram instantaneamente.

— Não. — Seu olhar oscilou de um lado para o outro. — Ao menos, pode ser que deseje... Mas não pode acontecer assim.

Olhando para a criada, Ottilia notou uma expressão preocupada em seu rosto. Deliberadamente, Ottilia jogou o assunto em jogo.

— O que acha, Sra. Hawes? Não nota um certo carinho no olhar do Sr. Kinnerton quando olha para Cassie?

Tabitha comprimiu os lábios.

— Não importa o que eu perceba, milady. A Srta. Cassie não vai me dar atenção.

Cassie saltou da cama, confrontando sua cuidadora.

— Porque eu sei que é da confiança de Lady Ferrensby, Tabby. É tudo de uma só peça! Eu diria que sabia o tempo todo que pretendia que isso acontecesse.

Tabitha retirou-se para a janela.

— Não adianta me criticar, Srta. Cassie. Como saberei o que está na mente de sua senhoria?

— Porque as duas estão sempre fazendo planos para mim sem meu conhecimento, — gritou Cassie, como uma criança frustrada. — Acha que eu não sei dizer? Nem todas as minhas visões estão carregadas de desgraça, Tabby. Acha que eu não consigo ver a imagem que está na cabeça de Lady Ferrensby?

A voz dela engrossou com a sugestão de lágrimas, e Ottilia, rapidamente, interrompeu.

— Querida Cassie, por favor, não se perturbe. Se sua tia, ou madrinha, ou o que quer que seja, tem tais imagens, é porque refletem apenas uma esperança para a sua felicidade.

Ambas as visitantes olharam para Tillie. Choque e consternação estavam nos olhos de Cassie, mas os de Tabitha se estreitaram com suspeita.

— Sua senhoria lhe contou então, não foi?

Ottilia riu.

— Minha nossa, não, Tabitha. Estou confiante de que Lady Ferrensby nunca trairia Cassie. Seus olhos foram para a jovem mulher.

— Quem é a Lady Ferrensby, Cassie? Tenho certeza de que a relação é estreita.

— É minha tia. — Cassie proferiu, ainda parecendo totalmente confusa.

— Então veio aqui em uma nuvem, devo supor. — disse Ottilia com calma, estendendo a mão convidando a moça para perto de si.

Caminhando como se estivesse em um sonho, Cassie voltou para a cama e pegou a mão de Ottilia que a puxou para sentar-se novamente na beirada.

— Por favor, não fique tão surpresa. Garanto-lhe que não é uma segunda visão.  Meu dom, se é que pode chamá-lo assim, está na capacidade de perceber coisas que os outros não percebem.

Tabitha admirou-se e retomou seu assento no banquinho.

— Como a senhora adivinhou, milady?

— Ah, por uma série de coisas. — Disse Ottilia alegremente, sem querer incomodar Cassie com a noção de como tinha sido fácil fazer essa dedução. — Sob certa luz, tem uma aparência de sua tia, Cassie. Então, receio ter te envergonhado ao me referir ao Sr. Dale. — Suavizou seu tom, segurando a mão da garota com mais força. — Essa pessoa não existe, existe?

Cassie suspirou.

— Tia Ida escolheu o nome de Armadale.

— É o seu nome verdadeiro? Charis Armadale?

Uma lágrima vasou dos olhos de Cassie e olhou para baixo.

— É bom que eu não o use, pois desonrei o nome.

Ottilia não perdeu tempo com perguntas espúrias, indo direto ao cerne da questão.

— Quem era ele, Cassie?

Cassie saltou, seus olhos baixos voando até o rosto de Ottilia. Foi pega de surpresa, supôs Ottilia, para prevaricar.

— Nosso vizinho. — A paixão característica aprofundou sua voz. — Foi cruel da minha parte.

— Foi perverso dele também, Cassie. Diga a ela, milady. — interveio rispidamente Tabitha Hawes. — Eu já disse isso muitas vezes, mas não me ouve.

Tendo formado uma opinião justa sobre a profundidade da auto aversão da menina, Ottilia não ficou muito surpresa. O fato de o sujeito não ter sido induzido a se comportar de maneira honrosa por Cassie contava-lhe a própria história.

— Se já era casado, foi duplamente perverso.

Cassie respirou fundo.

— A senhora adivinhou isso também?

Ottilia optou por não responder.

— O escândalo não poderia ter sido abafado?

— Foi o que eu disse. — gemeu Tabitha. — Só que a garota tola não conseguia conter a língua.

— Como eu poderia? — Cassie proferiu miseravelmente. — Eu me senti tão mal. Sabia que era errado, mas me ofereceu conforto em um momento... quando, quando ...

— Numa época em que se ficava infeliz com o que via como um talento desafortunado?

— Sim.

Ottilia segurou  suas duas mãos, olhando a garota diretamente no rosto.

— E agora acredita que é indigna de merecer o afeto do Sr. Kinnerton.

A moça começou a soluçar. Ottilia prontamente a puxou para um abraço reconfortante. Sobre os ombros de Cassie, viu Tabitha mergulhar a mão nos recessos de sua roupa e retirar um lenço, e em vez de trazê-lo a seus cuidados, o aplicou aos próprios olhos úmidos. Um pouco divertida, Tillie esperou que a menina se recuperasse o suficiente para se sentar novamente, e então fez um sinal para a criada, que lhe entregou o lenço. Ottilia observou Cassie enxugar os olhos.

— Acredito que está cometendo uma injustiça com o Sr. Kinnerton, Cassie.

A jovem deu um suspiro soluçante.

— Oh, não poderia. Eu o admiro muito.

— Sim, mas quer! — Ottilia insistiu.

Os olhos escuros a examinaram, registrando dúvidas.

— O que quer dizer, Lady Fan?

Ottilia sorriu.

— Acho que vou permitir que o cavalheiro fale por si mesmo, o que não posso duvidar que o faça em um futuro muito próximo.

Essa profecia pareceu alarmar Cassie Dale de forma tão severa que Ottilia quase se deixou levar pela alegria. A porta se abriu naquele momento para admitir seu marido, e um olhar para o rosto de Francis serviu para quebrar qualquer inclinação para rir.

— Oh, o que foi?

Francis entrou e fechou a porta.

— Pilton encontrou uma faca de cozinha manchada de sangue, na cômoda de Hannah Pakefield.



A ATMOSFERA NA taberna do *Cock* era moderada, embora o local estivesse lotado. A criada Bessy havia assumido o cargo atrás do balcão, enquanto Tisbury e seus companheiros estavam sentados, em um grupo taciturno, nos bancos ao redor da lareira. O proprietário estava com a cabeça apoiada nas mãos, os cotovelos apoiados nos joelhos, enquanto Staxton colocara um braço desajeitado sobre os ombros dobrados do colega.

Ninguém se preocupou em erguer os olhos, enquanto Aidan conduzia Lady Ferrensby para a sala. Então a criada, avistando um espetáculo tão incomum, deu um grito estridente.

— Milady! Patrão Tisbury, milady está aqui!

Pela reação imediata ao redor, era evidente que a exclamação estigmatizava apenas uma pessoa. As cabeças se ergueram. Uma após a outra, homens de olhos embaçados se levantaram, arrancando chapéus e enxugando as mãos engorduradas em calças manchadas de suor.

O fazendeiro Staxton olhou para cima, seu queixo caindo, e Aidan o viu dar um tapa nas costas de seu companheiro e murmurar algo no ouvido de Tisbury. O senhorio desdobrou o torso, revelando feições abatidas e com os olhos vermelhos de choro. E, sem dúvida, uma ingestão liberal de cerveja, veio o pensamento cínico de Aidan.

— Milady? — murmurou Tisbury confuso.

A mão de Lady Ferrensby deixou o braço de Aidan e se dirigiu para a frente. Ignorando completamente todos os outros, parou diante do proprietário, que fez um movimento desajeitado como se fosse se levantar e falhou.

— Não se levante. — disse sua senhoria.

Ao lado dele, o fazendeiro Staxton enfiou a mão sob o braço do sujeito e o puxou para cima, segurando-o ali mesmo, quando Tisbury caiu um pouco nos joelhos. Evidentemente, foi algo memorável, a grande senhora da aldeia entrar na taberna. Não poderia haver dúvida do alto nível de respeito que lhe era devido.

— Lamento por sua perda, Tisbury. — disse, em um tom uniforme. — O que fornece uma pequena desculpa para sua conduta. — Então se virou, examinando o restante dos convivas.

— Quanto ao resto, só tenho uma coisa a dizer. Se estão decididos a trazer de volta as práticas bárbaras, mande-nos montar os estoques, está bem? Então todos podem ter sua vez.

Aidan observou com satisfação sombria, enquanto a bateria de rostos ficava tímida, os olhos caindo no chão. Um murmúrio irrompeu, junto com uma mudança envergonhada de pés. Viu Staxton engolir em seco e abrir a boca.

— Vou cuidar dos meus meninos, milady. Prometo.

Lady Ferrensby o olhou de cima a baixo.

— E cuidará de si mesmo, Staxton? Entendo que fez parte do grupo com a intenção de invadir a casa da Sra. Dale e arrastá-la para fora.

Staxton arrastou os pés e enxugou a mão livre nas calças. Sua senhoria esperou, porém não se aventurou a responder. Lady Ferrensby acenou com a cabeça.

— Muito bem. Vejo que percebe seu erro. Fará melhor em consolar seu amigo do que se envolver em perseguições criminosas. Sim, eu disse criminosas, Staxton.

Isso em resposta a um olhar súbito de medo, quando os olhos do homem se ergueram rapidamente para encara-la brevemente.

— Espero dissuadir Lorde Francis de apresentar queixa, uma vez que acredito que todos agiram um pouco fora do seu caráter. Contudo nada posso prometer a ninguém. — E com outro olhar lento ao redor para abranger todos ao redor, disse:

— Não posso prometer que não se verão no banco dos réus nas próximas sessões no Tribunal de Justiça.

Uma onda de sussurros excitados eclodiu. Dois homens gritaram para protestar que não eram do grupo inclinado ao caos. Aidan interveio para acabar com o falatório.

— Ninguém precisa tentar escapar da retribuição, pois há testemunhas suficientes para saber quem estava envolvido. E devo acrescentar, até os que ficaram parados enquanto esses eventos aconteciam e nada fizeram para ajudar Lady Francis, nem impediram que seus companheiros se comportassem dessa maneira vergonhosa, podem muito bem serem acusados de conspiração.

Esta ameaça causou um recuo em massa por parte dos espectadores. Um deles indo tão longe, a ponto de se esgueirar até a porta, em uma tentativa de se livrar de possível acusação.

— Para onde  vai, jovem idiota? — Veio uma voz senil de fora.

Segundos depois, o fugitivo voltou, com os dedos de Pa Wagstaff presos à orelha esquerda, o velho demonstrando uma força surpreendente. Aidan foi obrigado a reprimir uma risada enquanto o sujeito gritava. Libertado, correu para trás de uma pequena multidão, sumindo de vista.

Os olhos remelentos de Wagstaff percorreram a sala e descobriram Lady Ferrensby.

— Dando duro neles, milady?

Lady Ferrensby se aproximou de Wagstaff.

— Tem minhas mais sinceras condolências, Jeremiah. É um dia trágico para Witherley.

O olhar do velho azedou.

— Sim, que seja, quando toda a aldeia estiver enlouquecida.

— É exatamente por isso que estou aqui. — disse Lady Ferrensby, voltando-se para o resto. — Isso deve parar, me entendem? Já estamos com problemas suficientes, com o assassinato de Duggleby e agora o de Molly.

Um murmúrio irrompeu de novo e Tisbury falou finalmente.

— Não se ficou sabendo quem matou Duggleby. Se não foi a bruxa, tampouco acredito que outro tenha matado Molly.

Aidan caminhou até o homem.

— Não sabe o que diz, Tisbury. Pode se considerar de sorte se suas bobagens hoje não afastaram a própria pessoa que prometeu chegar ao fundo desses assassinatos.

Com isso, Staxton interrompeu.

— Se for sua Lady Fan, de quem fala, é a mesma quem diz que Molly e Tisbury mataram Duggleby.

— Nada disso! — Retrucou Lady Ferrensby. — E devo saber, pois estive ontem no *Blue Pig* quando o assunto foi discutido. Seja como for, tome isso como um aviso. Mais um truque dessa natureza e Lorde Henbury

fará com que todos sejam levados para a prisão de Warwick, para aguardar os julgamentos da Corte de Justiça. Creio que estou falando bem claro!

O murmúrio começou novamente, e alguns acenos foram vistos. Lady Ferrensby deu mais uma olhada na taberna e se virou para Aidan.

— Sr. Kinnerton, seu braço, por favor.

Antes que pudesse acompanhá-la para fora, o som de passos batendo atraiu toda a atenção da taberna, e um murmúrio começou. Segundos depois, a porta se abriu e Will, o taberneiro, entrou na sala, seu cúmplice e os três meninos Staxton se aglomerando em sua retaguarda.

Wagstaff ergueu seu cajado e, por um momento, Aidan pensou que iria usá-lo para atacar os recém-chegados. Mas suas palavras impediram qualquer ação.

— Será feito?

Perplexo, Aidan estava prestes a exigir esclarecimento quando Tisbury tomou a palavra.

— O que está fazendo aqui, Will?  Lorde Henbury disse que estavam presos.

Apesar de sua aparência desgrenhada, da sujeira e poeira em seu rosto e roupas, os olhos de Will estavam brilhando de excitação.

— Ele nos soltou, patrão, pois Pilton trancou Hannah Pakefield.

— O que? — Explodiu de Lady Ferrensby.

— É verdade, milady. Pilton disse que Hannah matou Molly.



Com Tillie em pé de guerra, Francis não teve escolha a não ser relaxar sua afirmação de que permaneceria em seu quarto pelo resto do dia. Além disso, estava quase tão agressivo com o vacilante juiz de paz quanto sua irada esposa.

— Sem qualquer outra evidência, além dessa faca de cozinha convenientemente posicionada, Henbury agiu.

— É uma planta. — Tillie repetiu mais uma vez, elevando a voz em um nível que quem estava perto não poderia deixar de ouvir.

— Não pode haver outra explicação.

— Tagarelice, mulher! Quem enfiaria a coisa na gaveta, exceto o assassino?

— Exatamente, senhor. Mas isso não significa que o assassino foi Hannah.

— Ei? Ei? O corpo foi encontrado em sua sala de café? Peguei o corpo. Peguei a arma. O que mais quer?

— Prova, Lorde Henbury. Isso não prova nada, exceto que o corpo estava onde estava e a faca foi encontrada na cômoda de Hannah. Tais fatos não dizem quem os colocou no lugar em que foram achados.

A discussão estava ocorrendo um pouco longe da velha cela, porém a surdez de Lorde Henbury tornava improvável que a mulher lá dentro não ouvisse o que estava sendo dito. A pequena construção redonda de pedra cinza exalava um ar verdadeiramente deprimente, o telhado de pedra abobadado erguendo-se diretamente das paredes e encimado por uma bola ornamental. Uma porta de madeira robusta, trancada para maior resistência com pregos enferrujados, continha uma pequena abertura em forma de triângulo no topo, e as únicas outras janelas — se é que se podia chamá-las

assim — compreendiam algumas pequenas fendas perto do topo de cada lado.

O lugar não devia ter mais de um metro e oitenta de diâmetro, e Francis podia muito bem imaginar o ar fétido e as condições fedorentas do interior.

Ao lado da porta estava Pakefield, gemendo e apoiando uma cabeça quebrada e ensanguentada contra a pedra fria, em uma atitude de derrota, pois lutou como um tigre para evitar que sua esposa fosse encarcerada, até que Pilton lhe deu um golpe com sua longa bengala pessoal. O policial agora estava em silêncio, como sentinela, diante da porta, a grande chave presa ao cinto.

Francis, acompanhando Tillie, havia chegado tarde demais para ajudar na breve rebelião do proprietário, e estavam em dívida com a Sra. Radlett, pulando para cima e para baixo, em profundo desânimo, por suas informações. A Srta. Beeleigh tinha decidido ajudar Tabitha Hawes a manter Cassie Dale no *Blue Pig*, mas Patty, a criada, estava muito em evidência, alternadamente chorando e tentando intimidações ao impassível Pilton.

Tillie não perdeu tempo em ir diretamente à fonte do problema, mas seus esforços até aqui não lograram sucesso.

— Além disso, — prosseguiu, — não se lembra que eu vasculhei o quarto de Hannah esta manhã e nada encontrei?

— Ha! Exatamente por isso que ordenei que Pilton fizesse o mesmo. Não posso confiar em uma mulher para fazer o trabalho direito. — Olhou para Tillie. — Não encontrou a faca, não é?

O olhar de Tillie encontrou o de Henbury com clareza inabalável, mas Francis detectou a raiva subjacente na tensão em seu rosto.

— Não a encontrei porque não estava lá.

— Ei? Ei? O que diabos quer dizer, mulher? Pilton encontrou a tal faca num instante.

— Sim. — disse Tillie. Francis podia jurar que a ouvira falar por entre os dentes. — Porque, alguém a colocou lá, para ser encontrada.

Embora o modo como alguém poderia ter colocado lá a faca permanecesse ainda uma questão em aberto. Pelo que Francis sabia, Hannah Pakefield estivera em seus aposentos muito bem durante todo o dia, com Pilton de guarda do lado de fora, ao menos até o tumulto. Tillie pensara nisso?

— Não sei do que está falando, mulher. — retrucou Henbury. — Saiba que a dama de Pakefield fez o trabalho. Considere como fato revelador ter dito que se vingaria de Molly Tisbury. Agora, temos a arma, o caso já está resolvido.

Francis observava o rosto de Tillie enquanto encarava o homem. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, houve uma erupção no *Cock,* do outro lado da estrada. Olhando para cima, Francis viu Kinnerton correndo, com Lady Ferrensby segurando em seu braço, e uma multidão da taberna vindo atrás. Francis estendeu a mão para o braço de sua esposa.

— Resgate. — Murmurou, acenando com a cabeça em direção ao grupo que se aproximava.

Tillie olhou para o marido e depois na direção indicada. O alívio inundou suas feições.

— Graças a Deus!

— Acho que pode ter que mudar de tom, Henbury. — disse Francis, não sem um toque de satisfação.

Contudo Tillie balançou a cabeça, seu olhar voando para o rosto de Francis.

— Oh, não irá mudar. Não por Lady Ferrensby. Mas tenho uma opção melhor.

Com isso, Tillie se moveu um pouco para receber os recém-chegados, gritando.

— Sr. Kinnerton! Por favor, faça-me a gentileza de ir buscar o Dr. Meldreth.

— Por que precisa de Meldreth? — Perguntou Lady Ferrensby ao se aproximarem, retirando a mão do braço do vigário.

Tillie não respondeu imediatamente, ao invés disso se dirigiu a Kinnerton novamente.

— Peço, não demore. Precisa trazê-lo o mais rápido que puder, por favor. E peça para trazer sua maleta.

O último pedido foi feito após o vigário já estar em retirada, tendo levantado a mão em reconhecimento à solicitação e apressando-se em cumprir sua missão. A essa altura, Lady Ferrensby havia voltado sua atenção para Lorde Henbury, pedindo um relato de suas ações. Nada repugnante, o idoso juiz de paz lançou-se em uma nova narrativa das descobertas de Pilton e das suposições que havia feito.

Francis encurralou sua esposa, sob o disfarce desta discussão.

— Tillie, o que foi? O que está planejando?

Olhou em volta.

— Estou tentando tirar Hannah de lá, é claro.

— Mas por quê Meldreth?

— Verá.

Um eco do malicioso olhar de Tillie brilhou nos olhos de Francis e gostou de vê-lo. O contratempo no início do dia resultava em um sentimento desagradável de distância de sua esposa em sua relação, dando-lhe muito tempo para se arrepender de algumas das coisas que dissera. Não que tivesse mudado de ideia, porque a segurança dela ainda era primordial, ficando determinado que não fosse a lugar algum sem sua escolta até que o assassino fosse preso. Mas o efeito da discussão com a mulher que amava era realmente difícil de suportar.

— Pobre Hannah! Pobre Hannah! Oh, Lady Francis, tenho certeza que Hanna não fez isso.

A viúva Radlett juntou-se ao casal. Francis notou um olhar estranhamente intenso nos olhos de Tillie quando voltou sua atenção para a mulher.

— O que lhe dá tanta certeza, Sra. Radlett?

Os olhos da Sra. Radlett se arregalaram e seu queixo caiu.

— Eu — mesma disse isso a Lorde Henbury!

O olhar claro de Tillie permaneceu fixo no rosto da criatura.

— Sim, mas por que a senhora acha que Hanna é inocente? Algum motivo para suspeitar de outra pessoa?

Um ataque direto. Francis prendeu a respiração. Em sua memória saltou um instante antes de ser arrastado para a discussão sobre ir ou ficar. O que sua esposa disse? Algo sobre ter estado cego? Havia se apegado à

identidade do assassino? Não percebera e Tillie não dissera mais nada desde então.

A viúva sacudia a cabeça com veemência, deixando as penas de seu chapéu à deriva.

— Gracioso Deus! Não! Como suspeitar, Lady Francis? Por que acha que eu suspeitaria de alguém? Não, não, nada disso.

Esgotando-se, piscou rapidamente, parecendo decididamente chateada. Olhando para sua esposa, Francis notou como o olhar dela permaneceu firme no rosto da viúva, até que a Sra. Radlett começou a se inquietar, uma cor delicada surgindo em suas bochechas.

Por fim, Tillie deu um de seus sorrisos reconfortantes.

— Ah, bem, sem dúvida estava enganada.

Francis tinha certeza de que a viúva, assim como ele, sabia muito bem que Tillie não pensava assim. Não ficou surpreso quando a Sra. Radlett encontrou uma desculpa para sair de cena.

— Apenas veja como os aldeões estão se acotovelando. É melhor eu avisar a Sra. Dale para não se aventurar fora da pousada.

Tillie a observou ir embora e Francis deu um passo adiante, falando em um murmúrio.

— Acha que a viúva sabe de alguma coisa?

Os olhos de sua esposa se voltaram em sua direção, fazendo-o ler a resposta em seu rosto, antes mesmo que assentisse.

— Ah! Sim. Ou pensa que sabe e ficou com medo de descobrir que está certa.



# Capítulo 16

**Francis sentiu uma** pontada de excitação e estava prestes a pedir mais esclarecimentos, quando o nome do médico foi gritado e Kinnerton foi visto voltando, Meldreth ao seu lado, carregando sua maleta médica. Vinham em uma caminhada rápida, e Tillie, imediatamente, se moveu para encontrá-los.

O médico, para seu crédito, não se preocupou em interromper a discussão em curso entre Lady Ferrensby e Lorde Henbury, que estava proporcionando muita diversão para os espectadores da taberna.

— Kinnerton me contou o problema. — Disse, um pouco sem fôlego quando chegou ao lado de Tillie. — Como posso servi-la, Lady Francis?

— Por favor, poderia tentar examinar Hannah Pakefield, doutor Meldreth? Pretendia pedir-lhe que o fizesse esta manhã, só que, na pressa dos acontecimentos, me escapou da mente.

— Não é de surpreender — comentou o médico em tom pesaroso.

Tillie desconsiderou isso.

— Acho que aquela mulher tem problemas cardíacos. Se for deixada naquele buraco horrível, temo pensar nas consequências..

As sobrancelhas de Meldreth se ergueram.

— Na verdade, é o pior lugar possível para a Sra. Pakefield. — Assentiu. — Irei examiná-la.

Francis não podia deixar de se sentir cético quanto a alguém ter sucesso com Lorde Henbury onde Tillie falhou, para não mencionar Lady Ferrensby. Contudo, logo ficou claro que Meldreth tinha uma autoridade que o velho era capaz de respeitar, embora de fato expressasse as mais fortes objeções.

— Não consigo ver por que precisa verificar a mulher agora. — Reclamou Henbury. — Amanhã também servirá.

— Não se a Sra. Pakefield estiver doente. — Ressaltou o médico. — Não pode desejar que expirasse antes de ter a chance de submetê-la a uma acusação.

— Expirar? Expirar? Só que vai expirar na corda, meu velho.

— Certamente, porém isso deve ser depois do julgamento, milorde. Alguém não gostaria de ter que explicar às autoridades em Warwick, que a prisioneira não pôde comparecer porque não havíamos exercido o devido cuidado e atenção.

Este argumento teve um efeito poderoso sobre Lorde Henbury. Afinal de contas, era um mero oficial da lei local e não tinha mais jurisdição, uma vez que entregou o assunto para julgamento em um tribunal superior. Dificilmente seria bom para sua posição perder um assassino acusado, antes de sua aparição no Inquérito.

Pilton recebeu ordens para destrancar a porta, um movimento que despertou Pakefield de seu estupor. Os aldeões, que mostraram tendência a avançar, foram empurrados para trás pela equipe do policial. Lady Ferrensby ficou ao lado com Kinnerton e Meldreth foi para o interior escuro da cela, Henbury em seus calcanhares. Vendo sua esposa prestes a segui-lo, Francis foi rapidamente até Tillie e a agarrou pelo braço.

— O que está fazendo? — Perguntou em voz baixa.

— Vou entrar.

— Não, não vai. Além disso, quase não há espaço. — Acrescentou, enfiando a cabeça para dentro.

Estava úmido e sombrio. Na luz da porta aberta, podia ver Hannah Pakefield, afundada no frio chão de pedra. Respirava com dificuldade, o ar lentamente entrando e saindo de seu peito. Meldreth já estava de cócoras ao lado dela, enquanto Lorde Henbury, com a cabeça jogada para a frente, como uma galinha, balançava sobre as pernas finas.

Francis recuou e puxou Tillie de lado.

— Estamos bloqueando a luz.

— Conseguiu vê-la?

— Está no chão. Creio que está doente! Achei que fosse um dos seus truques.

Tillie estava espiando pela borda, tentando ver o interior.

— Não, estou realmente preocupada com Hanna. Parecia cinza esta manhã, apesar das feridas em seu rosto, bem como sua respiração estava superficial.

— Está pior agora. — Francis disse francamente. — Espero em Deus que a mulher não morra entre nós.

— Se Meldreth a tirar de lá e colocá-la numa cama, imagino que se recuperará em breve.

Passaram-se alguns momentos antes que o médico surgisse, e estava sozinho. Olhou em volta e escolheu o vigário.

— Kinnerton, sua ajuda, por favor. — Olhando para o destroçado proprietário do Blue Pig, acrescentou: — Pakefield, estamos trazendo sua esposa para fora. Mande sua criada na frente, se quiser. Sua esposa deve ser levada direto para a cama.

Houve uma enxurrada de murmúrios e atividade enquanto Patty corria em direção à estalagem, seguida de perto por várias jovens que saíram da multidão, Bessy entre elas.

Kinnerton desapareceu dentro da boca negra da cela junto com Meldreth, e Francis puxou Tillie um pouco para se juntar a Lady Ferrensby.

— Só vamos atrapalhar os procedimentos, meu amor.

— Muito bem, Lorde Francis, — disse Lady Ferrensby, virando-se imediatamente para Tillie. — Graças a Deus pensou em Meldreth. Não poderia fazer nenhum progresso lidando com aquele velho autoritário e tolo.

Tillie suspirou.

— Temo que Henbury tenha desenvolvido o hábito da velhice, em que nada serve, exceto a própria opinião.

— Velhice? — Zombou Lady Ferrensby. — Nada do tipo. O homem tem sido uma mula por todos os anos que o conheço. Embora admita que sua dificuldade de audição o deixou dez vezes pior.

Quando Hannah Pakefield foi trazida para fora, obviamente de pé apenas pelo fato de ser mantida entre o médico e o pároco, uma grande ovação subiu da multidão. Espantado, Francis olhou em volta.

— Por que, diabos, estão satisfeitos?

As sobrancelhas de Lady Ferrensby se ergueram enquanto observava os aldeões.

— Ah, porque Henbury foi superado. Notará, no entanto, que Jeremiah Wagstaff parece menos do que feliz.

O que era verdade. O ancião ficou batendo no maxilar, apoiando-se pesadamente em seu cajado, seus olhos vingativos, enquanto observava a cavalgada se movendo lentamente, em direção ao *Blue Pig*, Pakefield correndo ao lado, os olhos fixos em sua esposa em estado de semicolapso.

— Jeremiah sabia que isso estava acontecendo, suponho. — Comentou Lady Ferrensby. — Ouso dizer que teria contado a Tisbury e ao resto, se Will não o tivesse impedido.

Evidentemente, não teria agradado a Pa Wagstaff se Hannah Pakefield tivesse morrido na prisão, pensou Francis cinicamente. Tisbury parecia apenas taciturno, o que não era surpreendente. Não havia sinal de Will, o taberneiro, ou dos garotos que haviam ocupado a carceragem antes, o que proporcionou a Francis um momento de diversão sombria. Sem dúvida, se esvaíram por medo de serem colocados de volta para substituir a Hannah perdida.

Suas ruminações foram interrompidas quando a mão de Tillie deslizou para a curva de seu braço. Olhou para a esposa.

— De volta ao *Pig*?

—Sim, pois me ocorre, — disse, em voz baixa. — que se a faca entrou na cômoda de Hannah, a chave da porta dos fundos também pode ter retornado como um pombo-correio ao seu lugar, no parapeito da janela.



OTTILIA FORÇADAMENTE RETIROU-SE cedo, instada por seu cuidadoso marido. Na privacidade de sua cama com cortinas, sentiu-se segura o suficiente, de ouvidos atentos, para livrar sua mente da suspeita, cada vez mais profunda, que agora era quase uma certeza. Francis ficou incrédulo a princípio, mas à medida que esboçava seu raciocínio, lentamente se convenceu.

— Fez isso de novo, minha heroína.

Ottilia acolheu seu abraço, porém se sentiu compelida a sussurrar uma advertência.

— Nada disso convenceria um júri, muito menos os aldeões. Não tenho um pingo de prova real.

Francis pegou sua mão inquieta e a segurou.

— Então, como vamos provar isso?

Ottilia respirou fundo.

— Devo descobrir quem levou a mensagem para Molly.

— Tem alguma noção de quem possa ser?

— Hum, talvez.

— E se descobrir, será o suficiente?

— Isso pode salvar uma vida. Embora eu tenha esperanças de que qualquer outra tentativa seja adiada, agora que Cassie foi removida de

Witherley para a casa de Lady Ferrensby.

Francis se moveu um pouco na escuridão.

— Quer dizer que se não houver visões, o dedo não pode ser apontado para outro lugar?

— Exatamente.

Então, um pensamento explodiu no cérebro de Ottilia, e sentou-se ereta, desarrumando as roupas de cama. Ao lado dela, Francis se apoiou no cotovelo.

— O que, diabos, a incomoda, Tillie?

Ottilia se virou, olhando para a forma escura ao seu lado.

— Disparou um foguete na minha cabeça, Fan! Não temos provas, mas podemos pegar nosso assassino assim mesmo.

Seu descanso noturno foi prejudicado, sua mente voltou-se para o dia seguinte e as ações que deveria tomar para colocar seu plano em prática. No entanto, como dependia totalmente da identidade da pessoa que havia sido subornada para levar uma mensagem a Molly, precisava primeiro desvendar esse mistério.

Assim que acordou, Ottilia estava ansiosa pelo desjejum. Teve que esperar pelo marido, pois Francis havia decretado que colocaria os pés fora da porta do quarto sem sua escolta. Tillie se irritou enquanto Francis se vestia, e voltou a se irritar, uma vez que engoliu uma refeição apressada de um único ovo cozido acompanhado de uma fatia de pão fresco, enquanto seu marido comia um prato cheio de presunto. E, por acaso, esse pequeno atraso proporcionou uma oportunidade inesperada de obter uma informação vital.

Patty entrou na sala de café da manhã no momento em que Ottilia decidiu tomar uma segunda xícara, para se distrair do espetáculo de seu marido comendo no que considerava um ritmo vagaroso e desnecessário. Descobriu que a cafeteira esfriara e saudou a criada com alívio.

— Patty, graças a Deus! Pode buscar um bule de café fresco, por favor?

A jovem largou o prato de prata coberto que carregava, empurrando-o na direção de Francis. — Seus ovos, milorde.

— Ovos também? — Ottilia explodiu antes que pudesse se conter.

Francis ergueu os olhos.

— Estou com fome. Além disso, só Deus sabe quando vamos comer de novo com o que planejou para hoje.

Furiosa, Ottilia não confiava em si mesma para responder. Numa hora dessas! Desesperada por qualquer coisa para falar além de comida, alcançou Patty, antes que chegasse a porta.

— Como está sua patroa hoje, Patty? Queria te perguntar antes.

As sardas de Patty enrugaram em seu nariz.

— Está na cama, e o patrão diz que vai mandar chamar o doutor Meldreth, pois não comeu nada, nem ontem quando a Srta. Beeleigh trouxe uma bandeja enquanto estávamos todos no jardim.

Ottilia a olhou com interesse.

— Isso foi gentil da Srta. Beeleigh.

— Sim, para apressar a cozinheira. — disse a criada, acrescentando com um olhar sombrio, — tampouco está satisfeita, porque a Srta. Beeleigh age como se fosse a senhora deste lugar.

— Contudo, estando a pobre Hannah de cama, talvez seja melhor. — Acalmou Ottilia.

Patty balançou a cabeça.

— Fica dando ordens como se eu não fosse fazer o serviço de casa, espanar e tudo sem que me ordene... — um brilho de triunfo apareceu em seus olhos. — Fui eu que encontrei a chave da porta dos fundos, apesar de ter que fazer tudo.

Os sentidos de Ottilia formigaram e viu Francis parar no meio da mastigação, o garfo no ar, o olhar fixo na criada.

— Encontrou a chave?

A criada moveu os ombros.

— Bem, estava na escada do porão, quando desci para buscar a carne na sala fria abaixo.

— Quando? — Francis perguntou. — Quando a encontrou lá?

Patty estremeceu com seu tom e Ottilia lhe lançou um olhar repressivo.

— Foi antes da reunião no jardim? — Perguntou, de modo cuidadosamente casual.

O olhar perplexo da criada se afastou de Francis e encontrou Ottilia.

— Sim, eu tinha acabado de trazer a carne, quando a senhora entrou na cozinha.

— Colocou a chave de volta no parapeito da janela? — Onde Ottilia realmente a encontrara, quando foi procurá-la, depois que Hannah fora libertada da prisão.

— Sim, porque eu pretendia contar ao patrão. Só que com toda a confusão, esqueci.

— Não estou surpresa. — disse Ottilia levemente. — É uma maravilha que tenha conseguido fazer tanto. Certifique-se de que direi a Hannah como lidou de forma excelente.

Os olhos de Patty brilharam e rapidamente caíram novamente.

— Se a milady não for levada e enforcada.

Com essa expressão sombria, a criada partiu. Ottilia encontrou o olhar de seu marido nela.

— Lembro-me que me disse o quanto as pessoas sabiam que não sabiam que sabiam.

Ottilia riu.

— Só então é surpreendente o que é percebido sem consciência. — Em seguida, um pensamento perdido veio à sua cabeça, e meditou em voz alta: — Eu me pergunto...

— O que quer saber? — Veio de seu marido irritado.

Olhou para o seu prato.

— Eu me pergunto quando vai terminar isso, para que possamos começar. Não percebe, Fan, que o assunto é urgente?



O *Cock and Bottle* ainda não havia aberto as portas, e coube a Francis acordar os criados e caçar a criada Bessy. Como havia apressado o café da manhã, não estava de bom humor. Tendo estabelecido regras para sua esposa, entretanto, mal podia protestar contra sua impaciência.

Para dizer a verdade, Francis refletiu, estava com falta de sono. Tillie tinha jogado a noite fora, até que a puxou para seus braços e a acariciou

para que ficasse quieta. O fato de estar inquieta e preocupada não era de surpreender, pois se estabelecera uma tarefa complicada. Em vão, Francis tentou pensar em um esquema alternativo. Poderia não gostar do que Tillie havia esboçado, mas apesar de todos os seus pensamentos furiosos, não conseguiu encontrar alternativa.

Encontrar Bessy não fazia parte da intenção original, porém Tillie não o esclarecera quanto ao motivo da mudança e, se não quisesse contar, também não perguntaria. Ciente da infantilidade dessa decisão, ainda assim, não foi capaz de superá-la.

Assim que retirou Bessy da casa, pela porta dos fundos, no entanto, a intenção de Tillie rapidamente se tornou clara.

— Lembra-se de, na noite em que sua patroa morreu, ter visto alguém perto do Cock? Teria sido tarde, Bessy. Pense bem agora.

Bessy franziu a testa, em um esforço de concentração, logo depois balançou a cabeça.

— Não vi ninguém, milady.

— Ouviu algo incomum?

A garota mexeu nos ombros e desviou o olhar. *Um sinal de desconforto*?

— Não, milady.

Francis observou sua esposa, lendo os sinais em seu olhar claro. Iria mudar de rumo.

— Não foi para a cama tarde, acredito, porque estava zangada.

O choque atingiu os olhos de Bessy, que se fixaram no rosto de Tillie.

— Como, diabos, adivinhou isso?

Francis viu o olhar de sua esposa se estreitar um pouco e soube que pressionaria ainda mais a criada.

— Patty veio do *Blue Pig*, não foi? Trouxe novidades para o Will.

As bochechas rechonchudas da criada ficaram vermelhas e seus olhos ficaram cheios de líquido. Palavras explodiram de sua boca.

— Aquela burra! Não tem o direito. Eu lhe disse antes, mas não quis me ouvir. Não era para vir choramingando para cá.

— Só que Patty trouxe notícias que viraram a casa de cabeça para baixo, não foi? E eu diria que Will não lhe prestou atenção depois.

— Não que me importe. — retrucou Bessy. — Não teria tempo para fofocar, não com o trabalho que gostaria de terminar.

— Não, e ninguém poderia culpá-la caso se atrasasse. — disse Ottilia gentilmente. — Se, talvez, tivesse ido para o seu quarto, para chorar um bom choro primeiro.

*Bessy parecia prestes a se dissolver novamente naquele momento*, Francis pensou.

— Agora pense com cuidado, Bessy. Quando foi fazer suas tarefas, havia algum som ou visão incomum?

Um eco varreu através de Francis, a admiração que sentia por sua esposa, quando a viu pela primeira vez em ação, durante o drama de sua família no ano passado. No momento em que teve uma vantagem, foi implacável em segui-la.

Fungando de volta as lágrimas que teimavam em descer, a criada lançou os olhos para o lado, olhando para a meia distância. Francis quase prendeu a respiração, a atenção voltada para a esposa, enquanto Tillie esperava com infinita paciência. *Pode funcionar? A garota não estaria*

*muito envolvida em seu rancor para notar*? Então, Francis viu a carranca se aprofundar no rosto da criada. Uma lembrança estava prestes a surgir?

De repente, a cabeça de Bessy se virou e olhou para Tillie, surpresa em seu rosto. *Por Deus, mas Tillie era sensacional*!

— Sim, deve haver alguma coisa. — disse a criada. — Quando estava apagando o fogo, na sala da patroa, ouvi um tamborilar na vidraça.

— Alguém tentando chamar a atenção? — Francis viu o sorriso caloroso característico surgindo no rosto de Tillie. — Oh, muito bem, Bessy. Obrigada. Não investigou, suponho, estas escutas?

Bessy balançou a cabeça pesarosa.

— Não, pois não estava ligando para aquilo. Já havia até esquecido que ouvi aquilo, milady.

*Uma pena*, pensou Francis. Poderia ter sido uma testemunha melhor. Nem por isso Tillie desistiu.

— Poderia ter visto um rosto na janela, talvez?

A menina pensou por um momento, mas mesmo para a mente de Francis, era óbvio que não havia mais nada a ser obtido dela. Viu um olhar que reconheceu no rosto de Tillie e ficou surpreso com o quão bem era capaz de lê-la. Não iria prosseguir. Agradeceu a garota novamente.

— Esquece. O que ouviu será suficiente, eu acredito.

A jovem fez uma reverência e correu de volta para a casa, enquanto Francis procurava palavras para expressar tudo o que havia sentido. Tillie colocou a mão em seu braço, antes que pudesse pensar em qualquer coisa. Seu tom era enérgico.

— O vicariato, acredito.

— Quer Kinnerton? — Francis perguntou, surpreso.

— Kinnerton? Não, de fato. Mas a Sra. Winkleigh emprega Jenny Duggleby.

— A filha do ferreiro? Por que a quer? — Francis a viu respirar fundo e sua mão pressionou os dedos que repousavam em seu braço.

— O que foi, minha querida? — Perguntou em um tom mais suave do que tinha usado com a esposa, desde o desentendimento de ontem. Seu olhar claro encontrou o dele, e seu coração se apertou.

— Só alguém bem familiarizado com Molly pensaria em chamar a atenção dela batendo na janela, e havia intimidade entre Moly e a família Duggleby.

— E então?

— Temo que seja Jenny quem foi enviada para buscar Molly no *Cock and Bottle,* na outra noite.

Descobriu-se que a Sra. Winkleigh se tornou tão superprotetora de Jenny Duggleby quanto Francis era de Ottilia. Cumprimentou os visitantes educadamente, conduzindo-os para a sala bastante vazia, que aparentemente servia ao Sr. Kinnerton como sala de estar. Quando questionada sobre a garota, seus olhos se estreitaram e colocou as mãos na cintura.

— Falar com Jenny, não é? E agora, por favor, se posso perguntar, milady, a jovem não ficou aborrecida o suficiente?

O interesse de Ottilia despertou e ergueu as sobrancelhas.

— Mais recentemente do que pela morte do pai dela?

A governanta esvaziou as bochechas.

— Não ficaria, se o sujeito que fez isso acabasse ficando louco o suficiente para fazer tudo de novo? E de forma brutal também.

Francis foi até a janela e olhou para os jardins do vicariato. Em seguida se virou para a Sra. Winkleigh.

— Pelo amor de Deus, mulher! Por que acha que minha esposa está aqui, se não para encontrar o autor do crime?

O corpo esguio da Sra. Winkleigh balançou um pouco e levou a mão ao peito, olhando horrorizada para Ottilia.

— Quer acusar a pobre Jenny?

Uma rápida suspeita se acendeu na mente de Ottilia, e, rapidamente, revisou seu primeiro instinto de repudiar isso como um absurdo.

— Existe alguma razão pela qual eu deveria?

Um suspiro escapou da governanta, e sua mão deixou o seio para ir à boca, como se procurasse repreender a própria boca por ter deixado escapar palavras imprudentes.

Ottilia tornou-se perspicaz.

— Sra. Winkleigh? É melhor falar imediatamente, se não deseja que eu chame seu patrão sobre este assunto. — Francis disse secamente, indo para o flanco de sua esposa.

Ottilia não disse nada, pois a mudança de atitude dele em sua relação foi muito bem-vinda. Por outro lado poderia ter desejado que tivesse ficado em silêncio. Não se importou em usar ameaças. Ainda assim, teve o efeito desejado.

A Sra. Winkleigh suspirou derrotada.

— É melhor falar com Jenny. Não que, de alguma forma, seja culpada.

— Porém Jenny sabe de alguma coisa?

— Não sei se tem a ver com a morte daquela mulher. — disse a Sra. Winkleigh preocupada. — Mas não posso negar que Jenny esteja indisposta desde aquela noite. Vou buscá-la para que possam conversar, milady.

Saiu apressada e Ottilia se virou, enquanto Francis falava em voz baixa.

— É possível que esteja errada, Tillie? Jamais pensou na garota, não é?

Atingida, Ottilia o encarou.

— Como uma assassina em potencial? Por que faria isso? Como isso serviria, presumindo que foi uma vingança pela morte de seu pai?

— Caso descobrisse que Molly era a responsável?

— Ou se ouviu de Patty que pensamos assim. — Ottilia disse, pensando rápido.

Era possível, mas parecia falso. Vira Jenny Duggleby apenas uma vez e ficou impressionada com sua inteligência. Porém ir tão longe a ponto de espelhar a visão?

— E não pode ter assassinado o próprio pai. — Ottilia disse, colocando em palavras seu próximo pensamento.

Francis franziu a testa.

— Por que não? Se soubesse dos maus-tratos de sua mãe nas mãos dele? E estaria bem-posicionada para realizar tudo o que fosse necessário. Se está disposta a suspeitar da mãe, também deve estender para a filha.

Contudo o instinto de Ottilia argumentava contra isso, embora não pudesse criticar a lógica de seu marido. Além disso, tinha quase certeza de

que estava certa. E, com sorte, estava prestes a receber a palavra de uma testemunha sumamente importante.

Não houve tempo para mais especulações, pois uma batida na porta precedeu a entrada da própria menina, acompanhada pela Sra. Winkleigh.

Francis ergueu imediatamente uma sobrancelha para Ottilia, e concluiu que estava disposto a expulsar a governanta, caso desejasse. Deu-lhe um pequeno sorriso e uma sacudida infinitesimal de cabeça enquanto avançava.

— Jenny, obrigada por ter vindo falar comigo — disse, estendendo a mão.

Ficou imediatamente claro que a Sra. Winkleigh não havia falado nada além da verdade. O modo anterior da menina a havia abandonado, e seus olhos estavam um pouco avermelhados de tanto chorar? E tinham a tendência de vagar. Esforçando-se por não a olhar nos olhos, Ottilia decidiu. Jenny não pegou a mão estendida, nem a olhou. Em vez disso, suas mãos permaneceram cerradas nas dobras de seu avental.

— Venha e sente-se, minha querida.

Ottilia segurou-a suavemente pelo ombro, puxando-a para um assento de madeira, onde obrigou a menina a se sentar. Tomando seu lugar ao lado dela, olhou para o marido e a governanta.

— Se oporiam em me permitir falar com Jenny sozinha? — Viu a recusa nos olhos de Francis e lembrou-se de sua intenção de mantê-la à vista o tempo todo. Não sem esperança, dada a melhor atmosfera entre eles. Lançou um olhar de apelo. — Do lado de fora da porta?

Francis hesitou e então assentiu. Abrindo a porta, olhou para a governanta.

—Depois da senhora.

A Sra. Winkleigh não se moveu, seus olhos indo para a garota.

— Quer que eu fique, Jenny?

Com isso, a garota Duggleby ergueu os olhos.

— Não precisa, senhora.

Aliviada, Ottilia esperou até que a porta se fechasse e ficassem sozinhas.

— Penso está perturbada, Jenny.

A cabeça encapuzada balançou em aquiescência, mas Jenny ainda não a olhou. Ottilia optou por táticas destinadas a chocar.

— Tem a ver com a noite em que Molly Tisbury foi assassinada?

A cabeça subiu e um gemido saiu da garganta da garota. Ainda assim nada ofereceu em termos de informação. Ottilia *'pegou o touro pelos chifres.'*

— Jenny, foi convidada a levar uma mensagem para Molly?

Com isso, houve um balançar frenético de cabeça e finalmente saiu.

— Não eu, senhora. Mas..., mas estou com medo de ter sido a mamãe.

O cérebro de Ottilia disparou em alta velocidade.

— Acha que sua mãe pode ter sido a mensageira? O que te faz dizer isso?

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Jenny e sua voz ficou rouca.

— Não só isso. Não somente.

*Então foi Bertha quem recebeu a mensagem? Mas o que mais?* Ottilia tirou uma das mãos cerradas do avental da garota e segurou-a com força.

— Diga-me, Jenny. Do que tem medo?

O olhar encharcado de lágrimas da garota se virou para encontrar o de Tillie.

— Acho que mamãe fez isso.

O choque suspendeu todos os pensamentos na cabeça de Ottilia por um instante. Não, não deve ser desviada. Embora nem por um momento suspeitasse da mão de Bertha no assassinato de Molly. Mas porque não? A mulher tinha força suficiente. Só que não havia razão para que matasse Molly, a menos que também tivesse assassinado seu próprio marido. A compreensão fez Ottilia apertar o punho fechado de Jenny.

— Está pensando que sua mãe também matou seu pai? É isso, Jenny?

Uma explosão de soluços confirmou isso. Jenny recuperou a mão e agarrou o avental, jogando-o no rosto e chorando nas dobras que o escondiam.

Ottilia não fez menção de acalmá-la, aproveitando os momentos que precisava esperar até que a dor avassaladora se dissipasse em pensamentos furiosos.

Tinha perdido algum detalhe? Estava tão certa de que tinha a resposta, todavia a dúvida surgiu, jogando seus cálculos em desordem. Bertha era suspeita da morte do marido desde o início. Se não fosse pela evidente apatia de seu comportamento após a morte de Duggleby, Ottilia a teria considerado no topo de sua lista. Em sua experiência, uma pessoa culpada não caía nesse estado de espírito, pois seus atos pesavam muito. Em vez disso, tomariam a atitude adotada por Uddington ou os Tisburys, prontos para atacar qualquer um que decidisse examinar suas ações.

— O que te faz pensar isso, Jenny? — perguntou, quando os soluços da garota diminuíram.

O avental escorregou e Jenny deu uma fungada melancólica.

— Mamãe está como um gato em um forno de pedra quente. Bain não gosta dela, nem mesmo quando foi encontrada como Pa... — parou e engoliu em seco dolorosamente.

Ottilia tentou mudar a cabeça da garota.

— Quando a notou se comportando assim, Jenny?

— Nem dois dias, — murmurou a garota.

— Desde a noite da morte de Molly, na verdade?

Jenny assentiu miseravelmente.

— Também não estava na casa naquela noite, não até tarde.

— Como sabe? Ouviu-a sair?

— Não foi isso. O pequeno Ned estava chorando e me acordou. Não pensei nisso no início, esperando que mamãe fosse até Ned, pois tem tido pesadelos. Só que não parava de chorar, então me levantei e fui ao seu encontro... e mamãe não estava na cama. — Terminou em pânico e Ottilia foi levada a colocar a mão em seus ombros, que tremiam com arrepios intermitentes.

— Esperou até que chegasse?

A cabeça de Jenny balançou novamente.

— Sussurrei a Ned para dormir de novo e depois fui para a minha cama. — Seus dedos se torciam em seu avental desarrumado. — Não conseguia dormir. Ouvi mamãe entrar.

— Sabe que horas eram? — Ottilia perguntou sem muita esperança.

— Já era tarde, sei disso.

— Não foi até sua mãe?

Outro soluço desolado escapou da garota.

— Não me atrevi.

— Por que não? — Ottilia perguntou. — Não é como se pudesse saber o que acontecera naquela noite?

Jenny suspirou, inspirando e expirando rapidamente.

— Não me atrevi porque pensei que mamãe estivesse na ferraria, procurando.

— Pelo que?

Dessa vez a garota não seria atraída. Manteve os olhos desviados e não falou. O que sabia sobre a suposta sorte inesperada de Duggleby, se é que sabia alguma coisa? Estava claramente ciente de algo, pois seu silêncio não poderia ser explicado de outra forma. As coisas estavam muito desesperadoras agora, para tamanha reticência.

— Era o ouro do seu pai?

Jenny se encolheu.

— Não tinha nenhum.

O tom de Ottilia ficou mais agudo.

— Como sabe, Jenny?

— Foi como papai me disse. Estava bêbado, do contrário não teria dito nada. Disse a mamãe para irritá-la.

Ou será que não? Ottilia estava pronta para acreditar que o sujeito havia mentido tão facilmente para a filha quanto para a esposa. Mas, de

momento, deixou isso de lado.

— Falou da ausência de sua mãe pela manhã?

Jenny estremeceu.

— Como eu poderia? Estava nervosa, atacando Ned e dizendo-lhe para sair de debaixo de seus pés. Tampouco tinha uma boa palavra para mim. Pensaria que nunca cozinhou porque queimou as salsichas e quase incendiou a casa derrubando a panela de mingau. Metade das toras de lenha caíram com o mingau e rolaram pelo chão da cozinha.

*Prova de uma mente severamente inquieta*, Ottilia estava fadada a concordar. Não admira que as suspeitas de Jenny tenham sido despertadas.

— E então, sem dúvida, ouviu as notícias sobre Molly. — Disse suavemente, — Somou dois mais dois para fazer quatro.

Os olhos da garota, brilhantes de angústia, se viraram para encará-la.

— O que devo pensar? Isso não é tudo. Se mamãe matou Molly, por que fez isso? Por que, se não matou o pai?

Um novo dilúvio de choro encerrou essa explosão, e Ottilia, distraída, deu tapinhas nas costas da garota. Pelo menos havia julgado o intelecto de Jenny corretamente, refletiu. Era demais esperar que desse o salto para perceber que mais era necessário como evidência do que mera suposição. No entanto, havia muito a ser verificado e Ottilia resolveu ir imediatamente para a residência do ferreiro.



NADA HAVIA DE opaco sobre Bertha Duggleby hoje. Jenny estava certa. Ao abrir a porta e espiar Ottilia, pareceu horrorizada e fez menção de fechá-

la na sua cara. A mão de Francis disparou, segurando-a com força.

— Afaste-se, mulher, pois estamos entrando.

Por um momento, a viúva do ferreiro segurou-se firmemente na borda da porta, em desafio. Então, com um grunhido de frustração, a soltou e desapareceu dentro de casa.

Francis passou pela porta, e Ottilia, seguindo mais devagar, pôde ouvir os protestos rosnados de Bertha, quando foi agarrada pelo corpo.

— A sala, Fan. — Ottilia disse apressadamente, abrindo a porta da qual se lembrava da última ocasião.

Seu marido empurrou a mulher para o quartinho e a jogou em uma cadeira.

— Fique! — Ordenou, como se falasse com um cachorro desobediente.

A Sra. Duggleby olhou-o ressentida, mas permaneceu onde foi colocada. Francis a soltou e se endireitou.

Ottilia fechou a porta e entrou na sala, abandonou qualquer ideia de pedir ao marido que a deixasse sozinha com a mulher. Não que tivesse concordado, como ele deixara claro no caminho para lá, uma vez que Ottilia lhe passara a essência do que Jenny lhe havia dito.

— Isso resolve tudo. Não vou deixá-la sozinha em um quarto com uma desgraçada que pode já ter matado duas vezes, então não perca seu fôlego perguntando.

Em vão, Ottilia argumentara que estava tão certa de seus fatos quanto podia.

— Até que seu plano se concretize, Tillie, não correremos riscos.

A sensação de estar indevidamente restringida havia voltado, mas, nesse momento, estava profundamente aliviada por ter o braço forte do marido, exatamente onde era necessário.

Sentou-se a um lado de onde a mulher estava sentada, notando que Francis recuou apenas um passo, os olhos fixos nos membros de Bertha, alerta, como o soldado que fora, a qualquer sinal de que saltasse repentinamente.

Ottilia não desejava causar dissensão entre mãe e filha, mas, dificilmente sabia como questionar a mulher, sem revelar a fonte de sua inteligência. Tentou uma abordagem simples.

— Bertha, sabia que alguém foi enviado a Molly Tisbury com uma mensagem na noite em que foi morta?

O efeito foi imediato. O rosto da mulher perdeu a cor e seus olhos ficaram redondos e temerosos. No entanto, não abriu os lábios em resposta.

Ottilia não perdeu mais tempo.

— Foi a senhora?

Por um momento, nada mudou no aspecto da criatura. Então, abruptamente, cerrou os punhos e os colocou de cada lado da testa, fechando os olhos com força.

— Nunca tive a intenção de fazer mal. — murmurou baixinho de seus lábios. —Não é obra minha.

— Quer dizer que não a matou?

— Não é minha culpa — disse novamente, começando a se balançar para frente e para trás, ainda segurando a cabeça como se doesse.

Ottilia trocou um olhar com Francis, que parecia decididamente carrancudo. Ergueu as sobrancelhas, murmurando: — E agora?

Bem, podia perguntar! A mulher estava perturbada. Culpa, sim, mas por qual ofensa? Era evidente que Ottilia não obteria uma resposta direta, se continuasse nessa linha. Procurou uma forma de acalmar a mulher, na esperança de soltar sua língua.

— Bertha, tem procurado o pote de ouro do seu marido?

A mudança de assunto interrompeu a absorção concentrada da mente de Bertha, como Ottilia esperava que acontecesse. Os punhos não baixaram, mas seus olhos se abriram.

— Por que não procuraria? Não o levou consigo. Se não estiver escondido, é na ferraria onde estará.

Respirava com dificuldade, claramente impelida além da resistência. Mas por quê? Contendo a impaciência, Ottilia suavizou o tom.

— Onde procurou, na ferraria?

As mãos da mulher, ainda enroladas com força, caíram em seu colo. Não olhou para sua interlocutora, nem para Francis; o olhar oscilando de um lado para o outro, quase como se falasse consigo mesma. Muito sobrecarregada para estar ciente do que estava acontecendo?

— Procurei por todo lado. Até mesmo na própria forja. Tirei a sujeira e a madeira. Arrastei suas ferramentas. Tentei sentir se o chão era oco, se tinha cavado um buraco. Não tinha nada em lugar nenhum...

— Então, talvez seja seguro presumir que não existe, Bertha.

Com isso, o semblante da mulher se voltou na direção de Ottilia, fogo em seus olhos.

— Está lá! Está lá em algum lugar, senão Duggleby não teria me batido por procurar se não existisse!

Ottilia agarrou-se a isso.

— Quando isso aconteceu, Bertha? Quando te bateu?

— Noite anterior. — Seu tom se tornou vicioso. — Morreu, e a última coisa que tive foi o cinto nas minhas costas.

Assustada, Ottilia procurou esclarecer isto.

— Não o viu de modo algum depois disso? Até que seu corpo foi encontrado?

— Sim.

— Perdoe-me, mas Duggleby não foi para sua cama?

Sua boca se torceu, e Ottilia pensou que mostrara os dentes.

— Não. Deixou-me com as costas ardendo e partiu para o *Cock*. Provavelmente se aconchegou junto com alguma nova concubina. — Seus olhos se estreitaram com raiva.

— Só o ouvi. À noite, ouvi-o.

— Fazendo o quê?

— Na ferraria, quer dizer? — Francis perguntou, interrompendo pela primeira vez.

Bertha mal olhou para Francis.

— Sim.

— O que estava fazendo? — Ottilia repetiu.

— Escondendo aquele ouro, não é?

— Como pode saber disso? — Francis de novo, falando o pensamento na mente de Ottilia.

— Porque ouvi o martelar. Estava no telhado, escondendo seu ouro lá em cima.

Os olhos de Ottilia saltaram para encontrar os de seu marido, e leu exatamente a mesma suposição que havia voado em sua cabeça. Não Duggleby, mas o assassino. E Bertha ouvira os preparativos. Mal sabia a mulher como suas palavras serviram para inocentá-la. Não matou o marido e a suposição de Ottilia estava correta.

— Como conseguiu subir no telhado? — Perguntou, adivinhando o que estava por vir.

— Provavelmente pegou a escada do velho Uddington.

— E a colocou de volta na mesma noite?

— Sim, com medo de que o visse e conhecesse seu segredo. Como não o vi na segunda-feira, porque não entrou. Mandei o jovem Ned levar o jantar. Eu que não iria atrás dele ou perto da forja

— Por causa da surra? — Ottilia supôs.

— Sim. Agora Duggleby se foi e o telhado caiu, e aquele ouro não estava lá. Não estava lá. — Seus punhos bateram em seus joelhos, e Ottilia não podia deixar de lembrar como a criatura havia mostrado uma mera sugestão dessa paixão subjacente na última ocasião, quando confessou seu sentimento fútil pelo desgraçado que a traíra e a seus votos. Com sua perda, no entanto, parecia que seu amor estava rapidamente se transformando em ódio.

Mas ainda havia a questão de seu envolvimento no segundo assassinato. Ottilia formulou sua pergunta com cuidado.

— O que lhe foi prometido, Bertha, se levasse aquela mensagem para Molly?



# Capítulo 17

**Tendo jantado no** Hall na noite anterior, Aidan havia programado sua visita para o início de propósito, não desejando que Lady Ferrensby supusesse que ansiava por um segundo convite. Precisava estar de volta à aldeia à tarde, de qualquer forma, para se encontrar com Tisbury e Wagstaff. Depois de Meldreth ter concluído a autópsia e sancionado o sepultamento, era hora dos preparativos serem colocados em prática.

Aidan viera para verificar se estava tudo bem com Cassie, mas ficou impressionado com o olhar abatido nas feições de sua senhoria e não hesitou em expressar sua preocupação.

— A senhora está bem?

Lady Ferrensby se endireitou, lançando um breve olhar para Cassie, cujos olhos escuros se moveram para estudá-la com a pergunta.

— Por que, pareço mal?

— Parece que esse acontecimento está atormentando sua mente. — disse Aidan com franqueza.

A feição de Cassie expressou consternação instantânea.

— É minha culpa. Perdoe-me, peço. Kinnerton diz que eu não deveria ter falado da minha visão, e está certo.

— Eu não disse nada disso. Tudo que falei foi...

— Talvez não tenha dito isso, porém foi o que quis dizer. — interrompeu Cassie, um tom de paixão reverberando em sua voz.

— Verdade, entretanto nunca lhe imputei a culpa por esses assassinatos.

Lady Ferrensby soltou uma risada curta.

— É inútil discutir com Cassie, Kinnerton. Se Cassie conseguir encontrar uma maneira de se contorcer de culpa, assim o fará.

Uma raiva rápida se acendeu no peito de Aidan, ainda assim manteve um tom frio.

— Acredito que a Sra. Dale tem motivos suficientes para se sentir assombrada.

O olhar trágico de Cassie voltou para seu rosto.

— Lady Ferrensby não acredita que vejo essas coisas. Acho que sofro de imaginação hiperativa. Como queria que fosse assim.

Aidan sorriu.

— Eu acredito.

Seus lábios tremeram em um sorriso e os olhos escuros tornaram-se luminosos.

— Eu sei. É o maior conforto para mim, Sr. Kinnerton.

— Fico feliz.

Nesse momento, Aidan percebeu o olhar irônico de diversão no rosto de Lady Ferrensby, e sentiu o rosto afogueado. Pelo menos não foi desaprovação. Não que achasse que suas intenções exigissem a permissão dela, contudo, como Cassie era, de alguma forma, sua protegida, seria político cortejar sua aprovação.

Perguntou se o momento seria propício, quando o mordomo entrou para anunciar outra chegada.

— Lorde e Lady Francis Fanshawe.

Cassie sentiu-se estranha, a cor flutuando em seu rosto. Aidan a encarou com preocupação e, quando sua atenção se voltou para os visitantes, Lady Ferrensby já estava trocando saudações com uma atitude cortês e acolhedora.

No instante em que a porta se fechou atrás do mordomo, entretanto, essa polidez espúria a abandonou, e seus olhos castanhos abruptamente mostraram um ar assombrado que lembrava tanto Cassie que Aidan se assustou.

— Está recuperada, espero, Lady Francis?

Transferindo seu olhar para Lady Fan, como Cassie o fizera, Aidan notou um olhar energizado nela. A viu balançar a mão como a indicar nada de importante.

— Oh, estou perfeitamente bem, obrigada, contudo não vim para isso.

Uma mudança repentina no rosto de Lady Ferrensby deu provas de esperança.

— Tem notícias?

— Não exatamente. — respondeu. — Ao menos, não da maneira que imagina. Porém era necessário vir.

Cassie começou a avançar.

— Não houve mais problemas? Não está ferida?

Lady Francis pegou as mãos de Cassie quando esta a alcançou.

— Nada desse tipo. Vim te ver, Cassie. Preciso da sua ajuda.

Os olhos escuros se arregalaram e Aidan ficou consciente de uma queimação em seu peito.

— Minha? O que eu posso fazer?

Lady Francis pareceu se preparar.

— Lamento perguntar— lhe isso, Cassie, mas suportaria ter outra visão?

O choque atingiu o peito de Aidan. Um pedido ultrajante! Sem surpresa, Cassie a estava encarando, o vazio naqueles olhos grandes e brilhantes. Então escureceram. Puxou as mãos, e seu tom, enquanto falava, era rouco e vibrante.

— A senhora brinca comigo, Lady Fan? Eu vejo o que vejo. Não consigo fazer uma imagem aparecer na minha cabeça.

Aidan ansiava por alcançá-la em conforto, mas conteve-se forçosamente, pois ainda não tinha o direito de mostrar proteção em companhia. Não percebeu que estava olhando para Lady Francis, até que Tillie falou com o reverendo.

— Não me olhe com raiva, Sr. Kinnerton.

Ao que, Aidan captou um olhar feroz de Lorde Francis, e foi impedido de fazer qualquer comentário quando sua esposa se voltou para Cassie.

— Não estou brincando, Cassie. Na verdade, estou falando muito sério. Terá uma visão esta tarde, por favor, e uma muito específica.

Lady Ferrensby estava olhando para a mulher com uma carranca profunda.

— Quer dizer que quer que Cassie finja?

— Exatamente.

Uma respiração aguda deixou o peito de Aidan, e lutou para conter a fúria que inundava. Sabia que soaria em sua voz.

— A Sra. Dale correrá perigo? Apenas por capricho? Pensei que a senhora, Lady Francis, deveria ser a última pessoa a lhe pedir isso, depois de sua experiência.

Com isso, foi imediatamente atacado por Lorde Francis.

— A razão dela é suficiente, Kinnerton. Acha que minha esposa está sendo cruel? Pode considerar uma sorte eu não tê-la removido de cena. O que eu teria feito, se as representações dela sobre a necessidade de verbalização não fossem muito profundas para serem ignoradas.

Aidan encarou para Francis em silêncio carrancudo, enquanto absorvia isso. Então olhou para Lady Francis.

— Se cometi uma injustiça, senhora, ofereço minhas desculpas. — Seu olhar se voltou para Lorde Francis. — Acho que seu marido deve entender minhas preocupações com relação à segurança da Sra. Dale.

— Sim, eu entendo. — retrucou o outro homem. — Porém seria melhor conter o fogo até saber de tudo.

Antes que Aidan pudesse responder a isso, Lady Ferrensby interveio.

— Por Deus, senhores! Serão pistolas ao amanhecer? Já não temos o suficiente em nossas mãos sem os dois brigando?

Aidan apertou os lábios com uma réplica imprudente, notando que Lorde Francis fizera o mesmo.

— Devemos voltar ao assunto em questão? — Interveio friamente Lady Francis.

Foi uma sorte, Aidan sentiu, que Cassie escolhera entrar novamente em questão neste momento.

— Por que deseja que eu finja ter uma visão, milady?

— Porque não tenho nenhum vestígio de prova, minha querida, e preciso pegar nosso assassino em flagrante.

A mente de Aidan saltou tão rápido quanto as palavras de Lady Ferrensby.

— Quer dizer que a senhora sabe quem fez isso?

Lady Francis respirou fundo.

— Estou tão certa quanto posso neste momento.

— É por isso que a senhora está tentando revelar o nome do assassino?

— Certamente, Lady Ferrensby.

— Bem, quem é?

Tão ansioso para ouvir a resposta quanto sua senhoria, Aidan ficou instantaneamente desapontado quando Lorde Francis balançou a cabeça.

— Tillie não vai contar, milady.

— Mas contou ao senhor? — Aidan perguntou astutamente, e ficou surpreso ao ver um sorriso repentino iluminar o semblante de sua senhoria.

— Nesta ocasião, fui muito privilegiado, sim.

Um pequeno sorriso de apreciação cruzou os lábios de sua esposa e Aidan sentiu uma pontada de inveja. Poderia esperar por uma felicidade igual? Se sua conquista amorosa prosperasse; embora não tivesse tanta certeza.

Percebeu que Lady Ferrensby olhava seu visitante com certo desânimo e conjecturou interessadamente. Então Lady Francis estendeu-lhe a mão.

— Lamento não poder tranquilizá-lo neste momento. Aprendi, por experiência amarga, milady, que uma palavra fora do lugar pode ser uma palavra em demasia.

— Acredita a senhora que algum de nós irá falar sobre isso?

Pela primeira vez, o olhar claro de Lady Francis mostrou uma sugestão de algum tormento interior.

— Um jovem morreu por causa de algumas palavras imprudentes minhas.

— Tillie, pensando nisso de novo? — explodiu de Lorde Francis.

— Não é assim! Todos nós éramos culpados, se é que havia culpa.

Um olhar cego estava nos olhos de Ottilia ao se voltaram para seu marido. Tillie lhe estendeu a mão e a segurou.

— Não é um erro que pretendo repetir, Fan.

Houve um silêncio. Aidan sentiu-se inesperadamente comovido ao ver Lorde Francis beijar a mão que segurava, um gesto inocente, mas totalmente íntimo, naquele momento específico. Olhando para Cassie ao seu lado, Aidan viu os olhos dela fixos no pequeno drama. Quando o cavalheiro soltou a mão de sua senhora, Cassie gritou.

— Isso não vai acontecer de novo, Lady Fan. Diga-me apenas o que devo fazer e o farei.

O coração de Aidan afundou quando Lady Francis descreveu os detalhes da farsa. Talvez fosse necessário, contudo doeu ver Cassie arrastada para a situação que deveria evitar. Resolveu garantir sua segurança, a todo custo. E depois, cuidaria para que não houvesse mais repercussões das visões que não poderia evitar.

Casse Dale tinha as qualidades de uma atriz. Na verdade, suspeitava que a garota fosse capaz de exagerar suas explosões apaixonadas. Não, Ottilia fez-lhe justiça, por qualquer vontade consciente. Provavelmente havia desenvolvido o hábito de se defender contra um ambiente de descrença e desprezo. Por causa de comentários perdidos, como Cassie deixou fluir, sua família imediata não foi simpática. Não era de surpreender, em seu estado de solidão, que se esforçasse por efeitos cada vez maiores em sua conduta.

Seja como for, nenhuma falha foi encontrada em seu comportamento exigido, quando irrompeu na sala de café do *Blue Pig*, uma expressão selvagem em seus traços, que pareceu totalmente natural até mesmo aos olhos de Ottilia.

— Lady Fan? Onde está Lady Fan? Devo vê-la imediatamente!

Todos os *habitués* estavam presentes, tendo chegado na hora certa, ansiosos por notícias. A viúva Radlett, que não parecia ter dormido bem, estremeceu violentamente. O comportamento calmo da Srta. Beeleigh não a abandonou, contudo olhou para cima com cara feia. O mais afetado foi o Sr. Netherburn, visivelmente constrangido esta tarde. Levantou da cadeira e começou a andar na direção de Cassie.

— Sra. Dale! O que aconteceu?

Francis estava de pé, ao lado da lareira vazia, apoiando o braço ao longo da lareira. Endireitou-se, gesticulando na direção de Ottilia, sentada em sua cadeira favorita da mesa redonda, que dava vista, ao mesmo tempo, para o gramado e para quem entrasse na sala.

— Minha esposa está aqui, Sra. Dale. O que há de errado?

Os grandes olhos de Cassie fixaram-se no rosto de Ottilia.

— Lady Fan, ajude-me, peço!

Ottilia se levantou imediatamente, movendo-se para pegar as mãos da garota.

— Acalme-se, Sra. Dale. — Disse ao conduzir Cassie para a mesa, enquanto Francis puxava uma cadeira.

— Venha, sente-se. Claro que vou ajudar. — Sentou-se de novo, não querendo perder a vantagem de observar as reações dos presentes. — Agora, minha querida, diga-me o que aconteceu.

— Teve outra daquelas visões. — disse rispidamente Tabitha Hawes, que havia entrado atrás de Cassie e estava pairando na porta aberta.

— Bom Deus! — O Sr. Netherburn empalideceu visivelmente, colocando a mão no peito. — Outra morte não!

— Oh, foi horrível! — Gritou Cassie, como se realmente *tivesse* visto algo.

— Fui imediatamente avisá-la. Só que Tabby não me deixou entrar para vê-la. Então eu vim até a senhora, Lady Fan, porque não sei o que fazer.

— Quem? Não deixou que visse quem? — Veio a pergunta da viúva Radlett, em um tom rouco quase um sussurro.

Ottilia lançou um rápido olhar para a mulher e notou suas faces pálidas. Com medo de ouvir o nome? Ou teria adivinhado o que estava por vir?

— Bertha Duggleby.

— *Bertha*? — proferiu a Sra. Radlett, um choque em sua voz.

Claro, pensou Ottilia. Esperava que a garota Jenny fosse mencionada. Percebendo as reações dos outros dois, Ottilia notou que o Sr. Netherburn parecia horrorizado, enquanto a carranca da Srta. Beeleigh tornou-se perceptível. Entretanto foi a mesma quem quebrou o silêncio após a revelação do nome.

— Não vai nos dizer que previu a morte de Bertha agora, não é? Sério, Sra. Dale, é uma pena. — Lançou um olhar para a criada.

— Feche a porta, Tabitha. Não quero que isso chegue à aldeia.

— Não, de fato. — concordou Ottilia apressadamente. — Não diga mais nada, Cassie, até que tenhamos certeza de que não há ouvidos atentos.

— Vou verificar - Francis disse.

Moveu-se rapidamente para a porta e a abriu novamente, saindo para o corredor. Houve silêncio na sala de café, todos os olhos voltados para a porta aberta. Enquanto sua esposa fingia abrir as outras portas que davam para o corredor, Ottilia teve a chance de fazer um novo balanço.

Evelina Radlett foi gravemente afetada, sua respiração agitando um pouco, enquanto inspirava e expirava. Suas feições empalideceram consideravelmente e não havia dúvida de que sabia exatamente o que essa nova visão pressagiava. A expressão da Srta. Beeleigh denotava tanto aquela sua superioridade presunçosa e repulsa, como se estivesse completamente desconcertada por Cassie ter mais uma visão.

A surpresa foi o Sr. Netherburn, que realmente parecia estar prestes a sofrer algum tipo de espasmo. Teria começado a suspeitar?

Ottilia percebeu o olhar de Cassie sobre si e, rapidamente, se concentrou no rosto da jovem. As sobrancelhas de Cassie ergueram-se em um olhar questionador, e Ottilia deu-lhe um rápido sorriso tranquilizador, antes de chamar o marido em voz baixa, cuja figura vislumbrou se movendo na direção da sala de café.

— Está tudo bem, Francis?

— Parece tudo claro. Ninguém por perto.

Entrou e fechou a porta, permanecendo de costas para ela, como se estivesse em guarda. Ottilia segurou uma das mãos de Cassie novamente.

— Agora, Sra. Dale. O que viu?

Cassie estremeceu artisticamente, retomando seu papel.

— Foi tão horrível, Lady Fan. Estava na ferraria. Bertha quero dizer. Havia uma corda e... e uma sombra balançando na luz que vinha do telhado.

Um rápido olhar captou o horror da viúva, a angústia de Netherburn e a crescente repulsa da Srta. Beeleigh. Ottilia lembrou-se de injetar o devido desânimo na própria voz.

— Quer dizer que Bertha estava pendurada em uma viga do telhado? — Cassie assentiu, estremecendo violentamente.

— Devo dizer a Sra. Duggleby, não devo?

— Por piedade! — Irrompeu de Francis, como se fosse instigado. — Não aprendeu nada, Sra. Dale? Kinnerton não a instruiu especificamente a não falar de suas visões?

Ottilia ergueu um dedo em advertência, enquanto Cassie colocava as mãos no rosto.

— Chega, Francis. A moça está perturbada.

— Sua senhoria está certa, porém, milady. — disse Tabby rispidamente. — A srta. Cassie não deveria ter dito nada a ninguém, nem mesmo à senhora.

— Sim, bem, é tarde demais para pensar nisso. — disse Ottilia com firmeza. — Devemos fazer o possível para minimizar os danos. — Olhou ao redor do quarto.— Ao menos nós aqui podemos confiar que não falaremos sobre isso.

Essa garantia não parecia estar refletida nos rostos do trio, apesar do aceno fervoroso da viúva e do aceno rápido de Netherburn.

— Não direi nada, milady, acredite em mim. — Coube a Srta. Beeleigh expressar os sentimentos do grupo.

— Depois de tudo que passou? Meu Deus, não! Não deveria sonhar em espalhar tal história.

— Exatamente. — disse Ottilia, virando-se novamente para Cassie. — Sra. Dale, não lhe é seguro ser vista pela aldeia. É melhor permanecer aqui conosco por enquanto. Sra. Hawes, tenha a gentileza de trazer o Sr. Kinnerton?

— Oh, não. — Murmurou Cassie, erguendo-se rapidamente, sua consternação genuína desta vez, Ottilia estava convencida.

— O reverendo não pode ser perturbado. Está com Tisbury e Wagstaff, organizando o funeral de Molly. Disse isso a Lady Ferrensby esta manhã.

— Então virá quando tiver terminado. — disse Ottilia em tom tranquilizador. — Sra. Hawes?

— Vá buscá-lo imediatamente, Tabitha. — interrompeu a Srta. Beeleigh, como se sua palavra tivesse mais peso. — Como se nós não soubéssemos que o vigário se preocupa mais com a segurança de Cassie Dale do que com o funeral daquela mulher tola.

— Tola? — Ottilia olhou para a criatura com pura admiração, enquanto Tabitha Hawes saía da sala, ignorando os protestos de Cassie. Sem dúvida, Molly tinha sido tola, porém sua morte foi cercada de uma forma tão macabra quanto indigna. Não havia piedade alguma no coração da Srta. Beeleigh?

O Sr. Netherburn sentou-se ao lado da viúva, seu olhar ansioso sobre suas feições pálidas.

— Gostaria que não parecesse tão angustiada, querida Sra. Radlett. Tenho certeza de que o perigo foi evitado.

Ottilia percebeu a expressão de espanto da viúva, antes que conseguisse superá-la com uma tentativa patética de sorrir. Sua voz tremeu.

— Horace, é possível  achar que Bertha pode tirar a própria vida?

— Em vez de outra pessoa fazer isso em seu lugar? — Interrompeu Francis, com uma crueldade, que Ottilia não esperava dele.

Observou para ver como Evelina Radlett reagia a isso e não se surpreendeu ao ver as lágrimas começarem a vir aos olhos da criatura.

— Determinado a impressionar a todos nós pelos ouvidos, não é, Lorde Francis? — Retrucou a Srta. Beeleigh, eriçando-se em defesa de sua amiga.

— Pelo meu dinheiro, Evelina tem razão. Nenhuma razão para supor que o assassino atacará novamente. Todos sabem que Bertha está um caco, desde que aquele marido canalha foi morto. Não me surpreenderia se tomasse meios para acabar com seu sofrimento.

*“Não até encontrar aquele pote de ouro.”* — Mas Ottilia não expressou o pensamento. Em vez disso, olhou para as feições, agora pálidas, de Cassie Dale. A garota estava levando isso a sério?

— Não fique tão cansada, Cassie. — disse Tillie, sem pensar, usando o nome de batismo da garota. Percebeu isso mesmo quando o olhar penetrante da Srta. Beeleigh a atingiu, e se apressou para recuperar seu papel.

— Oh, imploro seu perdão, Sra. Dale. Sou muito livre, mas me preocupou muito.

Cassie balançou a cabeça.

— Não importa como me chame. — Veio até a mesa, olhando para o rosto de Ottilia. — A Sra. Radlett está certa? Será que a Sra. Duggleby está tão infeliz que poderia tirar sua própria vida?

Ottilia agarrou sua mão e puxou-a para sentar-se novamente.

— Cara Sra. Dale, se o fizesse, ninguém poderia culpá-la.

— Mas e se vier a se enforcar? — Gritou Cassie, desesperada agora.

Estava claro para Ottilia que essa noção da visão, apesar de ter sido inventada, havia penetrado na mente de Cassie tão profundamente, que quase acreditou nela. Será que supôs que Bertha Duggleby pudesse enfiar na cabeça a ideia de cometer o crime, apenas por que ouviu falar? Se tivesse certeza, já saberia, pois as excursões de Francis no corredor tinham, como objetivo, garantir que Patty saísse da cozinha para investigar. À noite, o conto estaria em toda a aldeia. O que era exatamente o que Ottilia queria.



Os medos de Cassie não foram totalmente dissipados, embora as representações de Kinnerton, na medida em que a levava de volta para a casa de Lady Ferrensby, eram reconfortantes.

— Não se esqueça, Cassie, que a coisa toda é uma trama combinada. Lady Francis queria que a aldeia soubesse sobre a visão, e é por isso que deve ficar instalada em segurança no *Hall*.

— Porém não tive visão, Kinnerton — Cassie protestou. — E se Bertha Duggleby morrer por causa disso?

— Não vai morrer. Não sabemos exatamente o que Lady Francis está planejando, contudo pode ter certeza de que levou isso em consideração. Deve haver uma razão sólida pela qual usou Bertha em particular.

Cassie o encarou. O cabriolé prosseguia em uma caminhada tranquila, a estrada para o Hall estava cheia de buracos desde a tempestade. Cassie não podia deixar de ficar feliz com isso, pois prolongou esse tempo precioso em que estavam, pela primeira vez, a sós. Tabitha fora enviada, a pedido de Lady Fan, para encontrar Sam no chalé e dar-lhe certas instruções.

Considerou o perfil de Aidan no coração. De repente externou o pensamento em palavra antes que pudesse detê-lo.

— É o mais gentil dos homens, Kinnerton.

Aidan olhou em volta rapidamente e Cassie viu um brilho em seus olhos que a deixou sem fôlego. Puxou o cavalo e o cabriolé parou. O coração de Cassie começou a bater um pouco mais rápido.

— Perdoe-me se for precipitado — disse — mas devo falar.

Cassie foi imediatamente tomada por emoções conflitantes. Não tinha qualquer pensamento sobre visões ou segunda visão neste momento, mas

sabia exatamente o que Aidan pretendia. Ao tempo que desejasse ouvir dele as palavras, temia ouvi-las. Aidan iria oferecer-se. E Cassie deverá recusá-lo. Esse conhecimento fez seu espírito entristecer. Não, não suportaria ouvir.

—Não! — Gritou, movendo-se um pouco para trás no espaço confinado. — Não diga nada, Aidan. Não pode acontecer. Não suporto ouvir tais palavras, embora anseie por cada uma delas. Não pode ser assim, Aidan.

Kinnerton agarrou a mão dela com a mão livre, as rédeas afrouxaram-se na outra.

— Por que, Cassie? Meus sentimentos não lhe são desconhecidos. E embora eu não possa fingir que seus talentos são reais, não vou insultá-los e fingir que não é indiferente a mim.

Cassie tentou puxar sua mão.

— Indiferente? Eu só queria que fosse assim, pois poderia ficar menos angustiada com a necessidade de machucá-lo.

Aidan não iria soltá-la.

— Mas por que seria necessário? É uma mulher livre.

Cassie sentiu como se seu coração fosse explodir.

— Sem custos? Sim, livre para se juntar a uma irmandade que deve desprezar, não fosse pela generosidade de tia Ida.

A perplexidade transpareceu em seus olhos e Aidan a deixou ir.

— Não a entendo.

Recuou tanto quanto o assento do cabriolé o permitiu, cobrindo os olhos para não precisar ver a confusão que se abatera sobre Aidan

— Está falando de Lady Ferrensby?

Cassie deixou cair as mãos e as jogou no ar, seus sentimentos ameaçando consumi-la.

— Sim, Lady Ferrensby. Pronto, sabe disso agora. Lady Ferrensby é minha tia.

O olhar azul brilhante de Aidan estava fixo nela e Cassie não pôde evitar encontrá-lo.

— Eu me perguntei se possuíam algum tipo de parentesco.

— Então também deveria ter se perguntado por que o trouxe até aqui — gritou Cassie, o desespero a engolfá-la. — Foi escolhido cuidadosamente, Aidan. Eu soube desde o início. Oh, minha tia não pode ter pensado que iria acontecer tão rapidamente, mas...

— Espere!

Tal era o tom de comando de Aidan que Cassie parou no meio da frase. O encarou, um pouco assustada com a expressão de choque congelado em seu rosto. Mas sua voz era uniforme.

— Isso é verdade? Lady Ferrensby achou que eu, o que devo dizer? Sou um partido desejável?

Cassie quase bufou.

— Um sacrifício desejável, Kinnerton. Oh, eu gostaria que tivesse me visto com aversão, ao menos para confundi-la.

Por um momento Aidan não falou, e a vergonha tomou conta de Cassie. Não poderia ter segurado a língua, se sua vida dependesse disso.

— Não diz nada? Pode supor que eu participe do esquema de casamento da minha tia? Prometo, Aidan, eu não sabia de nada. No

momento em que adivinhei, tentei...

— Cassie, pare! — A cortou bruscamente, e havia mágoa no olhar azul. — Conhece-me tão pouco? Nos conhecemos há apenas alguns dias, Cassie, mas sinto como se a conhecesse há muito mais tempo. É assim contigo também, não é?

Cassie não podia negar.

— Sim, mas não posso culpá-lo por pensar mal de mim.

Aidan sorriu. Um sorriso tão gentil, que o coração de Cassie deu um pulo.

— Nunca poderia pensar mal a seu respeito, Cassie. Não percebe isso?

Por um momento, o calor floresceu em seu peito. E então Cassei se lembrou. Com um grito apaixonado, estendeu as mãos, como se para afastá-lo.

— Mas irá, Aidan, irá! Não sabe o pior e nunca poderia te enganar. Não enganaria nenhum homem, mas...

Uma de suas mãos agitadas foi agarrada com força.

— Cassie, nada do que possa dizer mudará meus sentimentos. Me dei conta de minha decisão, dois dias depois de te conhecer.

— Palavras! Apenas palavras, Aidan.

— Prefere ações?

Antes que pudesse pensar no que Aidan quis dizer, seus lábios foram presos em um beijo tão forte, que Cassie ficou em silêncio pelo choque. Quando Aidan a soltou, Cassie só conseguiu olhá-lo fixamente, sem perceber nada além do vazio em sua cabeça e das batidas em seu próprio peito.

Os olhos azuis eram ternos.

— Aí está, Sra. Dale. Diga-me agora que não acredita em minhas palavras.

Lágrimas saltaram dos olhos de Cassie, porém as ignorou.

— Acredito. Ainda assim não conhece a verdade. — Cassie deu um suspiro trêmulo. — Aidan, não sou a Sra. Dale. Não existe nenhum Sr. Dale. Jamais existiu. Sou uma mulher decaída.

Foi dito. Doente de pavor, Cassie esperou pela reação inevitável, o nojo no rosto de Aidan. Em vez disso, viu um aumento de compaixão ali. Sentiu sua mão ser tomada e observou, com fascinação, quando Aidan a levou aos lábios.

— "*Aquele que não tem pecado que atire a primeira pedra.”*

Cassie puxou sua mão.

— É esta a sua resposta? Pregar para mim?

Aidan meneou sua cabeça.

— Eu não estou sem pecado, Cassie. Nenhum de nós está. Isso não te rebaixa aos meus olhos. — Um pequeno sorriso puxou os cantos de sua boca para cima. —Além disso, eu já tinha adivinhado.

Presa, Cassie piscou.

— Como? Como poderia saber?

— Bem, não pelo uso da segunda visão.

Muito confusa para rir, Cassie o encarou e Aidan soltou um suspiro.

— Vou lhe ser franco. Deixando de lado esse negócio de bruxa, sua situação era estranha. Uma viúva, isolada de sua família, que estava claramente em dívida com a proprietária da aldeia. E seus criados nunca a

tratavam como Sra. Dale, e sim como Srta. Cassie. Não adivinhei sua relação com Lady Ferrensby, embora ache que deve haver uma conexão.

A descrença envolveu a mente de Cassie.

— Não se importa? Não conhece o meu pecado.

— Nem desejo. Também não vou julgá-la, Cassie.

Seu coração inchou, e estava vagamente ciente das lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Contudo não podia deixar isso passar.

— Acha que eu poderia suportar tamanha generosidade? Não, irá me ouvir.

Aidan franziu a testa.

— Farei isso se desejar, mas somente quando consentir em ser minha esposa. — Um tom mais severo do que Cassie já tinha ouvido entrou em sua voz. — Não permitirei que coloque na cabeça que há algum tipo de perdão divino em minha oferta. Eu te amo, Cassie. A criatura da paixão e do discernimento. Com sua solidão e seus olhos trágicos, Cassie. Eu não me importo com o que fez, entendeu? Eu a adoro. Eu a  desejo.

Para o espanto de Cassie, um pouco da escuridão que a engolfou por tanto tempo se dissipou.

— Seria possível?

Um olhar muito gentil surgiu no rosto de Aidan.

— Suas visões são uniformemente infelizes? Não consegue prever uma imagem do sol?

Cassie deu uma risada que estalou no meio, e seu coração de repente ficou leve.

—Devo aprender, se me ensinar.

Então não conseguiu dizer nada, pois os lábios de Aidan encontraram os dela novamente, desta vez suavemente e todos os pensamentos ficaram suspensos. Em algum lugar na periferia de sua mente, estava ciente do mistério incompleto ainda a ser resolvido, porém seu coração ecoou suavemente para a realização.



A NOITE ESTAVA assustadora. Apesar da proibição de qualquer tipo de conversa entre os que esperavam nas sombras, refletiu Ottilia, não existia silêncio absoluto.

Podia ouvir a respiração entrando e saindo, incluindo a dela. De perto, vinham ondulações de água do riacho que sempre corria, de vez em quando, um som fraco de respingos, acompanhando um deslizar que talvez significasse os movimentos de algum animal noturno, em busca de água fresca.

A lua estava bem alta, lançando um cintilar conveniente de prata, para capturar o feixe, suspenso por uma viga, nos restos do telhado da ferraria. Mesmo aos olhos de Ottilia, parecia terrivelmente real. O que Deus enviasse o serviria ao seu propósito! Supondo que o assassino viesse.

Um barulhinho perturbou seus batimentos cardíacos com o pensamento. A armadilha estava armada, contudo o perpetrador teria mordido a isca? Ottilia fora muito esperta? Seria possível que uma mente tortuosa pudesse superá-la e se recusar a jogar o jogo até o fim? Ou o risco era muito grande para não aproveitar a oportunidade?

Ottilia apostava no fato de que o assassino devia estar aguardando a chance de eliminar Bertha Duggleby. Poderia dar testemunho; portanto, não

poderia ser deixada viva. Mas, para escapar da detecção, as circunstâncias tinham que apontar para Cassie Dale.

Se Ottilia tinha as medidas da criatura, o plano devia funcionar. Se não... não, não ousaria pensar em fracasso. Não neste momento.

Francis, robusto na retaguarda, armado mesmo assim, tendia a acreditar que o assassino esperaria mais ou menos um dia. Poderia estar certo, caso em que, como dissera, iriam esperar novamente amanhã à noite.

A ideia de passar por tudo uma segunda vez fez o coração de Ottilia afundar. Foram obrigados a fazer uma rota tortuosa ao redor do gramado, para evitar serem vistos. Ryde foi enviado na frente, escondendo-se no chalé de Cassie Dale com Sam Hawes, preparado por sua esposa para trazer uma mala vazia para o equipamento necessário. Qualquer um deve supor que Sam estava indo buscar e levar para a Sra. Dale, conhecido por estar com Lady Ferrensby. Ryde e Hawes contrabandearam o que era necessário. Os dois haviam feito tudo o que planejaram, quando Francis e Ottilia chegaram à ferraria, contornando os fundos da loja de Uddington e o *Cock and Bottle*, e cruzaram o riacho mais abaixo, por meio de uma velha passarela de madeira. Coube a Francis organizar o embrulho de maneira adequada e amarrá-lo em um gancho conveniente.

O tempo se arrastava e Ottilia tentava não se preocupar. Se tudo fosse em vão, temia a desconfortável queda de tensão. Sem mencionar a horrível percepção de que poderia ter cometido um erro.

Então um sussurro em seu ouvido a alertou.

— Ouça!

Ottilia esforçou-se para ouvir além da batida repentina em seu próprio peito. Uma pegada? Nesse caso, foi roubado furtivamente. Como um gato

escapulindo noite adentro.

Ottilia estremeceu e sentiu a mão de Francis deslizar atras de si.

— Coragem!

Sua respiração acariciou sua orelha, enquanto murmurava a palavra. Ottilia desejou que seu coração batendo acelerado se calasse.

Os passos estavam mais próximos, parecendo, repentinamente, mais fortes no cascalho, do lado de fora da ferraria. Ottilia ouviu enquanto caminhavam suavemente sobre as lajes de pedra na parte escura além da cena iluminada pela lua.

Uma figura estava parada dentro da ferraria sem teto, suas feições chocadas, fantasmagóricas, mas visíveis nos raios da lua, olhando para o corpo improvisado, pendurado nos restos da viga, suas saias cheias escondendo metade de um par de pernas meramente empalhadas, com sapatos nas pontas.

Ottilia procurou ignorar a batida selvagem em seu coração e falou o mais friamente que pôde.

— Boa noite, Srta. Beeleigh.



# Capítulo 18

**A MULHER SALTOU** e sua cabeça desceu, colocando seu rosto de volta às sombras. Por um momento, não se mexeu nem falou, e Ottilia só pôde supor que a estava encarando diretamente. Ottilia andou um pouco mais para dentro da ferraria, enfrentando melhor a criatura.

— Está muito atrasada, sabe. Pobre Bertha.

Com isso, um bufo escapou dos lábios da outra mulher, e caminhou rapidamente para a luz, seu olhar voando até a figura suspensa.

— Toma-me por uma idiota? Enganou-me!

— Sim. — concordou Ottilia friamente. — Era a única maneira de te pegar.

Os olhos amendoados se estreitaram.

— Acha que me pegou? Veremos sobre isso!

Rapidamente a Srta. Beeleigh se virou e começou a acelerar de volta pelo caminho que tinha vindo, contudo deu apenas dois passos quando

Ryde se moveu para a abertura atrás dela, bloqueando seu caminho. Parou de repente.

— Maldita seja!

Virando-se novamente, olhou para além de Ottilia, que percebeu imediatamente que Francis havia se mostrado, a pistola segurada frouxamente na mão.

— Malditos todos, seus pútridos! — Proferiu a Srta. Beeleigh ferozmente. Mais uma vez olhou para a figura pendurada. — O que é aquilo?

Ottilia foi até o gancho e desamarrou a corda, deixando o boneco cair. Espatifou-se entre eles e a Srta. Beeleigh olhou para o saco de pelúcia com suas pernas e anáguas ridículas.

— Onde está Bertha, então?

— A salvo, em sua casa, com Sam Hawes para protegê-la. Não podíamos ter certeza, vê, de que não iria lá primeiro. Embora eu esperasse que fizesse seus preparativos aqui, antes de buscá-la com qualquer desculpa que tenha sonhado.

— O que a Srta. Beeleigh trouxe consigo, Ryde? — Perguntou Francis, apontando para a pilha indistinguível que, evidentemente, havia caído das mãos da Srta. Beeleigh quando viu o corpo. Ryde avançou alguns passos.

— Não tenha medo de deixar seu posto. Eu cuido dela.

Ryde olhou para o brilho de metal saindo da mão de Francis e se curvou para examinar, segurando os itens enquanto os identificava.

— Corda, martelo, pregos, tecido. Provavelmente pretendia cobrir a cabeça, uma vez que desse o golpe mortal. E, em seguida, realizaria a visão

de Cassie, pendurando o corpo da pobre mulher, exatamente como o fizemos parecer. — concluiu Francis.

— Exatamente. — disse Ottilia, com o olhar fixo na Srta. Beeleigh.

Os olhos da mulher brilharam ao luar.

— Não pode provar nada.

— Daí esse subterfúgio. — Ottilia concordou. — Dificilmente acho que vai demorar muito para convencer um júri. Além disso, temos algumas evidências.

— Que evidência? — Cuspiu a mulher.

— Bem, já que falhou em silenciar Bertha Duggleby, sabemos, para começar, que a persuadiu a tirar Molly do *Cock*. Disse a Sra. Duggleby, não disse, que Molly havia matado seu marido? E que planejava provar isso.

As feições da Srta. Beeleigh permaneceram congeladas e não respondeu. Ottilia suspirou interiormente. A mulher não ia admitir nada.

— Bertha Duggleby acreditou para começar. Mas depois que cometeu o ato e foi para casa, começou a pensar. Conhecia Molly muito bem, seus maridos são amigos há muito tempo. Tardiamente, começou a não acreditar no que disse. Então começou a se perguntar, a colocar na sua cabeça, por que a senhorita, bancaria a investigadora, quando eu era reconhecida por estar investigando a morte de seu marido. Por que  não me falou de suas suspeitas? Bertha ficou com medo. E pela manhã, quando ouviu a notícia, percebeu que havia atraído a pobre mulher para a morte.

— Ah! Um conto de fadas! — Disparou a outra. — E por que não lhe contou sobre isso?

— Estava com medo. E com razão. Era cúmplice de um assassinato, para começar. Por outro lado, não duvido que temeu por sua vida. Se matou

Molly, também deve ter matado Duggleby. O que impediria de matá-la também?

A Srta. Beeleigh respirou fundo pelo nariz.

— Ainda precisa provar que tive alguma participação em qualquer uma das mortes.

— Não foram só os assassinatos, Srta. Beeleigh. — disse Ottilia, sem conseguir esconder uma nota de reprimenda em sua voz. — E quanto ao trabalho que fez para incitar os aldeões a se voltarem contra Cassie Dale? Depois que entrei no caso, viu que não era suficiente usar as visões. Teve o cuidado de gerar violência no *Cock* com seus avisos, emitidos de forma a garantir a rebelião. Assim como fez quando Will montou sua estaca, vendo aí uma oportunidade de me afastar.

— Isso foi culpa dela também? — Pronunciou Francis em uma ponta de raiva.

— Ah sim. Havia os preparado muito bem. Tabitha Hawes contou a história completa que ouvira de Alice.

— Vai pagar por isso! — Francis disse à mulher vingativamente, e a arma na mão se levantou um pouco.



OTTILIA ERGUEU A mão para pedir silêncio, pois não havia terminado. O semblante altivo da Srta. Beeleigh nada revelava, apenas um músculo contraiu-se brevemente em sua bochecha, e os raios da lua mostraram um brilho naqueles olhos amendoados.

— Quando descobri que Molly não fora morta na sala de café, tentou fazer uso das acusações contra Hannah, não foi? Pegou a bandeja dela,

enquanto todos estavam no gramado, incluindo Pilton?

— O diabo! — Francis praguejou. — Foi quando plantou a faca na cômoda de Hannah?

— A mesma faca que usou, sim, e talvez tenha imaginado a melhor forma de se livrar dela. — Ottilia respirou fundo, trêmula. — Nada lhe teria sido importante, se a pobre Hannah tivesse morrido naquela prisão? Lorde Henbury teria ficado satisfeito com sua culpa.

Por fim, a Srta. Beeleigh falou, erguendo o queixo, com sua maneira peculiarmente superior.

— E como foi que entrei no *Blue Pig,* depois que Pakefield o trancou.

Ottilia caiu na gargalhada.

— Oh, venha, Srta. Beeleigh, me toma por uma simplória? A chave da porta dos fundos estava faltando. Deu-se ampla oportunidade de retirá-la, deixando-a na escada, quando optou por supervisionar o pessoal da cozinha, em uma demonstração corajosa de ajuda.

A Srta. Beeleigh bufou.

— Altamente inventivo, Lady Francis. Não provou nada para dizer que cometi essas ações. Nem ainda porque sou considerada como tendo feito isso.

Ottilia resmungou.

— Minha nossa, Srta. Beeleigh, deve me achar extremamente ingênua. Perdoe-me se falo com franqueza.

— Diga o que quiser. Não faz diferença para mim. Conversa fiada, tudo isso.

— É isso? É uma mulher de ferro, Srta. Beeleigh, mas há uma fenda em sua armadura. Isso eu vi desde o início, e isso te traiu.

O rosto da mulher enrijeceu e seus olhos desafiaram Ottilia a continuar, apesar de suas palavras.

— Não sei do que está falando.

— Acho que sabe. A pobre Evelina Radlett e seu cachorro.

Francis, que estivera observando o rápido intercâmbio de palavras, interveio novamente neste ponto.

— O que, diabos, quer dizer, Tillie?

Ottilia o olhou.

— Atrevo-me a dizer que não me acreditará, mas temo que a Srta. Beeleigh nutra um carinho por Evelina Radlett que vai muito além da mera amizade.

— O que quer dizer...

Francis calou-se, e Ottilia imaginou que não consideraria uma possibilidade que o revoltaria. Ottilia não sofreu repulsa semelhante. Em vez disso, teve pena da mulher.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, uma nova voz trêmula entrou na briga.

— Não diga que fez isso por mim, Alethea?

— Sra. Radlett!

Ottilia perscrutou a escuridão, enquanto a Srta. Beeleigh se virava bruscamente. Podia apenas distinguir o contorno mais curto e robusto, ficando um pouco atrás de onde Ryde ainda permanecia, pronto para saltar, caso a Srta. Beeleigh tentasse escapar por essa rota.

— Evelina! O que está fazendo aqui?

A Sra. Radlett, sua pessoa envolta em um manto escuro, entrou na forja, com os olhos fixos na amiga.

— Segui-a.

A Srta. Beeleigh avançou em sua direção, porém a viúva recuou e a Alethea parou abruptamente, a dor apenas visível em seus traços fantasmagóricos.

— Deveria estar dormindo.

Os olhos da viúva Radlett eram grandes, em um semblante pálido, como o brilho prateado acima. Ottilia não soube dizer se era um truque do luar, mas, na verdade, havia matéria suficiente para desanimar a pobre criatura.

— Estaria, se tivesse bebido a tisana que preparou para mim.

— Láudano? — Ottilia adivinhou. Assim como lhe deu na noite anterior à morte de Duggleby, então não saberia que tinha saído para fazer seus preparativos.

Os olhos da Sra. Radlett permaneceram em sua amiga.

— Deu de novo na noite em que Molly morreu. Porém eu derramei. Vi-a da janela, Alethea, indo para a ferraria. E depois, lhe vi voltando da direção do *Blue Pig*.

Francis deu um grunhido.

— A senhora a viu? E não disse nada sobre isso?

— Como eu poderia? Alethea é minha amiga.

— Uma linda amiga, para acabar com o ferreiro apenas por um cachorro. — Francis retrucou.

Pequenos riachos brilharam nas bochechas da viúva e Ottilia percebeu que estava chorando.

— Foi isso, Alethea? Foi o Toby?

Por fim, a postura rígida da Srta. Beeleigh relaxou um pouco e estendeu a mão instável. Um suspiro deixou seus lábios, e sua voz estava rouca.

— Estava muito infeliz, minha querida. Não poderia perdoá-lo.

Por um momento, ninguém disse uma palavra. Apesar de tudo, Ottilia comoveu-se com a nota de ternura indizível na voz da mulher. As duas pareciam se olhar tão profundamente, que Ottilia acreditou que estavam, naquele momento, alheias ao resto das pessoas à volta.

Então uma das mãos da Sra. Radlett saiu debaixo de sua capa e a estendeu para a amiga, um convite silencioso. A Srta. Beeleigh hesitou e depois deu alguns passos cambaleantes, que a trouxeram para perto uma da outra, e a Sra. Radlett afundou-se no abraço da mulher.

A pose durou alguns segundos. Então, de repente, um estampido ensurdecedor quebrou o silêncio.

O choque manteve Ottilia cativa. Parecendo em câmera lenta, viu a Srta. Beeleigh recuar. Seus olhos registraram uma espécie de horror. Em seguida, rolaram em sua cabeça, enquanto balançava, caindo pesadamente no chão de ferraria.

Ottilia saiu de seu estupor, para descobrir a arma na mão da Sra. Radlett, faltando uma bala. Estava olhando para o corpo de sua amiga, seus ombros sacudindo com soluços silenciosos.

A Srta. Beeleigh estava torta no chão, os olhos ainda abertos, o sangue escorrendo do ferimento, logo abaixo do seio. Evelina Radlett acertara um

tiro no coração dela.



DURANTE VÁRIOS SEGUNDOS agonizantes, ninguém se moveu ou falou. Hipnotizado, Francis olhou para o quadro à sua frente, incapaz de pensar além da terrível ocorrência.

Seus olhos se ergueram do cadáver ensanguentado para a saliência de metal presa na mão da outra mulher, que agora se estendia de seu antigo esconderijo mortal sob sua capa. A visão ditou a ação.

— Santo Deus! Ryde, tire essa coisa dela!

Seu cocheiro se moveu para extrair a pistola da mão sem força da Sra. Radlett.

— Não vai disparar de novo, milorde.

— Sei disso. — Francis disse, o choque emprestando impaciência ao seu tom. Sem recarregar, a arma não poderia disparar novamente, mas não suportaria vê-la nas mãos da viúva.

O que, diabos, deveriam fazer agora? Todos os esforços de Tillie foram destruídos? Com a assassina morta, alguém acreditaria na verdade? E como, diabos, iriam explicar um terceiro cadáver ao irascível Lorde Henbury?

Olhou para Tillie e encontrou seu olhar fixo na arma, agora em posse de Ryde. Como se sentisse sua consideração, sua cabeça se virou, e no brilho pálido do luar viu a tensão em seu rosto. Tillie falou, antes que pudesse formular uma pergunta.

— Francis, devemos agir! Aposto que poucos não foram despertados por aquele tiro. Teremos metade da aldeia sobre nós em um instante.

A mente de Francis deu um salto, abrangendo a miríade de complicações prestes a engolfar a todos.

— Oh, Deus, sim!

Mas Tillie estava à sua frente, sua inteligência rápida já eliminando os problemas que estavam surgindo em sua cabeça.

— A arma, Francis. Coloque-a nas mãos da Srta. Beeleigh.

Francis já estava se movendo em direção a Ryde enquanto falava.

— Quer fazer parecer suicídio?

Tillie concordou com a cabeça.

— Meldreth não se deixará enganar, de qualquer servirá para os aldeões.

Francis a viu mudar para a figura ainda paralisada da viúva Radlett e colocar um braço sobre os ombros da mulher. A criatura, finalmente, levantou a cabeça, olhando fixamente para o rosto de Tillie. Sua voz era um apelo lamentável.

— Não suportaria vê-la enforcada.

*Fora essa a razão dela?* Francis queria gritar com a infeliz, no entanto Tillie falou com uma bondade indescritível.

— Sim, minha querida, compreendo. Venha, não olhe mais. — Ryde entregou a arma a Francis, e se curvou sobre o cadáver, levantando a mão inerte e tentando a difícil tarefa de dobrar seus dedos sobre a coronha.

Tillie estava afastando a viúva, mas apesar de sua injunção, o olhar da mulher voltou para o corpo de sua amiga, lágrimas silenciosas escorrendo por seu rosto.

— Evelina não deve ser encontrada aqui. — Tillie ponderou acertadamente.

— Não há tempo suficiente para levá-la de volta para sua casa. Além disso, não pode ser deixada sozinha. Ryde, leve-a para a casa de Bertha Duggleby.

O cocheiro estava instantaneamente ao seu lado, segurando o braço da Sra. Radlett.

— Venha comigo, senhora.

O semblante temeroso deixou a visão do corpo, seu sangue brilhando como prata sob a luz suave da lua.

Olhou para Ryde, repetindo:

— Eu não suportaria vê-la enforcada.

— Vá com Ryde, Sra. Radlett, por favor — disse Tillie com firmeza. — Irei buscá-la em breve.

— Não quer que eu fique lá, quer, milady? — Perguntou o cocheiro.

— Não, nós precisamos do senhor. Também de Sam Hawes.

Francis estava olhando criticamente para a cena, mas ergueu os olhos ao ouvir isto.

— Pode confiar na mulher Duggleby para cuidar dela?

Ryde estava guiando a Sra. Radlett para os fundos, de onde Tillie havia entrado.

— Fique, Ryde! — disse Tillie rapidamente.

— Graças a Deus a mencionou, Fan, pois precisamos dela também! Ryde, faça a Sra. Duggleby acordar sua filha Jenny, se ainda não desceu

correndo, o que dificilmente me surpreenderia  e deixe a criança cuidar da Sra. Radlett.

Enquanto falava, soaram passos atrás da ferraria e a voz de Sam Hawes foi ouvida.

— Milorde? O que fazer? — Apareceu no momento seguinte e parou na cena que encontrou seus olhos.

— Meu Deus!

— Exatamente. — disse Tillie.

— Não faça perguntas agora, Sam, pois precisamos urgentemente de sua ajuda.

— Ryde, cuide do que tens de fazer, pelo amor de Deus! — Francis pediu. — Já recebeu suas ordens. — Disse para reforçar.

— Traga Bertha Duggleby aqui, Ryde! — Tillie gritou para o cocheiro, enquanto se movimentava com entusiasmo, quase arrastando a Sra. Radlett consigo.

O patético refrão da viúva foi ouvido novamente ao sair da ferraria:

— Eu não suportaria vê-la enforcada.

Uma pequena ladainha abandonada, como se pudesse justificar o disparo que matou a amiga. Apesar das complicações incalculáveis que causou, Francis sentiu uma pontada de compaixão pela infeliz senhora.

Tillie se voltou para Sam Hawes.

— Sam, corra para buscar o Doutor Meldreth, por favor. E o Sr. Kinnerton. Atrevo-me a dizer que ambos ou qualquer um deles já pode estar a caminho. Vá!

Sam saiu rapidamente pela frente da ferraria e Francis ouviu seus passos batendo forte na alameda. Os seus não eram os únicos passos, percebeu. A urgência o engolfou ao virar-se para Tillie.

— O que mais? Rápido! Estão vindo!

Seu olhar varreu as ruínas da ferraria e Francis sentiu uma onda de impaciência. Seus olhos caíram sobre o corpo da Srta. Beeleigh.

— É melhor eu cobri-la. Não queremos todos os idiotas da aldeia boquiabertos.

Tillie agarrou sua mão quando tentou pegar o manequim do chão, pensando em usar as saias para cobrir o corpo.

— Não! Deve estar assim como está. O truque que usamos para capturá-la deve ser totalmente visível.

Francis se curvou para o manequim, e se levantou novamente. Olhou para sua esposa, para encontrá-la de olho em sua obra com a pistola. Enfiou na mão frouxa, simulando a posição do punho.

— Vai servir?

— Penso que sim. Parece bom o suficiente para o olho não treinado.

Francis notou o tom irritado.

— Disse que Meldreth saberá que há algo estranho.

Tillie concordou com a cabeça.

— Não pode evitar perceber. A posição de entrada da bala no corpo lhe revelará imediatamente.

Francis moveu-se para olhar o cadáver de uma perspectiva abaixo dos pés. Olhou para a mão e viu exatamente o que Tillie queria dizer. Para

realizar sua própria morte, a Srta. Beeleigh teria que torcer o pulso em um ângulo impossível.

— Terá que confiar em Meldreth.

— Pretendo. Também Kinnerton e Lady Ferrensby.

Uma lasca de humor sombrio deslizou na cabeça de Francis.

— Mas não, suponho, Lorde Henbury?

— Deus me livre!

O som de pés correndo estava aumentando.

— Quantos? — Francis foi até sua esposa e a segurou pelos ombros. — Está preparada o suficiente?

Um sorriso tremeu em seus lábios.

— Não, de qualquer forma não importa. Se eu não conseguir convencê-los, tenho, pelo menos, a satisfação de saber que não haverá mais assassinatos cometidos em Witherley.

Francis puxou-a para si brevemente. Então, quando os primeiros passos soaram no cascalho lá fora, beijou-a rapidamente e a afastou dele, virando-se ao lado dela para enfrentar os aldeões mais uma vez.

Reuniram-se ao luar, em torno das bordas da cena. Tisbury, Staxton, Will o taberneiro e outros que Ottilia não conhecia. Pa Wagstaff foi um dos primeiros a chegar, sua casa estava a poucos passos de distância.

— Aquela Beeleigh, certo? — disse, no momento em que percebeu a identidade do cadáver com o líquido agora lento escorrendo da ferida em seu peito. Seu olhar mudou para a arma na mão da mulher e olhou para Ottilia, com inteligência brilhante em seu tom.

— É ela, então? Foi Beeleigh quem matou Duggleby e Molly?

— Bem fundamentado, Sr. Wagstaff.

Mas a explosão de murmúrios e exclamações abafaram suas palavras.

— Mas não é... Como, se estivesse morta e tudo mais?

— Onde está a bruxa?

— Não é Bertha deitada aí, suponho... O que é aquilo?

— É um boneco, seu tolo!

Ottilia esperou que comentários e murmúrios cessassem, observando os olhares questionadores, que iam do corpo no chão para o boneco, e então novamente para onde Ottilia estava parada, com Francis ao seu lado, o braço fortalecedor dele nas costas, uma das mãos segurando-a na cintura. Estava feliz com isso, pois, embora sua voz fosse firme, por dentro tremia.

— Bertha Duggleby está segura e bem. Estará aqui a qualquer momento.

— Espere. — Francis murmurou, virando a cabeça na direção da aldeia. — Mais estão vindo.

Várias pessoas correndo, ao que parece, Ottilia pensou, esperando por Meldreth ou pelo vigário. O que estava prendendo Bertha? Certamente Ryde já deve ter resolvido com Evelina Radlett? Por que não estava de volta com Bertha? Para seu alívio, os aldeões estavam todos esticados, em direção ao barulho dos passos, e se atreveu a torcer para que estivessem confusos demais para representar qualquer ameaça. Porém isso não poderia durar.

Os passos se aproximaram, diminuindo ao atingir o cascalho do lado de fora. No momento seguinte, Sam Hawes entrou, trazendo consigo o médico e o Sr. Kinnerton. Ottilia respirou com mais facilidade. Porém não

perdeu tempo em falar primeiro com Meldreth. O médico não poderia divulgar o que, para o homem vai, ser óbvio.

— Doutor Meldreth, graças a Deus! — deixando o braço de embalar de Francis, avançou, enquanto o médico empurrava os observadores ao redor.

— Por favor, tenha cuidado!

Meldreth parou próximo ao cadáver e seu olhar rápido percorreu a ferraria, observando o boneco e a presença dos Fanshawes.

— O que, diabos, aconteceu aqui?

Enquanto se agachava ao lado do corpo, Ottilia rapidamente se juntou ao médico, baixando ao nível dele e dando sentido ao seu tom.

— Atirou em si mesma, Doutor Meldreth.

Meldreth deu uma olhada na arma na mão da mulher e seu olhar carrancudo encontrou o de Ottilia. A luz da lua lhe deu a pergunta em seu rosto, e Tillie, rapidamente, colocou a mão enluvada nos lábios, passando um dedo por eles, enquanto o olhava fixamente. Sua carranca se aprofundou, mas assentiu levemente.

— Por que atirou em si mesma, Lady Francis?

Ottilia percebeu a ironia em seu tom e soltou a respiração, sem perceber que a estava segurando.

— Sabia que o jogo havia acabado. — disse Francis atrás dela, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

O médico se levantou e o confrontou.

— Que jogo, milorde?

— Isso, senhor, vou deixar minha esposa contar.

Aidan Kinnerton salvou Ottilia do problema, ao caminhar para a parte interna do círculo.

— Foi a Srta. Beeleigh a assassina, Lady Francis?

Com isso, os aldeões irromperam novamente.

— Nada disso! — disse Tisbury.

— Por que a Srta. Beeleigh levaria e mataria Molly?

— Por que deveria matar Duggleby, por falar nisso? — exigiu Staxton.

— Nada disso! — Ecoou Will, o taberneiro.

— É a bruxa! Teve uma visão, não foi?

Os traços ancestrais de Pa Wagstaff se contorceram na direção do homem.

— Não há nada nessa sua cabeça, Will. Não havia visão para aquela Beeleigh. Seria Bertha que estaria na visão, se é que houve alguma visão...

Com isso, o ancião voltou o olhar para Ottilia, os olhos remelentos brilhando na luz branca fantasmagórica.

— Que inteligente da sua parte, Sr. Wagstaff. — disse Ottilia, aproveitando a oportunidade. — De fato, não houve visão alguma. Pedi à Sra. Dale que fingisse ter visto Bertha Duggleby pendurada na ferraria. Sabia que a Srta. Beeleigh deveria tirar vantagem disso.

— Preparou uma armadilha, hein, Lady Fan? Isso mesmo?

Houve uma nova explosão de resmungos sobre isso, contudo Tisbury foi o primeiro a se opor.

— Não diga isso. Por que a Srta. Beeleigh quereria matar Bertha? Por que razão?

— Serei a única a te contar isso.

Uma nova voz entrou na briga, e Bertha Duggleby emergiu da escuridão na parte de trás da forja com Ryde ao seu lado. Houve um suspiro combinado dos espectadores com essa aparição repentina.

— Bertha?

O choque estava na voz de Tisbury, como se falasse com um fantasma. Ottilia dificilmente se surpreendeu, pois ela própria se assustou, apesar de saber que a mulher estava chegando.

— Sim, sou eu. E não estou morta ainda.

Enquanto Bertha se movia para a luz, vários olhares foram dela para o boneco no chão, e Ottilia se perguntou se, de fato, um ou dois dos aldeões supuseram que fosse real.

A viúva de Duggleby parou diante de todos, olhando para o corpo da Srta. Beeleigh.

— Deite-se aí, sim. — disse ao corpo. — Se não tivesse morrido, seria eu na corda, com certeza.

Seu olhar surgiu e percorreu os rostos que observavam. Havia medo à vista e o despertar de uma curiosidade mórbida. Ottilia não poderia ter esperado coisa melhor. Silenciosamente, foi para o lado de Francis, deixando a mulher ocupar o centro do palco.

— Sou uma idiota. — veio de Bertha, em um tom seco e amargo. — Mais que tola em acreditar no que a Srta. Beeleigh me disse. Chegou para mim dizendo que Molly havia matou meu homem, Duggleby. Disse que se eu conseguisse tirar Molly do *Cock* em silêncio, iria me mostrar como o havia matado.

— Molly não fez isso! — Tisbury gritou. — Ela não!

— Não, agora eu sei. — disse Bertha. — A verdade é que eu soube disso depois que Molly encontrou a Srta. Beeleigh.

— O que dissera? Que mentiras contou?

— Disse que foi a bruxa quem fez aquilo. Disse que era segredo, e que Pilton tinha a bruxa para prender. Disse para não dizer nada a ninguém.

As feições de Tisbury se enrugaram.

— Engano seu! Molly estava com medo porque Lady Fan pretendia acusá-la de matar Duggleby. Por que não disse tudo para mim? Por quê a Molly?

Grandes soluços fortes saíram de sua garganta. Ao lado dele, o fazendeiro Staxton se virou e lançou os braços ao redor do homem, olhando furioso para Bertha Duggleby.

— Bom. Foi Bertha que matou Molly.

— Sim. — Foi tudo o que disse, ainda com a mesma nota amarga. Ottilia achou que demoraria muito para que as feridas sarassem. Mas, neste momento, Bertha tinha feito o suficiente. Deu um passo à frente.

— Devem se lembrar que Bertha estava de luto.

Não houve suavização nos rostos ao redor. Para alívio de Ottilia, o reverendo Kinnerton interveio, pegando Bertha pelo braço.

— Vou orar por ti, Sra. Duggleby. — Seu olhar percorreu o resto. — Orarei por todos. Porém não percam de vista a verdade. Tentem se lembrar de quem começou tudo isso. Bertha é uma vítima dos esquemas daquela mulher. — Apontou para o cadáver.

O idoso Wagstaff interrompeu os murmúrios, dirigindo-se a Ottilia.

— Mas não se disse por que a Srta. Beeleigh matou Duggleby, Lady Fan.

Ottilia respirou fundo.

— A Srta. Beeleigh tinha um ressentimento contra Duggleby. — Antes que lhe pedissem para explicar a natureza do rancor, adiantou. — Estava apenas esperando sua chance de se vingar. A Srta. Beeleigh planejou tudo com muito cuidado. Sabia que a Sra. Dale tinha tido uma visão do telhado caindo em Duggleby. Na noite antes da tempestade, a Srta. Beeleigh pegou emprestada a escada do Sr. Uddington...— Calou-se ao ouvir uma exclamação na multidão e pela primeira vez percebeu que o comerciante estava entre os presentes.

— Sim, a Srta. Beeleigh queria que o senhor fosse suspeito, Sr. Uddington.

Vários se viraram para localizar a cabeça nevada e Ottilia retomou rapidamente.

— A Srta. Beeleigh foi ouvida tanto por Bessy quanto pelo Sr. Wagstaff.

— É isso que o senhor queria?

— Exatamente.

— Também foi ouvida por Bertha quando subiu a escada e cortou a viga mestra. — Completou Francis, retomando a história e apontando para o céu.

— Só que Bertha achava ter sido o marido. — Ottilia disse a eles.

— Provavelmente, também amarrou uma corda à viga e a enrolou no telhado, — Francis acrescentou.

— Mas depois colocou a escada de volta. — Acrescentou Uddington, e várias cabeças assentiram.

— Como conseguiu a corda?

— Muito fácil. — disse Francis. — Um fio amarrado à corda despercebido se o puxasse de lado e o amarrasse junto à parede. Tudo o que precisava fazer era puxar o fio para baixar a corda.

— Na noite da tempestade, — Ottilia retomou — provavelmente, a Srta. Beeleigh veio aqui, com o pretexto de um trabalho para Duggleby. Havia martelos suficientes para escolher. Esperou que Duggleby virasse as costas e então atacou.

Mesmo na penumbra, Ottilia percebeu que os rostos ao redor eram atentos. Mas com isso veio um coro de respirações inspiradas e murmúrios de consternação. Uma voz solitária, desconhecida de Ottilia, protestou.

— Como uma mulher pode desferir um golpe para matar um homem?

Wagstaff replicou:

— Não se preocupe com isso. Não vi nenhum homem aqui forte como a Srta. Beeleigh, querendo dar uma surra nele.

— Nem precisava da ajuda de nenhum homem. — acrescentou Staxton.

— A vi cortando lenha. Se alguém tem forças para puxar uma escada aqui e de volta para Uddington, era a Srta. Beeleigh.

Tisbury, passando a manga da camisa sobre os olhos, após seu breve ataque de choro, entrou com uma questão.

— Está dizendo que a Srta. Beeleigh acendeu a forja e tudo? Por quê, se a tempestade estava chegando?

— Não acho que a Srta. Beeleigh esperava que a tempestade despencasse tão rápido — respondeu Ottilia, aliviada ao descobrir que o interesse no funcionamento do crime havia superado a descrença.

— Quando baixou a viga, a maior parte das vigas podres desceu, junto com metade das telhas. Acho que pegou um ferro de marcar em chamas da forja e colocou fogo nas vigas, ao redor do corpo de Duggleby.

— Sorte que a tempestade apagou o fogo.

— Muito bem, Sr. Uddington. Se a tempestade tivesse vindo mais tarde, o corpo teria sido queimado e seria improvável, senão impossível, que o Dr. Meldreth descobrisse que Duggleby havia recebido um golpe de martelo.

Meldreth, que ainda estava carrancudo enquanto seguia a história, respondeu ao olhar questionador de Ottilia.

— Altamente improvável. — Um murmúrio irrompeu quando os aldeões se viraram, mas os tons redondos, como os do púlpito de Kinnerton abafaram o murmúrio.

— Nesse caso, todos teriam perseguido uma mulher inocente, com suas falsas acusações de bruxaria.

Um lembrete que foi recebido com um arrastar de pés e alguns olhares envergonhados. Tisbury foi notavelmente desafiador, olhando o pároco nos olhos, embora se abstivesse de dizer qualquer coisa. Wagstaff, que parecia ter se constituído em porta-voz do grupo, gesticulou para o corpo no chão.

— O que vai fazer com Beeleigh agora, Lady Fan?

Ottilia respirava com mais facilidade. *O pior já passou.*

— Vou deixar isso para o Dr. Meldreth.

Diante disso, o médico assumiu o comando, convocando voluntários para carregar o cadáver de volta ao consultório. O movimento para realizar essa tarefa teve o efeito de quebrar a reunião, com Kinnerton auxiliando nas operações diretas, uma vez que deve, necessariamente, acompanhar o corpo da Srta. Beeleigh, para realizar sua parte após o fim prematuro da mulher.

No vai-e-vem geral de pessoas, Ottilia foi capaz de sair dos holofotes finalmente. Foi até Francis, que pegou sua mão e a segurou com força.

— Um esforço corajoso, meu amor.

Soltou um suspiro de alívio.

— Não teria conseguido sem Bertha.

— Lady Francis?

Meldreth estava ao seu lado. Uma sensação de vazio invadiu seu peito, quando Tillie se virou para encará-lo. Aos raios da lua, sob o teto aberto, podia ver seu rosto com mais clareza e ler o presságio de seu olhar severo.

— Oh céus.

— De fato. — Disse, com um leve relaxamento de suas feições, embora não sorrisse completamente. — Isso não foi suicídio, Lady Francis.

Antes que Ottilia pudesse dizer alguma coisa, Francis interveio, com aspereza no tom.

— Esta não é a hora nem o lugar, Meldreth. Sem dúvida, suas investigações em sua cirurgia renderão mais respostas do que podemos dar neste momento.

O olhar do médico foi de Francis de volta a Ottilia.

— Entendi seu ponto. Amanhã de manhã? Antes do culto de domingo, presumindo que Kinnerton ainda pretenda realizá-lo?

Ottilia concordou com a cabeça.

— Sim, porque também precisamos dele. Também de Lady Ferrensby. — Os lábios de Meldreth franziram.

— Deixem os dois comigo.

Com isso, se virou para seguir os homens, que já haviam partido com o corpo da Srta. Beeleigh, acompanhado por vários dos aldeões, que pareciam não querer se dispersar completamente. Ottilia se voltou para Francis.

— E agora para Evelina.



Francis não poderia imaginar que algo pudesse ser mais enervante do que os eventos anteriores da noite. Mas não negociou com a necessidade de transferir a infeliz Sra. Radlett, no maior sigilo, da residência de Bertha Duggleby à do Sr. Netherburn.

A casa do senhor idoso estava situada do outro lado da aldeia, em uma fileira situada em frente à igreja, perto do consultório de Meldreth. Tiveram de esperar forçosamente o tempo suficiente para permitir que a aldeia se aquietasse, antes que a cavalgada começasse. O que significava que o luar estava enfraquecendo e o céu estava começando a ficar cinza no horizonte.

Encolhida em seu manto oculto, com o braço de Ottilia sobre os ombros e ainda em estado de choque entorpecido, a viúva Radlett foi escoltada lentamente até seu destino, com Francis na liderança e as duas mulheres flanqueadas por Sam Hawes e Ryde. Esperava-se que, se fossem vistos, parecessem apenas um grupo disperso, que ninguém reconheceria.

Tendo em conta o estado de Evelina, a viagem foi necessariamente feita a passo de caracol. Rastreando a extensão do gramado, Francis sentiu

que era como a arriscada investida de um grupo de batedores, dos seus dias no exército, interminável e aberta ao fogo inimigo. Não que alguém esperasse levar um tiro, no meio de uma aldeia do interior, mas os acontecimentos haviam se tornado tão imprevisíveis, que Francis não pode evitar uma sensação rastejante de estranha apreensão.

Nunca ficou mais feliz em chegar ao seu destino até que, depois de bater suavemente na porta, se deparou com a visão de Horace Netherburn, vestido com sua camisola, com um roupão jogado às pressas por cima e a touca na cabeça sem peruca. A boca do idoso estava meio levantada e a expressão em seu rosto era de cômica consternação.

— Precisamos de sua ajuda, Sr. Netherburn. — Tillie disse com uma voz urgente. — Por favor, deixe-nos entrar.



— ACREDITO QUE O pobre homem ficou mais chocado com a impropriedade da Sra. Radlett ter ficado em sua casa durante a noite do que com os acontecimentos horríveis que descrevi para o homem. — disse Ottilia a Lady Ferrensby na manhã seguinte, incapaz de evitar uma gargalhada.

A grande senhora da aldeia parecia pouco divertida, sua própria postura claramente destruída, com o resultado da aventura.

— Não estou surpresa. Horace é um defensor.

Meldreth poupou Ottilia da difícil tarefa de informar Lady Ferrensby sobre a morte da Srta. Beeleigh e as circunstâncias de sua culpa nos assassinatos. Entretanto coube a Ottilia transmitir a verdade nua e crua do que havia acontecido. A reunião estava sendo realizada na sala de café do

*Blue Pig*, onde poderiam ter certeza de privacidade, Ottilia tendo verificado que, com a senhoria um pouco recuperada, Patty tinha recebido um dia livre após seus esforços recentes e não estava em casa.

— Mas como vai servir deixar Evelina na casa de Netherburn? — Perguntou Lady Ferrensby.

— Ah, não podemos deixá-la lá. — disse Ottilia com franqueza. — Era o lugar mais seguro da noite passada, pois não ousei arriscar a língua destravada de Patty aqui, e dificilmente se poderia esperar que a criatura dormisse na casa da Srta. Beeleigh, depois do que aconteceu.

— Ah, coitadinha... — veio com uma onda de compaixão de Cassie Dale, que chegara com Lady Ferrensby.

A princípio surpresa, Ottilia pensou ter entendido, quando notou o reverendo Kinnerton escolher um assento ao lado de Cassie e tomar posse de uma de suas mãos.

Altamente entretida, Ottilia procurou, por meio de sobrancelhas ligeiramente levantadas e um piscar de olhos, chamar a atenção de seu marido para essa ação sugestiva.

Contudo Francis, cujo humor havia melhorado consideravelmente agora que todo o perigo havia passado, voltou sua atenção para Lady Ferrensby.

— Guarde minhas palavras —alertara sua esposa antes, quando foram dormir algumas horas em seu quarto.— Não vai garantir facilmente a cumplicidade de Lady Ferrensby em silenciar o assunto.

— Então conto contigo para me apoiar até o fim. — Ottilia retrucou.

— Lady Ferrensby dá grande importância ao exemplo de seu falecido marido, então, ouso dizer que é uma daquelas mulheres que respeita as

opiniões do homem superior. Ao contrário de algumas que eu poderia mencionar.

O que deixou Ottilia em tal acesso de riso, que proporcionou a ambos uma liberação muito necessária das tensões da noite.

Cassie Dale, no entanto, apesar de uma evidente felicidade, recém-descoberta, estampada em seu rosto, provou ser uma aliada nesse aspecto.

— Quão terrivelmente a pobre Sra. Radlett sentirá isso! A culpa e a dor combinadas. Como vai suportar, eu me pergunto? Gostaria de poder ajudá-la.

— Bem, pode se quiser. — disse Ottilia, agarrando-se a essa possibilidade. E fez uma cara séria, quando seu olhar se voltou para sua senhoria.

— Receio tê-la comprometido em sua ausência, Lady Ferrensby. Acho que vai parecer bem natural que a senhora traga Evelina de volta ao Salão por um tempo.

— Acha, de fato?

O tom azedo não deteve Ottilia.

— Sim, acho.

— Sim, e eu também. — disse Cassie, com um tom apaixonado. — Onde mais a pobre criatura poderia ficar?

— Pobrezinha? — As sobrancelhas de Lady Ferrensby subiram. — Tão pobre que aponta uma arma para sua amiga e benfeitora?

— Sim. — Concordou Meldreth pesadamente.

— Não há como escapar do fato de que a Sra. Radlett cometeu um assassinato.

— Pode chamar de morte misericordiosa. — Interrompeu Francis com lealdade.

— Poderia chamá-lo do que eu quiser, — retrucou Lady Ferrensby acidamente. — Contudo isso não altera os fatos.

Ottilia suspirou.

— O que faria, milady? A culpada foi descoberta. A confissão de Bertha Duggleby convenceu os moradores a acreditar em nossa versão dos eventos. De que valerá a senhora, ou a qualquer pessoa, perseguir Evelina Radlett até o limite da lei?

Meldreth balançava a cabeça e fez uma ressalva:

— Embora a senhora saiba tão bem quanto eu, Lady Francis, que tal morte pode cegar uma pessoa para o mal de seu ato.

— A compaixão existe, Meldreth. — disse rispidamente o reverendo Kinnerton. — Um pecador pode se retratar. E estou convencido de que a Sra. Radlett não é uma verdadeira assassina.

—E se matar novamente? — Argumentou o médico. — Apenas olhe para a Srta. Beeleigh.

— A Srta. Beeleigh era uma criatura muito diferente. — afirmou Ottilia categoricamente. — Quase se poderia chamá-la de louca.

— Oh, venha agora. — protestou Lady Ferrensby.

— Tillie está certa. — Francis interrompeu bruscamente.

— Pode realmente considerar o ato de uma mulher sã matar por uma razão como o fez? E então depois fazer matar de novo, apenas com o propósito de incriminar a Sra. Dale? Sem falar de sua conduta

extraordinária na vida. Que tipo de mulher conserta rodas de carruagem e corta lenha?

Lady Ferrensby se mexeu desconfortavelmente.

— Só porque tinha hábitos estranhos não a torna uma louca. Excêntrica, certamente, mas...

— Está perdendo o ponto, Lady Ferrensby. — disse Ottilia com calma. O olhar frio a encontrou.

— Bem?

— Descubra por si mesma, milady. O cachorro de Evelina é espancado quase até a morte. Alethea Beeleigh é obrigada a assistir a mulher que mais ama no mundo chorando, enquanto amamenta o animal durante a noite. Em compaixão, Alethea termina seu sofrimento, talvez desejando que estivesse apontando sua arma para Duggleby.

— Bem, isso é bastante natural. — disse o reverendo.

— Sim, Sr. Kinnerton. Mas uma mente normal, angustiada por esses eventos, seria instigada a discutir ali mesmo com o sujeito. Alethea não fez isso. Em vez disso, inventa uma trama elaborada, a fim de destruí-lo totalmente.

— Admito isso. — concedeu Lady Ferrensby. — Mas como Evelina Radlett foi levada a fazer o que fez?

— Impulsionada, sim. — gritou Cassie. — Não poderia ter pretendido isso.

— Acredito que Evelina foi movida pelo medo. — disse Ottilia. — Na verdade, foi a conduta dela, no dia em que Molly foi encontrada, que me deu a certeza de que devíamos agradecer à Srta. Beeleigh por esses assassinatos.

Lady Ferrensby estava carrancuda.

— Como assim? E por que não poderia ter expressado suas suspeitas?

— Por causa das orelhas coladas nas paredes. — Francis retrucou. — Foi lhe dito isso ontem.

— Muito bem, mas o que a fez suspeitar?

— Oh, suspeitei de dois dias desde então. — confessou Ottilia. — Mas rejeitei a ideia por causa do cachorro. Parecia tão rebuscado para mim, milady, quanto para si. Achei que Evelina cometera o crime e Alethea era apenas culpada de encobrir. Mas Evelina ficou claramente consternada, no dia da morte de Molly. Como nos disse ontem à noite, vira demais. Quando a Srta. Beeleigh se opôs ao envio de Jenny Duggleby para ajudar aqui, Evelina Radlett pensou que isso significava que Jenny havia levado a mensagem para Molly. Também olhou com medo para Alethea, o que me alertou mais do que qualquer outra coisa.

Houve silêncio por um momento, e então o Sr. Kinnerton falou, sua pergunta uma surpresa.

— Perdoe-me, Lady Francis, mas não é possível que a Sra. Radlett atirasse em sua amiga, para evitar que a verdade fosse revelada?

— Pensei nisso ontem à noite — disse Francis. — Todavia a Srta. Beeleigh praticamente confessou, quando foi confrontada por sua amiga.— Além do mais — prosseguiu Ottilia — para ser franca, eu não poderia supor que Evelina fosse capaz, nem de planejar a queda do telhado, nem de incriminar Cassie. A inteligência dela não é, de forma alguma, da mesma ordem que a da Srta. Beeleigh, o que era francamente incrível.

— Isso pelo menos é verdade.

Lady Ferrensby parecia desanimada e Ottilia não podia culpá-la.

— Além disso, Evelina é muito melindrosa para ter contemplado as ações necessárias para se livrar de Molly.

— Contudo não foi muito melindrosa para puxar o gatilho em sua amiga. — Meldreth apontou. — Oh, nem mesmo pensou sobre isso. Se questioná-la quando estiver em um melhor estado de espírito, atrevo-me a dizer que vai descobrir que a arma que pegou era da Srta. Beeleigh e que sabia estar sempre carregada. Suspeito que só pensou em evitar que Bertha Duggleby fosse morta. Quando nos encontrou lá e a Srta. Beeleigh foi acusada, Evelina acreditou que só havia uma coisa a fazer por sua amiga.

— Tudo o que dizia depois é que não suportaria vê-la enforcada.

Cassie chorava abertamente e o Sr. Kinnerton a abraçava. Até a expressão de Lady Ferrensby se suavizou. Ottilia achou que seu belo semblante parecia positivamente abatido. Sentiu pena da mulher, deixada para lidar com as consequências desta semana terrível.

— Com relutância, — disse o Dr. Meldreth — sou forçado a aceitar sua decisão, Lady Francis. — Olhou para a patrona da aldeia. — Milady?

Lady Ferrensby suspirou forte.

— Parece que tenho pouca escolha.

Cassie bateu palmas.

— Não vai se arrepender, prometo. Aidan e eu cuidaremos da pobre mulher, a senhora vai ver.

Ottilia ergueu as sobrancelhas, mas sua pergunta foi evitada por Francis.

— Achamos que são necessárias felicitações, Kinnerton?

Aidan e Cassie coraram e o vigário pigarreou.

— Não é o momento, mas sim. Cassie consentiu em ser minha esposa.

Os parabéns demoraram um pouco e Ottilia, depois de se pronunciar, aproveitou para trocar de lugar sentando ao lado de Lady Ferrensby. Esta a olhou com desconfiança e Tillie teve que rir.

— Por favor, não me olhe como se fosse um escorpião, milady.

— Sua picada é igualmente mortal. — Retrucou sua senhoria, e um brilho apareceu em seus olhos e pousou a mão em uma das mãos de Ottilia.

— Sou decididamente ingrata, não sou? Sem sua ajuda, não consigo imaginar como teríamos nos saído. — Suspirou novamente, balançando a cabeça. — Ai de Witherley!

— Veja, milady, a aldeia vai se recuperar. As pessoas são incrivelmente resilientes, não acha? Cada uma delas encontrará sua maneira de lidar com a situação. Aquelas com uma tragédia pessoal passarão pelos momentos mais difíceis, e até mesmo elas aprenderão a viver bem novamente.

Lady Ferrensby deu um sorriso pálido.

— Tem razão, é claro. Se não fosse pelo peso deste negócio com Evelina Radlett ... — Interrompeu, franzindo a testa. — E se isso não fosse ruim o suficiente, precisa nos definir um escândalo potencial, ao colocá-la com Horace Netherburn, como se não bastasse...

Ottilia sorriu, e apressou-se em tranquilizá-la.

— Não precisa temer. Alice foi chamada esta manhã para atendê-la, e diremos que Evelina buscou refúgio com o Sr. Netherburn nas primeiras horas, quando soube da morte da Srta. Beeleigh.

Lady Ferrensby lançou um olhar furioso.

— Se imagina que alguém vai acreditar nisso por um momento, deve ter moinhos de vento na cabeça.

— Sim, meu marido pode dizer o mesmo. Não estou nem um pouco surpresa.

Um gorgolejo escapou de Ottilia.

— Contudo gostaria que não se preocupasse, milady Estou convencida de que o Sr. Netherburn fará a coisa honrosa e tirará Evelina de suas mãos dentro de uma semana.



AO TRANSMITIR ESSA passagem ao marido quando finalmente estavam em liberdade, Francis olhou para Tillie com horror.

— Me diz que esta vila amaldiçoada está prestes a ser engolfada por uma enxurrada de casamentos?

— Bem, talvez dois.

— Dois a mais. — Francis disse categoricamente.

— Onde, diabos, está Ryde? Vou mandá-lo imediatamente para descobrir quando aquela carruagem miserável estará pronta.

Ottilia deu um gole no café, um bule fresco fornecido por Hannah Pakefield, mais uma vez de pé e pateticamente grata.

— Acho que vou sugerir ao Sr. Netherburn que faça seu café da manhã de casamento aqui.— disse, sem dar atenção ao bufo exasperado que escapou de seu marido. — Pobre Hannah vai ter um patrono a partir de agora.

— De jeito nenhum.  — disse Francis. — Não se esqueça que Cassie, em breve, se tornará a Sra. Kinnerton, e tem o compromisso de cuidar de Evelina Radlett. Separadamente ou juntos, os quatro devem suprir amplamente a escassez de Hannah.

— Sim, e agora penso nisso. — Ottilia concordou ansiosamente — não há nenhuma Molly para incomodar a pobre Hannah com seus ciúmes, então, ouso dizer que poderá abrir suas portas para homens inferiores. Vou sugerir que corteje a loja do Sr. Uddington.

Tomou outro gole sereno de seu café, antes de notar uma expressão alarmante de indignação nas feições de seu marido. Ergueu as sobrancelhas ao olhar para Francis.

— O que?

— Se imaginar, milady Fan, que vai ficar um momento a mais do que o necessário nesta aldeia esquecida por Deus, apenas para que possa reorganizar a vida dos habitantes...

Ottilia interrompeu sem cerimônia.

— Nada parecido. Apenas um capricho inútil, meu querido amor. Pode me remover a qualquer momento que desejar.

Francis a olhou com um olhar tão parecido com o de um escorpião quanto o de Lady Ferrensby momentos antes.

— Não está, então, planejando mais nada?

— Nem um pouco.

— Tal como ajudar Bertha Duggleby a procurar este pote de ouro fictício?

— Sabe, até acredito que existe um. — disse Ottilia alegremente. — Ouso dizer que irá destruir o lugar tijolo por tijolo, e espero que o encontre.

— Ou livrar Cassie Dale dessa tendência de ter visões?

— Kinnerton fará isso, embora acredite que Cassie terá muito medo das consequências, para divulgar uma palavra se as tiver.

— Tampouco comparecer a esses casamentos pestilentos? — Insistiu seu marido obstinadamente.

A pergunta desequilibrou Ottilia. Um desejo abrupto de chorar ficou preso em sua garganta e não conseguia falar. Olhou impotente para Francis e viu sua expressão mudar. A preocupação saltou em seus olhos, e o marido se levantou rapidamente da cadeira e deu a volta na mesa.

— O que está errado, minha querida?

Ottilia sentiu as lágrimas ardentes e tentou suprimi-las, sentindo a garganta grossa. Francis levantou-a da cadeira, puxando-a para o porto seguro de seus braços. Ottilia se agarrou a Francis, engolindo os soluços crescentes.

— Meu amor, minha querida, qual é, afinal, o problema?

O murmúrio em seu ouvido serviu apenas para piorar as coisas. Incapaz de se conter, Tillie chorou brevemente em seu ombro, soluçando em sua respiração enquanto tentava, desesperadamente, dizer o que estava em seu coração.

— Oh, Fan, te amo tanto.

Finalmente encontrando sua voz, Tillie se afastou um pouco, olhando para o rosto tão amado. Seus olhos escuros eram ternos, porém a perplexidade guerreava um pouco com o desânimo.

— É por isso que está chorando?

A respiração de Ottilia estremeceu em seu peito.

— Não. É porque nunca mais quero passar por aquilo.

Francis puxou sua cabeça para trás em seu ombro e a manteve assim.

— Nem eu. — disse com sentimento. — Nunca vou esquecer o momento em que percebi que era *minha mulher* amarrada àquela estaca infernal.

Ottilia ergueu a cabeça.

— Não! Eu não quis dizer isso. Não me importo com isso.

Francis ficou carrancudo.

— O que então? Não te entendo.

Tillie respirou fundo e suas mãos pousaram no peito dele.

— Nunca mais quero duvidar. Nem por um instante. Não suporto pensar que cometemos um erro ao nos casar.

Por um momento Francis nada disse. Então, para a incredulidade de Ottilia, o marido riu restaurando um clima leve.

— Isso é tudo?

— Tudo?

Francis se moveu para trás e segurou-lhe as mãos com força.

— Minha querida Tillie, apesar de toda a sua mente brilhante, é uma idealista incorrigível.

Um pouco da escuridão que Tillie abrigara nesses dias começou a dissipar-se.

— Como assim?

O sorriso de Francis era terno ao soltar-lhe as mãos e usar os dedos para secar a umidade no rosto da mulher amada.

— Acha que podemos viver um casamento sem duvidar da sabedoria desta união?

— Quero muito, Fan. — proferiu Ottilia, em uma nota desesperada.

Francis a beijou. — Tente. De minha parte, estou disposto a duvidar, com todas as forças à minha disposição. — Então sorriu. — Não desanime, minha querida. A alegria disso é a percepção repetida de que me casar contigo foi a coisa mais sábia que eu poderia ter feito.

Tillie suspirou um pouco consolada. — Mesmo que eu me envolva em outro imbróglio?

Os olhos de Francis se estreitaram. — Se a senhora se atrever a sussurrar qualquer uma dessas intenções...

Então, Ottilia achou prudente demonstrar seu afeto de uma forma que deveria impedir seu querido Fan de concluir qualquer ameaça terrível.

FIM

# *A seguir*

Livro três




Série Mistérios de Lady Fan 3

O Expurgo do Ópio

***1790, Inglaterra***

Lorde Francis e Lady Ottilia Fanshawe estão se preparando para o nascimento de seu primeiro filho.

Mas Lady Fan não vai deixar que *um pequeno detalhe,* como a gravidez, atrapalhe a solução de um mistério local.

O vizinho deles — Sir Joslin Cadel — que recentemente retornou de uma plantação de açúcar em Barbados, caiu e morreu à sua porta.

Sua jovem pupila, Tamasine Roy, afirma tê-lo assassinado.

Com Tamasine claramente sofrendo de algum tipo de transtorno mental e o resto da casa de Cadel agindo de forma suspeita, está claro que nem

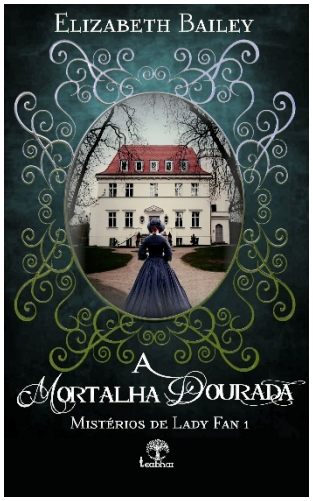
tudo é o que parece.

Por que Sir Joslin voltou repentinamente para a Inglaterra? O que aconteceu com os pais de Tamasine?

Poderia esta jovem, aparentemente angelical, realmente ser uma assassina...?

# Leia também

Livro três




Série Mistérios de Lady Fan 3

A Mortalha Dourada

**9786588382417**

**Compre aqui**

A mistura perfeita de assassinato e mistério históricos com uma pitada de romantismo! Para os fãs de Georgette Heyer, Mary Balogh, Barbara Erskine e Jane Austen.

Assim que um assassinato é cometido, a acompanhante de uma dama revela-se como uma detetive amadora...

***1789, Londres***

Quando Emily Fanshawe, Marquesa de Polbrook, é encontrada estrangulada em seu quarto, a suspeita recai imediatamente sobre aqueles que residem na grande casa na Praça de Hanover.

O marido de Emily — Randal Fanshawe, Lorde Polbrook — fugiu durante a noite e é o principal suspeito — para consternação de sua família.

Ottilia Draycott é enviada como nova acompanhante de Sybilla, Marquesa Viúva, e logo se vê ajudando o filho mais novo, Lorde Francis Fanshawe, em suas investigações.

Ottilia pode ajudar a limpar o nome da família? O assassino ainda reside na casa?

Ou poderia haver mais no mistério do que se vê?

A MORTALHA DOURADA é o primeiro livro da série Mistérios de Lady Fan: romance histórico de mistérios de assassinato com uma mulher corajosa embarcando em uma tradicional investigação privada britânica no século XVIII em Londres.

# Uma Nota ao Leitor

Caro leitor,

Quando escrevi *The Gilded Shroud*, o primeiro da série Lady Fan Mystery, eu sabia que desejava levar a história adiante, mas realmente não tinha muita ideia de onde iria com isso. Ottilia e Francis estariam casados nessa época, é claro, mas como eu iria deixar minha detetive em uma nova aventura? Então me lembrei de uma velha trama destinada a um romance histórico.

Aqui, percebi, estavam os ingredientes perfeitos para um mistério. Uma jovem com segunda visão, que os moradores pensam que é uma bruxa. Um vigário que oferece santuário e defende sua causa. E, claro, um cadáver, supostamente morto por bruxaria e magia. Adicione uma coleção de excêntricos da aldeia e um bando de criadas domésticas e o cenário está pronto para o caos.

Na verdade, ambientar a história em um vilarejo foi uma bênção, porque todo mundo conhece todo mundo e isso cria um grande drama entrelaçado entre os personagens. Naquela época, era comum que as classes trabalhadoras nunca saíssem de seu ambiente doméstico durante a vida e, provavelmente, não viajassem mais do que 16 quilômetros de distância. Assim, estabelecerão laços. Eles também costumam falar em dialeto e eu tive que descobrir que tipo de sotaque seria em Warwickshire. Uma parte interessante da pesquisa geral.

Escrever mistérios é uma curva de aprendizado, eu acho. Apresentar suspeitos e espalhar pistas pela narrativa, torna-se um pouco mais fácil a cada história. Mas vou te contar um segredo. Com este livro, eu realmente

não sabia quem era o assassino, quando comecei. À medida que a história evoluía, começou a ficar mais claro até que, finalmente, se tornou óbvio, em uma compreensão repentina de como o confronto final se materializaria. Felizmente, isso aconteceu cedo o suficiente para que eu conduzisse a história nessa direção. Do contrário, eu poderia ter me encurralado!

Isso me ensinou que não preciso de um planejamento meticuloso para escrever um bom mistério. Na verdade, se eu me surpreender, à medida que prossigo, é mais provável que surpreenda o leitor. Ottilia está se revelando um personagem gratificante para escrever, pois tem surpresas na manga com suas qualidades inusitadas, incluindo aquele irmão médico que lhe deu o know-how para ser capaz de julgar o que está acontecendo com um cadáver.

O *Presságio da Morte* é uma história muito diferente da primeira, e espero que você goste dos primeiros passos de Francis e Ottilia nas águas, às vezes perigosas, do matrimônio. Se você considerar deixar um comentário, será muito apreciado e útil. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo em elizabeth@elizabethbailey.co.uk ou no Facebook, Twitter, Goodreads ou no meu site www.elizabethbailey.co.uk. //

Elizabeth Bailey

# Sobre a Autora



**Elizabeth Bailey** sente-se feliz por ter encontrado vários caminhos que lhe deram imensa satisfação — atuar, dirigir, ensinar e, não menos importante, escrever. Ao longo dos anos, cada caminho tem cruzado o outro, aperfeiçoando e aprofundando suas habilidades em cada esfera.

Teve o privilégio de trabalhar com alguns artistas maravilhosos, e teve a sorte de encontrar editores que acreditaram nela e a colocaram no caminho.

Inventar um mundo, persuadir outros a acreditar e viver nele por um tempo, é o único objetivo do romancista.

O grande amor de Elizabeth pela leitura nunca diminuiu, e se ela puder dar um dízimo desse prazer aos outros, como ela mesma recebeu, valerá a pena qualquer esforço.

Acompanhe seu trabalho nas redes sociais:

No **Facebook,** no **Twitter,** no **Goodreads**

Ou em seu website **www.elizabethbailey.co.uk.**

Informações
Leabhar Books®

## Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®